

## Decisão

Versam os presentes autos sobre ação penal ajuizada pelo Ministério Público em face dos réus **FLORDELIS DOS SANTOS DE SOUZA, MARZY TEIXEIRA DA SILVA, SIMONE DOS SANTOS RODRIGUES, ANDRÉ LUIZ DE OLIVEIRA** (vulgo “Bigode”), **RAYANE DOS SANTOS OLIVEIRA, CARLOS UBIRACI FRANCISCO DA SILVA** (vulgo “Neném”), **FLÁVIO DOS SANTOS RODRIGUES, LUCAS CEZAR DOS SANTOS DE SOUZA, ADRIANO DOS SANTOS RODRIGUES** (vulgo “Pequeno”), **ANDREA SANTOS MAIA** e **MARCOS SIQUEIRA COSTA**, devidamente qualificados.

Imputou-se à acusada **Flordelis** as condutas previstas nos artigos 121 § 2º, incisos I e III c/c 14, II, com as circunstâncias agravantes dos artigos 61, II, ‘e’, e ‘f’, e 62, I; artigos 121, § 2º, incisos I, III e IV, n/f do 29, com as circunstâncias agravantes dos artigos 61, II, ‘e’, e ‘f’, e 62, I; Artigos 304 c/c 299 (02 vezes), com as circunstâncias agravantes dos artigos 61, II, ‘e’, e 62, I; e artigo 288, parágrafo único, com a circunstância agravante do artigo 62, I, todos do CP.

Imputou-se aos acusados **Marzy, Simone, André** e **Carlos**, as condutas previstas nos artigos 121 § 2º, incisos I e III, c/c 14, II, com a circunstância agravante do artigo 61, II, ‘f’; artigos 121, § 2º, incisos I, III e IV, n/f do 29, com a circunstância agravante do artigo 61, II, ‘f’; e artigo 288, parágrafo único, todos do CP.

Imputou-se à acusada **Rayane**, as condutas previstas nos artigos 121, § 2º, incisos I, III e IV, n/f do 29, com a circunstância agravante do artigo 61, II, ‘f’, e artigo 288, parágrafo único, todos do CP.

Imputou-se aos acusados **Flávio, Adriano, Andrea** e **Marcos**, as condutas previstas nos artigos 304 c/c 299 (2 vezes), e artigo 288, parágrafo único, todos do CP.

Por fim, imputou-se ao acusado **Lucas** a conduta prevista no artigo 288, parágrafo único, do Código Penal.

Segundo a peça inicial de fls. 03/24:

“(…) **1ª IMPUTAÇÃO – CRIME DE HOMICÍDIO CONSUMADO**: No dia 16 de junho de 2019, por volta das 03h30min, na residência situada à Rua Cruzeiro, n.º 145, Bairro Badu, Pendotiba, Niterói/RJ, **FLÁVIO DOS SANTOS RODRIGUES**, agindo

livre e conscientemente, em comunhão de ações e desígnios com **LUCAS CEZAR DOS SANTOS DE SOUZA** e com os ora Denunciados **FLOREDELIS DOS SANTOS DE SOUZA**, **MARZY TEIXEIRA DA SILVA**, **SIMONE DOS SANTOS RODRIGUES**, **ANDRÉ LUIZ DE OLIVEIRA**, **RAYANE DOS SANTOS OLIVEIRA** e **CARLOS UBIRACI FRANCISCO DA SILVA**, com inequívoca vontade de matar, desferiu diversos disparos de arma de fogo contra o corpo da vítima **ANDERSON DO CARMO DE SOUZA**, vindo a nele produzir os ferimentos descritos no Auto de Exame Cadavérico constante no índice 19, que por sua natureza e sede foram a causa da morte da vítima. A denunciada **FLOREDELIS DOS SANTOS DE SOUZA**, agindo livre e conscientemente, em comunhão de ações e desígnios com o executor do crime e com os demais partícipes denunciados, concorreu de forma eficaz para o crime de homicídio contra a vítima **ANDERSON DO CARMO DE SOUZA**, eis que arquitetou toda a empreitada criminosa, arregimentou, incentivou e convenceu o executor direto e demais denunciados a participarem do homicídio contra a vítima **ANDERSON DO CARMO DE SOUZA**, sob simulação de se tratar de crime de latrocínio e, ainda, financiou a compra da arma do crime e avisou da chegada da vítima ao local em que seria executada. As denunciadas **MARZY TEIXEIRA DA SILVA**, **SIMONE DOS SANTOS RODRIGUES** e **RAYANE DOS SANTOS OLIVEIRA**, agindo livre e conscientemente, em comunhão de ações e desígnios com o executor do crime e com os demais denunciados, aderindo previamente à intenção homicida, concorreram de forma eficaz para o crime de homicídio contra a vítima **ANDERSON DO CARMO DE SOUZA**, eis que prestaram auxílio à denunciada **FLOREDELIS** no planejamento do crime e no convencimento dos já denunciados Flávio e Lucas a executarem a empreitada criminosa, simulando tratar-se de crime de latrocínio. O denunciado **ANDRÉ LUIZ DE OLIVEIRA**, agindo livre e conscientemente, em comunhão de ações e desígnios com o executor do crime e com os demais denunciados, aderindo previamente à intenção homicida, concorreu de forma eficaz para o crime de homicídio contra a vítima **ANDERSON DO CARMO DE SOUZA**, eis que prestou apoio moral aos demais denunciados, incentivando e reforçando os seus planos de matar a vítima. O denunciado **CARLOS UBIRACI FRANCISCO DA SILVA**, vulgo “Neném”, agindo livre e conscientemente, em comunhão de ações e desígnios com o autor material e com os demais denunciados, aderindo previamente à intenção homicida, concorreu de forma eficaz para o crime de homicídio contra a vítima **ANDERSON DO CARMO DE SOUZA**, eis que prestou apoio moral aos demais denunciados, incentivando e estimulando os seus planos de matar a vítima. O homicídio foi cometido por motivo torpe, qual seja, vingança vil e abjeta, em razão de a vítima manter rigoroso controle das finanças do grupo familiar e administrar os conflitos da casa de forma rígida, não permitindo que houvesse tratamento privilegiado das pessoas mais próximas a **FLOREDELIS** e ora

denunciadas, em detrimento dos outros membros da numerosa família. O homicídio foi cometido por meio cruel, eis que alvejada por dezenas de disparos de arma de fogo, inclusive na região próxima às genitálias, a vítima agonizou com intenso e desnecessário sofrimento até a sua morte. O homicídio foi cometido mediante recurso que dificultou a defesa da vítima, eis que foi atingida de surpresa na garagem de sua residência quando, inclusive, vestia apenas sua roupa íntima. Os denunciados valeram-se das relações domésticas e de coabitação para a execução do crime, eis que o fato de morar na mesma residência da vítima foi utilizado para facilitar a execução do crime. **2ª IMPUTAÇÃO – CRIME DE HOMICÍDIO TENTADO:** Em data não precisa, mas no período compreendido entre o mês de maio de 2018 e junho de 2019, por indeterminadas vezes, porém sendo certo que em pelo menos em 6 (seis) ocasiões, em horários variados, todas no Estado do Rio de Janeiro e na maioria das vezes na residência situada à Rua Cruzeiro, n.º 145, Bairro Badu, Pendotiba, Niterói/RJ, os Denunciados **FLORDELIS DOS SANTOS DE SOUZA, MARZY TEIXEIRA DA SILVA, SIMONE DOS SANTOS RODRIGUES, ANDRÉ LUIZ DE OLIVEIRA** e **CARLOS UBIRACI FRANCISCO DA SILVA**, agindo de forma livre e consciente, em comunhão de ações e desígnios, praticaram atos executórios de crime de homicídio contra a vítima **ANDERSON DO CARMO DE SOUZA**, mediante ministração dissimulada, continuada e sucessiva de veneno nas comidas e bebidas da vítima, em doses cumulativas eficazes, com objetivo de produzir ao final o resultado morte, provocando intoxicação exógena, conforme descrito nos pareceres médico-legais de índices 819, 824 e 892 e no prontuário médico da vítima no Hospital Niterói D'Or, de índices 736/773. O crime de homicídio não se consumou por circunstâncias alheias à vontade dos agentes, eis que a vítima contou com eficiente socorro médico-hospitalar em pelo menos 6 (seis) oportunidades, impedindo o resultado morte. A denunciada **FLORDELIS DOS SANTOS DE SOUZA**, agindo de forma livre e consciente, com intenção de matar a vítima **ANDERSON DO CARMO DE SOUZA**, decidiu, planejou e iniciou atos executórios da empreitada criminosa, eis que foi autora do plano homicida e arregimentou cúmplices no âmbito familiar para a sua execução, além de ministrar dissimulada e sucessivamente o veneno nas comidas e bebidas da vítima. As denunciadas **MARZY TEIXEIRA DA SILVA** e **SIMONE DOS SANTOS RODRIGUES**, aderindo previamente à intenção homicida, concorreram de forma eficaz, consciente e voluntária para o crime de homicídio contra a vítima **ANDERSON DO CARMO DE SOUZA**, eis que ministravam o veneno dissimuladamente nas comidas e bebidas da vítima, além de auxiliarem na escolha e aquisição da substância tóxica, mediante pesquisas na internet em busca de tipos de veneno que fossem letais e possíveis de adquirir, com o objetivo de envenenar a vítima gradualmente e produzir a sua morte. O denunciado **ANDRÉ LUIZ DE OLIVEIRA**, aderindo previamente à intenção homicida, concorreu de forma eficaz, consciente e voluntária para o crime de homicídio

contra a vítima **ANDERSON DO CARMO DE SOUZA**, eis que, sabedor dos planos de FLORDELIS de matar a vítima por envenenamento, prestou apoio moral incentivando os denunciados a praticarem os atos executórios, bem como auxílio material, convencendo a vítima a ingerir os alimentos e bebidas que foram prévia e ocultamente envenenados. O denunciado **CARLOS UBIRACI FRANCISCO DA SILVA**, aderindo previamente à intenção homicida, concorreu de forma eficaz, consciente e voluntária para o crime de homicídio contra a vítima **ANDERSON DO CARMO DE SOUZA**, eis que, sabedor dos planos de FLORDELIS de matar a vítima por envenenamento, prestou apoio moral incentivando os denunciados a praticarem os atos executórios, bem como prestou auxílio material, agindo para que os alimentos envenenados não fossem consumidos por outros membros da família, mas sim exclusivamente pela vítima, a fim de possibilitar a continuidade da execução da empreitada criminosa. O crime foi cometido por motivo torpe, qual seja, vingança vil e abjeta, em razão de a vítima manter rigoroso controle das finanças do grupo familiar e administrar os conflitos da casa de forma rígida, não permitindo que houvesse tratamento privilegiado das pessoas mais próximas a FLORDELIS e ora denunciadas, em detrimento dos outros membros da numerosa família. O crime foi praticado com o emprego de veneno, ministrado de forma insidiosa, gradual e oculta nos alimentos, causando intenso sofrimento à vítima. Os Denunciados valeram-se das relações domésticas e de coabitação para a execução do crime, eis que o fato de morar na mesma residência da vítima foi utilizado para facilitar a execução do crime. **3ª IMPUTAÇÃO – USO DE DOCUMENTO IDEOLOGICAMENTE FALSO:** No mês de setembro de 2019, na sede da Delegacia de Homicídios de Niterói, São Gonçalo, Itaboraí e Maricá (DHNSG), situada à Rua Desidério de Oliveira, nº 33, Niterói/RJ e no Fórum da Comarca de Niterói, serventia da 3ª Vara Criminal, situado à Av. Amaral Peixoto, Centro, Niterói/RJ, os denunciados **FLORDELIS DOS SANTOS DE SOUZA, FLÁVIO DOS SANTOS RODRIGUES, ADRIANO DOS SANTOS RODRIGUES, ANDREA SANTOS MAIA e MARCOS SIQUEIRA COSTA**, agindo em comunhão de ações e desígnios, de forma livre e consciente, fizeram uso de documento ideologicamente falso no inquérito policial nº 951-00777/2019 da DHNSG e na ação penal nº 0025139-79.2019.8.19.0002 na 3ª Vara Criminal de Niterói, qual seja, a carta constante nos índices 601 a 605, copiada por **LUCAS CÉZAR DOS SANTOS DE SOUZA**, na qual foram inseridas declarações sabidamente falsas, com o fim de alterar a verdade sobre fato juridicamente relevante, eis que na carta era atribuída a execução material do crime de homicídio à pessoa diversa da que cometeu e atribuía a pessoas diversas a autoria intelectual e a ordem para a prática do crime de homicídio consumado contra **ANDERSON DO CARMO DE SOUZA**. O documento tratou-se de uma carta manuscrita por **LUCAS CÉZAR DOS SANTOS DE SOUZA**, cujo teor foi lhe dado para copiar para fins de uso no presente inquérito que

investiga outros partícipes no assassinato de ANDERSON DO CARMO DE SOUZA e na ação penal que tramita na 3ª Vara Criminal de Niterói em face de FLAVIO RODRIGUES DOS SANTOS e do próprio LUCAS pela prática do mesmo homicídio. Na carta, LUCAS assumia falsamente a autoria dos disparos de arma de fogo contra a vítima e imputa falsamente o planejamento e a ordem para o delito a WAGNER ANDRADE PIMENTA, o MISAEL e a ALEXSANDER FELIPE MATOS MENDES, o LUAN. O denunciado FLÁVIO objetivava com a carta livrar-se da responsabilização penal pelo homicídio cometido e a denunciada FLORDELIS livrar-se de sua responsabilização de ter planejado e financiado o crime, além de vingar-se dos seus filhos “afetivos” MISAEL e LUAN por não terem aceitado suas ordens de calar ou faltar com a verdade em seus depoimentos. A denunciada **FLORDELIS DOS SANTOS DE SOUZA** foi coautora do texto da carta com o conteúdo ideologicamente falso entregue a LUCAS para copiar, fez o uso do documento falso no inquérito policial 951-00777/2019 da DHNSG e na ação penal nº 0025139-79.2019.8.19.0002 na 3ª Vara Criminal de Niterói, bem como pagou à denunciada ANDREIA DOS SANTOS MAIA a quantia de R\$ 2.000,00 (dois mil reais) para participar da empreitada criminosa. O denunciado **FLÁVIO DOS SANTOS RODRIGUES**, aderindo à intenção delituosa, concorreu de forma eficaz, consciente e voluntária para o crime, vez que, sabedor de seu conteúdo falso e que o documento seria utilizado no inquérito policial e na ação penal em curso, recebeu a carta manuscrita pela Denunciada FLORDELIS, copiou acrescentando o que era de seu interesse e entregou a LUCAS para copiar o seu teor, pressionando-o para tanto. O denunciado **ADRIANO DOS SANTOS RODRIGUES**, aderindo à intenção delituosa, concorreu de forma eficaz, consciente e voluntária para o crime, vez que, sabedor de seu conteúdo falso e de que a carta seria utilizada no inquérito policial e na ação penal em curso, serviu de intermediário entre as denunciadas ANDREA e FLORDELIS nas tratativas de elaboração do documento falso, indo ao Rio de Janeiro receber o documento de ANDREA e repassando para FLORDELIS a fim de ser utilizado nos autos do inquérito e da ação penal em curso relacionados ao homicídio de Anderson do Carmo. A denunciada **ANDREIA DOS SANTOS MAIA**, aderindo à intenção delituosa, concorreu de forma eficaz, consciente e voluntária para o crime, sabedora do teor falso e de que a carta seria utilizada no inquérito policial e na ação penal em curso, eis que era visitante cadastrada do seu companheiro e preso, ora denunciado, **MARCOS SIQUEIRA**, valendo-se dessa condição para fazer a entrega da carta a FLÁVIO e dele receber a carta copiada por LUCAS, além de engendrar com a denunciada FLORDELIS todo o plano criminoso e receber, por isso, o valor de R\$ 2.000,00 (dois mil reais). O denunciado **MARCOS SIQUEIRA COSTA**, aderindo à intenção delituosa, concorreu de forma eficaz, consciente e voluntária para o crime, eis que, na condição de preso na mesma unidade de FLÁVIO e LUCAS e de companheiro de ANDREA que lhe visitava,

pressionou LUCAS para que copiasse a carta, auxiliando FLÁVIO e FLORDELIS na escolha das informações falsas que foram inseridas no documento, além de receber e repassar a carta por intermédio das visitas de ANDREIA. **4ª IMPUTAÇÃO – ASSOCIAÇÃO CRIMINOSA:** Em data não precisa, mas no período compreendido entre o mês de maio de 2018 até os dias atuais, com base na residência situada à Rua Cruzeiro, n.º 145, Bairro Badu, Pendotiba, Niterói/RJ, os Denunciados **FLORDELIS DOS SANTOS DE SOUZA, MARZY TEIXEIRA DA SILVA, SIMONE DOS SANTOS RODRIGUES, ANDRÉ LUIZ DE OLIVEIRA, CARLOS UBIRACI FRANCISCO DA SILVA, RAYANE DOS SANTOS OLIVEIRA, FLÁVIO DOS SANTOS RODRIGUES, LUCAS CEZAR DOS SANTOS DE SOUZA, ADRIANO DOS SANTOS RODRIGUES, ANDREA SANTOS MAIA e MARCOS SIQUEIRA COSTA**, agindo de forma livre e consciente, em comunhão de ações e desígnios, associaram-se, de modo estável e permanente, para o fim específico de cometer crimes de homicídio e adulteração de documentos, conforme imputações acima. A associação, para consecução de seus objetivos, fez uso de arma de fogo, qual seja, a pistola Bersa, serial PC0165143, calibre 9 mm, descrita no índice 148. A denunciada FLORDELIS tinha o propósito de ver seu marido ANDERSON DO CARMO DE SOUZA assassinado. Para tanto, arregimentou inicialmente em seu grupo familiar os denunciados FLÁVIO, LUCAS, MARZY, SIMONE, ANDRÉ LUIZ, CARLOS e RAYANE para auxiliarem na formulação do plano e sua execução para pôr fim à vida da vítima, conforme acima exposto e na ação penal nº 0025139-79.2019.8.19.0002 que tramita nesse respeitável juízo. Após alcançado o objetivo de matar ANDERSON, juntaram-se à associação os denunciados ADRIANO, ANDREA e MARCOS SIQUEIRA, sob a liderança de FLORDELIS, aderindo consciente e voluntariamente aos propósitos criminosos, com o fim de garantir a impunidade dos crimes de homicídio tentado e consumado, para isso participando do crime de uso de documento ideologicamente falso no inquérito que instrui esta denúncia e na ação penal nº 0025139-79.2019.8.19.0002 que tramita nesse respeitável juízo, conforme acima imputado. LUCAS CEZAR DOS SANTOS DE SOUZA participou da associação criminosa apenas no mês de junho de 2019, aderindo conscientemente à conduta dos demais, eis que, sabedor dos planos de matar a vítima ANDERSON DO CARMO, auxiliou o executor direto do crime a adquirir a arma utilizada na execução, em uma favela da Cidade do Rio de Janeiro. (...)."

Cota do MP com pedido de prisão preventiva dos réus, exceto da denunciada **Flordelis**, para quem requereu a aplicação da cautelares às fls. 25/143, considerando sua imunidade parlamentar.

Termos de declaração em sede policial às fls. 170/171, 173/178, 187/188, 193/198, 203/207, 211/212, 231/232, 243/247, 249/253, 260/264, 282/283, 286/287, 297/300, 303/306, 524/525, 575/586, 632/636, 690/713, 1164/1168, 1174/1178, 1184/1188, 1194/1195, 1272/1290, 1298/1303,

14934/14953, 15003/15007, 15176/15180, 15336/15338, 15351/15352, 16690/16770, 16803/16804, 16998/16999, 17006/17011, 17111/17124, 17134/17139, 17155/17160 e 17275.

Auto de recebimento de munição às fls. 180/181.

Auto de apreensão de estojos de munição às fls. 183.

Laudo de exame de componente de munição às fls. 224/228.

Auto de apreensão de telefone celular às fls. 236.

Laudo de exame de necropsia às fls. 310/318.

Reconhecimento visuográfica de local às fls. 319/324.

Registro de Ocorrência e aditamentos às fls. 335/364, 668/688, 1135/1148, 1150/1163, 1208/1223, 1226/1244 e 1249/1268.

Decisão que deferiu diligência de busca e apreensão às fls. 444.

**Petição da ré Flordelis, juntando carta atribuída ao réu Lucas, às fls. 546/549.**

Auto de busca e apreensão às fls. 568/574.

Conversas de WhatsApp às fls. 597/606 e 623/624.

Decisão que deferiu diligência de busca e apreensão às fls. 648/649.

Decisão que levantou o sigilo e decretou segredo de justiça nos autos, às fls. 657.

Auto de apreensão de telefones celulares às fls. 660/666.

Decisão que deferiu diligência de busca e apreensão às fls. 648/649.

Decisão que determinou a regularização dos autos eletrônicos e o arquivamento dos autos físicos às fls. 1112/1113.

Auto de apreensão de telefones celulares às fls. 1224/1225, e 1245/1248.

Auto de apreensão de cadernos às fls. 1291/1292.

Decisão que deferiu a quebra do sigilo de dados da linha celular de nº (21) 98121-8012 e IMEI 353048092595230, pertencente à vítima Anderson, entre os dias 10/06/2019 e 20/06/2019, às fls. 1329/1331.

Decisão às fls. 5865/5874, na qual foi recebida a denúncia, decretada a prisão preventiva dos réus, exceto dos réus **Flordelis**, em relação a quem foram aplicadas medidas cautelares diversas, e **Lucas**, posto que já preso em decorrência de decisão proferida no processo nº 0065747-22.2019.8.19.0002 (desmembrado do originário 0025139-79.2019.8.19.0002),

referente ao mesmo delito de homicídio qualificado imputado a corrêus no presente feito. Na mesma decisão foi deferida nova medida de busca e apreensão e revogado o segredo de justiça dos autos.

Relatório final do Inquérito 951-00777/2019, às fls. 6418/6440.

Decisão de fls. 7490, em que foi determinado o acautelamento de todos os 10 réus presos em unidades prisionais diversas, de forma a evitar a comunicação entre eles.

Decisão na qual restou constituído nos autos assistente de acusação, às fls. 7694/7696.

FACs dos réus às fls. 7524/7595, 7868/7871.

Recurso em Sentido Estrito do MP às fls. 7873/7885, contra decisão de fls. 5865/5874, em que restou indeferido requerimento ministerial de imposição de medidas cautelares de monitoração eletrônica (art. 319, IX, do CPP), recolhimento domiciliar noturno (art. 319, V, do CPP) e suspensão do exercício das funções públicas (art. 319, VI, do CPP), à ré **Flordelis**.

Decisão de fls. 13591/13594, na qual foram impostas à Ré **Flordelis** as medidas cautelares de **monitoração eletrônica e recolhimento domiciliar noturno**, além de recebido o recurso do MP.

Assentadas de AIJs do processo originário 0025139-79.2019.8.19.0002, referente ao mesmo delito de homicídio consumado imputado a corrêus no presente feito, juntadas às fls. 13608/13646.

Defesa preliminar do réu **Lucas**, às fls. 13857/13858.

Decisão de fls. 13949/13950, determinando que as visitas aos réus seja limitada a seus advogados e parentes, que não sejam acusados neste processo.

Razões do RESE do MP às fls. 14007/14049.

Conversas de WhatsApp acostadas às fls. 14925/14929, 14964/14976 e 14993/14995.

Documentos juntados pelo MP às fls. 14996/17409.

Quebra de sigilo de dados telefônicos às fls. 15353/15475.

Relatório de perícia telefônica às fls. 15499/15655.

Boletins de atendimento médico (BAMs) da vítima às fls. 15699/15892.

Ofício da CET-Rio às fls. 16771.

Decisão do STF, em que restou confirmada a competência deste Juízo, às fls. 16773/16776.

Parecer médico-legal às fls. 16791/16802.

Auto de busca e apreensão de telefone celular às fls. 17103/17104.

Autos de apreensão às fls. 17246/17249.

Relatório final do Inquérito 951-00526/2019, às fls. 6418/6440.

Defesa preliminar dos réus **Marzy, Adriano, Rayane e Simone**, às fls. 17418/17420, 17481/17492, 17498/17514 e 17516/17532, respectivamente.

Defesa preliminar dos réus **Andrea e Marcos**, às fls. 17592/17619.

Defesa preliminar dos réus **Flordelis** e seu filho **Flávio**, às fls. 17621/17624 e 17753/17754, respectivamente.

Contrarrazões da ré **Flordelis** ao RESE do MP às fls. 17756/17764.

Decisão de fls. 17785 designou audiência de instrução e julgamento.

Defesa preliminar dos réus **André e Carlos Ubiraci**, às fls. 17840/17841 e 17843/17844, respectivamente.

Manifestação do MP acerca das preliminares arguidas pelo réus, às fls. 17896/17903.

Certidão do cartório informando o Recurso em Sentido Estrito interposto pelo MP foi autuado sob o nº 0049435-34.2020.8.19.0002 e remetido à conclusão para o juízo de retratação e/ou posterior remessa ao E. TJ/RJ.

Decisão de fls. 17966/17969, na qual restaram rechaçadas as preliminares aduzidas pelas defesas, sendo mantido recebimento da denúncia e designada audiência de instrução e julgamento.

Certidão de remessa do RESE do MP ao E. TJ/RJ às fls. 18061.

Certidão de acautelamento em cartório de celulares apreendidos às fls. 18074/18079.

Petição do MP, requerendo a juntada dos depoimentos prestados em sede policial e do **Laudo de Exame de DNA** produzidos no inquérito 951-00526/2019, que originou o processo “inicial” nº 0025139-79.8.19.0002 (referente ao delito de homicídio consumado também imputado a corréus no presente), às fls. 18098/18155.

Assentada da audiência de instrução e julgamento realizada em 13/11/2020, às fls. 18164/18177, na qual foram ouvidas duas das testemunhas arroladas pelo Ministério Público, comuns às defesas dos acusados **André, Carlos, Flávio, Lucas, Andrea e Marcos**, ou seja, os Delegados de Polícia ALLAN DUARTE LACERDA e BÁRBARA BUENO LOMBA. Foram ouvidas

também outras duas das testemunhas de acusação e comuns às defesas dos acusados **André, Carlos, Flávio e Lucas**, quais sejam, o perito legista LUIZ CARLOS LEAL PRESTES JUNIOR, e os policiais civis MÁRIO AUGUSTO BERNANDO JÚNIOR e TIAGO VAZ DE SOUZA; sendo designada continuação da AIJ diante do adiantado da hora.

Documentos juntados pelo assistente de acusação às fls. 18563/18571.

Continuação da AIJ realizada em 27/11/2020, conforme assentada de fls. 18574/18590, em que foram ouvidas cinco das testemunhas arroladas pelo Ministério Público, e comuns às defesas dos acusados **André, Carlos, Flávio, Lucas, Andrea e Marcos**, quais sejam, LUANA VEDOVI RANGEL PIMENTA, WAGNER ANDRADE PIMENTA (“Mizael”), REGIANE RAMOS CUPTI RABELLO, ALEXSANDER FELIPE MATOS MENDES e DANIEL DOS SANTOS DE SOUZA. Diante de relatos no curso do ato, o Conselheiro Tutelar Edson Brito procedeu à oitiva das filhas do réu **Carlos** e da testemunha Cristiana, na presença desta última, Rebeca e Raquel, em sala própria e separadamente, sendo determinado pelo Juízo a juntada do vídeo correspondente aos presentes autos. CRISTIANA RANGEL DOS PASSOS SILVA, esposa do réu **Carlos**, foi ouvida como testemunha referida.

Certidão às fls. 18712, referente ao acautelamento em cartório da mídia mencionada pelo assistente de acusação às fls. 18596.

Certidão de acautelamento em cartório das mídias referentes à entrevista feita na data de 27/11/2020 pelo Conselheiro Tutelar com a menor Rebeca e sua irmã Raquel, acima mencionada; bem como pen drive apresentado em audiência pela testemunha Regiane.

Juntadas às fls. 18823/18824, três decisões proferidas no processo originário 0025139-79.2019.8.19.0002 (denunciados inicialmente **Lucas e Flávio** pela prática do mesmo delito de homicídio consumado imputado a corréus no presente).

Certidão de acautelamento em cartório de mídia fornecida pelo assistente de acusação às fls. 18865, e pelo MP, às fls. 18937.

Assentada da continuação da AIJ realizada em 04/12/2020 às fls. 19041/19058, em que foram ouvidas mais cinco das testemunhas arroladas pelo Ministério Público, comuns às defesas dos acusados **André, Carlos, Flávio, Lucas, Andrea e Marcos**, quais sejam, FÁBIO LOPES DA SILVA, ALEXANDER VEIGA, KELLY CRISTINA DOS SANTOS, YVELISE ASSIS VIEIRA DE OLIVEIRA e ROGÉRIO DOS SANTOS SILVA. Procedeu-se, ainda, à oitiva da testemunha referida Vivian, que se apresentou naquela oportunidade. Foi deferida a fixação de **nova cautelar** para que a ré **Flordelis** “*se abstenha de se dirigir ou mencionar o nome de qualquer testemunha, ainda que indiretamente o faça sem menção expressa ao nome, nas redes sociais*”.

Relatório psicossocial referente à menor Ágata às fls. 19230/19232.

Decisão em que restou indeferida a oitiva da menor Ágata neste Juízo, com fundamento no relatório psicossocial elaborado junto à Vara da Infância, da Juventude e do Idoso desta Comarca, às fls. 19236/19237.

Continuação da AIJ realizada em 11/12/2020, conforme assentada de fls. 19450/19474, em que foram ouvidas mais três das testemunhas arroladas pelo Ministério Público, e comuns às defesas dos acusados **André, Carlos, Flávio, Lucas, Andrea e Marcos**, quais sejam, ROBERTA DOS SANTOS, ÉRICA DOS SANTOS DE SOUZA e DAIANE FREIRES. Em seguida, foram ouvidas, ainda, as testemunhas de defesa, ou seja, JORGE DE SOUZA, arrolada pela defesa da ré **Flordelis**, RAQUEL DOS PASSOS SILVA, REBECA VITORIA RANGEL SILVA (menor acompanhada de sua genitora), DÉBORA DE ABREU VIANA, EDUARDO DA SILVA PEREIRA, CLAUDIA INÊS BARBOZA PINTO, arroladas pela defesa do réu **Carlos Ubiraci**; ÉRICA DIAS SANTOS, arrolada pela defesa da ré **Flordelis**, e GABRIELLA DOS SANTOS DE SOUZA, arrolada pela defesa do réu **Adriano**. Ausentes as testemunhas Jorge Souza da Cruz (certidão negativa às fls. 19318) e Geovana Alves (certidão negativa de fls. 19.210), arroladas pela defesa do réu **André**; Luiz Antônio da Costa Vieira, José Aparecido Farias e João da Silva Pereira, arroladas pela defesa do réu **Flávio**, que compareceriam independente de intimação, tendo as defesas respectivas desistido de suas oitivas, com a concordância do MP, do assistente de acusação e das demais defesas.

Mensagens de WhatsApp acostadas às fls. 19512/19518.

**Ofício da SEAP comunicando descumprimentos da medida cautelar de monitoramento eletrônico pela ré Flordelis, às fls. 19526/19534, 20097/20098, 21060/21064, 21081 e 21848/21849.**

Laudos de exame de material juntados às fls. 19664/19695.

Certidão de acautelamento em cartório de mídia contendo imagens do Fórum, requeridas pelo Assistente de Acusação e solicitadas junto à DGSEI através do ofício 1238/2020, às fls. 19701.

Fotos e documento juntados pela defesa dos réus **Andrea e Marcos**, às fls. 19733/19739.

Resposta do ICCE requerendo dilação de prazo para a realização de exame pericial, às fls. 19741/19744.

Continuação da AIJ realizada em 18/12/2020, conforme assentada de fls. 19450/19474, em que foram **interrogados** os réus **Flordelis, Flávio, Lucas e Andrea**. O assistente de acusação requereu a juntada aos autos de dois pen drives fornecidos pela testemunha Regiane, sendo um deles

referente à conversa entre as testemunhas Regiane e Gabriela, e outro correspondente a um vídeo em que a ré **Simone** “comemora a cura do câncer”; sendo o pedido deferido pela MM. Dra. Juíza. Foi também deferido o requerimento do Defensor Público de dispensa do comparecimento do réu **Lucas**, por ele assistido, à última audiência, posto que já interrogado.

Juntada de autos de apreensão e laudos de descrição de material, às fls. 19806/19922.

Certidão de acautelamento em cartório de mídias remetidas pela DHNISG, às fls. 20059.

Laudo de exame de material às fls. 20463/20466.

Continuação da AIJ realizada em 22/01/2021, às fls. 20573/20586, em que foram interrogados os réus **Marzy, Simone, Rayane, Adriano, Carlos Ubiraci, André Luiz e Marcos**, findando-se a instrução em primeira fase. As partes requereram o prazo de cinco dias para manifestação em diligências, de acordo com o artigo 402 do Código de Processo Penal, sendo deferido.

Laudo de exame de material às fls. 20650/20653.

Laudos de perícia criminal em equipamento computacional portátil, juntados por meio de DVDs às fls. 20783/20787, acautelados em cartório.

Laudo de exame de informática juntado por meio de pen drive às fls. 20789/20790, acautelado em cartório.

Decisão às fls. 20878/20889, na qual restou deferido o compartilhamento da prova oral e documental consubstanciada nos documentos de fls. 2842/2852, 2882 e 2899/2901 do processo originário 0025179-39.2019.8.19.0002, e nos vídeos dos depoimentos colhidos nas AIJs dos processos originários 0025139-79.8.19.0002 (réu **Flávio**) e 0065747-22.2019.8.19.0002 (réu **Lucas** - desmembrado do primeiro), com este processo. Também foi deferido o compartilhamento dos vídeos dos depoimentos colhidos nas AIJs deste processo com os supracitados (0025139-79.8.19.0002 e 0065747-22.2019.8.19.0002), nos quais os réus **Flávio e Lucas** respondem pelo mesmo delito de homicídio qualificado consumado imputado também a outros corréus no presente. Na decisão foi consignado, ainda, que “o procedimento específico do Tribunal do Júri, notoriamente, guarda um momento específico para requerimento de diligências, como se depreende do disposto no artigo 422 do CPP, sendo este posterior à eventual decisão de pronúncia. Portanto, em que pese ter sido oportunizado às partes requererem diligências após o encerramento dos interrogatórios, verifica-se que nenhuma das diligências requeridas neste momento pelas partes originou-se de questão relevante surgida no curso da primeira fase de instrução, não se mostrando, portanto, imprescindíveis para fins da decisão a ser proferida no encerramento desta primeira fase. Isto posto, sem prejuízo do

deferimento de algumas das diligências pleiteadas pelas partes em homenagem em especial aos princípios da celeridade e economia processuais, diante da especificidade do rito previsto no CPP bem como considerando que tal, sabidamente, não obsta o prosseguimento do feito, determino a **abertura de vista às partes para apresentação de alegações finais, excepcionalmente, no prazo estendido de 10 dias. Primeiramente, ao MP e ao assistente de acusação, conjuntamente, e, em seguida, às defesas, concomitantemente, por tratar-se de processo eletrônico, que assim o permite sem qualquer prejuízo**”.

Relatórios de monitoramento eletrônico da ré **Flordelis**, às fls. 21125/21145.

**Alegações finais do Ministério Público** às fls. 21229/21388, na qual requereu:

*“Por todo o exposto, considerando o gigantesco acervo probatório colhido ao longo da investigação e da instrução criminal, há prova exaustiva demonstrando que as imputações deduzidas em face dos acusados **FLORDELIS DOS SANTOS DE SOUZA, MARZY TEIXEIRA DA SILVA, SIMONE DOS SANTOS RODRIGUES, ANDRÉ LUIZ DE OLIVEIRA, RAYANE DOS SANTOS OLIVEIRA, FLÁVIO DOS SANTOS RODRIGUES, ADRIANO DOS SANTOS RODRIGUES, ANDREA SANTOS MAIA e MARCOS SIQUEIRA COSTA** encontram-se integral e manifestamente aptas a serem encaminhadas ao Eg. Tribunal do Júri, havendo prova da materialidade e veementes elementos a demonstrar a autoria de todos os delitos que lhes foram imputados na denúncia, com as qualificadoras e circunstâncias agravantes ali consignadas, manifestando-se o Ministério Público para que sejam **PRONUNCIADOS** nos termos da exordial, na forma do art. 413 do Código de Processo Penal.*

*Com relação aos acusados **CARLOS UBIRACI FRANCISCO DA SILVA e LUCAS CEZAR DOS SANTOS DE SOUZA**, ao revés, finda a instrução criminal, conforme itens VI e VII supra, considera o Ministério Público não terem sido coligidos elementos suficientes para que sejam **CARLOS** e **LUCAS** levados à próxima fase do procedimento e submetidos a julgamento em sessão plenária no Tribunal do Júri, não estando tais imputações aptas ou maduras a tanto, motivo pelo qual requer o Ministério Público sua impronúncia, na forma do art. 414 do Código de Processo Penal”.*

**Certidão de escoamento, in albis, do prazo para a apresentação de alegações finais pelo assistente de acusação, às fls. 21466.**

Decisão de fls. 21468/21470, em que foi determinado o desentranhamento de gravação acostada aos autos pelo assistente de acusação em 18/12/2020, bem como declarada preclusa a oportunidade de apresentação de alegações finais pela Assistência.

Certidão cartorária de fls. 21577 informa que não houve manifestação da acusada **Flordelis** quanto às violações ao uso da tornozeleira eletrônica, apesar de devidamente intimada no dia 04/03/2021 a fazê-lo no prazo de 48 horas, conforme certidão de fls. 21423.

Decisão na qual restou indeferido o pedido de devolução de prazo para alegações finais ao assistente de acusação, às fls. 21635/21636.

**Alegações finais do Defensor Público** em favor do réu **Lucas Cezar** às fls. 21643/21650, na qual alegou a ausência de justa causa para a deflagração da segunda fase da persecução penal, tendo em vista a ausência de lastro probatório mínimo, pugnando, assim, pela **impronúncia** do réu, com a isenção do pagamento de custas.

Ofício da Câmara dos Deputados às fls. 21748/21749.

Decisão de fls. 21760/21762, na qual, diante dos descumprimentos relatados nos autos e da ausência de prejuízo para os trabalhos parlamentares da ré **Flordelis**, em decorrência da possibilidade de participação dos atos de fora virtual em razão da pandemia atual, restou alterada a medida cautelar de recolhimento domiciliar noturno das 23 às 06h, aplicada à referida acusada, de forma abolir a exceção inicialmente estabelecida quanto à prática de atos parlamentares.

**Alegações finais da defesa do réu Carlos Ubiraci** às fls. 21770/21775, em que requereu a **IMPRONÚNCIA** do acusado conforme artigo 414 do Código de Processo Penal, posto que não teria restado comprovada a culpabilidade do Acusado, inexistindo indícios suficientes de materialidade e autoria para que seja o réu submetido ao Tribunal do Júri. Requereu também a expedição do competente alvará de soltura em favor do acusado e, ainda, a isenção da multa e custas processuais, tendo em vista a hipossuficiência deste.

**Alegações finais da defesa do réu André Luiz** às fls. 21777/21796, em que arguiu a **inépcia** da denúncia, fundada na circunstância de supostamente não constar na peça acusatória a individualização mínima da conduta de cada denunciado, tratando-se de denúncia genérica que não descreveria os fatos devidamente. No mérito, alegou a ausência de provas em face do réu e requereu a **absolvição sumária ou a impronúncia**.

**Alegações finais da defesa do réu Adriano** às fls. 21798/21827, em que requereu sua **impronúncia**, com fundamento na insuficiência de provas da autoria. Subsidiariamente, requereu, ainda:

1. A **desclassificação** na tipificação do artigo 288, parágrafo único, do CP para o artigo 288, “*caput*”, do CP, por ausência da prova material, bem como ausência de nexos causal subjetivo;
2. A **liberdade provisória**;

3. O **relaxamento da prisão**, em razão de a prisão preventiva perdurar por tempo superior ao razoável, já que o réu se encontra encarcerado há mais de sete meses;
4. A substituição da prisão preventiva pela **prisão domiciliar**; a **transferência** do réu para outra unidade prisional compatível com a tipificação do crime imputado;
5. Que sejam **desentranhadas** dos autos todas as provas materiais, documentais e testemunhais em face do réu **Adriano** Rodrigues trazidas aos autos pela testemunha de acusação Regiane Rabello; e, por fim,
6. Que seja extraída cópia (documental e mídia) dos autos e remetida à autoridade competente para apreciação das medidas de praxe, diante da conduta da testemunha de acusação Regiane Ramos Cupti Rabello, que configuraria **falsa comunicação de crime**, bem como considerando que esta teria se utilizado de meios para “**fraudar a fase de instrução processual**”, imputando ao réu **Adriano** Rodrigues fatos que sabia ser falsos, cometendo, assim, os crimes de denúncia caluniosa e fraude processual com previsão legal nos artigos 339 e 347, parágrafo único, ambos do CP.

**Certidão cartorária às fls. 21931, quanto ao término do prazo para a apresentação de alegações finais pelas Defesas em 25/03/2021, não as apresentando os réus **FLORDELIS DOS SANTOS DE SOUZA, MARZY TEIXEIRA DA SILVA, SIMONE DOS SANTOS RODRIGUES, RAYANE DOS SANTOS OLIVEIRA, FLÁVIO DOS SANTOS RODRIGUES, ANDREA SANTOS MAIA e MARCOS SIQUEIRA COSTA.****

**FACs** esclarecidas dos réus às fls. 21945/22058.

Decisão de fls. 22107/22112, na qual restou **indeferido** o pleito ministerial de fls. **22060/22064** quanto à concessão de **novo prazo para a apresentação de alegações finais** pelos patronos dos réus **Flordelis dos Santos de Souza, Marzy Teixeira da Silva, Simone dos Santos Rodrigues, Rayane dos Santos Oliveira, FLÁVIO DOS SANTOS RODRIGUES, Andrea Santos Maia e Marcos Siqueira Costa** e à **aplicação da multa** prevista no artigo 265 do CPP aos respectivos advogados. Outrossim, foi **deferido** o requerimento do MP no que tange à **fixação de nova medida cautelar à ré Flordelis.**

Decisão de fls. 22123/22124, em que foi determinada a desvinculação sem juntada, das alegações finais apresentadas **intempestivamente** pelas defesas dos réus **MARCOS, FLÁVIO e ANDREA.**

Decisão de fls. 22302/22304, na qual restou mantida a prisão preventiva do réu **ANDRÉ**, bem como deferido o pedido da defesa da ré **Flordelis** de envio de relatório mensal de descumprimento da cautelar de monitoração

eletrônica da ré **FLORDELIS** e, ainda, indeferidos os pedidos de notificação por e-mail e de devolução de prazo para a apresentação de alegações finais, fundando em suposta ausência de documentos nos autos.

## **É O RELATÓRIO.**

### **EXAMINADOS, DECIDO.**

No que tange à alegação defensiva quanto à suposta **inépcia** da denúncia, inicialmente cabe salientar que trata-se de alegação já devidamente afastada quando do recebimento de denúncia, de forma que já superada e preclusa. A preliminar suscitada inclusive restou devidamente afastada pela decisão de fls. 17966/17969, na qual foi ratificado o recebimento da denúncia. Portanto, não há que se cogitar de qualquer prejuízo para a defesa dos denunciados, posto que preenchidos os requisitos legais, de forma que torno a afastar a preliminar em questão.

Nesta primeira fase do procedimento do Júri é **vedado** ao Juiz fazer longas incursões sobre a prova dos autos, sob pena de usurpação de competência do Tribunal Popular, sendo sua decisão, quando se convence em admitir a acusação, nitidamente de caráter processual. Contudo, mister a demonstração da efetiva existência de **indícios** que tornam admissível a acusação a ser julgada.

Nos autos restou comprovada a **materialidade do delito de homicídio qualificado consumado** pelo auto de apreensão (componentes de munição) de fls. 183, laudo de exame de componentes de munição (estojo) de fls. 224/228, auto de apreensão (celular) de fls. 236, laudo de exame de necropsia de fls. 310/318, auto de apreensão de fls. 661/664, laudo de exame de material de fls. 14352/14354, laudo de exame de confronto de balística de fls. 14411/14423 e auto de apreensão de arma de fogo e munições às fls. 14375, além dos depoimentos das testemunhas.

Da mesma forma, demonstrada a **materialidade do delito de homicídio tentado** pelos diversos BAMs referentes a atendimentos hospitalares da vítima de fls. 15699/15892, pelos pareceres médico-legais de fls. 16284/16298, do Perito-Legista Francisco José Alexandre Mourão - PRPTC de Niterói, e de fls. 16791/16802, do Perito-Legista Luiz Carlos Prestes Junior/GAESP, além dos depoimentos carreados em Juízo.

A **autoria quanto ao delito doloso de homicídio qualificado consumado** em relação aos denunciados **FLORDELIS DOS SANTOS DE SOUZA, MARZY TEIXEIRA DA SILVA, SIMONE DOS SANTOS RODRIGUES, ANDRÉ LUIZ DE OLIVEIRA, RAYANE DOS SANTOS OLIVEIRA** e **CARLOS UBIRACI FRANCISCO DA SILVA** (corrêus FLÁVIO

DOS SANTOS RODRIGUES e LUCAS CEZAR DOS SANTOS DE SOUZA pronunciados anteriormente no processo originário e respectivo desmembramento - 0025139-79 e 0065747-22), **bem como a autoria do delito de homicídio qualificado tentado quanto aos réus FLORDELIS DOS SANTOS DE SOUZA, MARZY TEIXEIRA DA SILVA, SIMONE DOS SANTOS RODRIGUES, ANDRÉ LUIZ DE OLIVEIRA e CARLOS UBIRACI FRANCISCO DA SILVA, restaram SUFICIENTEMENTE INDICIADAS** não somente diante dos documentos supracitados, mas também diante do auto de apreensão de arma de fogo e munições de fls. 14375, por meio do laudo de exame de DNA de fls. 18098/18155, pelas declarações colhidas na fase inquisitorial, corroborados pelos depoimentos prestados em Juízo conforme termos de fls. 18173/18177, 18585/18590, 19054/19058, 19460/19471, e mídias acauteladas em cartório referentes ao presente, em especial das testemunhas: BÁRBARA BUENO LOMBA e ALLAN DUARTE LACERDA - Delegados de Polícia, LUIZ CARLOS LEAL PRESTES JUNIOR – perito médico legista, MÁRIO AUGUSTO BERNARDO JÚNIOR e TIAGO VAZ DE SOUZA - ambos policiais civis, LUANA VEDOVI RANGEL PIMENTA e seu marido WAGNER ANDRADE PIMENTA (“**Mizael**” - filho afetivo da ré **Flordelis** e da vítima), REGIANE RAMOS CUPTI REBELLO (amiga do réu **Lucas**), CRISTIANA RANGEL DOS PASSOS SILVA (esposa do réu **Carlos**), DANIEL DOS SANTOS DE SOUZA (filho afetivo, registrado como próprio pela ré **Flordelis** e pela vítima), ALEXSANDER FELIPE MATOS MENDES (“**Luan**”, filho afetivo da ré **Flordelis** e da vítima), FÁBIO LOPES DA SILVA (conhecido dos réus), ALEXANDER VIGNA DO NASCIMENTO (conhecido dos réus), KELLY CRISTINA DOS SANTOS (filha afetiva da ré **Flordelis** e da vítima), ROGÉRIO DOS SANTOS SILVA (ex-namorado da ré **Simone**), VIVIAN MARIA SILVA DE OLIVEIRA (conhecida do réu **Carlos Ubiraci**), RAQUEL DOS PASSOS SILVA e REBECA INÊS BARBOZA PINTO (filhas do réu **Carlos Ubiraci** e netas afetivas da ré **Flordelis** e da vítima), DÉBORA DE ABREU VIANA, EDUARDO DA SILVA PEREIRA e CLAUDIA INÊS BARBOZA (amigos do réu **Carlos Ubiraci**), ÉRICA DIAS SANTOS e GABRIELLA DOS SANTOS DE SOUZA (filhas adotivas da ré **Flordelis**), DAIANE FREIRES (filha afetiva da ré **Flordelis** e da vítima), ROBERTA DOS SANTOS (filha adotiva da ré **Flordelis** e filha afetiva do réu **Carlos Ubiraci**), ÉRICA DOS SANTOS DE SOUZA (filha adotiva da ré **Flordelis**); além dos interrogatórios dos corréus Marzi, Simone e Lucas especialmente. Nesse sentido, passo a transcrevê-los:

A testemunha **Allan Duarte Lacerda**, Delegado de Polícia que presidiu a parte final do inquérito que ensejou a denúncia, relatou que o fato ocorreu no dia 16 de junho de 2019, na Rua Cruzeiro, na garagem da residência da vítima, nº 145, Badu, Pendotiba, por volta de 3h30min de um domingo. A vítima foi alvejada por diversos PAFs, calibre 9 mm. Essa investigação começou com sua antecessora, Dra. Bárbara Lomba, por ocasião do inquérito policial nº 951-00526/2019. Nesse inquérito, sua antecessora

conseguiu apurar a autoria imediata; o executor e o partícipe material. Ela chegou à conclusão de que o executor teria sido **Flávio**, o filho biológico da Deputada **Flordelis** (esposa da vítima), e teria contado com a participação material de **Lucas**. Ele teria sido a pessoa responsável por conseguir a arma, uma pistola Bersa, calibre 9 mm. Essa pistola foi comprada pelo valor de R\$ 8.500,00, na Favela Nova Holanda, Complexo de Favelas da Maré, situado no Rio de Janeiro, dois dias antes, no dia 14/06/2019. Informou que a investigação prosseguiu, houve uma troca no comando da DHNISG, quando assumiu em 24/01/2020, e já havia outro inquérito instaurado, 951-00777/2019, para apurar participação e coautoria de outras pessoas. Há também outro inquérito, apensado na investigação (no. 951-01025/2019), que tinha por finalidade apurar uma carta que foi encaminhada do presídio e juntada aos autos do inquérito e do processo. As investigações prosseguiram, testemunhas foram ouvidas, provas técnicas foram juntadas e chegaram à conclusão de que no dia 16/06/2019, o homicídio que houve ali, simulando um latrocínio, apenas serviu para consolidar um **plano criminoso que já vinha seguindo havia algum tempo**, com a **contratação de matadores de aluguel, convencimento de pessoas da família e envenenamentos sucessivos**. Foram realizadas várias **tentativas de intoxicação exógena da vítima Anderson**. Isso está provado nos autos, conseguiram coletar várias informações nesse sentido. Quanto à participação de cada um dos onze acusados apurada durante a investigação, passou a relatar, que em primeiro lugar, temos a figura da **Flordelis**, como a pessoa que arquitetou esse plano, arregimentou pessoas e as convenceu, financiou esse plano criminoso e tentou ocultar provas. Num segundo plano, temos **Marzy**, filha adotiva, junto com **Simone**, filha biológica, e **Rayane**, filha de Simone e neta de Flordelis. Essas pessoas foram responsáveis por convencer outras pessoas a praticar o plano criminoso, que culminou na morte por PAF. **Marzy** e **Simone** também ministraram veneno, segundo o apurado, nas bebidas e na comida do Pastor. **Marzy**, inclusive, foi a pessoa responsável por avisar ao Flávio de que o casal havia chegado em casa e que ele estaria em situação vulnerável na garagem, de roupas íntimas, inclusive. Então, ele já se posicionou ali, após ser avisado pela **Marzy**. Passado esse ponto, temos **Carlos Ubiraci e André** (vulgo “Bigode”), que sabiam de todo o plano criminoso e não fizeram nada para evitar. Inclusive participaram também de algumas ações que culminaram no evento do dia 16/06/2019. Temos também **Adriano**, filho biológico de Flordelis. No episódio da carta, ficou apurado que **Lucas**, preso junto com **Flávio**, recebeu uma **carta manuscrita por Flordelis, e foi convencido a reproduzir seu conteúdo, imputando a si mesmo a autoria direta**, ou seja, a execução, e a autoria indireta a “**Mizael**” (Wagner Pimenta) e a “**Luan**” (Alexsander). Essa **carta foi confeccionada pela deputada Flordelis e chegou às mãos de Lucas**, pois, no presídio, próximo de onde eles estavam, havia um ex-PM, condenado a mais de 200 anos por homicídios, chamado **Marcos Siqueira**. Essa carta **chegou às mãos de Marcos através de Andrea**, sua esposa, que o visitava, sendo que ele, junto

com **Flávio**, convenceram Lucas a fazer a transcrição. A carta saiu do presídio e chegou novamente às mãos de Flordelis, para que esta a pudesse usar nos inquéritos e no processo, também por meio de Andrea, que avisou a Flordelis estar de posse da carta, enquanto Adriano, filho biológico da deputada, buscara esta com Andrea. Têm certeza de que tudo isso aconteceu porque, analisando o conteúdo do celular da ré Flordelis, tiveram acesso a uma conversa entre elas, falando sobre toda essa trama e a deputada postou um comprovante de depósito, no valor de R\$ 2.000,00, em favor de um beneficiário chamado Jailton, que seria filho de Andrea. Por dedução lógica, chegaram à conclusão de que esse depósito teria esse viés. No mais, reporta-se ao inquérito, que é sensível e volumoso. A parte da carta está no inquérito 1025/2019. Nos depoimentos colhidos algumas testemunhas disseram, formal e informalmente, que a família tramava a morte por envenenamento e que ele teria sido internado algumas vezes no hospital Niterói D'Or. Então, lá diligenciaram e coletaram alguns Boletins de Atendimento Médico, que foram juntados aos autos e submetidos e uma consulta médica legal. Também conseguiram extrair conteúdo do celular de Marzy e Simone, que mostrava pesquisas sobre: “veneno para matar pessoa”, “veneno barato para matar pessoa”, cianeto e arsênico. Submeteram esses BAMS uma consulta médica legal, por meio de um perito da Polícia Civil e um do Ministério Público, que analisaram e concluíram que todos os sintomas eram compatíveis com o uso de veneno. Seriam eles vômito, mal-estar e dor no estômago. Há relatos, também, de que Carlos, apelidado de “Nem” ou “Neném”, durante as sucessivas tentativas de envenenamento, proibia outras pessoas, alertando-as para que elas não ingerissem as comidas e bebidas do Pastor. De acordo com o apurado, os responsáveis pela alimentação eram Carlos e a empregada Gilcineia. Há relatos de que Taiane ingeriu uma bebida láctea do tipo “Chamyto”, passou mal e a deputada pediu para que fosse ministrado leite para desintoxicá-la. Há também um relato, negado por Carlos, mas confirmado por outras testemunhas, de que Cristiane, esposa de Carlos, também ingeriu acidentalmente alimentos dirigidos ao Pastor, e passou mal. Algumas pessoas sabiam que toda a comida que era para o Pastor, era acrescida de veneno e outras pessoas eram blindadas para não consumi-la. As internações, no mínimo seis, eram sempre após refeições. De acordo com o relato das testemunhas, na casa havia uma nítida diferença de tratamento entre os filhos biológicos e os afetivos, inclusive com relação a alimentação, vestuário, tratamento com esses filhos. Simone, Adriano e Flávio, como filhos biológicos, tinham tratamento privilegiado. O Pastor (vítima) tratava essa questão de uma forma muito rígida e era ele também quem tinha o controle financeiro. Ele discordava e tentava restabelecer uma situação de equilíbrio entre todos, o que contrariou esse núcleo “duro” da família, mais próximo da Flordelis. Testemunhas indicam que, no quarto dela, onde frequentavam as pessoas mais próximas, estavam os itens de luxo, enquanto nos outros cômodos, onde dormiam os outros filhos,

o tratamento era absolutamente diferente. Eles não tinham acesso a todo esse volume de comida, tinham mais restrição de dinheiro e de comida. Tanto é que, em algumas **conversas capturadas de conteúdo telefônico, eles fazem referência a uma indignação com relação à parte financeira porque ela (Flordelis) queria ter essa direção da parte financeira e não conseguia, por conta dele (Anderson – vítima)**. Ele era responsável por gerir as carreiras artística, política e eclesiástica dela. Se apresentavam como um casal amoroso para a sociedade, mas, às escuras, a situação era completamente diferente. **Ela (Flordelis) estava se sentindo injustiçada, por ser a grande estrela da casa, a deputada federal, com uma carreira artística vitoriosa, mas a parte financeira era concentrada nas mãos dele**. Ela mesma admite que ele era responsável por gerir a carreira artística, a política e a religiosa porque ele tinha talento para isso. Era uma pessoa que tinha mais capacidade do que ela para isso. Há uma testemunha que aponta que, no dia em que ela toma posse, no gabinete ou no apartamento funcional, houve uma conversa dizendo que ele o **Pastor se tornaria dispensável** a partir daquele momento, já que ela teria alcançado o desiderato dela ali. Houve uma conversa, em que ela (Flordelis) participou, em que alguém disse isso e ela não negou. Uma das conversas da deputada com um dos filhos, o vulgo **André “Bigode”**, surpreendeu pelos termos que ela usava para se referir ao Pastor. **Ela disse que aquilo tudo tinha que acabar, que já que não poderia se separar, porque envergonharia Deus, pediu ajuda a André para acabar logo com aquilo e chamou a vítima de “traste”**, a qual era por ela (Flordelis) chamado de “Niel”, em uma conversa capturada em um aplicativo de conversas. Ela reclamava. Nesse dia da conversa, eles foram ao Maracanã e a vítima Anderson se negou a buscar em casa 2 ou 3 pessoas, que foram de ônibus. Ela (Flordelis) estava reclamando da postura dele com o **André “Bigode”**, que se prontificou a ajudá-la. De acordo com relatos de testemunhas, embora boa parte do núcleo “duro” da família negue esse episódio, **Flávio era considerado uma pessoa violenta**. Inclusive encaminhou postagens a uma ex-companheira ameaçando-a, **postou uma arma e um projétil**, dizendo que eram para ela. Há um episódio e uma luta corporal de **Flávio** com **André**, na casa, em que aquele desferiu golpes com instrumento perfurocortante, nas costas deste, se não se engana, uma tesoura. **André** foi convencido e impedido pelo próprio Pastor (**vítima**) e **Flordelis** a não fazer o registro de ocorrência para evitar o escândalo. **Simone e Marzy** eram mais próximas da **Flordelis** do que do Pastor Anderson (**vítima**) e havia uma desavença entre elas e este. Inclusive, há um episódio em que uma **testemunha, chamada Rogério**, conta uma história de que teve um namoro oculto com **Simone**, mas que veio a público por conta de algumas imagens íntimas deles que “vazaram”, o que causou um escândalo na comunidade religiosa, ele sofreu ameaças e ela relatou para Rogério que houve uma briga dentro de casa, em que foi agredida violentamente pelo Pastor, **disse que não o aguentava mais e que queria matá-lo, chegando a confessar que já tinha tentado envenená-lo algumas**

**vezes**, mas **“o bicho era tão ruim que não morria”**. Rogério, indignado com a situação e talvez em um ato de companheirismo com **Simone**, se prontificou a matar o Pastor, mas depois desistiu dessa ideia. Foi ele quem contou que **Simone lhe relevou as tentativas de envenenamento do Pastor**. O relacionamento de Rogério com **Simone** era oculto por ser extraconjugal e o Pastor (**vítima**) reclamava disso. Há relatos de que, no passado, o **Pastor Anderson fora namorado de Simone e, após algum tempo, passou a se relacionar com a Deputada Flordelis**. Na época em que o Pastor começou a se relacionar com a **Flordelis**, ele era muito novo. Tinha cerca de 16 anos e ela tinha quase o dobro da idade, naquela época. Pelo que se recorda, também há o episódio de um **matador de aluguel** que teria sido contratado para ceifar a vida do Pastor na saída do templo, que só não obteve êxito na empreitada porque o combinado era abordá-lo em um veículo, mas houve troca do veículo, o que confundiu o matador. Sabe-se que isso aconteceu porque há depoimentos de pessoas que estavam lá no dia e esse homem, indignado com a falta de pagamento e a não execução do plano, disse que ia matar **Rayane, que foi a pessoa responsável pela contratação**. Ele disse também que não havia recebido o valor avençado, de R\$ 2.000,00. **Rayane** estava em Brasília, salvo engano, e ligou para a Deputada **Flordelis** dizendo que estava sendo ameaçada de morte pelo homem que iria matar seu avô (Pastor - **vítima**). Então, pessoas viram o **André “Bigode”** efetuar esse pagamento e o suposto matador foi embora. **André** seria o tesoureiro, a pessoa que tinha acesso ao cofre. Ouviram algumas pessoas sobre a compra da arma e todas foram uníssonas em afirmar que, **nem Lucas, nem Flávio, teriam condições, em tão pouco tempo, de conseguir R\$ 8.500,00 para a aquisição desse armamento**. **Lucas** chegou a trabalhar em uma oficina mecânica, de Regiane (testemunha). Tinha poucos recursos e foi apreendido, quando menor, por trabalhar em uma “boca de fumo”. **Flávio** chegou a trabalhar com transporte alternativo de pessoas, no aplicativo Uber. Perguntadas as pessoas sobre a rotina dele, todas disseram que ele nem trabalhava tanto e eu não devia auferir nem R\$ 2.000,00 por mês com esse transporte de pessoas. A conclusão a que se chega é que beira a impossibilidade ele empenhar 04 meses, ainda que de trabalho duro, para comprar uma arma. Todas as pessoas ouvidas caminharam nesse sentido e apontaram **Flordelis como a única capaz de entregar uma quantia desse vulto a Flávio**. **Flávio** sabia manusear armas. **Já tinha feito curso**. Melhor dirá sobre a arma o perito, mas adiantando, acerca do calibre de 9 mm, este tem alto poder penetração, perfurante, e baixo poder de impacto. Então, ele é muito mais cruel para o alvo humanoide, do que um calibre alto (45, ou 40) pois acaba matando por choque hipovolêmico, **causando sofrimento da vítima por um tempo maior** do que um calibre maior. Existe a possibilidade de entradas e reentradas do projétil, porque esse calibre tem alto poder de perfuração. Então, dependendo do indivíduo, se tiver compleição mediana, pode causar transfixação com muito mais facilidade que um calibre 40 ou 45, que tem um *stop power* maior. Quanto à contribuição de cada réu, o

depoente noticiou que **Flávio** teria sido o executor, o autor dos disparos; **Lucas** foi a pessoa responsável por auxiliar na aquisição da arma, adquirida na Favela Nova Holanda, no complexo da Maré. **Marzy e Simone**, principalmente, tentaram cooptar Lucas, por diversas vezes. Ele chegou a pensar em levar a cabo o plano criminoso, mas logo em seguida foi demovido da ideia. Se não se engana, ficara combinado com **Lucas**, à época, que ele ficaria com todo o valor achado na mochila com a qual o Pastor (vítima) sempre andava e que sempre continha uma grande quantia em espécie. Ele levaria também umas jóias do Pastor e tudo isso converge na direção de uma simulação de latrocínio. **Lucas** teve envolvimento com o tráfico de drogas e, segundo Regiane (testemunha), responsável por resgatá-lo do crime e lhe dar trabalho em uma oficina mecânica, o núcleo “duro” da família, que já planejava o assassinato, tinha intenção de usar **Lucas** porque ele **era o álibi perfeito**: um menino novo, negro, que já tinha passagens e com alguns problemas de relacionamento com a família. Tudo isso converge, também, nas tentativas de cooptação dele, que eram combinadas em finais de semana. Todos esses planos eram elaborados para serem executados em fins de semana e o dia do fato foi um final de semana. Essas informações convergem para um ponto comum. **O Pastor (vítima) tomou ciência de que havia um plano para matá-lo** porque houve uma **conversa entre Marzy e Lucas a que ele teve acesso porque o telefone dela estava sincronizado no iPad de Anderson.** Ele, inclusive, chegou a mostrar essas mensagens para **Carlos**, que nada fez, e Regiane, que cuidava de **Lucas**, relatou ter mostrado essas mensagens a **Flordelis**, que **não esboçou nenhuma reação de reprovação.** A vítima viu, mas também não tomou nenhuma medida de cautela, por acreditar que aquilo não fosse acontecer. **Havia uma discórdia na gestão dos recursos familiares, porque o Pastor concentrava a parte financeira e distribuía de acordo com o que achava justo, o que indignava essa parte da família, o “núcleo duro”.** Houve um episódio em que o Pastor (vítima) se recusou a pagar o plano da saúde de **Carlos** Ubiraci e sua esposa Cristiana, por conta de **Carlos** já receber estipêndio em razão de sua função pública remunerada, o que gerou discórdia. E há uma conversa capturada em dado telemático, em aplicativo de mensagens, entre **Flordelis** e uma outra pessoa, que não se recorda, falando sobre essa discórdia do plano de saúde. A gestão financeira da família, por parte da vítima, foi, inclusive, admitida pela Deputada **Flordelis** em termo de declaração. Esse inquérito já havia sido instaurado quando foi lotado na DH. Já tinham algumas provas e relatos, quando teve a oportunidade de ouvir o réu **Lucas** e este **relatou ao depoente que havia recebido uma carta manuscrita, no presídio, que reconheceu a letra como sendo de Flordelis e que ele foi convencido por Flávio e Marcos Siqueira a reproduzir o conteúdo da missiva.** **Lucas** lhe parece ser uma pessoa de baixa instrução e vocabulário e a carta tinha conteúdo significativo, então crê que era improvável que uma pessoa de tão baixa instrução escrevesse uma carta daquelas. E quando **Lucas** foi indagado a respeito da **carta original**, porque a carta

reproduzida foi apresentada em sede policial e judicial, ele relatou que **Flávio a inutilizou** e jogou pela latrina da cela, onde estavam presos, em Bangu. Não tem como afirmar que **Marcos** coagiu ou induziu **Lucas**, quanto à carta, podendo afirmar é que ele (**Marcos**) participou efetivamente dessa situação, recebendo a carta das mãos de **Andrea**, que o visitava. **Os celulares do Pastor (vítima) e de Flávio nunca apareceram ou foram apresentados.** Há um relato de um motoboy que teria levado **Rayane** à praia de Piratininga e ela teria arremessado ao mar objetos parecidos com celulares. No entanto, existe a **certeza de que o celular do Pastor (vítima) ficou de posse da Deputada Flordelis ou de alguém da família** por um período de, pelo menos, 10 dias porque, por ocasião da quebra de sigilo de dados, foi possível perceber que a linha foi utilizada para comunicação com pessoas da família ou próximas. Um relato interessante é o de **Yvelise**, esposa do senador Arolde de Oliveira, em que ela diz que, no dia seguinte aos fatos entre 10h00 e 11h00, **ligou para esse telefone, anotado em sua agenda como sendo de Flordelis, mas que na verdade era usado pelo Pastor (vítima).** Em um primeiro momento, não consegue contato, **sendo certo que depois a Deputada retornou a ligação e Yvelise** presta suas condolências. Então se sabe que o telefone não foi arrebatado da vítima, o que, em tese, descartaria um latrocínio. A conta reversa, da quebra de sigilo de dados telefônicos, comprova que esse telefone ficou sendo utilizado durante, pelo menos 10 dias. Em termo de declaração, **Daniel** – que seria filho biológico, mas que a investigação não conseguiu ter certeza quanto a isso – **relatou ter presenciado Flordelis falar, em um quarto, que teria “dado um sumiço no telefone do Pastor”.** Outras pessoas também presenciaram esta conversa, como **“Mizael”** (Vagner Pimenta). Não se recorda de todas, mas algumas pessoas foram procuradas no sentido de orientar os depoimentos, como **“Luan”** (Alexsander Mendes), um dos filhos afetivos, que foi procurado por **Flordelis**, a qual ofereceu **financiar as passagens dele e de toda a família para o exterior, salvo engano, para os Estados Unidos, mas ele se recusou porque não concordava com tudo que tinha acontecido.** A partir daí, ele **começou a sofrer represálias e se tornou alvo daquela carta reproduzida por Lucas.** Ele **deveria viajar antes que prestasse depoimento**, pois seria uma pessoa que não faltava com a verdade, então **Flordelis** sabia que ele iria falar tudo o que fosse necessário para esclarecer o fato. Ele (**“Luan”**) **considerou que isso seria uma tentativa de impedir que ele prestasse um depoimento livre.** Não se recorda de peculiaridades, mas houve algo semelhante com **Daniel** também, por parte da Deputada **Flordelis**. Quanto às pesquisas descobertas nos históricos de busca de sites de pesquisa realizadas em aparelhos eletrônicos, constatou-se que **Simone e Marzy** realizaram algumas **pesquisas, tanto no celular, quanto no iPad, referentes a: “barra pesada”, “pessoas que matam”, “pessoas dispostas a matar”, “veneno para matar”, “veneno barato para matar”, “arsênico”, “cianeto”, tudo neste sentido.** Recorda-se de um termo de depoimento no sentido de que **Simone** teria dito a **“Luan”** que estaria

colocando veneno na comida do Pastor, mas ele não morria pois era “ruim de morrer” (fls. 16744/16750). Segundo o apurado, **Rayane** teria sido a pessoa a contratar o matador da tentativa de homicídio frustrada, mas **Flordelis** teria feito contato com alguém, que estaria no carro do Pastor (vítima), para saber qual veículo ele estaria utilizando. Talvez tenha passado essa reposta para própria **Rayane**. Às fls. 6427, no relatório conclusivo do depoente, estão minudentemente esclarecidos detalhes sobre as mensagens que foram enviadas de certos aparelhos eletrônicos para outros, que lhe fogem à memória. No plano de matar o Pastor, havia um vínculo de fidelidade entre **Flordelis e Marzy**. Recorda-se que **Flordelis** tinha dois chips de celular; um deles exclusivamente para falar com **Marzy**. Quanto ao plano da carta, ficou apurado que **algum advogado teria visitado o réu Lucas na unidade prisional. Um deles se chamaria Flávio**, mas não sabe declinar o nome completo. Confirmou o que consta de fls. 17645 e 17671, que seus nomes seriam Maurício Mayr e Flávio Crelier, dos quais se recordou. Confirmou ter inquirido a testemunha **Luana**, sendo seu depoimento farto, inclusive quanto ao plano de homicídio para matar o Pastor no dia da Igreja. Conforme já disse antes, **Luana** afirmou que duas pessoas, Taiane e Cristiane, esposa de **Carlos Ubiraci**, uma ingeriu um suco e outra uma bebida láctea Chamyto e **sofreram envenenamentos após consumirem alimentos que eram direcionados para o Pastor. Carlos avisou à Luana para que não consumisse os alimentos preparados para o Pastor, porque havia uma tentativa clara de envenenamento dele. Carlos** deu esse mesmo aviso a “**Mizael**”, em uma outra ocasião, em um carro, indo para o Rio de Janeiro. **Marzy comentou com Luana (testemunha) que já tinha tentado envenenar o Pastor.** Logo após a morte do Pastor, houve uma reunião na Igreja, entre **Flordelis, Daniel e Luana**, em que “o clima esquentou”. O tom foi de cobrança, de que **todos deveriam “fechar” com ela (Flordelis), no sentido de blindar a família.** Recordou-se que houve uma discussão e Luana presenciou **Simone** falando para o alto, em tom agressivo, que os X-9s da família tinham que morrer. Isso estaria no termo de depoimento de Luana. Confrontando os depoimentos de **Carlos Ubiraci** e Roberta, filha dele, o depoente concluiu que esta falou a verdade e não aquele, pois o conteúdo do termo de declaração dela é mais compatível com o conjunto harmônico dos autos, do que se extraía verdade, para formar a *opinio delicti* do MP. Tanto que foi denunciado o **Carlos Ubiraci** e não a Roberta. Salvo engano, foi Luana quem disse que, quando a Deputada Flordelis foi diplomada, **Simone** teria dito que agora não precisavam mais dele - pastor (vítima). **Rayane** também estava nessa conversa e havia ainda uma pessoa de nome Gleice. Durante o inquérito 1025/2019, referente à carta, não houve o requerimento de fornecimento das imagens das câmeras internas da ala do presídio onde estavam os réus **Lucas e Flávio**. No entanto, **Lucas** disse que o convencimento era feito dentro da cela, onde a carta foi também redigida, então as imagens dos corredores se tornaram despiciendas para a investigação e não há câmeras dentro das celas, portanto, não havia o que

requerer. Não foi apurado se outra pessoa, especialmente algum advogado, pode ter levado a carta para o presídio ou a trazido de lá, mesmo depois que se soube, durante o interrogatório do réu **Lucas**, na AIJ do outro processo referente a este crime, que os advogados Maurício e Flávio estiveram no presídio. Chegou-se à conclusão de que o depósito de R\$ 2.000,00 na conta bancária da esposa de **Marcos** Siqueira foi feito em pagamento pela carta, por meio de uma dedução lógica, pois há relato de que elas duas tinham esse tipo de conversa. Assim, se após uma conversa com esse conteúdo, sucede a postagem do comprovante de depósito, não havia outra linha de investigação a seguir que fosse mais crível do que essa. Esse era o sentido lógico. Havia uma conversa entre elas sobre conteúdo de carta e logo após uma remessa de valor, em nome de Jailton, filho de Andrea, no valor de R\$ 2.000,00. A partir daí chegaram a essa conclusão. Durante a condução do inquérito pelo depoente, **Marcos** chegou a ir à Delegacia para ser inquirido, mas salvo engano, foi orientado a só falar em Juízo. O depoente confirmou ter conduzido as apreensões dos celulares da maioria dos réus, na segunda fase do inquérito. Pelo que se recorda, da extração dessas conversas não se verificou nenhuma conversa de áudio com a fala da deputada **Flordelis**. A Deputada tinha carteira da SEAP para visitar seus filhos **Flávio e Lucas**, mas só há imagens dela na parte externa do presídio. Então, a conclusão a que chegaram foi de que ela não realizou propriamente a visita, porém ela foi impedida porque o diretor do presídio teve acesso a uma decisão judicial que a impedia de visitá-los. Então não houve visita efetiva, segundo apuraram. Não foram encontrados vestígios de cianeto e arsênico ou outro veneno na busca e apreensão realizada na residência da Deputada **Flordelis**. Essa informação só foi obtida um razoável tempo depois do crime. Essa busca e apreensão só foi realizada ao final da investigação, quando do cumprimento dos mandados de prisão e de busca e apreensão. **O crime ocorreu em junho de 2019 e essa diligência em agosto de 2020, mais de um ano depois.** Não foi realizada a exumação do corpo da vítima para buscar resíduos de veneno, mas o perito legista melhor dirá sobre o motivo. Porém, adiantando, essa questão foi debatida à exaustão com o Ministério Público. Não foi oficiada à Previdência Social para esclarecer quem eram dependentes e beneficiários da vítima, nem sobre o recebimento por Daniel, de valores deixados pelo Pastor. O depoente teve conhecimento dessa informação – que veio a lume no depoimento prestado pela Deputada **Flordelis** em uma carta precatória em Brasília, como testemunha de defesa do réu **Flávio** (primeiro denunciado pela prática do homicídio consumado juntamente com Lucas), no processo originário – muito tempo depois. Não foram investigados pagamentos, nem compensações financeiras por trocas de favores porque há uma dificuldade em verificar como foi feito o pagamento, até porque o Ministério Flordelis recebe doações em dinheiro, em espécie, de seus fiéis. Então há um acúmulo de dinheiro em numerário. O pagamento a **Andrea**, com relação à carta, por meio de transferência bancária, inclusive causou surpresa nos investigadores. Acredita-se que tenha sido feita em nome de

Jailton para dissimular, mas qualquer valor de pagamento, em tese, em uma situação dessas, é feito em dinheiro. Em um dos relatos, que não se recorda de quem foi, há notícias de que membros da família sabiam que essas **tentativas de envenenamento da vítima começaram em 2018**. “Mizael” chegou a comunicá-lo disso. Não se recorda da resposta da vítima. O depoente não requereu a quebra de sigilo bancário das empresas vinculadas à atividade religiosa da vítima e do Ministério Flordelis. A **motivação do crime seria financeira e havia uma nítida divergência sobre o controle da família**. Ele (vítima) discordava da forma como ela tratava os filhos mais próximos e os mais distantes. As divergências começaram antes de **Flordelis** se tornar parlamentar, porque há relatos anteriores de divergências nesse mesmo sentido. Chegou-se a essa conclusão através de relatos de testemunhas e de uma conversa dela (**Flordelis**) com **André “Bigode”**, de que **a morte do Pastor causaria, no mínimo, uma independência financeira**. A expressão usada seria “Independência financeira é pouco”, na conversa em que ela falava sobre **“acabar com aquilo”**, porque ela em momento algum falava sobre morte, se preocupando em não se comprometer. Só há relatos indiretos de que a Deputada **Flordelis** fosse apegada a bens materiais. A conversa citada é de texto, não de voz. Não se recorda do método usado pela Polícia Civil para concluir que Jailton é filho de **Andrea**. Ao que tudo indica o réu **Marcos** não estava na mesma cela que o acusado **Lucas**, mas há informação de que aquele era “faxina” e circulava com liberdade entre as celas. Não foram solicitadas as gravações das visitas de **Andrea** a **Marcos** no presídio. Não foi feito nenhum estudo por expert no sentido de identificar a capacidade intelectual do réu **Lucas**, tampouco sabe o grau de escolaridade de **Lucas**. Não havia como fazer confronto da caligrafia da Deputada **Flordelis** porque a carta original foi destruída. O elo de ligação entre a ré **Andrea** e a ré **Flordelis** foi extraído de uma conversa de aplicativo de mensagens entre elas. Nos equipamentos apreendidos na casa de **Andrea**, não havia outros indícios de laços entre elas. Não se recorda se os números de telefones usados por **Andrea e Flordelis** estavam registrados em seus nomes, mas se recorda de um detalhe: **na agenda de contatos de Flordelis o nome de Andrea era “Andrea Flavinho”**, ou seja, estabelecendo um elo entre Andrea e o filho **Flávio**, que estava preso. Não tem conhecimento da atividade laboral exercida por **Andrea**, mas tomaram ciência de que ela tem várias passagens policiais, inclusive por crimes de estelionato. Não sabe qual o valor combinado entre **Andrea e Flordelis** pelo serviço referente à carta. Apenas conseguiram chegar aos R\$ 2.000,00, depositados na conta de Jailton e encaminhado o comprovante para **Andrea**. O conteúdo da conversa entre **Flordelis e Andrea** não era expresso, mas por dedução lógica, se pode concluir que o pagamento era pela carta. Porque a conversa fala sobre carta, é dito que tudo deveria ser feito direitinho, inclusive que isso poderia destruir a carreira da Delegada que estava investigando o caso, Dra. Bárbara Lomba, pois era essa era a intenção delas e logo depois tem um depósito de R\$ 2.000,00. No mínimo causa

estranheza. Esclareceu que **Carlos** Ubiraci é um filho socioafetivo de **Flordelis**. Relatou que as pessoas que **sabiam do plano para matar o Pastor eram Marzy, Simone, Rayane, Carlos, André, a Deputada Flordelis e Flávio**. Outras pessoas também tomaram conhecimento, como “Mizael” e Luana. Este, em seu depoimento, relatou ter informado ao Pastor (vítima) sobre essa tentativa de envenenamento. Não se recorda se **Carlos** também teria avisado. Como há relatos de que **Carlos** impediu pessoas de consumirem alimentos que eram direcionados ao Pastor, era de se deduzir que ele sabia da trama, assim como outras pessoas. **Carlos** Ubiraci negou, em sede policial que tinha conhecimento das tentativas de envenenamento do Pastor, antes do envenenamento acidental de Cristiane (esposa de Carlos). Perguntado, com referência ao episódio em que **Simone** teria dito que os X-9s da família teriam que morrer, se isso seria um forma de coação, disse pensar que sim, pois quando alguém deseja a morte de outrem e fala de forma agressiva e alta para todos ouvirem, quem se sente na posição de delator se sente ameaçado ou coagido. Da forma como foi feito, não tem como afirmar se o Pastor Anderson tinha conhecimento de que poderia sofrer esse atentado, mas ele tinha nítida ciência de que havia um plano, que se estendia ao longo do tempo, para matá-lo. **Carlos** tinha conhecimento do plano para matar o Pastor Anderson. Regiane (testemunha) tomou conhecimento dele quando viu as mensagens entre **Lucas e Marzy** e as mostrou para a Deputada **Flordelis**, mas as pessoas que estão aqui sentadas como réus são as que participaram desse plano. **Outras pessoas tomaram ciência de que havia plano e o relataram para o Pastor Anderson, mas os réus participaram, efetivamente, em algum momento, ou no homicídio propriamente dito, ou das tentativas de homicídio**, como afirma em seu relatório. Não pode afirmar de que forma o réu **Carlos** participou do homicídio consumado, mas ele sabia da trama e participou dela o tempo todo. Havia um vínculo subjetivo dessas pessoas para consumir o ato. De acordo com o que apuraram, quem fazia a comida na casa era a empregada, Gilcineia e o Pastor **Carlos** também cozinhava. Há um outro inquérito para apurar a conduta dela, do Pastor Gerson e de outras duas pessoas. A Polícia Civil coletou elementos informativos para os réus e outras pessoas mais. Se o MP entende que não havia condições de denunciar outras pessoas, ele manda de volta para a Delegacia, que o desmembra para prosseguir nas investigações. Esse inquérito ainda não acabou. **Outras pessoas ainda estão sendo investigadas** e terão oportunidade de se defender, mas já não está mais à frente da DHNISG. Nas mensagens através das quais tomou conhecimento da confecção da carta, que **Lucas** copiou e que seria usada no inquérito, não havia informação clara de que **Adriano** Rodrigues soubesse que a carta era falsa e de que seria usada no inquérito policial. A conduta de **Adriano**, de buscar e entregar a carta, se ele não tinha ciência do seu conteúdo, funcionou como mensageiro. Mas, pela relação de proximidade que ele tinha com a Pastora **Flordelis**, por ele ser filho biológico, receber um tratamento mais próximo, o Ministério Público acreditou que ele

participou, tomando ciência de tudo que estava acontecendo. Até mesmo por isso, ele não responde hoje pelo crime de homicídio consumado. Também não chegou ao seu conhecimento que seria a vítima quem custeava a parte paga do tratamento de **Simone**, nem que em determinado momento ele se recusou a continuar custeando. Tomou conhecimento sim de que houve um **desentendimento entre a vítima e o réu Carlos, porque aquela não queria mais pagar o plano de saúde deste**, em razão de ele ter uma renda fixa. Soube que a ré **Simone** e a vítima tiveram um relacionamento amoroso antes de a vítima se relacionar com a ré **Flordelis** através de um relato de testemunha. Se não lhe falha a memória, foi uma testemunha chamada Fábio, vulgo “Fabão”, mas prefere se reportar aos autos porque são muitos relatos. As buscas por venenos e pessoas capazes de matar foram encontradas no iPad ou no celular de **Simone e Marzy**. Essas apreensões não foram feitas na sua época, então não sabe declinar com quem foi apreendido esse aparelho. Pelas informações do inquérito, os aparelhos foram apreendidos com as duas. Isso está nos autos. É difícil especificar, neste momento, quais foram as razões que levaram a relatar que **Marzy** teria sido uma das pessoas que ministraram veneno, mas o inquérito é farto nesse sentido. Está recheado de elementos nessa direção, os quais são apontados no relatório. A personalidade da **Marzy**, de acordo com o que foi apurado, era de uma pessoa carente, que queria a atenção da Deputada **Flordelis** a qualquer custo, e estaria disposta a fazer qualquer coisa para obter reconhecimento. Sua relação com a vítima era problemática, de acordo com várias testemunhas, e sua relação com **Flordelis** era boa e próxima com **Marzy e Simone**, mas não sabe declinar de que tipo, qual a motivação, quanto tempo durou, quais as consequências e demais detalhes, mas está tudo no relatório. Recorda-se de relatos de abusos sexuais, mas não se recorda se foi **Marzy** quem trouxe essa informação. Mas de uma pessoa falou sobre abusos e perversões sexuais, mas não consegue se recordar se foi **Marzy**. Sobre a suposta conversa entre **André e Flordelis**, no dia 13/10/2018, saindo do Maracanã, não se recorda de haver alguma outra capturada por mensagem de texto. Há notícias de que **André** sabia das tentativas de envenenamento da vítima, pois tem vínculo subjetivo com as pessoas que tentavam envenenar e não fez nada para evitar o resultado. A Deputada **Flordelis** disse a ele que queria “**acabar logo com isso**”, pediu ajuda, ele se propôs a ajudar, durante esse tempo todo em que eles conversam há **sucessivas tentativas de envenenamento**, então é de se supor que ele sabia de tudo. Nessa conversa do dia 13/10/2018 a ré **Flordelis** não dá notícia a **André** de que ia ser ministrado veneno na comida do Pastor Anderson. Reporta-se a seu relatório. Se houve algum ato executório de **André**, no homicídio tentado por meio de **envenenamento**, estará no relatório. Salvo engano, a informação de que **André** teria efetuado o pagamento de R\$ 2.000,00 à pessoa que estava ameaçando **Rayane**, consta do termo de declaração de Luana. Não é de nenhuma conversa travada via aplicativo de celular. Não se recorda de nenhuma conversa dando ciência a **André** da trama

do homicídio consumado que vitimou o Pastor Anderson. O inquérito 1025 esteve sob sua responsabilidade enquanto esteve na DHNISG. Conhece o policial Thiago Vaz. A informação prestada por ele, em 15/06, que não foi confirmada. Às fls. 14848/14851 há informação sobre conversas entre Luciano Gomes e o Pastor Anderson, mas não se recorda do conteúdo delas. Havia um boato de que Luciano tomaria o lugar do Pastor Anderson, ainda em vida, mas isso também não foi confirmado. Quando alguém depõe em Delegacia, fica consignada sua filiação. Então, possivelmente, quando Jailton foi depor, ficou consignada a dele. É quase certo que sim. Teve conhecimento de que a mãe do Pastor faleceu. **Teve conhecimento do depoimento prestado por ela em que ela disse que o Pastor passava mal depois de se alimentar**, mas esse depoimento foi prestado à Delegada Bárbara. Segundo o que apuraram, Simone e Marzy eram as responsáveis por envenenar o Pastor. O conjunto de elementos indiciários era muito fraco para apontar Gerson nesse sentido. Por isso, o Ministério Público encaminhou expediente para que fosse apurada a participação de Gerson e Gilcineia nesse sentido. Então, é possível que Gerson ainda responda por essas tentativas de envenenamento.

A testemunha **Bárbara Lomba Bueno**, Delegada de Polícia que presidiu o início das investigações, relatou que no dia 16/06/2019, um domingo, o plantão da DHNISG foi comunicado de uma morte violenta dentro de uma casa, em Pendotiba. Conforme o funcionamento da DH, a equipe do plantão do Grupo Especial de Local de Crime – GELC foi até o local com o Delegado de Polícia, o perito criminal e a equipe de investigadores, fez a apuração preliminar e a perícia no local. O que foi constatado inicialmente foi que o cadáver já não estava no local, mas havia vestígios do cometimento do crime. O carro da vítima também não estava lá no local. A equipe de primeiro atendimento cumpriu o que foi possível e, como havia muita gente dentro da casa, por ser uma casa muito movimentada, percebeu um movimento quando o réu **Lucas** transitou pela casa; uma verdadeira comoção. Verificou-se, então, que, em desfavor de **Lucas** havia um mandado de busca e apreensão (VIJI), da época em que era adolescente. Assim ele foi conduzido à Delegacia e dado cumprimento a esse mandado. **Lucas** ficou então apreendido. Sua equipe mais próxima foi, então, para a Delegacia, imediatamente, chegando por volta das 11h00, sendo que as primeiras diligências haviam ocorrido por volta das 8h00. Sua equipe começou a fazer buscas de imagens próximas da casa, na vizinhança, porque havia câmeras naquela rua. Isso tudo durou o dia inteiro, algumas pessoas foram entrevistadas, **Lucas** foi ouvido pela equipe de plantão e disse, inicialmente, que só tinha retornado à casa de manhã, quando **foi avisado do crime pelo réu Flávio**, por volta das 6h00, ou 7h00. Já à noite, por volta das 20h, analisando todas as imagens, junto com os investigadores, viram que, por volta das 03h15, minutos antes do crime, que ocorreu entre 03h20 e 03h30, um carro chegou à rua, parou e dele saiu uma pessoa, que entrou na casa, com uma mochila, parecendo também segurar alguma coisa nas mãos. A

mesma pessoa voltou correndo, sem nada, apenas com o que parecia ser um celular, nas mãos. O carro tinha feito uma manobra no final da rua. A depoente achou aquela pessoa muito parecida com **Lucas**, mas havia uma dúvida na equipe. Decidiu que a dúvida seria tirada com ele, que lá estava preso. Mostraram a **Lucas** o vídeo e ele confessou que era ele. Aí foi o primeiro depoimento diferente de **Lucas**, dizendo que realmente ele tinha estado na casa, para deixar roupa suja para lavar. Ele foi em um crescente. Primeiro mentiu absolutamente, depois foi inserindo algumas verdades, que eram incontestáveis, porque a imagem era dele. Acabou contando quem o havia levado de carro, que era **Daniel Solter, vulgo “Gordinho”**, que fazia serviços de transporte. No segundo depoimento, talvez **Lucas** tenha começado a entender que as coisas podiam ficar só na responsabilidade dele. Não se recorda se foi na mesma noite, ou na manhã seguinte, **Lucas** quis falar novamente com o policial e disse, informalmente, que **Flávio** tinha um **mandado de prisão contra ele, por violência doméstica contra a ex-mulher**. Acrescentou que **Flávio** teria mandado uma foto de uma arma, uma semana antes do crime, ou poucos dias antes – mas não se recorda bem desse tempo – perguntando sobre essa arma, porque **Flávio** estaria querendo comprar aquela arma: uma pistola. Ele não mostrou essa foto, nem chegou a falar sobre o calibre, e disse que tinha apagado do telefone. **Flávio** teria perguntado a **Lucas** o que achava dessa pistola, dizendo que queria comprar uma, poucos dias antes do crime. Naquele mesmo dia, 17/06/2019, foram ao enterro da vítima e cumpriram o mandado de prisão, que realmente havia, contra **Flávio**, sendo ele preso. Tinha havido **declarações categóricas da Deputada Flordelis à imprensa, dizendo que o fato tinha sido um latrocínio, que seu marido tinha morrido vítima de um latrocínio defendendo a família**. Foi esse o termo usado por ela. Então, foram de uma forma disfarçada, porque havia muita comoção, declarações para a imprensa, uma coisa muito confusa. Assim, orientou os policiais a darem a voz de prisão muito perto do réu **Flávio**, praticamente em seu ouvido, ou haveria confusão e ele corria o risco de escapar. Mesmo assim houve confusão e ele conseguiu entrar em um carro. Mais à frente nas investigações conseguiram saber que ele (**Flávio**) **teria passado seu celular e sua carteira, onde havia R\$ 5.000,00 para Simone**, irmã dele. Esse celular é um dos três que **nunca mais apareceu**. O celular da Deputada **Flordelis** ainda chegaram a ver, mas não se pôde apreender. Da primeira vez em que ela foi à Delegacia depor, no dia do crime, às 14h00, ela chegou a levar seu celular, mas ele não foi apreendido. No dia em que fizeram a primeira busca e apreensão na casa, a Deputada também estava com seu celular, mas não puderam apreendê-lo. E **nunca mais depois esse celular apareceu**. A alegação é de que o celular foi perdido. O celular do **Flávio** também desapareceu, sem explicações, e o celular da vítima, que houve uma suspeita de que poderia ter saído da casa no dia da primeira medida de busca e apreensão cumprida no imóvel. **No dia da busca e apreensão, tiveram a impressão de que o celular tocou e posteriormente**

souberam que a antena a que se referia o sinal era a mais próxima da casa. Então, tiveram certeza de que estaria ali, mas não conseguiram encontrar. Essa primeira diligência foi muito confusa, porque não sabiam com o que iam se deparar e realmente havia muito movimento na casa. Tanto que na outra busca, tomaram outro tipo de providência, na chegada, para assegurar de uma forma melhor o cumprimento, mas houve êxito em ambas as vezes. **Flávio** foi preso e, com a prisão dele, foi requerida essa medida, que cumpriram no dia seguinte, 18/06/2019. Entraram no imóvel e o resultado dessa diligência foi o encontro da arma no quarto do próprio Flávio. Essa arma foi para exame de **confronto balístico e se comprovou que era a arma do crime**. Era um quarto onde **Flávio** dormia com a avó e foi o quarto onde **Lucas** teria entrado minutos antes do crime, segundo depoimentos de **Lucas** e de **Flávio**, embora não haja comprovação de imagens. Depois, em declarações, **o próprio Flávio disse que, quando cometeu o crime, colocou a arma onde os policiais a encontraram**, que era um armário no quarto dele, localizado na parede oposta à da porta. Ela estava bem no finalzinho desse armário, muito encostada na parede. Por isso não foi encontrada na primeira busca. Aí, ao final da diligência, resolveram retornar ao quarto e fazer uma varredura melhor, quando o policial realmente viu uma coisa encostada e a alcançou, pois o espaço era muito pequeno, e a arma foi encontrada. No dia do crime, **Lucas** chegou à casa por volta de 3h10 ou 3h15; saiu muito rapidamente, em cerca de 05 minutos, e deixou uma mochila, que depois constataram conter drogas e possivelmente outra arma e dinheiro, porque era o movimento da boca de fumo onde ele atuava. Ele saiu da casa antes de a vítima chegar. Ele relatou que foi, com Daniel Solter (“Gordinho”), a um baile, no Eucalipto, mas antes passou no Badú, onde atuava como traficante, e pegou dois amigos. Ainda antes de ir ao Baile passou na casa de uma namorada, perto do cemitério, para pegar o dinheiro que devia a um dos amigos, e como havia deixado a mochila na casa teve que pegar com a namorada. No momento dos disparos, **Lucas** não estava lá. Pelas câmeras que havia na rua de acesso principal da casa – porque havia um portão traseiro, nos fundos da casa – que são as únicas câmeras que têm, sê vê **Lucas** entrando em saindo da casa, antes da chegada da vítima. Então, tudo indica que ele não estivesse na casa. Há um portão nos fundos, mas em relação a este, não havia câmera nenhuma que conseguissem constatar. Tentaram buscar o percurso do carro de Daniel Solter e tudo indicava que foi feito o que ele e **Lucas** disseram: que foram para o baile do Eucalipto. Não conseguiram constatar um percurso que levasse a entender que **Lucas** tivesse entrado na casa por outro local. No dia de sua prisão, **Flávio** entrou no carro blindado e grande que o Pastor Anderson e Deputada **Flordelis** usavam com frequência, mas não se lembra do modelo. No carro estavam a Deputada, a mãe dela, a ré **Simone** e não se recorda se também havia seguranças. Nesse momento ele teria conseguido passar se celular para outra pessoa, o que ele negou, dizendo que o aparelho havia ficado em casa, onde teria dado

instruções a **Simone** para guardar e não entregar a ninguém. No entanto, houve depoimento, se não se engana, de “**Mizael**”, dizendo que alguém havia dito a ele que **Flávio** passou o telefone a **Simone** naquele momento. Daí ele sumiu. Nunca mais encontraram os celulares de **Flávio** e da vítima. Muito perto da prisão de **Flávio**, talvez no dia 19 de julho, e talvez porque tenham lhe contado sobre o que **Lucas** havia dito sobre a arma, mas não se recorda da abordagem, ele havia pedido ajuda a **Lucas** para adquirir uma arma porque estaria com medo de **Lucas**. Coisa que não encaixa. São declarações muito truncadas, porque não existe alguém adquirir uma arma com o próprio algoz. **Flávio** disse também que, no dia do crime estaria dormindo no quarto, **Lucas** chegou para tomar um banho e, lembrando de discussões, do perigo que ele representava e por ter visto **Lucas** armado naquela madrugada, **Flávio** resolveu, depois de 10 minutos que **Lucas** havia saído – portanto resolveu devagar – ir atrás de **Lucas**, porque ele poderia fazer alguma coisa contra alguém na casa. Pegou na gaveta a arma que admitiu que havia comprado, desceu armado, não encontrou **Lucas**, mas viu a vítima, ao lado do carro, e lembrou de coisas que já havia ouvido sobre a vítima, pela Deputada **Flordelis** e **Simone**, de que a vítima teria abusado, praticado crimes sexuais, contra algumas pessoas da casa – moças, meninas – e ele, mesmo alegando que tinha raiva, mas que não tinha pensado antes em matar a vítima, naquele momento viu a vítima ali, sentiu ódio e fez os disparos que resultaram na morte da vítima. De cara já se vê que as coisas não foram dessa forma, mas foi importante, naquele momento, que ele **confessou a execução**. Ele não teria visto nenhum abuso, apenas ouvido os relatos de **Flordelis** e **Simone**, uma forma de motivá-lo à prática do crime. Formalmente ele não reconhece esse incentivo, mas, ouvido informalmente, ele chega a perceber que pode ter sido influenciado, por meio dos relatos de abusos de garotas pelo Pastor. Ele nunca deixou de admitir que praticou o crime, e falou muito dessa influência. É certo que nenhum deles gostava da vítima Anderson. Falando sobre o contexto, a Deputada, quando muito mais jovem, residia no Jacarezinho, como falou à depoente em seu depoimento prestado na Delegacia, e começou um trabalho de evangelização de crianças que ficavam nas ruas e que estariam sem perspectiva. Nesse trabalho ela conheceu o Anderson (vítima), com cerca de 16 anos, e os primeiros rapazes que foram para a casa dela: **André, Carlos e “Mizael”**. Eles começaram a frequentar a casa dela mais ou menos na mesma época. Só que Anderson assume um protagonismo porque ele já era um jovem com mais conhecimento, mais proativo. Começa a trabalhar junto dela e eles começam um relacionamento. A deputada tinha já três filhos biológicos, de um primeiro casamento: **Flávio, Adriano** e **Simone**. Essas pessoas começaram a conviver e, fora **Adriano**, que é um pouco mais novo, são todos mais ou menos da mesma idade. **Flávio** relatou à depoente que se afastou da família naquela época. Durante as investigações, comprovaram que as relações ali não eram tradicionais. Não era uma relação marital tradicional entre a deputada e Anderson (vítima). Nunca foi. A história de os outros se referirem a ele como

pai nunca existiu. Eles todos são contemporâneos e são um grupo que conviveu inicialmente naquele núcleo. Tanto que eles assumiram todas as tarefas principais de administração e de autoridade sobre as crianças que vieram depois – trinta e poucas – quando a Deputada **Flordelis** conseguiu a guarda e depois adotou várias. Cada um assumiu funções e eles se referiam uns aos outros pelos nomes. **Não havia essa coisa de ele pai e ela mãe. Era todo mundo amigo e havia vários tipos de relações entre eles.** O **Flávio** se disse revoltado com algum tipo de relação que viu, porque parece que havia algum tipo de relação sexual entre eles. Depois que a Deputada **Flordelis** assumiu o casamento com Anderson, ela não tinha só relações sexuais com ele e ele não tinha só com ela. Eram todos eles que se relacionavam. **Simone**, por exemplo, teve filhos com **André**. Então, essa coisa de irmão... Não havia essa ligação familiar convencional. Eles não se tratavam assim. **Flávio** se disse revoltado com isso e foi morar com a avó durante muito tempo. Ele tinha uma relação com a mãe de rejeição, mas um amor muito grande também, que se pode ver. É preciso que se diga, também, que, no passado, a Deputada **Flordelis** exercia uma reitoria mesmo, uma influência muito grande sobre todos esses componentes. Ela era a figura central. Tudo era baseado nela. A história de vida dela é interessante. Não pode dizer que, lá no passado, não houve um fundo de verdade no que ela fez. Formaram uma Igreja e Anderson (vítima) foi se mostrando uma pessoa muito preparada e muito visionária, por isso foi assumindo. Ao que tudo indica, **Flordelis** o elegeu para ser também a figura do marido porque ele tinha mais condição de estar junto com ela, à frente. Mas ela era a figura principal, a influenciadora de tudo e o nome é dela. Tanto que ela depois virou a deputada. Ela é a Pastora, a artista, a cantora, mas Anderson ajudou a transformá-la nisso. Porém, inicialmente, o Anderson não era protagonista de nada. Era ela. Além dessa revolta inicial do **Flávio**, que certamente não gostava de Anderson, veio, depois disso, a grande quantidade de crianças para a casa, ficou muita gente, a história e o poder deles foi aumentando de tamanho, a igreja foi crescendo, criando adeptos. Nisso tudo o Anderson começou a agenciar, ou empresariar, ela virou cantora, artista, gravou CDs, fez shows e, por fim, entrou na política e Anderson participava ativamente nessa parte. Acredita que pelo crescimento do número de pessoas nesse convívio e pelo poder que foi se criando, nas mãos da Deputada, dentro daquele grupo de pessoas, e Anderson era a pessoa principal ao lado dela, estabeleceu-se ali uma lógica de relação familiar, de manipulação, de estratégias, de grupinhos. Algumas pessoas tinham que conviver mais com algumas do que com outras. Ficou muita gente e muito poder. Fachadas tinham que ser montadas porque eles tinham um apelo religioso muito grande e alguns conceitos religiosos são muito conservadores e tradicionais e muitas coisas que aconteciam na casa não podiam aparecer. Então isso tudo fez parte e influenciou para que se criasse uma imagem de casamento tradicional - que não havia - culminando até com o filho (Daniel), que supostamente seria filho biológico da vítima e da Deputada, e que depois se comprovou que não era

filho de nenhum dos dois. Embora ele seja **falsamente registrado pelos dois**, encontraram sua mãe biológica. O que a Deputada conta sobre as crianças iniciais é que estavam nas ruas e uma das moradoras de rua acabou pedindo a ajuda dela, para ficasse com elas, porque estariam em risco, sofrendo ameaças. Inicialmente houve uma decisão judicial determinando que ela as devolvesse para abrigo e ela chegou a fugir com as crianças, mas depois conseguiu a adoção, salvo engano, da maioria delas. Mais recentemente houve outras crianças que foram para lá, algumas já adolescentes, caso do **Lucas** e da irmã. Era uma abordagem de pessoas muito humildes, que não tinham condições. Houve apenas um relato de uma criança tirada à força, por um homem que procurou a DH para relatar. Ele conviveu com uma das filhas adotivas da Deputada **Flordelis** e teve um filho, mas parece que essa filha era usuária de drogas, embora não tenha conseguido falar com ela, que se não se engana, se chama Cristiane. Se não se engana, **Flordelis** pagava um apartamento para eles morarem. Eles se separaram, ela não fazia questão de ficar com a criança e ele queria. Então ele ficou com a criança. Mas **Flordelis** e o núcleo familiar principal assim não desejavam. Atraíram-no para um local Niterói, supostamente para conversar ou entregar algo voltado para a criança e, segundo ele, lhe tomaram a criança, à força. Ele disse que esteve na casa depois disso, uma vez ou duas, mas em uma dessas vezes foi agredido por Anderson, por **Flávio**, que ele disse que estava armado. **Flávio** tem algum histórico de violência. Fez **curso de tiro**. Talvez por causa dessa revolta. Nota-se que ele é mobilizado psicologicamente. Ele tem um episódio de violência registrado contra sua ex-mulher. Eram ameaças, em descumprimento de medida protetiva. Se não se engana, foi decretada a prisão preventiva porque ele começou a enviar fotos de armas para ela, que se chama Tatiana, dizendo que ia arrebentar os dois: ela e uma outra pessoa com quem ele imaginava que ela estivesse tendo um relacionamento. Acredita que ele tenha feito o curso de tiro nessa época, pois encontraram certificado quando fizeram a busca. Presidiu essas investigações até janeiro de 2020. O inquérito 526 foi concluído pela depoente e trabalhou em boa parte do segundo, o inquérito 777, que deu origem e este processo. Só não sabe dizer quanto aos resultados dos exames dos telefones apreendidos e quanto ao laudo da reprodução simulada. Mesmo sendo muito flexível com a definição de casamento, o da vítima com a ré **Flordelis** se parecia com acordos e funções a que as pessoas foram alçadas. Parecia-se muito com uma estratégia da qual Anderson, em boa parte, participou, por meio da definição de funções e divisões, mas, ao que tudo indica, Anderson foi escolhido pela Deputada flordelis para a figura de marido. Não pode ser leviana e dizer que nunca houve um casamento. Pode ter havido, mas não na forma como era pregado, por exemplo, na igreja. Principalmente entre os integrantes do primeiro e principal núcleo que se formou: **Carlos, André, Simone, Flávio, não tratavam Anderson como pai**. Isso não existia. Isso segundo depoimentos prestados em sede policial, como o de “Mizael”. Anderson era “Niel” e não pai. A deputada também tinha uma denominação

que não se lembra. Todos eram amigos e convivas. Depois houve relatos de que **entre todos havia relações sexuais**. Não há julgamento nem juízo de valor aqui, mas para a igreja precisava haver uma fachada. Então isso já é uma mentira. As relações são baseadas em mentiras e as pessoas da família aprenderam que essas relações têm que ser baseadas em mentiras. Ficou claro pelos depoimentos, e pelo que levantaram durante a investigação, até por meio de pessoas que não quiseram aparecer e mandaram informações, que, com o aumento do poder, estabeleceu-se uma relação de manipulação sutil. Como eles se conheciam muito bem, havia uma exploração de fragilidades de uns e de outros. Isso ficou claro. E a Deputada **Flordelis** sabe fazer isso muito bem. Ela **tinha uma influência muito grande**, pelo menos inicialmente, e essa **influência afetiva e psicológica ela nunca perdeu. Só perdeu o poder e isso, segundo a investigação, foi um dos motivos determinantes do crime**. Havia perda de poder ali. **Anderson (vítima) assumiu um protagonismo absurdo**. Começou a comandar os rumos de tudo, inclusive da vida pessoal e do comportamento da Deputada **Flordelis** na Câmara dos Deputados. Como ela tinha que se comportar, para quem olhar, como falar os discursos: tudo era ele que fazia. Então foi uma invasão completa da vida e da individualidade dela, talvez. Ele sempre administrou a carreira religiosa e política dela. Isso tudo, acredita e há provas suficientes no sentido de que foram iniciativas dele. Ele fez esse crescimento e projetou a imagem, que, faça-se justiça, era dela. Nada foi de uma hora para a outra. Anderson começou como um menino que foi para lá e foi **colocado na função de marido porque percebeu-se que ele tinha muita capacidade de articulação, falava muito bem e tinha mais visão**. À medida que o poder foi crescendo, várias atividades foram aumentando, ele projetou e transformou a Deputada **Flordelis** em uma cantora, aumentou a Igreja, ele próprio virou Pastor, porque foi vendo que havia possibilidade de crescimento. Nessa onda de 2018, a **Flordelis** conseguiu o mandato de Deputada Federal, pois ele certamente viu essa possibilidade. Parece que o mandato foi um divisor de águas para determinar que ele ia mesmo morrer. Ali apareceram outros problemas. Apuraram que já havia tentativas de cooptar pessoas daquele núcleo familiar. **Lucas** é uma delas. **Simone falou com uma pessoa com quem se relacionava sobre matar a vítima**. Então, apuraram que antes da assunção do mandato já havia essa intenção, porque esse núcleo inicial nunca gostou do Anderson e havia pessoas que apoiavam e incentivavam a Deputada. **Simone**, por exemplo, tinha uma fala muito expressiva, que dizia: **“A Deputada é você. Você é a Flordelis. Não é ele”**. Havia um relacionamento entre eles, mas também havia um descontentamento geral com Anderson, principalmente dos presentes aqui, que eram o núcleo principal, formado pelos adolescentes que foram para a casa da Deputada inicialmente, que **conviviam com Anderson como se fosse um igual, pois ele era um igual lá atrás. Depois foi ele que adquiriu um poder e uma autoridade que entendiam não caber a ele**. Talvez coubesse a ela. **O Pastor era muito rígido e começou a tomar o controle de**

**tudo mesmo.** Tinha regras um pouco diferentes das dela com questões comportamentais, de controle de gastos e de dinheiro. Ele controlava absolutamente tudo. O dinheiro sem dúvida nenhuma. O gabinete, quando ela assumiu como Deputada Federal, ele controlava. A depoente quis falar tudo isso para ilustrar: **ele a controlava a ponto de dizer como tinha que se sentar, para quem olhar e como olhar. Isso é muita invasão na vida de alguém. Isso já era relatado como algo que não se suportava mais, mesmo antes da assunção do mandato. Ele administrava tudo, inclusive as finanças, mas colocava pessoas para ajudar.** “Mizael” era uma dessas pessoas. Anderson era mais restritivo com o dinheiro e os réus não gostavam disso. Estavam descontentes e isso foi uma das razões de desentendimentos ali. As compras da casa ficavam a cargo de auxiliares dele porque ele participou da divisão de funções no grupo familiar, quando já tinham muito mais dinheiro e poder. **Carlos** cuidava de muitas questões da casa, e “Mizael” o ajudava com as questões financeiras da gravadora e da igreja. Tanto que **Carlos** e “Mizael” viraram Pastores importantes, porque a Igreja cresceu muito. Havia sete templos na época do crime e estavam construindo outra, muito grande. Na primeira busca e apreensão, do dia 18/06/2019, apreenderam vários telefones e a arma. Havia muitas mensagens e arquivos apagados. Foram então remetidos ao Ministério Público, por conta de ter tecnologia para recuperá-los. Só que, na Delegacia, conseguiram ter acesso a algumas coisas que estavam mais fáceis de se ver. **Chamou a atenção que, no telefone de Simone, havia pesquisas de um veneno específico,** que não se recorda. Essa investigação foi muito dificultada justamente porque várias pessoas dentro da casa sabem manipular e colocar mentiras. A lógica de relação deles é essa. Eles aprendem desde muito cedo a usar um ou outro, a fraqueza de um e o que outro não gosta. Por exemplo, a vítima foi morta porque certamente o executor foi manipulado, porque sabiam desses desentendimentos e isso foi trabalhado. Então, no dia em que a maioria dos familiares prestou depoimento, foi organizada uma grande operação, quando mais de trinta pessoas – especialmente as que estavam na casa no dia do crime – foram ouvidas todas ao mesmo tempo. Nesse dia, antes mesmo do depoimento do “Mizael” surgiu uma notícia de que teria havido **tentativa de homicídio por intoxicação da vítima, por meio de alguma substância venenosa, drogas ou remédios, que colocavam em seus alimentos e bebidas.** “Mizael”, no dia da busca e apreensão, já havia falado isso aos policiais. Ele foi o primeiro, mas no dia 24/06/2019, quando a maioria das pessoas foi ouvida, alguém falou novamente sobre isso. Se não se engana, **Marzy** confessou alguma coisa sobre isso. Foi quando **Marzy** confessou que ela estaria usando o telefone da Deputada **Flordelis**, onde realmente havia uma **mensagem tentando cooptar Lucas para matar o Pastor,** que teria sido enviada por **Marzy.** Nessa ocasião **Marzy** também comentou alguma coisa que davam para Anderson ficar calmo porque ele estaria muito agitado. Ele era realmente muito agitado porque fazia muitas coisas. Constataram que ele realmente foi atendido várias vezes em hospitais

de Niterói, especialmente o da Rede D'Or. Pediram o prontuário de todos os atendimentos e os médicos foram ouvidos, talvez pelo Delegado Alan. Houve **relato de alguém que passou mal depois de ter ingerido, por engano, um alimento do Pastor**. Os depoimentos são importantes, claro, mas os integrantes do núcleo familiar têm essa lógica das mentiras e de saber como atrapalhar os trabalhos da polícia. Era muita gente, cada um falando uma coisa e de forma difícil de compreender. Alguns iam à Delegacia sob efeito de remédios e era difícil de extrair a informação verdadeira. Eles atrapalharam muito essa investigação, mas no **telefone da Simone havia uma prova de uma pesquisa em busca de veneno, de saber como comprava e de seu efeito**. Isso deve ter sido constatado depois, no relatório do Ministério Público. Houve um depoimento prestado por uma testemunha, na Delegacia, que não foi assinado, porque havia um advogado acompanhando algumas testemunhas, mas não outras, e ele entrava na sala procurando saber o que estavam dizendo os que não eram seus clientes. Uma pessoa questionou o que ele fazia na sala, pois não era seu advogado. Depois **o advogado quis exigir cópias**. Ficou bem difícil trabalhar nesse inquérito, mesmo estando sob sigilo, na época. **Ele então orientou que seus clientes não assinassem os depoimentos**. Por isso fez um despacho, logo em seguida, explicando por que os termos de Isabel, ou Anabel, não estavam assinados. Não se lembra quantos familiares falaram sobre essa tentativa de envenenamento na Delegacia, mas era curioso que até essa cooptação do **Lucas** e de outras pessoas para matarem o Pastor, por dinheiro, havia um comentário como se isso fosse uma coisa corriqueira da vida. O Pastor ficou sabendo das mensagens trocadas sobre o plano de matá-lo, porque eles se comunicavam muito por mensagens, um usando o telefone do outro, então não se sabe quem estava realmente escrevendo. Nesse ponto, era bem pensado. **Ele (vítima) ficou sabendo, através de uma sincronização de equipamentos, mas a autoconfiança dele era tão grande, que não acreditou**. No máximo comentou com a Deputada **Flordelis**, deu uma bronca no **Lucas**, com quem já estava estremeado, porque ele já estava no tráfico. **Lucas** havia até se afastado e, segundo eles, não estava frequentando muito a casa. Ele falava apenas com a mãe, **Flordelis**. Não ia quando o Pastor estava em casa. **Anderson não acreditou porque detinha muito poder e se achava inatingível por ali**. Não achou que alguém pudesse ter coragem. E aí é que entra o que talvez determine a participação da Deputada **Flordelis** nisso tudo. A vítima tinha muito poder ali dentro, outorgado pela **Flordelis**, lá no início, que foi insuflando e empoderando Anderson. Depois ela pode ter ficado descontente com o alcance e a proporção que isso tomou. Então, **realmente ninguém faria o que fez com a vítima, sem o consentimento da Deputada. Ela (Flordelis) tinha ascendência sobre todos**. A inicial era dela. Quem colocou Anderson naquela posição de poder foi ela e quem poderia tirar era ela. Tem segurança em dizer que nenhum deles poderia tomar a frente de uma prática desses. **Flávio** não tinha psicológico para fazer isso sozinho. Jamais

aconteceria. A vítima estaria trocando de roupa no momento do crime. Já a tinha tirado e **foi encontrada de cueca**. Ele estava próximo do closet e do carro, teria voltado ao carro para alguma coisa e o portão principal estava aberto. A hipótese de latrocínio foi propagada para a imprensa, com certeza e convicção, por uma pessoa que alegou que não viu nada. Ela (**Flordelis**) nunca disse formalmente, na Delegacia, que uma moto os havia seguido. Disse para a imprensa. Nas imagens, viram que uma moto realmente passou pelo veículo, mas não com características de o estar acompanhando, tanto que segue outro caminho. Então, isso causou espanto nos investigadores, pois parecia uma tentativa de direcionar a investigação para aquele caminho. Uma pessoa que não viu nada e estaria indignado deveria ter dito à imprensa que o interesse era apurar o que aconteceu, doa a quem doer. **Como é que a Deputada afirmou para a imprensa que a vítima morreu para defender a família e se trata de assaltantes que entraram na casa, se depois a mesma Deputada disse o tempo todo que não viu nada.** Todos os outros, certamente, afirmariam a mesma coisa. Outra coisa que causou estranheza foi a **demora para socorrer a vítima**: em uma fratura se sabe que não se deve mexer, mas no caso de vários tiros, com gravidade, se coloca no carro e se socorre imediatamente. Isso não existe. E se houver demora, faz-se outra coisa: chama um vizinho. Eles tinham tudo ali. Todos os recursos para socorrer. Acha que foram 30 minutos falando ao telefone se estava vivo ou morto. Um não tinha condições de falar, chorava, passava o telefone para o outro. Aí, finalmente, **Ramon conseguiu falar e disse ao médico**, salvo engano, do SAMU, que atendeu ao telefone, e falou para fazer uma manobra de ressuscitação, **“que já era, que estava morto”**. O **médico estranhou** isso na hora, fez questão de depor e de consignar isso no depoimento dele. **Já era, estava morto, mas, mesmo assim, colocaram no carro e retiraram do local o que então já era um cadáver.** A médica do hospital Niterói D’Or foi precisa, ao ver o cadáver e dizer que não tinha mais o que fazer e que **já estava morto havia um tempo**. Supostamente, porque o socorro estaria demorando, **Flávio** teria ido tentar falar com policiais militares em um DPO ou uma cabine que havia perto. Viram pelas imagens que ele realmente saiu com o carro dele, um Fiat Uno, e voltou minutos depois. Nisso tudo, a vítima deitada lá. Uma pessoa que teria sido vítima de latrocínio, praticado por pessoas estranhas, que invadiram a casa e poderiam ainda estar por ali. E todo mundo esperando algo cair do céu. Quando constataram que realmente estava morto, como falaram com o médico, pelo telefone, colocaram o cadáver no carro e tiraram dali. **Flávio** e Daniel. Este, que seria filho biológico, tinha vindo da casa da namorada, entrou na casa, ouviu os tiros. Disse ele que ficou meio atônito e ajudou, por ter tido uma impressão de ver a vítima se mexer, mas certamente havia pessoas ali que tinham certeza de que a vítima estava morta. Depois que **Flavio** confessou, foi colocado junto com **Lucas** em uma sala com gravação de vídeo, eles falaram da compra da arma. **Lucas** fez contatos por meio do Daniel Solter (“Gordinho”). Este se dizia usuário de drogas e, por isso, frequentava a

boca de fumo. Assim conheceu **Lucas** e tinha contato com traficantes. **Flávio** procurou **Lucas** para comprar a arma e este procurou Daniel Solter, que teria feito contato com traficantes e conseguido uma arma na Nova Holanda, no Rio. Os três teriam se encontrado para ir até lá buscar a arma e pagar. A polícia monitorou o deslocamento dos carros e realmente tem esse trajeto pela Avenida Brasil, eles pararam na altura da Nova Holanda/ Parque União, onde disseram que efetuaram a compra. Então, os dois falaram sobre essa compra, **Flávio** disse que **Lucas** pagou uma parte, o que este negou, e **Flávio** nunca justificou como pagou essa arma, embora não tivesse rendimentos. Havia um tempo que ele estava ajudando em Brasília, mas, na verdade, estava se escondendo porque havia um mandado de prisão pendente contra ele. Curiosamente ele voltou para o Rio no fim de abril, ou início de maio e o crime foi cometido em junho. E ainda com o mandado de prisão vigorando. Se ele estava em Brasília ganhando tempo para tentar reverter o mandado de prisão e não ser preso, por que voltou ao Rio às vésperas do crime, ainda com o mandado de prisão válido contra ele? **Flávio** foi muito envolvido, de fato, para a prática do crime. Então, **Flávio e Lucas** têm contradições. **Flávio** disse que **Lucas** pagou uma parte e este negou, mas admitiu ter ido junto, até a Nova Holanda, comprar a arma. Essa compra ocorreu dias antes do crime. Dia 21/09/2019 foi feita reprodução simulada do crime. Houve várias reviravoltas, renúncia e troca de advogados, tentativa de convencimento do **Lucas** para que mudasse seu depoimento. Dentro da DH, durante o prazo da prisão temporária autorizada pelo Juízo, não permitiu que eles ficassem juntos, já que começaram a surgir contradições entre eles. Quando foram para a SEAP, colocaram **Lucas**, que era do tráfico de drogas, do “Comando Vermelho”, salvo engano, no Presídio Bandeira Stampa, que é de milicianos e ex-policiais. Queriam colocar na mesma cela que **Flávio** e acha que chegaram a ficar juntos. Quem conseguiu um negócio desses? Jamais alguém ligado ao tráfico fica no Bandeira Stampa. Tanto que isso foi corrigido, quando se soube. Então, tentou-se, o tempo todo, convencer **Lucas** a assumir sozinho o crime. **Lucas** só confessou ter ajudado a comprar a arma e depois, não se lembra em qual depoimento, porque foram alguns só dele, que ele foi levar uma mochila, onde havia drogas e o resultado do movimento daquele dia da boca. Depois os traficantes cobraram a devolução dessa mochila, só que **Lucas** foi apreendido e não voltou. Aí **Flávio** teve que falar com Daniel Solter sobre isso. Este tinha sido cobrado por traficantes, por ter levado o “Pirulito” (apelido de **Lucas**) a algum lugar e queriam saber onde, porque a “parada” lá era deles. Tinha “resposta” lá na mochila e queriam de volta. **Flávio** intermediou esse contato com Daniel e passou para **Simone** ou Lorraine, que é filha desta, para levar a mochila e devolver aos traficantes. **Um dos advogados do Flávio**, Dr. Mayr, cujo primeiro nome não se lembra, **falou com Lucas na cadeia**. Eles alegaram que Lucas tinha pedido alguma coisa e foram até lá só para saber como ele estava. Houve coisas do arco-da-velha durante essa investigação. Quando se chegou à reprodução, **Lucas** tinha dito que participaria. Só que houve essa

troca de advogados o tempo todo, ninguém sabia quem estava abordando para o advogado oferecer, ele trocou de advogado várias vezes e acabou ficando com a Defensoria, no fim das contas. Mas chegou o dia da reprodução e, no momento de **Lucas** iniciar sua participação, ele disse que não faria. **Depois a polícia soube que os advogados de Flávio tinham falado com ele antes da reprodução.** Então Lucas não participou e Flávio já havia dito que não participaria. Foi removida da Delegacia e não chegou a ver o laudo, mas os peritos conversaram com a depoente. Eles chegaram à conclusão, pelo que viram na reprodução, de que a dinâmica, seria realmente de o **Flávio** ter estado no local, no primeiro momento, e ter atirado na vítima. Havia muita contradição com relação a onde **Flávio** estaria depois dos tiros. Pessoas dizem que viram **Flávio** subindo a escada. Outras dizem que só viram o **Flávio** lá embaixo. Como **Flávio** não participou da reprodução, os peritos tiveram que se basear na declaração prestada por **Flávio** em sede policial. **Flávio** disse que atirou na vítima porque decidiu na hora, guardou a arma no quarto e foi, por dentro da casa. O quarto dele é quase em frente ao da Deputada, quando se entra pela cozinha. O dele é à esquerda e o dela à direita, havendo uma sala grande entre eles. Ele disse que passou pelo quarto da Deputada, viu a luz acesa, mas não viu ninguém. Subiu a escada e, no segundo, o no terceiro andar, encontrou a Deputada **Flordelis** já batendo à porta de alguém. Daniel, que seria filho biológico da Deputada e da vítima, não disse ter visto o **Flávio** lá em cima. Daniel morava em uma casa anexa, fora da principal. Ele ouviu os tiros, se escondeu, porque não sabia o que estava acontecendo e, quando o barulho cessou, saiu de sua casa, entrou pela mesma porta da cozinha por onde **Flávio** também disse ter vindo o quarto, acessou a mesma sala entre os quartos de **Flávio** e da Deputada **Flordelis** e subiu, mas não viu **Flávio** lá em cima hora nenhuma. Ele disse só ter encontrado o Flávio quando desceu novamente. A Deputada já estava gritando lá em cima e ele viu o Flávio lá embaixo, com a vítima. Então há essas contradições. E os peritos concluíram que **Flávio**, realmente, estava na posição que relatou, que atirou e que não se sabe por onde ele saiu. Se ele subiu, pode ter voltado por dentro do quarto, porque essa mesma escada, que vai para os outros andares, tem uma comunicação com o quarto da Deputada e com o closet. Então a uma pessoa consegue sair sem ser pela porta da cozinha. Pode sair pela porta do closet, já para a garagem. Então, se **Flávio** realmente subiu, ele pode ter saído pelo closet ou subido por ali. Daniel não passou pela garagem, ele subiu pela porta da cozinha, que era mais em frente à casa dele. Isso demonstra que havia conhecimento do que **Flávio** ia fazer, por outras pessoas da casa. Ele não estava sozinho na empreitada. Tanto que foi comprovado que outras pessoas participaram do planejamento. **Lucas** disse que, quando entrou na casa, viu **Flávio** falando ao telefone. Este, por sua vez, disse que estava dormindo quando aquele chegou. O telefone de Flávio nunca foi recuperado. Não sabe o resultado, mas em outros telefones pode ter sido constatada alguma mensagem para Flávio de madrugada. Uma mensagem constatada por

depoimentos foi do telefone da Deputada – ainda na rua, voltando para a casa com a vítima – para o telefone de **Marzy**, dizendo que estava chegando, mas não de uma forma direta. É algum aviso, segundo a Deputada **Flordelis**, para que **Marzy** acordasse no dia seguinte porque ela teria que ir à igreja. Bem, havia muito risco de uma mensagem enviada às 3h00 da manhã não ser vista e ninguém ia acordar a Deputada às 8h00 da manhã. Como ter segurança? E foi minutos antes de eles chegaram em casa. Então não sabe se depois ficou constatado alguma mensagem ou comunicação de **Marzy** para com **Flávio**, de madrugada, do telefone de outros. A pistola encontrada no quarto de **Flávio** era uma Bersa 9 mm e haviam sido arrecadados 9 estojos no local, salvo engano, que foram compatíveis com a arma. A balística disse que daquela pistola saíram aqueles estojos encontrados no local. A DH tinha um equipamento eletrônico que fazia um indicativo de confronto balístico. Um banco de dado. Havia um escâner de estojos e até de alguns projéteis que estivessem mais íntegros. Basicamente é um escâner que gera uma imagem tridimensional, inclusive, do material escaneado - do estajo – onde aparecem as marcas que vão ser confirmadas no microcomparador balístico. Aquela máquina faz, simplesmente, a partir do algoritmo, uma indicação de ranking. Dando um exemplo, essa máquina fazia isto: tem um crime na DH, se arrecadava o estajo no local, passavam-se os estojos nesse escâner, ele gerava uma imagem para dentro da máquina e o algoritmo dava um código para aquele estajo, com as marcas vistas ali. Se depois, sem a arma ser apreendida, outro estajo da mesma arma fosse apreendido, em outro local, e escaneado pela máquina, ela já reconhecia aquele novo estajo com as mesmas marcas semelhantes ao anterior. Então, ela dá um indicativo de que aqueles estojos teriam saído da mesma arma. Assim tinham uma ideia de que, em locais muito próximos de São Gonçalo, por exemplo, a mesma arma estava sendo usada para matar diversas vítimas. Portanto, havia a indicação de que o mesmo grupo deveria estar matando. Isso é primordial para a investigação. Mas essa indicação precisava ser confirmada no microcomparador balístico e foi enviada. Esse equipamento era usado para ter uma informação preliminar em tempo real. Essas imagens eram examinadas por uma perita criminal que conhece e já trabalhou em balística muito tempo. Então, sempre foi esse o procedimento: quando uma arma era apreendida coletavam o estajo na DH mesmo e mandavam para o setor dela para ela fazer o escaneamento na máquina e um relatório, assinado por um perito, que só não era o laudo. E ela já veio para a depoente com uma afirmação preliminar dizendo que aquela arma seria a arma do crime. Poderiam mandar para o microcomparador balístico do ICCE, que ia dar positivo. E assim foi. Enviaram o material todo para o ICCE e **o microcomparador balístico confirmou que a era a do crime; a arma dos estojos que estavam no local.** Não se lembra se foi possível ter balística dos projéteis retirados do corpo da vítima, porque às vezes estão deformados e não é possível fazer a comparação, mas, salvo engano, algum fragmento de projétil extraído do corpo da vítima também deu

positivo para aquela arma encontrada no quarto do **Flávio**. Perceberam, na Delegacia, que havia um **pele preso ao cano da arma**. Chamaram imediatamente o perito da DH e ele coletou. Quando **Flávio** estava preso, ele forneceu material genético e fizeram o **confronto de DNA no laboratório da Polícia Civil, que deu positivo para o pele que estava na arma apreendida no quarto ele**. Era o DNA dele. Tudo transcorreu normalmente e espontaneamente durante a **confissão de Flávio**. Quando ele prestou declarações se a assistência de advogado, concordou em fazê-lo. Foi **filmado**. Tudo dentro da normalidade. Não houve nada constatado, durante a estadia de **Flávio** na Delegacia, que pudesse remotamente indicar algum tipo de pressão ou de condições adversas, insalubres, ou de mal tratamento, dentro da Delegacia. Tudo faz parte das muitas tentativas de atrapalhar, que sofreram durante essas investigações. Ainda presidia o inquérito na época da carta. Em setembro de 2019, depois da decisão do STF constatando que o crime não teria relação com as funções de parlamentar da Deputada **Flordelis** e fixando a competência do Juízo da 3ª Vara Criminal, conseguiram apreender o telefone que a Deputada usava, que **não era mais o aparelho antigo. O primeiro sumiu e ela (Flordelis) já usava outro**, que conseguiram apreender. Ela disse que perdeu o anterior, mas não soube dizer como, nem em que circunstâncias. De cara, viram que havia, no telefone dela, uma ligação gravada de uma pessoa dizendo barbaridades, sobre a pessoa da depoente, inclusive. Dizia que a depoente colocava escutas telefônicas em todo mundo, que investigava assim, se dizendo um policial que já tinha trabalhado com a depoente em algum lugar, coisa que não ficou comprovada. Dizia também que teria acesso a informações da DH, que poderia negociar. Vai depor um policial, chamado Mário Júnior, que vai saber falar com mais detalhes sobre essa questão dos telefones. Era mais de uma linha, porque ele também deu outros telefones de contato. E há outras conversas no telefone dela. Mas essa linha, se não se engana, estava cadastrada em nome de um presidiário, que inclusive ouviram. Ele era do nordeste e se envolveu com o tráfico. Não tinha absolutamente nada a ver. Era um preso que estava no sistema penitenciário e alguém tem acesso a esses cadastros e usou. As suspeitas são de que alguém de dentro da cadeia teve acesso e quem ligou para a Deputada tem relação com esse ambiente, mas, salvo engano, não se comprovou que foi que fez essa ligação. Ao mesmo tempo, nessa mesma época, surgiu uma notícia de que uma carta tinha sido apresentada ao Ministério Público, onde chegou primeiro do que na Delegacia. Não se lembra se foi o Dr. Sergio do Lopes, do GAECO, que ligou para dizer que alguém estava mandando uma **carta, que Lucas teria escrito na cadeia, dizendo que teria cometido o crime e atribuindo o mando do crime a “Mizael” e Luan**. Só que, logo depois, essa carta chegou à Delegacia também. Os policiais, prosseguindo no exame do telefone da Deputada, viram conversas com uma pessoa, a ré **Andrea**, que visitava um presidiário, o réu **Marcos**. E elas falam sobre essa carta. **Andrea, conversando com a Deputada diz que o marido conheceu o Lucas na cadeia**. Uma conversa

mole, como se fossem íntimas e se conhecessem havia muitos anos, mas tinham se conhecido naquela hora, ao que parecia. **Andrea** dizia que o marido tinha conversado muito com **Lucas** e este estava querendo confessar. Aí o convenceram a fazer uma carta. Isso porque o **Lucas** estava no mesmo presídio que o **Flávio**, com os advogados todos falando. Lembraram-se que, no dia da segunda busca, quando apreenderam o telefone da Deputada, um policial tentou ver o telefone do réu **Adriano**, filho dela, mas como não era objeto específico do mandado, o Promotor que acompanhava a diligência achou melhor não levá-lo. **Adriano** tinha entregado o telefone e depois não quis entregar, mas o **policial Mário tinha visto a foto de uma carta manuscrita no telefone do Adriano**. Ele já tinha voltado com isso na cabeça, depois dessa busca do dia 17/09/2019. O telefone do réu **Adriano** só foi apreendido depois, em novembro de 2019. Na busca realizada na casa de Luciano, chefe de gabinete da Deputada Flordelis, foi que **Adriano**, que é genro dele, **tentou esconder seu telefone em uma caixa de pizza**, já vazia, que estava na cozinha. Era muito difícil conversar com **Adriano**. O procedimento era este, de ficar se escondendo e tentando ocultar provas. Perguntaram de todas as formas, disseram que ele tinha que apresentar o telefone, procuraram em todo lugar e, por conta de sinal ou de alguma ligação, acabaram encontrando ali e ele teve que dizer onde estava. O policial Júnior pode esclarecer melhor. Na segunda busca realizada na casa, quando apreenderam o celular de **Flordelis**, viram isso no telefone de **Adriano**. Nesse dia, a depoente estava em Brasília e não em Niterói, mas a equipe foi até a casa e Júnior lá estava. Ficou uma celeuma para apreender o telefone de **Adriano**, pois não era objeto do mandado. Não apreenderam, mas o policial conseguiu ver uma **foto de carta no aparelho**. Voltou com aquilo na cabeça e, **depois veio à tona essa história de carta, ela apareceu e se lembraram que Adriano tinha essa carta em seu telefone**. Então a carta estava transitando. Havia conversas de **Andrea** – uma pessoa que visitava um presidiário, no Bandeira Stampa – com **Flordelis**, sobre a carta, dizendo que **Lucas** estava se convencendo a confessar, assumindo a culpa e colocando o mando do crime em nome de “Mizael” e Luan. A letra da carta parece de **Lucas**, dizendo isso, em linhas gerais, mas de uma forma mal explicada, porque – conclusão dos policiais – se alguém vai narrar a verdade e dizer quem foi o mandante, vai narrar com detalhes. Mas era uma coisa **muito vaga**. “Mizael” teria mandado uma mensagem de WhatsApp e a paciência se esgota para isso, porque era sempre uma mensagem de WhatsApp, que nunca apareceu. Não sabia precisar o dia, mas “Mizael” teria mandado uma mensagem para **Lucas**, dizendo que “aquilo tinha que acabar”. Enfim, uma coisa muito mal explicada para alguém que queria apontar o real envolvido. De duas uma: ou **Lucas** não sabia de nada e estava escrevendo aquilo da cabeça dele, ou aquilo não era verdade. E parecia não ser verdade. Posteriormente, ouviram o réu **Lucas** ele **declarou que a carta teria sido escrita pela Deputada, entrou no presídio pela Andrea, já com o texto escrito, passou**

**por Flavio, que teria rasgado a carta original depois de ter feito Lucas copiá-la com sua letra e entregado ao MP para desvirtuar a investigação.**

Nessa mesma época, houve um advogado que renunciou ao mandato. O patrono da Deputada saiu do caso e ele também falava dessa carta com pessoas. Perguntava se ela “ia sair” ou não. Houve um **comprovante de depósito ou transferência, feito pela Deputada Flordelis, para a conta do filho da ré Andrea, no valor de R\$ 2.000,00.** Só não se recorda em que telefone viram isso, porque depois também fizeram busca na casa da ré **Andreia** e pegaram mais telefones. **Já tinham visto a foto da carta, em 17/09/2019, no telefone de Adriano e quando apreenderam a aparelho, que ele tentou esconder na caixa de pizza, já não era o mesmo.** Depois se constatou que **Adriano intermediou a entrega dessa carta a Andreia.** Ele esteve em algum lugar para buscá-la. Isso quem provou cabalmente foi o Delegado Alan, posteriormente. Conseguiram ver alguma conversa por mensagens, ou alguém relatou em algum depoimento, mas não se lembra quem, no entanto havia conversas xingando a vítima, acha que de canalha ou algo parecido, dizendo que estaria dando volta e enganando a mãe, **Flordelis. Simone tinha um ódio muito grande do Pastor (vítima).** Há uma **conversa dela com o homem com quem se relacionava, Rogério, se não se engana, dizendo que tinha que matar e que estava procurando alguém para isso. Ele confirmou.** Na tentativa de matarem o Pastor, houve a **comunicação da Marzy com Lucas pelo telefone da Deputada,** isso certamente foi constatado pelo exame do telefone de **Marzy,** mas ela **assumiu.** A testemunha Regiane também disse que viu essa mensagem no telefone de **Lucas.** Na ligação que a Delegada recebeu do suposto policial houve referências baixas à pessoa da depoente. Na conversa entre **Andreia** e a Deputada **Flordelis** aquela disse: “Você tem noção de que você vai destruir a carreira dessa Delegada, né?”. Na busca realizada na casa de Luciano Gomes, foram apreendidos celulares e computadores e foi nessa ocasião que **Adriano** tentou esconder seu telefone. Ela visava a recuperar os arquivos todos da vítima, mesmo não tendo o telefone dele, por autorização judicial. Em fevereiro de 2019, logo depois que a Deputada assumiu o mandato, houve diálogos entre a vítima, o articulador central, e Luciano, que assumiu formalmente o gabinete dela, pois era um amigo. Há mais de uma conversa muito estranha, em que a vítima começa a demonstrar um descontentamento em relação a Luciano, dizendo que este estava desautorizando decisões da vítima. São várias conversas sobre Luciano ter falado e tomado decisões contrárias ao que a vítima havia dito, exposto a vítima perante terceiros, o que ele não admitia. Ele dizia não querer acabar com a amizade, mas que tinham que saber quais eram os lugares. Luciano fala para ela algo muito marcante que é: “quando me refiro a ter que perguntar e fazer a vontade da Deputada, me refiro a vocês. Não estou dizendo que você não tenha poder. Eu falo ela, mas quero dizer vocês”. Ou seja, estaca claro que a vítima, por algum motivo, começou a ser colocada de lado e estava sentindo isso. O Luciano estava sempre muito fechado com a Deputada **Flordelis,** se

referindo a ela como quem realmente deteria o poder e não a vítima. Certamente Luciano começou a tomar alguma decisão sem consultar a vítima, ou contrária ao que a vítima tinha orientado e este estava descontente. Isso foi em fevereiro ou março de 2019, às vésperas do homicídio da vítima. Isso justificou que fossem à casa de Luciano, porque ia se encaixando o quebra-cabeças. Na verdade, Luciano acabou funcionando, ao que tudo indicava, como um substituto da vítima, pois, se tenho um articulador que resolve tudo e não tenho muita experiência em algumas atividades, e ele acabou assumindo um papel muito forte, para eliminar um articulador, preciso de outro, ou um grupo de pessoas, para resolver. Essa conversa do Pastor com Luciano é prova, isso é fato. Ele frontal e abertamente mostrando descontentamento por conta de uma perda de prestígio, pois Luciano estaria mais ou menos assumindo o papel dele. A depoente entende que foi cogitada, em vida, uma **substituição do Pastor por Luciano**. Seria importante que **Lucas** tivesse participado da reprodução simulada. É sempre melhor. Não recebeu nenhuma pressão externa durante as investigações. Recorda-se de menções ao Pastor Gerson. Tomou o depoimento da mãe do Pastor. Não se recordava que foi ela quem viu **Flávio** passar um maço de dinheiro para **Simone**. Lembrava-se que “Mizael” havia dito isso. Quando o Pastor morreu, Luciano morava perto da casa da vítima e da Deputada, salvo engano. Depois, quando fizeram a busca em sua casa ele tinha se mudado para uma casa em Camboinhas, logo depois do crime, o que causou estranheza, pois ali, certamente o aluguel é alto. Quando **Marzy** fala que espera que Luciano e Gleice não estejam comendo nos dois lados. Recorda-se que havia conversas depois do homicídio, porque houve lados. **À medida que “Mizael” revelou algumas coisas, houve um desentendimento, um racha no grupo**. Provavelmente ali dentro já havia vários grupos, mas que ainda estavam unidos por um objetivo comum, centralizados na figura da Deputada e do Anderson. **Depois, à medida em que algum membro desse grupo fala alguma coisa que não era para ser dita, houve um rompimento**. Acredita que **Marzy** tenha se referido dessa forma, porque Luciano, aparentemente, já estava, até mesmo antes do homicídio, muito mais voltado para as decisões da Deputada **Flordelis** do que do Anderson (vítima). No depoimento do filho Daniel, que havia ficado com o telefone do Pastor logo depois do homicídio, ele diz que Gleice, esposa de Luciano, teria vindo lhe pedir o telefone a pedido de **Flordelis**. Assim, o **telefone da vítima teria chegado às mãos da Deputada. O telefone ficou em poder das pessoas da família e daí sumiu sem explicações**. Houve um rumor de que ele **teria sido jogado ao mar** e realmente os investigadores viram que Lorraine saiu da casa no dia indicado e foi a uma praia, salvo engano, Piratininga, com a alegação de que foi dar uma volta, que demorou bastante. O fato é que o telefone não foi achado e houve uma indicação de que teria sido eliminado dessa forma, mas que ficou com eles tem certeza absoluta. Do momento em que Daniel chegou onde estava o corpo do Pastor, eles levaram mais de 20 minutos até levarem o cadáver ao hospital. Talvez meia

hora. **Lucas** sendo integrante do “Comando Vermelho”, não é comum nem automático que fosse colocado no mesmo presídio que **Flávio**, mas o que houve não pode afirmar. Perguntada se a tentativa impedir que **Lucas** participasse da reconstituição do crime foi para atrapalhar a investigação, respondeu que não é muito comum e normal que advogados que não estão assistindo uma pessoa queiram falar com ela, ainda mais quando patrocinados por outra pessoa que esteja envolvida na investigação. Não é algo muito republicano. Então, se o objetivo era atrapalhar a investigação, até que atrapalhou. Certamente havia interesse de pessoas também investigadas e que poderiam estar envolvidas no crime em dificultar a elucidação. Essa era uma prática de dentro das relações desse grupo de pessoas, de manipulação, convencimento, exploração das fragilidades, dos pontos forte, colocar uns contra os outros, dividir ou unir. Eram como se fossem relações de poder. Havia jogos, coisas não ditas, nas entrelinhas e uso de outros para conseguir objetivos próprios. Deixou de presidir esse inquérito em 24/01/2020. Tomou o depoimento do réu **Marcos** e ele tentou dar alguma explicação para o depósito de R\$ 2.000,00 que foi feito na conta do filho da esposa dele, mas não se recorda bem qual. Alguma despesa lá dentro. Não se lembra de terem sido requeridas as imagens das galerias e pátios internos do presídio onde **Marcos e Lucas** estavam, mas acredita que não. Certamente não por falta de interesse. Nessa época – dezembro de 2019 – várias situações estavam muito conturbadas. Havia várias investigações seríssimas em curso. Talvez não tenham vindo aos autos até mesmo por falta de tempo de se cogitar em pedir. Quando perguntada se lhe causou estranheza, durante a investigação, um depósito sendo feito na conta do filho de **Andrea**, respondeu que, para muitas pessoas, a transferência feita para um filho já está dissimulando alguma coisa e tem simulações que são bem rudimentares. Vários outros pontos dessa investigação, como encontrar uma arma dentro da casa do homicida, demonstram que havia uma autoconfiança muito grande de que a polícia não ia apurar com a velocidade que fez. **Certamente não foi cogitado pelos acusados que a polícia estaria dentro da casa de uma Deputada Federal apenas dois dias depois do crime.** Tomou ciência de que a esposa do acusado **Marcos** fez uma representação na Corregedoria da Polícia Civil. Ligaram de lá para a depoente. Ela foi lá primeiro, em uma ocasião, antes de ir à Delegacia. Não sabe dizer qual o corpo que isso tomou. Ela esteve na Corregedoria, ao que lhe conste por conta de alguma discussão com um policial, mas não sabe se tem relação com este processo. Acha que é algo acessório, mas que não tem a ver com os fatos. A DH não requisitou as imagens da área externa de visitação do Presídio porque tem vinte anos investigando e, muitas vezes, imagens de câmera não esclarecem os investigadores, ainda mais quanto a algo que está sendo feito de forma velada. Certamente não veriam nada. Não se recordam porque não pediram, provavelmente por várias outras questões conturbadas e outras investigações, e quando isso pudesse ser cogitado, não houve mais tempo. Tinham a

perspectiva de continuar nas investigações isso é notório. Não requereu a quebra de sigilo financeiro do réu **Marcos** porque naquele momento não se achou oportuno. Não pode fazer outros exercícios especulativos. Os réus **Flávio e Lucas** não eram obrigados a participar da reprodução simulada do crime. No entanto recorda que **Lucas** mudava de opinião o tempo todo durante as investigações. Ele já tinha declarado que ia participar e, subitamente, na hora, disse que não participaria. Isso é que foi fora do que se esperava, porque já havia aí troca de advogados e depois se soube que advogados de outras pessoas estiveram com ele. Não se recorda, mas provavelmente soube depois da data da decisão judicial do dia 17, que **os advogados Flávio e Maurício Mayr visitaram Lucas e Flávio no presídio no mesmo dia**, mas isso não muda o fato que houve um **contato de advogados de outra pessoa com Lucas**. Se era para esclarecer algo ou não, não lhe compete. Compete à depoente saber que **Lucas** voltou atrás em uma decisão que já tinha tomado. Soube diretamente de **Lucas** que ele ia participar e depois, em cima da hora, ele decidiu que não, o que é um direito dele. Não se recorda de ter sabido que no mesmo dia ele constituiu a Defensoria Pública. Só se lembra que depois ele ficou com o Defensor. Não é costumeiro requerer em outros inquéritos que o investigado permaneça preso na DH, mas isso já foi feito em alguns, quando há necessidade que o preso permaneça para ser reconhecido ou para alguma outra diligência, porque dificulta muito o preso estar longe e ter que ficar sendo deslocado. Sempre é indicada a motivação desse pedido, como certamente indicou neste caso. Mas este caso não tem nada de comum. Ele é absolutamente extraordinário. É notório que havia influências sobre os dois. Havia também contradições e contrariedades entre eles. E havia até um temor de que algo poderia acontecer com eles, de que pudesse haver mais influência. Foi requerido e foi autorizado. Infelizmente é comum sim que as buscas e apreensões sejam feitas por policiais sem luvas. Já foi falado por peritos que revelar digitais em arma é uma coisa muito complicada, não é fácil. Isso não trouxe prejuízo nenhum. **Foi confirmado que a arma era a do crime e com quem ela estava**. Na maioria das vezes, a arma utilizada não tem digitais. Não foi feito o exame para constatar digitais e normalmente não é feito. Não se lembra se **Flávio** autorizou a coleta de material genético para o confronto com o pelo encontrado na arma, mas **tiveram acesso a materiais que ele utilizava na Delegacia, que tinham material genético**. Não se recorda se foi saliva, mas remeteram para o laboratório tudo que ele usou e que seria passível de coleta de material genético. Como já disse, rotineiramente deflagravam as armas apreendidas na DH porque havia um banco de dados balístico na Delegacia, como explicou anteriormente. A perita sempre faz esse laudo. Se não tem nos autos, provavelmente é porque não precisou usar. O que acontecia em muitos outros inquéritos era que a quantidade de material em que tinham que fazer o confronto era muito grande. Eram vários casos em que a mesma arma tinha sido utilizada, por exemplo em investigações de milícias e organizações criminosas, em que se usa a mesma arma em vários locais e

vários crimes. Às vezes era tanto material para se remeter ao ICCE que ele não tinha condições de fazer em tempo hábil e muitos promotores aceitavam o relatório dela, apontando que aquele equipamento já havia dado a indicação de que seria a mesma arma. Em momento posterior, o Ministério Público requisitava o laudo do ICCE e isso não precisava ser feito em sede de inquérito. Então, ela juntaria o relatório se fosse necessário. Mas como o caso era totalmente diferente, pois era uma arma só, com alguns estojos, remeteu imediatamente ao ICCE, que teve condições de fazer imediatamente depois, e não se precisou do parecer dela. A razão de o inspetor Viana, um policial civil, habilitado a manejar armas, ter coletado os estojos era porque a depoente queria saber imediatamente se havia indicação de a arma apreendida ser a do crime. Uma vez que a Delegacia possui o equipamento, nada a impedia de usá-lo com a perita. Afirma que não houve quebra da cadeia de custódia, pois sabem exatamente onde e com quem a arma esteve. Nas buscas efetuadas não foi encontrado vestígio de veneno ou substância tóxica. Encontraram receitas de remédios controlados, que eles consumiam. **Na época não foi procurado veneno porque não havia as mensagens.** Teve acesso aos prontuários das entradas da vítima em hospitais e o médico não tem condições de dizer que há envenenamento se não houver um relato, uma indicação. O médico não faz nada invasivo, não se coletou nada para mandar para um exame químico. Ele era ansioso então há suspeita. Por acaso os pais da depoente são médicos e médicos não dão diagnósticos fechados sem ter uma série de elementos. O primeiro atendimento em emergências ou inicial em hospitais são sugestões e não fechamento de diagnóstico e houve sugestão, não fechamento de diagnóstico, baseado no relato que a vítima dava, porque não sabia que estava consumindo nada. Achou desnecessário fazer a exumação do corpo para estabelecer se havia resíduo de veneno porque tem quase certeza de que não se ia constatar nada. Esses relatos e atendimentos são de setembro a novembro de 2018 e quando chegaram ao conhecimento da depoente, inclusive documentação, e havia uma suspeita maior de que pudesse ter acontecido, **já havia bastante tempo desde o crime**, então provavelmente não se acharia nenhum material passível de exame. Conversou com peritos da DH e legistas que lhe falaram informalmente. Só iria tomar uma medida se lhe fosse trazer algum tipo de resultado. Verificaram a possibilidade de apreensão dos HDs de câmeras de segurança existentes no acesso pelos fundos à casa da Deputada e viram que não havia. Verificaram locais que poderiam dar certeza de que alguém teria chegado pelo portão dos fundos. Em locais distantes poderia haver câmeras, mas não em locais que poderiam afirmar. Com relação ao percurso até a favela Nova Holanda, provavelmente as câmeras utilizadas foram da CET-Rio ou aquelas marcações de placas, chamadas OCR. Isso tudo foi pedido à Prefeitura do Rio de Janeiro e houve constatação do caminho, provavelmente passando também pela Ponte. Também sinal de telefone. Se essas informações vieram diretamente, foram juntadas aos autos. Pelo laudo não houve indicação e ter havido outra arma.

Não se constatou algum componente arrecadado no local que fosse pertencente a outra arma. Todos os componentes, como estojos e o projétil, que acredita que foi retirado do corpo da vítima, que eram passíveis de exame, partiram daquela arma. Lembra-se de ter conversado com o perito que fez o exame do cadáver e não se recorda de ele ter falado se achou no escâner projétil dentro do cadáver. Conversaram muito sobre as perfurações, o que poderiam ser e quantidade de tiros. Porque se extraiu ou não já estaria no laudo. Tratou de assuntos que tinha mais interesse como saber quantos tiros, se tinha como precisar, como foi feito o exame, pediu as fotos, que seriam importantes. Nunca havia nenhuma ordem ou mensagem direta. Nem a vítima falava de forma direta com ninguém. As comunicações eram sempre nas sutilezas. Em relação à Deputada, não houve menção clara por ninguém de que ela havia dado ou deixado de dar ordem. Por absolutamente ninguém. Ao contrário. Havia uma proteção da Deputada. O próprio **Flávio** disse que matou a vítima porque decidiu em um rompante. Todas as vezes em que **Flávio** depôs sem advogado, ele concordou em fazê-lo. Nesse dia em que ele confessou a autoria do homicídio, não tinha advogado. Não chegou a estabelecer, próximo do momento do crime, quem eram os sócios do Ministério Flordelis e demais empresas do grupo religioso. Não foi feita a quebra de sigilo bancário da vítima, apenas do sigilo telefônico e telemático. Não foi pedida quebra de sigilo bancário de empresa ou entidade religiosa ligada à família. Sua expectativa era continuar as investigações, por isso o inquérito foi desmembrado, mas não vai ser deselegante e dizer o que faria se tivesse continuado a presidir o inquérito. É preciso dizer que ainda estavam investigando, pois havia muito volume de informação nessa investigação. **Como disse antes, já havia, por problemas anteriores ao mandato, o que já tem a ver com o poder, que já existia e só aumentou com o mandato, um descontentamento com a vítima, porque ele protagonizava tudo, inclusive da vida da Deputada.** Isso piorou muito depois do mandato, mas já havia a intenção, tanto que **houve relatos de que estavam tentando envenená-lo e de tentar cooptar pessoas para matá-lo.** Isso era anterior ao mandato. Já disse também, que depois da assunção do mandato há uma indicação de houve uma decisão de se executar, à medida que já pudesse haver um substituto na pessoa do Luciano. Isso, juntando várias peças de quebra-cabeça, era o que parecia, na época em que ainda estava presidindo o inquérito, mas repete que não foi quem concluiu o inquérito. Não é só do Luciano com a vítima. Já falou que não há referências de ninguém à Deputada, quando falam do assunto. Mas já explicou como era a reação dela com esse grupo que convivia naquele núcleo familiar. Nada era direto. Não há diálogos diretos sobre esses assuntos graves. Tanto que não detectaram nenhum, mas isso não quer dizer que não haja comunicações entre eles. E há. **Marzy** disse sim que as mensagens que estariam sendo enviadas para **Lucas** seriam de digitação dela, embora enviadas através do celular em nome da Deputada. Mas a **Marzy** não tem condição de orquestrar um homicídio. Não que esteja

diminuindo intelectualmente ninguém, mas não tem condição psicológica de tomar uma iniciativa dessa. Nenhum deles tem, dada a lógica de relações ente eles. A **Deputada** provavelmente tem, porque, ali, decisões desse nível ou o próprio Pastor tomaria, ou a **Flordelis**. Ninguém tinha essa força de influência no grupo, a não ser eles. Nenhum outro tinha. Todos eles eram subalternos e se colocavam assim psicologicamente. Ninguém mataria alguém dentro da casa, sem uma orquestração maior. Isso é claro. Não tem condições de precisar detalhes quantos ao momento da execução, mas os peritos quando conseguiram se posicionar e ver o local, pelo posicionamento dos estojos, que caíram à direita, eles não descartaram que fosse o posicionamento o que **Flávio** disse, que a vítima estaria em pé. Disseram que era absolutamente possível. Já disse sobre o local, que o carro não estava, e fizeram isso *a posteriori*, com o carro posicionado. Também conversou com o perito legista, que lhe deu pareceres sobre como entraram os tiros. Nem a depoente e acredita quem nem os peritos podem afirmar que só havia um executor na cena do crime no momento dos disparos. Não foi feita a apreensão do HD do Centro de Monitoramento de Niterói, referente à Estrada Caetano Monteiro, do lapso de tempo próximo ao crime, para saber os carros que passaram ali, mas houve o contato com eles. Não se recorda de ter ouvido Jailton, filho de **Andreia**, um garoto de quase 19 anos, na conta corrente de quem a Deputada **Flordelis** teria depositado dinheiro. É notório o fato, há investigações e até a mídia já deu, de que até celulares entram na cadeia e são encontrados com detentos, então como uma carta não entra? Não deveria haver viabilidade técnica para essa entrada, mas é sabido que as coisas aparecem lá. Não procuraram ouvir o Diretor do Presídio sobre a possível infração a normas prisionais, pela entrada de uma carta na unidade. Acredita não ter ouvido ninguém do presídio, mas não se recorda. Se ouviu, não veio nada relevante para a investigação. Lembra-se de ter enviado um ofício relatando a situação. A depoente não chegou a confirmar se **Lucas** teria capacidade intelectual para escrever a carta, mas tampouco fez essa alegação. Depois que deixou de presidir o inquérito, não sabe. Recorda-se de **Marcos** Siqueira ter sido ouvido na DH uma vez, mas não se recorda se estava acompanhado de advogado. Quanto à “conversa mole” sobre a depoente, com a qual se deparou, nas mensagens, refere-se a uma intimidade que não existia, pois **Andrea** tratava a Deputada por “**Flor**”, falando que “o menino” estava querendo confessar. Uma conversa escorregadia. **Andrea** tem diversas anotações por estelionato, informações que precisou levantar. Participou da busca e apreensão na casa de **Andreia**. É normal um Delegado participar de busca e apreensões. Nem sempre um Delegado atuante consegue participar de todas as medidas que pede, quando são muitas ao mesmo tempo, mas em um caso desses é comum. Durante essa busca e apreensão foram apreendidos celulares e, no de **Andreia**, se encontraram as conversas que faziam a ligação com a ré **Flordelis** e o depósito, inclusive o áudio em que ela diz que se destruiria a carreira da depoente. Está lá a vinculação direta entre **Andreia e Flordelis**.

São conversas diretas e bem elucidadoras. A carta chegou inicialmente ao MP e em seguida foi apresentada uma cópia na DH, acredita que por algum advogado. **Andrea** sempre foi intimada para comparecer à Delegacia. Nunca foi de forma espontânea. Pode não ter havido intimação em papel, mas sempre houve contatos prévios para que ela comparecesse. Ela não apareceu lá para contar nada espontaneamente em nenhuma ocasião. Depois de provocada pode ter havido, em alguma ocasião, mas não se lembra, um movimento dela concordando em ir. Não foi solicitada a quebra do sigilo bancário de Jailton. Deve ter vindo a informação sobre em nome de quem estavam cadastrados os chips usados pelas pessoas, mas as conversas estavam nos aparelhos que foram retirados das mãos das pessoas que os utilizavam. Tem áudios com a voz da **Andrea** falando com a Deputada **Flordelis**, em ambos os aparelhos. **Falando sobre a carta**, de forma claríssima. Não se lembra se falaram diretamente sobre o dinheiro, mas houve o envio do comprovante de pagamento de R\$ 2000,00. Se houve pagamento além disso, que não apareceu ali, é até provável. Fazem pesquisas em bancos de dados disponíveis à Polícia Civil e um deles é o da identificação civil. Conseguem comprovar que uma pessoa é filha de alguém. Há consultas que são feitas e comprovam e certamente estão nos autos. Quando esteve na casa de **Andrea**, inclusive o rapaz (Jailton) estava lá, apresentou documentos. O pai tem o mesmo nome, mas era o rapaz. Não se lembra, mas deve ter sido procurado qual era a atividade de **Andrea**. Ela tinha alguma liderança na questão de direitos dos presos, uma atuação desse tipo. Com base nos relatos das testemunhas, havia diferenciação entre os filhos sim. Esse núcleo pequeno, que convivia com ela desde o início das atividades da Deputada **Flordelis** como missionária, e os filhos biológicos, tinham preferências. Depois algumas pessoas que ficaram mais agregadas, que vieram prestar serviços mais diretamente à **Deputada** e a Anderson, tinha alguma distinção sim. Isso foi relatado. Basicamente era o tratamento dentro da casa, acesso a algum tipo de alimento, alguns eram separados para algumas pessoas. **Os favoritos são os réus**, as primeiras pessoas que conviveram, como **Carlos, André**, os filhos deles, e, embora tenha vindo depois, a **Marzy** prestava serviços diretamente a **Flordelis**, domésticos ou de secretária. Queria sempre a atenção da **Deputada** e provavelmente gozava de algum privilégio. No principal, parecia haver dependência financeira dessas pessoas em relação ao Pastor e à **Deputada**. Não acredita que alguém tivesse rendimento suficiente para o padrão que tinham e ostentavam ali. Tanto que moravam todos no mesmo ambiente. Pouca gente saiu dali. Viviam todos às voltas com as igrejas. Viviam daquela dinâmica. Havia uma **dependência direta**. Era comum pelo menos o celular da vítima e da **Deputada** serem usados por outras pessoas. Não fora de controle, mas de forma autorizada pelos donos, porque eles tinham assessores, tratavam de muitas coisas, então isso acontecia, ou até por interesse de que estivessem nas mãos de outras pessoas. A investigação apontou para o fato de que nada acontecia na casa sem que o Pastor e a **Deputada** arquitetassem

ou soubessem. Ramon foi muito presente na cena no crime. Foi um dos primeiros a chegar, teve o diálogo com o médico na hora do pedido de socorro e falou que não adiantava mais porque a vítima estava morta. Segundo a **Deputada** foi ele quem teve o primeiro contato com ela quando ela chegou em casa. Tem sim algum relato de que ele teve algum contato e mexeu no local do crime. Como já disse, o corpo foi retirado do local, que não foi preservado. Até o momento em que presidiu o inquérito, já tinham visto no telefone de **Simone** uma pesquisa sobre veneno, havia relatos de algumas pessoas, que depuseram em Delegacia, sobre tentativas de intoxicação, eventual envenenamento e homicídio do Pastor. Então foi um conjunto dessas informações: **Simone e Marzy**. Quando cumpriram a primeira busca no imóvel, nem sabiam que havia outras casas. O objeto da busca eram telefones em geral, de todos. Então, foi pedido sim. No dia da diligência não se lembra os celulares de quem recolheram. Foram os de muitas pessoas. Não sabe se o dele veio junto ou se foi apreendido em outra oportunidade. Havia deferimento de apreensão dos telefones e era necessário apreendê-los, tanto que **três sumiram: da Deputada, da vítima e de Flávio**. Não leu a carta que estava no celular de **Adriano**, pois, nessa ocasião, estava em Brasília cumprindo uma parte da medida no apartamento funcional. Outra parte da equipe, com outro Delegado de Polícia, Dr. Felipe Cirne, da DH, se não se engana, estava na casa e, nessa ocasião, um policial pode ver, porque o telefone acabou não sendo apreendido, porque se entendeu que não era objeto da apreensão. **Adriano** já tinha entregado e depois quis pegar de volta, mas deu tempo de o policial ver o arquivo de uma foto de uma carta no celular de Adriano. Então ele já voltou com essa informação. Quando apreenderam o telefone de **Adriano**, depois, lhe parece que já era outro aparelho, embora não possa afirmar categoricamente. **Era assim, telefones sumiam, mudavam, tanto que estava escondido em uma caixa de pizza e foi uma luta para conseguir apreendê-lo. Sempre foi assim.** Todas as vezes. Uma conclusão sua, a que foi fácil chegar é que parece que as pessoas dali **não tinham interesse de que se apurasse o crime de um membro da família que morreu dentro de casa, porque escondiam coisas o tempo todo**. O Delegado Alan sabe mais informações sobre os resultados dos exames de celulares, que vieram depois de sua saída da presidência do inquérito, esse do **Adriano** certamente foi um deles. Como já disse, o segundo celular da **Deputada**, que apreenderam, e o celular de **Andrea**, continham vários diálogos a respeito dessa carta. E na mesma ocasião essa carta foi apresentada na Delegacia. Não se lembra o que veio primeiro, a apreensão dos telefones ou a carta, mas tudo mais ou menos na mesma ocasião. Na verdade, o que foi comprovado depois era que iam mesmo apresentar a carta ao MP e à polícia para que as investigações fossem levadas para um rumo diferente. Viram uma trama em relação a isso, na verdade. Por que alguém falaria com a **Deputada** sobre uma carta que o **Lucas** está querendo escrever? O **Lucas** escreve a carta e ponto, se fosse real. A coisa toda é absurda. Por que tem pessoas estranhas falando sobre

uma coisa que vai acontecer e com a Deputada **Flordelis**? Por que isso? Se fosse para aparecer uma carta realmente voluntária de **Lucas**, apareceria ponto. Ninguém precisaria estar falando disso dias ou semanas antes. Quando o Dr. Alan pegou o inquérito, isso já estava escrito. Que já tinham visto. Quando fizeram a última busca na casa em que estava **Adriano** e conseguiram apreender seu telefone, na casa que era de Luciano, onde **Adriano** morava em um outro quarto, nos fundos, já era meado ou final de novembro de 2019. Não se lembra se naquela época entendeu que ele tinha que ser ouvido naquele momento e faria isso posteriormente. O que, de fato, foi apurado era que **o ódio e o descontentamento de Simone com vítima era porque ele tomava conta da vida de Flordelis. Simone** é filha biológica da **Deputada** e é muito chegada a ela, tendo uma afinidade muito grande entre elas. Coisa, por exemplo, que o **Flávio** não tinha tanto. Ali há uma cumplicidade da **Simone**. Então, havia um **descontentamento com essa invasão que o Anderson promovia na vida da Flordelis**, mesmo ela sendo a Deputada Federal, a pessoa famosa e a imagem dela tendo construído aquilo tudo. A **Simone** falava muito sobre isso. Mas a depoente já disse que houve uma menção de que Anderson havia praticado crimes sexuais contra alguém dentro da casa e isso **Flávio** teria ficado sabendo, mas isso não ficou comprovado. Não houve nenhuma vítima que tenha falado que houve isso. E isso aí também pareceu algo “provocado” para que houvesse o convencimento do **Flávio**, para colocá-lo mais dentro da ação criminosa. É preciso que se diga, também já mencionou, que havia prática de relações sexuais ali entre várias pessoas daquele primeiro núcleo que se formou na família. Teve conhecimento de que **Simone** era portadora de câncer, tinha saúde frágil e tomava medicações caras. Eram eles que custeavam esse tratamento. Não se lembra se era o Anderson especificamente. O perito, a final de contas, não conseguiu esclarecer – ele disse à depoente e acredita que haja um parecer complementar – que pode ter havido reentradas, por isso a quantidade de lesões. Então, ele não afirmou categoricamente que a entrada de projétil na região genital tenha sido a primeira, mas também não descartava. Sobre **Rayane** tem pouco a falar porque seu último ato foi a apreensão do telefone dela em Brasília, pedido justificado por suposto envolvimento, com conversas no telefonem acerca do planejamento do crime. Mas o resultado desse exame do telefone não havia até o momento em que deixou de presidir o inquérito. Até então não havia outra comprovação plena, e em que medida, de participação da **Rayane**. Ela é filha de **Simone**. Lorraine, por exemplo, há menções de que sumiu com telefones. A depoente teria que ter seguido no inquérito para saber exatamente. **Marzy** tinha uma relação de total subserviência com a vítima e uma vontade de ter prestígio e atenção. Acha que havia uma carência ali. Houve relatos de que a própria vítima teria tido algum desentendimento com a **Marzy**, por um suposto furto, se não se engana. Houve relatos de que teria havido agressão física a algumas pessoas, mas não se lembra se a **Marzy** é uma delas. Mas havia palavras rudes. Como acabou de mencionar, há uma

história, que teria sido falada, de a vítima ter molestado algumas meninas, Anabel, ou Isabel, coisa que não ficou comprovada. Quem fazia a comida na casa era uma funcionária deles, chamada Néa. Sobre **André**, também não tem o que falar. Ele estava presente no local do crime, certamente soube o que aconteceu ali, mas se soube antes... Enquanto presidiu o inquérito, não houve informações sobre ele. Estava sendo investigado também. Segundo eles, **Flávio** teria falado que ele queria portar a arma para defesa. Segundo **Lucas**, **Flávio** nunca detalhou para que queria aquela arma. Unindo todos os outros elementos, a compra da arma pouquíssimos dias antes do crime, **Lucas** ter estado na casa minutos antes, para levar uma mochila, mas isso também não ficou muito bem explicado. **Lucas** também usava uma pistola no ponto de venda de drogas. Isso é relatado. **Flávio** diz que ficou com a pistola, foi a pistola que matou a vítima e **Lucas** ajudou a comprar uma pistola. **Lucas** usava armas também. Então, unindo todos esses elementos, chegaram à conclusão de que **Lucas** auxiliou na compra da arma do crime. Agora, diretamente, não houve relato por parte de **Lucas** de que **Flávio** tivesse dito a ele que a arma era para esse objetivo. A arma que estava dentro da casa era arma que foi comprada e era a arma do crime porque a balística confirmou. Na primeira diligência realizada pela DH na casa da acusada **Flordelis**, foi encontrada uma fogueira. Recolheram material passível de exame, mas não foram constatados materiais eletrônicos. O que não se pode descartar é que houvesse documentos, pois encontrada em local atípico, dentro da casa. Familiares relataram que o normal seria do lado de fora porque havia um terreno atrás, mas isso não foi explicado. Os cães da casa foram periciados, mas o laudo foi negativo, ou seja, não estavam sob efeito de nenhuma substância, no entanto, não há relato nenhum de que alertaram no dia do crime. O que está relatado nos autos é que foi um integrante da família que cometeu o crime. Tudo indica. Além do celular do Pastor, sumiram outras coisas, como relógios, mas não sabe dizer se sumiu uma pulseira que estava no pulso da vítima. O relatado sobre **Simone** foi que ainda estava em tratamento para o câncer. A depoente até autorizou a consulta ao telefone apreendido para pegar os telefones do médico.

A testemunha **Luiz Carlos Leal Prestes Júnior**, esclareceu ser perito médico legista do estado, que atua junto ao GAESP do MP, como assessor técnico pericial. Relatou que foi solicitado pelo GAECO para fazer uma análise técnica comparativa entre os diversos atendimentos que foram realizados ao senhor Anderson, durante um curto período, no caso, seriam 05 meses, em um hospital de Niterói. **Chamava muita atenção o fato de ele ter 06 atendimentos, em um período curto com os mesmos sinais e sintomas todas as vezes.** Então, foi levantada a hipótese de que poderia haver uma tentativa de **intoxicação exógena**. A análise dos boletins e prontuários médicos mostrou que todas as vezes ele deu entrada com a mesma sintomatologia. Foi fazer uma análise bibliográfica e um estudo e chegou à

conclusão de que **esses sintomas se coadunam com a chamada intoxicação crônica por arsênico**, visto que é um produto tóxico muito usado como herbicida e inseticida e que, uma vez que **ingerido em pequenas doses, sub-letais, causaria exatamente esses sinais e sintomas que ele apresentou no hospital**. Chegou a essa conclusão não só pelos sinais e sintomas apresentados, mas também porque o **arsênico pode ser apresentado em uma forma solúvel, em que é um tipo de tóxico facilmente misturável à comida e à água**. Tem o aspecto de um pó branco e isso facilita a intoxicação **para que a vítima não perceba essa mistura**. Ele não tem cheiro, cor e gosto. Isso facilitava muito. A equipe médica, da mesma maneira, se não tiver um indício, uma informação, não vai, a princípio, desconfiar que isso pode ter sido uma intoxicação, porque são sintomas extremamente genéricos: dor abdominal, muitas náuseas, muitos vômitos e desidratação. Então, reunindo todos esses elementos, concluiu em seu parecer, que havia fortes indícios de que isso poderia ter sido uma intoxicação crônica. A intoxicação aguda seria a causada por uma dose elevada e mataria a pessoa na hora. A intoxicação crônica seria mais facilmente confundida com uma doença porque simularia sintomas genéricos e que levaria os médicos a desconfiarem que seria uma doença, uma gastroenterite. A intoxicação aguda, utilizando uma dose maior, poderia produzir uma morte imediata, visto que o produto tem toxicidade muito elevada, na parte gastrointestinal, cardiovascular e neurológica. Mas aí ficaria muito evidente em uma intoxicação aguda com uma morte que seria facilmente perceptível. Hiperemese são vômitos frequentes. Pós-prandial é após as refeições. *H. Pylori* não poderia ser confundida com arsênico. São sintomatologias completamente diferentes. **O fato de ele ter tido *H. Pylori* não exclui o envenenamento por arsênico**. O arsênico, dentro do estudo toxicológico foi o que mais se coadunou. Porque, por exemplo, um outro veneno muito comum em envenenamentos, é o chamado chumbinho, que é o carbamato, mas ele tem uma toxicidade muito alta. Qualquer dose mínima pode levar à morte imediata. E ele fica muito perceptível. Outra coisa, o chumbinho, o carbamato, tem uma apresentação sob a forma de grânulos escuros. Isso chama a atenção caso colocado em uma comida, ou em um leite. Diferentemente do arsênico que tem uma coloração branca, facilmente diluível, que pode ser facilmente confundido com sal ou com açúcar. O arsênico tem um gosto amargo, que chama a atenção. Em um dos atendimentos ele (vítima) relata isso. Então, isso chamou um pouco a atenção do depoente, muito embora não seja uma coisa assim, que se possa levar em consideração, mas **a boca amarga, um gosto metálico na boca, isso está descrito na literatura**. Não seria um gosto no alimento, mas um reflexo após a ingestão. O contato do produto com a boca do indivíduo pode deixar esse gosto, independentemente de estar ou não misturado à comida. O cianeto também é um produto letal, que tem outras características, que não foram verificadas nesse paciente. Ele também tem outro tipo de apresentação. Também seria facilmente identificável. De todos os venenos que poderiam ser

utilizados, o que mais se coaduna com a história clínica e com os atendimentos é o arsênico. Levantou o cianeto porque lhe foi apresentada, dentro das informações, uma conversa dentro de um telefone, de alguém falando sobre cianeto. Por isso é que lhe chamou a atenção, mas viu que essa ligação, essa troca de informações, se deu em data muito posterior. Então, poderia ser aventada a hipótese de um planejamento posterior com cianeto, como se fossem trocar de veneno, mas isso não foi efetivamente comprovado. Quanto ao Auto de Exame Cadavérico, em todos esses anos de militância em medicina legal, quando se está diante de um cadáver vítima de projéteis de arma de fogo, um dos cuidados que o legista tem que ter, que, na sua opinião, é imprescindível, é diferenciar o que é orifício de entrada e orifício de saída. Isso é uma coisa prioritária porque existem características muito diferentes entre eles. Os orifícios de saída até podem ser atípicos, tendo em vista o tipo de munição e uma série de fatores. E outra coisa: o laudo pericial é uma peça de esclarecimento e não de dúvida. Então, em sua opinião técnica, independentemente do número de disparos, acha que nesse laudo deveria ser discriminado o que é entrada e o que é saída. Teve acesso ao laudo apenas extraoficialmente, mas se pode ver que **o perito apenas numerou as perfurações, sem discriminar o que é entrada e o que é saída**. O disparo a curta distância, como o próprio nome diz, é a uma distância pequena, suficiente para que os grânulos de pólvora que não queimaram fiquem impregnados na face profunda da derme. Os que queimaram, se volatilizam. Esses grânulos impregnados normalmente não saem. Por isso o nome tatuagem, porque marca da mesma maneira. Parece que há um disparo na região do ouvido direito e outro na região dorsal também, com características de disparos a curta distância, ou seja, com presença de grânulos de tatuagem ao redor ou próximos ao orifício de entrada. Qual é a dificuldade que o legista encontra quando tem o que chamam de um “poli-baleado”, com múltiplos disparos? Na verdade, não é discriminar o que é entrada e saída, mas estabelecer o trajeto, ou seja, por onde entrou um determinado projétil, por onde passou, e por onde ele saiu. Isso, **nos múltiplos disparos, realmente fica difícil**, mas não impede que o perito discrimine o que é entrada e saída. Até porque, **neste caso, provavelmente deve ter alguma reentrada porque a arma apreendida era uma pistola 9 mm e o projétil 9 mm é do tipo perfurante**. Então, a tendência é transfixar o corpo. Tanto é, lhe parece, mas não tem certeza, que não foi arrecadado nenhum projétil dentro do corpo. Parece ao depoente que foram arrecadados apenas fragmentos metálicos, que provavelmente devem ser do revestimento desses projéteis. Por isso diz que deve ter havido **múltiplas entradas, reentradas e saídas**. O formato dele é ogival. Por ser assim, tem uma ponta e, por ser desse **calibre 9 mm, tem a propriedade de transfixar: perfurar, entrar e sair do corpo**. Ao contrário do projétil, por exemplo, que a polícia usa, que é o 40 expansivo. Esse projétil de uso policial tem a característica de entrar e não sair, exatamente para evitar que atinja outra pessoa em uma via urbana. Então, nesse caso foi um projétil 9 mm, que

tem a característica de haver uma maior perfuração. O remédio Digeplus é um facilitador do esvaziamento gástrico, de nome químico Bromoprida. Ele não tem absolutamente indicação nesse tipo de afecção. Rivotril também não causaria intoxicação na vítima. É médico legista, atualmente lotado no Ministério Público e trabalha no GAESP, que é o Grupo de Atuação Especializada em Segurança Pública. Foi consultado pelo GAECO no início de 2020, acredita que em abril, embora não tenha certeza, mas não à época dos fatos. Não pode dar certeza de que tenha sido usado arsênico porque, na verdade, fez apenas um estudo correlacionando os sintomas apresentados com a sintomatologia da intoxicação e tendo em vista a hipótese de uma intoxicação, pelo fato de a vítima ter sido atendida como paciente com os mesmos sintomas, durante 05 ou 06 meses, um curto período de tempo. Então, não tem elemento técnico para afirmar categoricamente que tenha sido arsênico. Perguntado se existem outras substâncias, inclusive medicamentosas, que podem também dar intoxicação em uma pessoa, ao ingerir doses excessivas, ou uma medicação cruzada, que podem gerar os mesmos sintomas: taquicardia, sudorese e dor estomacal, respondeu que pode acontecer, mas **analisou as fichas médicas e não foi detectado pela história clínica dos atendimentos, nenhuma ingestão de nenhuma droga. Todos os sintomas são relatados pela vítima à equipe médica geralmente após a alimentação e ele não estava efetivamente fazendo nenhum tratamento que justificasse nenhum efeito colateral.** A única coisa que ele relatava, em vários atendimentos, é que estava um pouco ansioso. Ele falava que sofria de um pouco de ansiedade pelo trabalho. Em relação aos outros medicamentos, não verificou isso nas fichas clínicas. A ansiedade pode gerar esse tipo de sintoma. Ela é uma manifestação que pode ter os mais variados sintomas, mas nesse caso, eles **se repetiram em todos os atendimentos.** Isso chamou muito sua atenção na análise, porque a ansiedade pode vir com dor de cabeça, tontura e os mais variados sintomas vicinais possíveis, mas, no caso dele aqui, **chamou muita atenção** a coincidência desses sinais e sintomas, que **foram os mesmos em todos os atendimentos, em um curto espaço de tempo.** Isso chama a atenção. Depois do óbito, o legista não poderia ter pesquisado nas vísceras em busca do arsênico. Em alguns casos, como no dele, em que se deu uma intoxicação crônica, esse tipo de tóxico pode ficar acumulado em fâneros, ou seja, cabelos e unhas. Assim mesmo, requer uma metodologia e um equipamento especial para ser detectado. Nas vísceras não é possível de se detectar. Em restos mortais, pode, mas não é garantido detectar. Exige uma tecnologia muito especial e vai depender muito da quantidade absorvida. Então, **mesmo que o perito tivesse feito o exame nas unhas e cabelos, existe a probabilidade de dar negativo.** Não existe relação de tempo para detectar e sim da quantidade de tóxico absorvido. Não há uma correlação temporal. Se houver uma absorção maciça de produto, isso pode ser detectado em ossos, dentes, unhas e cabelos, até ao longo de anos. Atualmente no próprio Ministério Público, na época em que foi feita a

solicitação do parecer, foi levantada essas hipóteses. O depoente fez contato com vários órgãos, como a Polícia Federal e a UFRJ e não encontrou laboratório que tivesse a tecnologia para detectar esse tipo de tóxico nesses materiais. Não há equipamento em relação especificamente a essa substância. Cada substância a ser pesquisada tem uma metodologia diferente. O depoente fez um levantamento pessoal apontando a possibilidade de ser arsênico e não encontrou uma resposta positiva de laboratório, mas outros tipos de tóxicos pode ser que encontre. É uma pesquisa específica de arsênico em fâneros que requer equipamentos e padrões especiais, que os laboratórios de toxicologia têm, porque não é um tipo de intoxicação frequente, a princípio. Por isso, o **laboratório relata que não tem esse equipamento, espectrofotômetro, e reagentes que seriam compatíveis com essa detecção específica do arsênico.** Ao ser misturado com líquido, o arsênico não mudaria o gosto da bebida, porque ele se dissolve com muita facilidade dentro dos diversos líquidos e comida. Então, a **pessoa que o ingere não teria facilidade de detectar algo diferente.** Repete que o material que estaria sendo pesquisado seriam restos mortais. O laboratório pode até ter uma metodologia para detectar no sangue, mas não é o caso. Quando fez o contato, deixou bem claro que seria por meio de uma exumação e que seria uma pesquisa em restos mortais. A resposta que recebeu foi que não teria metodologia e reagentes que pudessem fazer essa detecção. Se fosse outro agente intoxicante como chumbinho, não sabe responder porque o objeto da pesquisa que fez foi especificamente sobre o arsênico.

A testemunha **Mário Augusto Bernardo Júnior**, policial civil, relatou que, salvo engano, o dia 16/06/2019 foi um domingo e o depoente não trabalha em esquema de plantão, pois compõe a equipe da Delegada Titular à época, Dra. Bárbara. Foi acionado por ela, que havia tomado conhecimento através da equipe de plantão, a qual havia sido acionada para o local, para tomarem as providências necessárias, e foram para a Delegacia ainda no domingo. Começaram a diligenciar para conseguir rapidamente coletar o máximo de prova e rol de testemunhas, pois há coisas que, com tempo, acabam se perdendo. No próprio domingo, foram à residência, aos condomínios do entorno e refizeram o trajeto feito anteriormente pelo o carro da vítima voltando do Rio de Janeiro. O crime teria sido cometido na madrugada de sábado para domingo. Com base no depoimento preliminar, foi alegado pela senhora **Flordelis** que houve uma suposta perseguição de motocicletas no bairro de São Francisco. Coletaram, então, imagens, desde a descida da Ponte até lá, pois queriam entender essa dinâmica do fato, para saber se realmente havia pessoas perseguindo já na descida da Ponte, vindo do Rio para Niterói e isso foi descartado imediatamente. Solicitaram marcadores de placa à prefeitura. Na verdade, não houve perseguição da motocicleta. Ficou constatado depois, com a análise cronológica das imagens que arrecadaram. Marcadores de placa significam que a prefeitura tem um

mecanismo em que faz um monitoramento, como se fosse uma cerca eletrônica do veículo informado, e monitora o trajeto que ele fez dentro do município, desde que tenha esse registrador na via onde ele passou. Não se recorda bem dos detalhes, mas eles chegaram em casa por volta de 4 e pouca da manhã, o carro com a vítima e a senhora **Flordelis**. Preliminarmente, no local, ainda estavam de posse de poucas informações. O primeiro depoimento da senhora **Flordelis** foi posterior à primeira ida na casa. Algumas coisas não batiam, de fato, porque houve divergência, ora dito que saiu pela frente, ora que saiu por trás. **Lucas** chegou à casa momentos antes, em um carro, com uma pessoa de vulgo Gordinho, se não se engana, Daniel Solter, que trabalhava de Uber. Foi onde teve a questão da mochila, pois **Lucas** ele entrou com uma mochila, voltou e saiu no carro. Ele saiu antes da chegada da vítima. A parte onde **Lucas** e **Flávio** se encontram é que **Lucas** fez a ponte entre **Flávio** e esse Daniel Solter, que o leva até o complexo da Maré para adquirir a arma do crime. Se não se engana, essa arma foi adquirida na sexta-feira e o crime ocorreu no domingo. Essa arma era uma pistola de marca Bersa e calibre 9 mm. Ela foi localizada e arrecadada em cima de um armário na casa, que é muito grande, no quarto em que dormiam a mãe da senhora **Flordelis** e avó de **Flávio**, senhora Carmosina, e, eventualmente, o **Flávio**, segundo alegado em entrevistas com as pessoas da casa. Era um guarda-roupas de aproximadamente 2 metros e pouco de altura, com a parte superior um pouco aprofundada. A arma estava ali em cima, bem escondida. Ficaram surpresos e acabaram comentando entre si que, com a repercussão que tinha dado, a pessoa decidir manter a arma dentro da casa, é porque estava muito seguro de que a casa não ia sofrer nenhum tipo de medida. Talvez por ser habitada por uma Deputada Federal. Isso, de certa forma, tranquilizou o autor. Na Divisão de Homicídios é feita uma coleta do padrão. Há uma máquina em que é feita essa análise, para confrontar estojos. E foi feita. A coleta de padrão alimenta um banco de dados e, em um dado momento, esse banco de dados afirma, categoricamente, que aquela arma, usada em um determinado crime, é a mesma arma usada em um crime que, às vezes, aconteceu cinco anos atrás. É como se fosse uma impressão digital que o percussor da arma imprime na parte de trás da munição, do cartucho. É único. Ele faz como um casamento entre duas laterais, duas meias-luas. Ele casa e elas se complementam. Então aí o sistema afirma que é a mesma arma. A DH sempre faz isso. É de praxe. O laudo do ICCE traz outros tipos de informação. O laudo dali afirma que um estojo coletado em um local do crime foi deflagrado pela mesma arma que foi utilizada em outro local de crime. Ele faz correlações de locais de acordo com o estojo arrecadado. Os depoimentos de **Lucas** e **Flávio** foram gravados, havendo na DH uma sala de audiovisual. Eles falaram por livre e espontânea vontade. Não foram coagidos a falar nada. **Lucas** variou em alguns momentos as versões, mas não se recorda se **Flávio** chegou a alterar alguma coisa em seus depoimentos. A arma apreendida no quarto de **Flávio** era compatível com os estojos encontrados no local do crime. Coletaram na arma um pelo, que

estava preso na parte do cano. Com as provas já coletadas, imaginavam que poderia ser de **Flávio**. Coletaram material do **Flávio**, que foi saliva em uma garrafa de água mineral. **Feito o confronto, deu positivo. O pelo era do Flávio**. Talvez pela arma ter ficado na cintura, ficou um pelo preso ali. Ao que se recorda, a versão de **Flávio** era de que tinha um problema com **Lucas** e que comprou essa arma para se defender dele. Isso causou estranheza imediata porque ele foi com o **Lucas** comprar a arma. Descartaram então isso, como uma informação inverídica. Ele alegou que a arma seria para matar o **Lucas**, mas, no dia do fato, como ele saiu para matar o **Lucas** – por conta de alguma informação de que teve, de que este ia matar alguém da casa – e não o viu, mas viu Anderson, resolveu matar este para não perder a viagem. Então ficou uma versão totalmente fora do aceitável. O que ficou muito claro no curso da investigação é que havia uma segregação muito forte entre os filhos biológicos e os afetivos. Era notório que **Simone**, Lorraine, sua filha, e os laços sanguíneos demonstravam uma força muito imperiosa no domínio de tudo: da casa, das relações de igreja, de política, de tudo. O que foi apurado depois, foi que houve um conluio e a pessoa de fora desse contexto, que até não conseguiram entender muito o porquê participou disso, foi **Marzy**. Inclusive, há uma mensagem no telefone ente ela e a senhora **Flordelis**, salvo engano, às 3 e pouca da manhã, praticamente 1 hora antes do fato, dizendo exatamente “me acorda de manhã às 8 horas”, ou algo assim, que interpretaram como uma espécie de código, embora não possam afirmar. Depois entenderam que realmente **Marzy**, **Simone**, **Flávio** e **Adriano**, todos eles tinham objeção ao Pastor Anderson porque ele era o cara que gerenciava tudo e havia um questionamento dessas pessoas no sentido de que **Flordelis** era a deputada, isso e aquilo. Porque ele gerenciava tudo, a parte financeira e a das tarefas. Isso incomodava principalmente os filhos biológicos. O que se recorda desse contexto é isso. O dinheiro era centralizado nas mãos de Anderson. Todo mundo que precisava de dinheiro para alguma coisa – a **Simone** para algum exame, por conta da questão de saúde dela – era tudo solicitado a ele. Era uma coisa combinada com ele. A senhora **Flordelis** não coordenava essa parte. Era tudo nas mãos dele. Isso causava insatisfação natural nas pessoas. Na primeira diligência na casa, para cumprimento de mandado de busca e apreensão, perceberam que havia, por exemplo, alimentos melhores, separados no quarto onde só tinham acesso a senhora **Flordelis**, Anderson, **Simone**, Lorraine e os biológicos. Não sabe se algum afetivo específico tinha acesso a isso. Eram biscoitos de qualidade melhor e havia uma geladeira específica, no quarto, para atender a eles. Não era o comum da casa. A cozinha da casa não era para todos. Não lembra se na primeira ou na segunda diligência, havia uma fogueira, nos fundos da casa, onde havia uma área gramada. Mas não conseguiram arrecadar nada intacto, pois a perícia foi ao local e já estava tudo queimado. Houve um comunicado, não se recorda se foi **Lucas** ou **Flávio**, de que um deles foi cooptado para matar a vítima em troca de R\$ 10.000,00, ou algo assim. E teve uma mensagem no e-mail, que chegou

ao conhecimento da vítima. Lembra-se de ter visto, não se lembra exatamente onde, que ele teria enviado essa mensagem para a senhora **Flordelis**, dando conhecimento a ela, caso ela ainda não o tivesse. Mas não se recorda exatamente quem cooptou. Encontraram uma pesquisa na internet, no telefone da **Simone**, sobre o uso de cianeto nos alimentos. E viram que isso é uma espécie de substância que vai matando aos poucos, ou algo assim. Veneno. E houve um laudo no hospital em que ele foi atendido, que também parece que mostrou envenenamento, na época. Ele foi atendido diversas vezes em hospitais, com intoxicação. No Niterói D'Or, salvo engano. O celular da vítima não apareceu, mas tiveram acesso às suas informações, com autorização judicial, porque remontaram o telefone. Houve uma determinação para que a operadora entregasse um chip, com o mesmo número habilitado. Diante das informações que já haviam arrecadado, fizeram uso de um aparelho iPhone semelhante ao da vítima e conseguiram resgatar, fazendo um backup completo do telefone dele. O telefone do **Flávio** também não foi encontrado. Não participou da prisão de **Flávio**, mas ela foi no cemitério, no dia do enterro. Ele já tinha um mandado de prisão anterior. No início das investigações, é de praxe fazerem uma consulta prévia de todos os envolvidos. Viram que **Flávio** tinha um mandado de prisão em aberto e imaginaram que ele estaria no enterro. Tomaram conhecimento da carta, desse contato de **Andrea** com **Flordelis**, através de um dos telefones apreendidos. O marido de **Andrea**, o réu **Marcos**, está preso e ela se mostrou como uma liderança entre as mulheres de presos. **Flávio** inicialmente ficou preso com **Marcos**, não sabe se na mesma galeria. Ela fez contato com a **Flordelis** justamente para oferecer uma facilidade a ela, dizendo que teria acesso a algumas coisas, por ser uma das lideranças de mulheres de presos. O que ficou demonstrado foi que cada um contribuiu com um pedaço do conteúdo. Isso incluiu **Flordelis**, **Flávio** e não se lembra se mais alguém. Essa carta foi produzida, para **Lucas** copiar com a própria letra, como a se tivesse escrito. **Adriano** levou a carta do Rio para Niterói, como um intermediário, algo assim. Nessa época, **Lucas** e **Flávio** estavam na mesma unidade prisional. O Bandeira Stampa é um presídio de ex-policiais. Não seria usual uma pessoa com passagem por tráfico ir para esse presídio. Não houve apuração no sentido de ter havido influência política para que os réus **Flávio** e **Lucas** ficassem nesse mesmo presídio. Isso faz parte da classificação da SEAP à qual os policiais não têm acesso. Participou da busca e apreensão realizada na casa de Luciano Gomes. Lá arrecadaram telefones celulares e computadores. O telefone de **Adriano** foi encontrado em uma caixa de pizza. Luciano era o chefe de gabinete da Deputada. Uma pessoa completamente devotada a **Flordelis**. No curso da investigação ficou comprovado que havia uma disputa interna dele com o Anderson, porque ele não deferia a este toda a devoção que a vítima esperava. O Pastor esperava uma devoção, que ele fosse idolatrado ali, e não era isso que Luciano fazia, porque ele tendia mais para **Flordelis** do que para Anderson. Havia essa desavença. Foram vistas mensagens nesse sentido, mas não lembra do teor exatamente e se reporta ao

teor de sua informação. Não se recorda se Luciano seria o substituto de Anderson. Isso foi o que acabaram imaginando que fosse acontecer, mas não se recorda de que isso tenha ficado comprovado. Lembra-se de que **Lucas** foi até o local da reprodução simulada e lá se recusou a participar, mas não se lembra se ele ou seu advogado tinham se comprometido a participar. Não sabe se ele foi orientado pela defesa, algo assim, mas não se lembra. Não se recorda do enredo em torno disso. Participou de um ou dois depoimentos de **Lucas** na DH, mas não se recorda se especificamente do depoimento de 17/12/2020. Se é o que foi gravado na sala de audiovisual, participou. Não se recorda de **Lucas** ter dito que foi orientado por advogados a não participar da reprodução. Não se recorda se **Flávio** pediu água gelada ou à temperatura ambiente. Foi feita uma diligência, que acha que foi no presídio de Bangu 8, para apurar o envolvimento do réu **Marcos** com a carta, mas não participou dela. Só se lembra que foram arrecadados anotações e cadernos. Não se lembra se a Deputada falou da perseguição ou da presença de uma motocicleta. O que disse foi que, preliminarmente, a versão apresentada era de latrocínio e que havia uma perseguição por motocicletas. Na posterior análise da imagem viram que, no único momento em que houve uma motocicleta próxima ao carro da vítima, foi em São Francisco, próximo à subida da Grotta, mas essa motocicleta não perseguiu o veículo da vítima, apenas se aproximou, em um determinado momento e rumou para outra direção. Porém não se recorda da palavra usada pela Deputada. Não tem a informação de que Mizael era quem administrava as finanças da igreja e da produtora musical. Com relação à igreja, a informação que tem é de que o **Carlos** seria um substituto natural, por ser o filho afetivo mais velho. Mizael tinha uma relação muito próxima com o Pastor. Não se recorda se Mizael tinha apoio na política especificamente de **Flordelis**. Anderson o apoiava. Não se recorda se houve quebra de sigilo bancário de Mizael, da vítima ou da Deputada. A informação de que o telefone da vítima foi habilitado, no dia do crime, na Barra da Tijuca e depois em Brasília, foi prestada pela operadora de telefonia, que mandou o extrato de bilhetagem, dizendo que o endereço do número de IP a que foi conectado o IMEI do aparelho, era da Barra da Tijuca e posteriormente de Brasília. Essa foi a informação técnica. A informação que prestou foi baseada no que a operadora, que tem a informação, forneceu ao depoente. Não foi uma informação de opinião. Foi baseada em informações coletadas, segundo a operadora de telefonia. O pelo foi levado a confronto de DNA com a saliva de uma garrafa de água mineral. Não se recorda se poderia ter sido um garfo, mas crê que tenha sido a garrafa. Embora tenham trabalhado as investigações de maneira muito restrita, para não haver vazamentos, as diligências eram feitas de forma simultânea por algumas pessoas envolvidas. Tomou conhecimento desse confronto, mas não participou diretamente dessa coleta. Não foi o depoente que conversou com **Flávio** e pegou esse material, então não pode afirmar isso de forma fidedigna. Não se recorda por quanto tempo **Flávio** ficou preso nas dependências da DH. **A arma foi arrecadada já com o pêlo.** Não

se recorda que policial constatou isso. Trabalhou na DH por cerca de 02 anos. Perguntado se as buscas e apreensões são sempre feitas sem luvas, respondeu que isso depende, não havendo um padrão. Têm protocolos a cumprir que a situação às vezes exige que se faça diferente. Então não pode afirmar que sejam todas, pois não participa de todas as buscas e apreensões que a Delegacia faz. Essa diligência não era específica para a apreensão da arma. Ela foi apreendida por acaso. A arma não estava no campo visual do policial que a arrecadou. Não dava altura, ele subiu em um banco ou cadeira, apalpou a parte de cima do armário, sentiu e pegou. Não sabe informar se foi feita busca de digitais na arma. Não sabe informar quem recolheu os estojos percutidos no local do crime. Provavelmente o perito de local que foi lá. Não participou da perícia de local. O confronto balístico é feito quando já se está de posse de alguma informação avançada na investigação, e se manda o material específico para confronto. Quando vai só a arma para o ICCE ela é apenas um laudo de descrição de material. A coleta de padrão na DH, nesse caso específico, era mais importante para a investigação. Pode afirmar que o que foi enviado para o ICCE foi material recolhido no local e não o percutido na DH porque foram momentos distintos, arrecadações distintas, feitas por pessoas distintas. Os estojos foram arrecadados no local pelo perito criminal que foi fazer o local de crime. A polícia trabalha em cima de uma coisa chamada “cadeia de custódia”. Então, o perito, até para se resguardar, acompanha toda a apreensão, embalagem e lacre daquele material, até que seja encaminhado ao local devido. A equipe da Dra. Bárbara, que esteve na casa da vítima, no domingo, não estava no local para fazer o local do crime preliminarmente. São dois momentos que não se confundem. Então, **não existe a possibilidade de o material enviado ao ICCE ter sido um material coletado muito tempo depois.** Não sabe quantos cartuchos deflagrados na DH convergiram com a arma. Não participou do momento da microcomparação na Delegacia porque é feito por um técnico, cujo nome não se recorda. Não aprendeu nenhuma substância na casa. Mesmo que tivesse encontrado veneno na residência, não sabe identificar. Quando arrecada até drogas em locais, é obrigado a enviar para o ICCE sem informar que é maconha, por exemplo. Não se recorda de ter sido apreendida ferragem do portão de trás da casa. Não participou da busca e apreensão na cela do réu **Flávio**. Não sabe informar se foi usada uma ou mais de uma arma no momento da execução, nem se havia mais de um executor no local. Não se recorda se foram apreendidas as imagens de câmeras da Estrada Caetano Monteiro, referentes ao dia do crime. Foram feitas muitas verificações de imagens e muitas diligências, mas pontuar o que foi feito em cada uma, não sabe dizer. Reporta-se ao que está nos autos. Não há imagens da Favela Nova Holanda. Dificilmente há câmeras de monitoramento em comunidades. Não se sabe se foram capturadas imagens da Avenida Brasil, mas o depoente não as obteve. Não havia razão para solicitar à operadora de telefonia um chip com o número da Deputada porque seu telefone foi arrecadado em uma segunda diligência de busca e apreensão. Quanto ao de **Flávio**, foi feita uma

tentativa com a operadora Nextel, mas, segundo eles, não houve viabilidade técnica para fornecer. Não se recorda se havia alguma conversa no telefone de Luciano em que **Fordelis** o mandasse fazer algo diferente do que a vítima queria. Quando arrecadaram os telefones, eles foram enviados para o laboratório do Ministério Público e quando saíram da DH, essa informação ou laudo ainda não tinha chegado. Então, de muita informação que provavelmente estava nos telefones e que foi juntada posteriormente, não tem conhecimento. Foi alegado que era uma prática comum os filhos usarem o telefone da Deputada, mas não se recorda exatamente de **Marzy**. Apontou a ré **Andrea**. Informou que ficou na investigação até sair da DH, em 2020. Participou de uma parte do depoimento da ré **Andrea**. Estava no início, mas não ficou até o final. Não se recorda porque saiu durante esse depoimento. Também não sabe por que a ré **Andrea** procurou a Corregedoria da Polícia Civil. Leu a denúncia, porém, como falou anteriormente, provas produzidas posteriormente à sua saída da DH, pela equipe que os sucedeu, não tem como dizer. Não pode afirmar como cada um dos réus atuou na confecção da carta. Só pode afirmar o que foi apurado enquanto estava lá. Não se recorda de ter participado da oitiva de **Marcos Siqueira**. Tampouco se recorda se **Marcos** e outros envolvidos foram colocados na mesma cela. Não participou da diligência realizada na cela do réu **Marcos**. Como falou antes, quando saiu da Delegacia, os aparelhos telefônicos ainda não tinham voltado do laboratório, então não sabe informar o que produzido de informação nesses aparelhos. Não se recorda de negativa da vítima ao pagamento de exames da ré **Simone**. Lembra-se de que houve vezes em que a ré **Simone** recorreu à vítima para comprar seus medicamentos, mas não pode afirmar se ela só recorria a ele. Tem conhecimento de que ela tem câncer e fazia tratamento. O telefone de **Rayane** foi arrecadado na diligência feita em Brasília e foi enviado para o laboratório, junto com os outros, para análise. Quando saiu da Delegacia, isso ainda não havia retornado e essa informação provavelmente foi colocada depois de sua saída. Não teve conhecimento sobre como era a relação da ré **Marzy** com a vítima. O depoimento dela foi feito junto com outros vinte e poucos ouvidos, no mesmo dia, e o depoente não foi o responsável por ele. Teve uma passagem de que algum membro da família teria sido violentado pela vítima, mas não se recorda se partiu da ré **Marzy**. Na casa existia uma senhora, conhecida como Néa, que era quem preparava a comida. O depoente saiu da DH junto com a Dra. Bárbara Lomba.

A testemunha **Tiago Vaz de Souza**, policial civil, relatou ter assumido suas funções na DH em final de janeiro, junto com o Delegado Allan Duarte. Pegaram o inquérito originário, nº 526/2019, já relatado e o nº 777/2019 em andamento. No início, pegaram por ordem cronológica e colheram o termo da testemunha Yvelise e, a partir daí foram intimando e se inteirando do inquérito anterior, ao mesmo tempo em que fizeram sua investigação. Intimaram algumas testemunhas e réus para formalizar todo o inquérito,

juntando as provas técnicas das análises dos celulares, além de outras, e reduziram todo esse esforço investigativo na informação final de inquérito. A **testemunha Yvelise** é a viúva do Senador Arolde de Oliveira. Ela foi indagada se o celular da vítima esteve em sua casa, o que ela negou, e **informou que houve uma ligação telefônica entre ela e Flordelis após o crime**. Com base nesse termo, retornaram aos dados cedidos pela operadora, com base na quebra de sigilo e, a partir dali puderam visualizar, no relatório de chamadas, a ocorrência dessa ligação, com todos os dados necessários de duração, ERB de origem e de destino. Embora tenha saído na imprensa que o celular da vítima teria estado na casa do senador, trabalham apenas com os autos e, neles, analisaram a quebra de sigilo telefônico, cedida pela Vivo e puderam restabelecer essa linha. Foi excluída, então, essa tese. Não estava presente no depoimento de Regiane, mas a equipe sim. Estava presente no depoimento de Daniel. Embora muitas dessas testemunhas já tivessem prestado depoimento anteriormente, como estavam fazendo sua investigação, precisavam do olho no olho, para tirar algumas dúvidas anteriores e fazer perguntas necessárias. Daniel compareceu e pode repetir algumas declarações já prestadas anteriormente e esclarecer outros pontos. A partir dali foram montando sua linha de investigação, que veio a se confirmar com as outras testemunhas. Como ouviram diversos integrantes dessa família, ninguém melhor do que eles para informar como era essa relação. Foi informado por eles que havia facções e divisões lá dentro: um grupo mais ao lado de Anderson do Carmo, chamado de “Niel”, e outro grupo mais próximo a **Flordelis**. E, frequentemente, foi relatado que ela incentivava essa divisão. Isso tem através de testemunhas e através até de provas técnicas colhidas, conversas retiradas de celulares apreendidos. Então, havia sim facções. **Não era uma família unida não**. Os mais próximos de **Flordelis** são os biológicos: **Simone, Flávio e Adriano** e mais alguns: **Marzy** e alguns outros que não se recorda porque são muitos personagens. Do lado de “Niel” (vítima), que prestaram depoimento na DH, seriam “**Mizael**”, “**Luan**” e pessoas próximas a eles. Foi relatado na Delegacia que havia uma insatisfação com a forma como Anderson geria aquela família financeiramente. Desde as questões das agendas, como a do orçamento familiar em si. No decorrer das investigações, viram também que, a partir de um determinado momento, **Anderson pediu para retirar alguns elementos de planos de saúde que ele pagava. Isso teria deixado as pessoas inconformadas com isso, alimentando ainda mais a facção**. Então sim, havia a questão financeira. **Carlos** e sua esposa Cristiane seriam os retirados do plano de saúde. Indagado se apuraram **planos anteriores de algum dos réus procurando alguém para executar a vítima, respondeu positivamente**. Inclusive, o que motivou o desmembramento desse inquérito foi uma situação de **Lucas**, logo no início, que falou ter sido cooptado por **Marzy** para que ele mesmo houvesse realizado esse crime antes, recebendo uma vantagem financeira. De posse dessa informação, de que haveria interessados na morte de Anderson do Carmo, foi iniciada essa busca de quem

seria o mandante. Daí decorreu a exposição dos planos anteriores de tentativas de assassinato, através de pistoleiros que eles estavam tentando arregimentar, e as questões do envenenamento. Testemunhas foram falando sobre isso, que **havia tentado envenenar a vítima antes do acontecido no dia 16/06/2019**. Vêm à memória do depoente os termos das testemunhas “Luan” e Luana, em que **Simone teria comentado com “Luan” que ela mesma estaria envenenando Anderson do Carmo**. A testemunha Luana disse ter presenciado situação em que foi colocada alguma substância na bebida do Pastor. Teve alguns episódios desse, em que **Cristiane (esposa de Carlos) teria passado mal após ingerir uma bebida que era destinada a ele (vítima)**. Taiane também teve um evento parecido, em que **passaram muito mal após ingerir bebida destinada a Anderson do Carmo, com sinais de intoxicação**. Pelo que se lembra, houve um fato em que o réu **Carlos chegou a comentar com a esposa Luana e “Mizael”, alertando-os para que não tomassem nada que fosse destinado à vítima, pois ele já informou que estaria envenenado e que a ré Flordelis estaria tentando matar Anderson do Carmo com veneno**. Não pode afirmar se **Carlos** cuidava da alimentação em si. Ele (**Carlos**) era um dos trabalhadores responsáveis por alguns setores dentro da casa, mas **sabia desse plano, tanto que alertou Luana, “Mizael” e outros que estavam dentro de um carro e nada fez para avisar e evitar que fosse concretizado**. O que perceberam através dos autos é que **a vítima teve algumas oportunidades de aviso e de entender o que estava acontecendo, só que ou não acreditou ou pensou isso que poderia ser contornado na própria família**. **Lucas** também falou que houve a conversa entre ele e **Marzy**, a respeito do plano de morte do Pastor Anderson do Carmo. O conteúdo dessa conversa de alguma forma foi parar no iPad da vítima, chegou até o celular dele e ele viu esse texto. A vítima teve acesso a esse texto e conversou sobre isso sobre os que estavam próximos a ele, aqueles integrantes que citou, que seriam mais próximos à vítima. Essa conversa também está nos autos. Ele descobriu esse texto de alguém querendo matá-lo e tentou dar o jeito dele. Fez uma reunião com os familiares, ou alguma coisa assim. **Todos ali tiveram alguma participação, ou eram cientes desse projeto de morte**. Houve algumas conversas interceptadas, principalmente de **André**, conhecido como “**Bigode**”, em que **fica muito clara, não só a questão da insatisfação familiar, quanto do intento de que se resolvesse o problema Anderson do Carmo, que naquela circunstância foi chamado de “traste”**. A conversa era entre **Flordelis** e **André**, se referindo a Anderson como “traste” e falando que *“teriam que dar um jeito”*, tentando cooptar **André**, falando *“pelo amor de Deus, me ajuda”*, tentando convencer **André** a ajudá-la. Ele sempre respondendo que sim. **Ela (Flordelis) diz que era só fazer a vítima comer alguma coisa para eles acabarem com esse problema**. Claramente, no topo hierárquico dessa família havia o casal **Flordelis** e Anderson. Ele era responsável pela parte administrativa, eclesiástica e de cantora, enquanto **Flordelis**, até por ter idade superior à de Anderson, tinha esse domínio sobre todos da casa. O inquérito nº

1025 estava focado no uso do documento falso: das cartas. Foi apurado, principalmente no termo de **Lucas**, que seria o próprio autor da carta, que ele **recebeu uma carta anterior, que lhe avisava o que era para ser escrito e ele escreveu outra carta, com base na primeira. Ele copiou trechos dessa carta.** Ao ser perguntado qual seria o destino dessa primeira carta, relatou que **Flávio** rasgou e jogou fora na latrina. Nessa época ele estava na mesma unidade que **Flávio**. Então, o próprio autor da carta falou que o conteúdo não é verossímil. **Marcos e Andrea foram um meio dessa carta chegar a Lucas.** Ela (**Andrea**) tem autorização de entrar para visitar o marido. Então, **Flordelis** usou esse caminho: entregar para **Andrea** que, durante a visita a seu marido, essa carta chegou às mãos de **Lucas** e saiu pelo mesmo caminho de entrada. “**Luan**” relatou que sempre teve vontade de ir para os Estados Unidos. Acredita que tinha alguma relação com o tratamento do filho dele. Mas ele deixou bem claro que **Flordelis** nunca concordou com isso. Ela preferia que ele ficasse aqui. **De uma hora para a outra, a partir do momento em que ele (“Luan”) passou a colaborar com as investigações, a contar a verdade, ele relatou que Flordelis passou a incentivar que ele fosse embora para os EUA, inclusive se oferecendo para financiar as passagens de “Luan” e toda a sua família, fato que ele estranhou. Daniel** relatou que foi **oferecido a ele um dinheiro**, em determinada circunstância, depois dos fatos e ele também estranhou isso. Acredita que perto de alguma audiência. Participou do depoimento de **Luana**. Ela falou que a acusada **Flordelis** é uma pessoa dominadora, inclusive psicologicamente. **Domina muito a família e tem um domínio muito grande sobre Marzy, que se tornou também uma ré, ao colaborar com esse plano. Marzy** é descrita, no termo de **Luana**, como uma pessoa que deseja muito provar o amor à mãe e receber algum tipo de consideração. Então, é uma pessoa que estaria disposta, inclusive, a participar desse plano para ter sua recompensa. Existe o relato de que, em determinado momento, havia sumido uma grande quantia de dentro de um cofre e **Marzy** teria confessado, inclusive para a vítima, que teria sido a ela a autora do furto. Posteriormente, no termo de **Luana**, ela diz que não foi **Marzy** quem furtou, mas que **Flordelis teria pedido a ela para assumir o furto.** No momento do crime, **Marzy** estava na casa de “**Mizael**”, com o intuito de cuidar do filho do casal. O fato ocorreu às 3h30 e foi verificado no celular de **Marzy**, em um aplicativo de saúde prova daqueles que monitoram passos, que ela não parou de andar naquela noite. Durante toda a noite ela estava em movimento, inclusive na hora do fato. Isso os fez pensar que uma pessoa que vai para a casa de outra com o intuito de cuidar de uma criança, não deveria estar andando muito assim. Houve um episódio em que **Marzy** se abriu para **Luana**, inclusive demonstrando algum arrependimento, dizendo que **Flordelis teria pedido a ela para procurar assassinos, confessou o envenenamento, falando que seria melhor para a família que Anderson do Carmo morresse, e coisas do tipo.** Ela expôs todo esse plano macabro para **Luana**, que relatou isso em seu termo. Embora a investigação, como um todo, mostre

a presença de outros, no termo de Luana, não se recorda se, nessa conversa, foram citados outros nomes. Possivelmente sim. Depois do crime, Luana convidou **Marzy** a ir à Delegacia para contar tudo que sabia. Ela pediu para pensar se entregaria ou não a mãe e, posteriormente, **disse para Luana que não ia entregar a mãe (Flordelis), nunca, “nem morta”**. Cabe lembrar também que, no momento da investigação, foi encontrada uma conversa que se encaixa muito bem nesse período, em que **Flordelis** e **Marzy** estão conversando e dá para interpretar que **Flordelis** está convencendo **Marzy** a não entregá-la. Não se pode afirmar que o dinheiro sumido do cofre foi usado na compra da arma. Só há relato de que ele sumiu, mas não há relato de em que ele foi utilizado. **Além do Pastor, somente a Deputada Flordelis poderia pagar os R\$ 10.000,00 oferecidos a Lucas para matar a vítima**, porque há alguns relatos, se não se engana, de duas pessoas, que chegaram a comentar que, naquela casa, embora haja “marmanjos”, **ninguém trabalha, nem gosta de trabalhar**. Então, os possuidores do poder financeiro eram o casal: **Flordelis** e Anderson. Luana falou que **Simone** não era uma pessoa fácil e relatou bastante da **Simone** durante a conversa com **Marzy**. **Recordou-se de que uma das tentativas de assassinato teria sido realizada por um ex-companheiro de Simone, a pedido dela, mas o plano foi frustrado por uma situação externa**. O crime era para acontecer ao final de um culto, mas o Pastor Anderson do Carmo acabou pegando um carro diferente, então esse plano foi frustrado. Houve um relato de que, na diplomação da ré **Flordelis** como Deputada Federal, estavam no gabinete ela, **Simone, Rayane, Marcele** e Greice, e alguém disse que agora não precisavam mais dele, ou algo nesses termos, e quem estava na cena concordou. **Tem o relato em que ela (Simone) diz para Luana sobre o envenenamento, que “ele é ruim de morrer”**. **Nos celular há pesquisas na internet muito comprometedoras**. A frase “Você que é a cantora. Você que é Deputada. Por que que ele é assim?” foi dita por **Simone**. Há esse relato no inquérito. Recorda-se que Luana disse que conhece a **Flordelis** e sabe interpretar perfeitamente quando ela está sendo verdadeira ou não e ela relatou que **a deputada estava fazendo um choro falso, um cena não verdadeira, no hospital**. **André “Bigode”** foi tesoureiro da igreja, durante um período, mas também era parte do núcleo mais próximo de **Flordelis**. Salvo engano, **houve uma situação em que um dos pistoleiros que foram cooptados para uma das tentativas de assassinato anteriores apareceu na igreja cobrando uma certa quantia**, salvo engano, R\$ 2.000,00, que haviam sido prometidos para a execução de Anderson. **Luana presenciou Flordelis e os outros todos preocupados porque esse homem ameaçou matar Rayane se não lhe fosse dado o dinheiro prometido**. **André “Bigode”** foi quem **entregou esse dinheiro ao pistoleiro**. Esse dinheiro seria para o pistoleiro matar o Pastor e passou a ser para não matar **Rayane** com a troca da ameaça. Não se recorda por quem esse pistoleiro foi contratado porque houve várias tentativas: essa, uma pelo **ex-namorado de Simone, procura por bandidos**, então não sabe esse que

apareceu quem foi. Lembra-se de que Luana informou em seu depoimento que **quem contratou esse matador foi Rayane**. Nesse momento da igreja ela já se encontrava em Brasília. O texto de dispõe o plano de morte fala que a pessoa iria entrar em contato do Anderson, pedindo uma foto do carro e dessa forma eles saberia modelo e placa, para que o crime fosse executado, mas não se recorda quem fez esse contato. O crime não foi consumado nesse dia, 16/02/2019, a priori, porque o carro não foi comprado. Eles voltaram no mesmo carro em que foram. Nesse dia 16/02, aquele texto fala sobre cooptar **Lucas** ou “Neném”, para que um dos dois executasse o crime, mas **Lucas relatou que não aceitou**. Sobre **Rayane**, o que vem a sua memória, que já está falhando, é que **Rayane** foi para Brasília com a promessa de ganhar R\$ 15.000,00, mas não era esse valor que estava chegando a suas mãos. Isso a deixava frustrada e ela **passou a pesquisar e procurar matadores**. Agora está se recordando que, acha que no termo de Luana, ela fala que **Rayane chegou a perguntar para Érica, salvo engano, se ela conheceria algum bandido**. Essa é **uma das tentativas** de arrematar pistoleiros. O que o inquérito diz a respeito de **Carlos Ubiraci** é que ele é conhecido pelo círculo íntimo e tem um **apelido antigo de “Neném”, só usado em momentos informais**, o que foi confirmado no próprio termo de declaração dele. É justamente o **mesmo apelido que aparece nos planos de morte já citados**. **Carlos** é muito próximo de **Flordelis** e seu termo de depoimento é repleto de mentiras, que confrontadas com os outros termos tomados, percebe-se que ele faltou com a verdade. **Adriano** tinha o vulgo de “Pequeno” e era muito próximo da mãe. Luana também fala de **Flávio** como uma pessoa mais fechada. Relata que teve um problema de relacionamento, se separou da mulher, houve aquelas questões da ameaça e ele foi para Brasília. Luana também se recorda, em seu depoimento, de que **viu Flordelis colocando, escondido, uma substância em pó, dentro do suco de laranja que seria oferecido para a vítima e a ré comentou com ela que seria para acalmar Anderson, como se fosse um calmante ou algo assim**. Não se recorda quem estava no gabinete nesse dia, mas no mínimo Luana e **Flordelis**. Se não lhe falha a memória, lembra-se de uma citação de que **Marzy teria feito o suco, levado até Flordelis, que colocou um pó e seria oferecido a Anderson**. Não se recorda se havia mais algum dos réus no gabinete nesse dia. Houve uma situação em que Luana, “Mizael”, **Carlos Ubiraci** e (sua esposa) Cristiane estavam presos no trânsito, conversando sobre outras coisas e **Carlos puxou uma conversa alertando Luana e “Mizael” sobre não ingerir nada que estivesse destinado a Anderson do Carmo, pois a mãe, Flordelis, estava tentando matá-lo envenenado, em termos claros**. Não conheceu Cristiane, pois ela prestou depoimento antes de o depoente vir para a Delegacia. Houve mais de um termo informando que Cristiane tomou um suco ou um Chamyto e passou muito mal depois disso, de chegar a ir para o hospital. Isso foi relatado pela Roberta, filha do casal **Carlos** e Cristiane, mas foi negado pelo **Carlos** em seu depoimento. No confronto entre esses depoimentos, quem falou a verdade foi

Roberta. O termo de depoimento de **Carlos** é colidente com diversas informações dos termos de outras testemunhas. Várias testemunhas compareceram à DH e informaram que Anderson sabia dos planos, falou com elas, fez a reunião na casa para resolver esse problema. **Carlos** falou que Anderson nunca soube de nada. Outras testemunhas falaram que **Carlos**, além de saber, também conversou sobre isso com a vítima e elas. Há uma testemunha que considera importante nesse contexto, que é Roberta, que seria a pessoa mais próxima, filha de criação de **Carlos**, e se vê que os depoimentos divergem. **Segundo Roberta, houve conversa entre ela e Carlos em que ele afirma saber do plano de morte de Anderson do Carmo.** No termo de **Carlos**, ele fala que nunca recebeu nenhuma mensagem com esse conteúdo, mas é possível ver nos autos que essa mensagem foi enviada por WhatsApp para ele. Então, são colidentes. Salvo engano, **são duas pessoas que passaram mal consumindo alimentos do Pastor: Cristiane e Taiane.** São fatos bem semelhantes. Há relatos de que havia geladeiras diferentes. Algumas pessoas teriam mais privilégios na alimentação, enquanto o restante teria uma condição inferior, sem direito a alimentos específicos. Não se recorda quem disse que alguns filhos só se alimentavam de arroz, feijão, macarrão e salsicha, mas esses termos foram parar nos autos. Sobre a última informação do depoente no inquérito 1025, há informações levantadas no inquérito da equipe anterior, que citavam mensagens de celulares avisando a Deputada **Flordelis** de que ocorreria o cumprimento de mandados de busca e apreensão. Essa informação foi para os autos, não se recorda se no inquérito 1025, mas há esses indícios, que seriam mais apurados. **Lucas contou, em seu depoimento na DH, que dois advogados teriam ido até a cadeia orientá-lo a não participar da reprodução simulada.** Não há procedimento diferente desses para apurar esse fato. Isso seria investigado dentro desse mesmo inquérito 1025. Pode informar sobre o que foi investigado, não sobre o que não foi e por que não foi. O depoente é agente da autoridade policial. **Lucas** disse que conversou bastante com o réu **Marcos**, mas não se recorda se ele disse o local. Reporta-se ao termo de **Lucas**. Não sabe informar se **Lucas** teve contato com outro preso, além de **Marcos**, no complexo prisional. Quem inquiriu Luana foi o Delegado, por meio de termo colhido em audiovisual. O depoente só acompanhou. Ela não informou a atitude que tomou. Também não disse que atitude teria tomado depois do que **Marzy Ihe confessou sobre o plano para matar a vítima.** Após o aviso de **Carlos**, no dia do carro, sobre o veneno na comida de Anderson, não sabe dizer se Luana ou “Mizael” avisaram à vítima sobre isso. No gabinete, onde **Luana** presenciou colocarem algo no suco de Anderson, salvo engano, ela **informou que só foi entender que poderia se tratar de um veneno em momento posterior, depois de ter acontecido isso tudo.** Está no depoimento dela que só concluiu depois que o que tinha visto era um envenenamento. Luana não informou ao Delegado que seu marido tem quatro contas no Ministério **Flordelis** e da Gospel Produtora em seu nome. Não se recorda se Luana fez algo para impedir esses episódios. Reporta-se

aos termos de depoimentos. Em termo colhido na DH, o marido de Luana “Mizael” disse que não almejava ser prefeito de São Gonçalo. Atualmente, ele é vereador. Não sabe informar se a vítima o impedia de ser candidato a prefeito. Há relatos de que o “Mizael” tinha participação no controle financeiro, na tesouraria da igreja, juntamente com **André** “Bigode” e Anderson. Eles prestavam relatório a Anderson do Carmo. Quanto à produtora, não sabe informar. Não se recorda de nenhuma quebra de sigilo bancário nesse inquérito, durante a fase em que participou. **Algumas conversas, em momentos diferentes, entre Marzy e Flordelis, faziam menção a matar Anderson**, mas não se recorda se elas conversam entre si, do plano em si. Resumidamente, **Lucas relata que conversou com Marzy e ela teria mostrado a ele conversas com planos de morte, mesmo texto em que estão escritos os R\$ 10.000,00. Parte desse texto seria conversa de Flordelis com Marzy onde haveria um texto dizendo “Fala assim” e o texto abaixo seria enviado para Lucas.** Então, dentro dessa mesma conversa, há essas duas possibilidades. Existe cópia tanto no aparelho do “Mizael”, como também foi retirado do aparelho da vítima, com os dados que foram resgatados da nuvem, o mesmo que foi enviado para **Carlos**. Esse texto tem duas fontes. **Se não lhe fala a memória, “Mizael” conversou com a vítima sobre o envenenamento e tentou alertá-lo. Como disse no início, a vítima não acreditou, ou achou que isso poderia ser contornado com conversa.** Por ser a família grande não pode afirmar que todos sabiam dessas mensagens. Há muitas folhas de conversas entre Luciano e a vítima no inquérito. Nelas, não se recorda de alguma ordem da Deputada **Flordelis** contrariando outra ordem da vítima. Também não se recorda de nenhuma mensagem sobre descontentamento da Deputada **Flordelis** com dinheiro ou a conduta da vítima, mas pode ser que tenha, pois, como disse, essas conversas estavam no inquérito nº 526, que já pegaram relatado, então leu, mas não se debruçou muito sobre elas. Não se lembra se há mensagens de Luciano alertando a vítima de que queriam matá-lo, nem de mensagem da vítima para Luciano de descontentamento por achar que estavam querendo matá-lo. Só participou da segunda fase do inquérito. A primeira já estava relatada, mas acessível na DH. Tudo o que disse é com base no depoimento que Luana prestou em 2020. Apontou os réus **Marcos** e **Andrea**, presentes ao depoimento. Acredita que **Marcos** estava preso em uma das unidades de Bangu, mas não se recorda se no Bandeira Stampa. Não sabe informar se o regime no Bandeira Stampa, conhecido como Bangu IX, é fechado ou semiaberto. Não sabe informar sobre os procedimentos administrativos da SEAP. Não sabe informar se **Lucas** estava no pátio no mesmo dia em que **Andrea** visitava seu marido **Marcos**. **Lucas** recebia apenas a visita de uma ou duas pessoas autorizadas pela Justiça: Regiane e o esposo. Não sabe por que o Pastor Anderson havia determinado que **Carlos** e ( a esposa) Cristiane fossem retirados do plano de saúde. Houve um pedido para se retirar pessoas do plano de saúde. **Carlos** e Cristiane aparecem em conversa, salvo engano, de **Flordelis** com **André**. Aí já

não sabe dizer se foi **Flordelis** ou o Pastor Anderson quem mandou tirar. Até a ré **Flordelis** alega dificuldades financeiras, por conta da obra de algum templo, que estava sugando muito dinheiro. Talvez, se possa interpretar que, por esse motivo, que **Flordelis** ou Anderson queriam diminuir os beneficiários dos planos de saúde. Acredita que a conversa alertando sobre os envenenamentos se deu quando **Marzy** se abriu para Luana. Luana se disse testemunha presencial de envenenamentos. **Carlos também teria avisado para Luana e “Mizael”**, na ida de carro ao Rio, **sobre os envenenamentos do Pastor**. Perguntado sobre o que “Mizael” fez para evitar os envenenamentos, reporta-se ao que está nos autos. De acordo com os autos, foi relatado que tanto “Mizael”, como Luana, **Carlos** e **Marzy** tinham conhecimento de que o Pastor estava sendo envenenado. O Delegado não disse ao depoente por que não ia indiciar Luana. Presenciou o depoimento do réu **Carlos Ubiraci**. Ele citou a gratidão de que tem pela vítima, inclusive pelo fato desta o ter resgatado de uma comunidade, quando tinha 15 anos. Não tem conhecimento de que o réu **Carlos** havia alertado a vítima. Não participou da busca e apreensão que arrecadou o celular do réu **Adriano**. Após a perícia, foi encontrado um *print* de aplicativo de mensagens, de uma conversa entre **Marzy** e **Flordelis**. Não sabe informar se **Adriano** foi intimado para falar a respeito dessa mensagem. Não acompanhou o depoimento de **Marzy**. Foi falado a respeito de **Marzy**, salvo engano, ser ela uma pessoa **muito carente de atenção pela mãe e faria de tudo para provar seu amor. Ela seria uma pessoa carente de se demonstrar útil para a mãe**. A relação de **Marzy** com a vítima **não era muito boa**, desde o furto do dinheiro do cofre, foi relatado que Anderson aplicava algum tipo de castigo, havia brigas e passou a não tratá-la muito bem, de uma maneira diferenciada. Não se recorda de nenhum relato de agressão do Pastor a **Marzy**. Houve um relato, salvo engano, de **Flávio**, nos primeiros dias do inquérito 526, de que o Pastor teria abusado de alguém na casa, mas a pessoa que ele falou que teria sofrido o abuso por Anderson, cujo nome não se lembra, teria prestado depoimento na DH negando os fatos. Isso está nos autos do inquérito 526. Algumas pessoas são responsáveis por preparar a comida na casa, Neinha, a cozinheira, e a mãe de **Flordelis**, às vezes. **André “Bigode”** sabia dos planos de envenenamento, mas não sabe informar qual foi sua atuação no homicídio consumado. Quando o réu **André conversa com Flordelis sobre “dar um fim, que precisavam disso, fazer mais o que”**, aquela conversa nesse contexto, **ela pede ajuda a André e ele responde positivamente. Flordelis** começou a falar da maneira que ele poderia ajudar e ela relata que era só fazer a vítima comer alguma coisa: um arroz, um franguinho fresquinho feito na hora, que não faz mal, e ele sempre respondendo positivamente nessas conversas. Quanto ao dia dessas conversas, reporta-se aos autos. Acredita que seria uma tolice a acusada **Flordelis** escrever expressamente que estava tentando envenenar a vítima. **São sempre usadas outras palavras para não escrever expressamente**. Que o depoente saiba, em 2018 não havia procedimento investigativo contra os

réus. Há expressamente o propósito de **“dar um fim”**, precisavam **“se livrar do Niel”**, **“desse traste”**. Somando a questão do **“fazer o que, se separar dele eu não posso”**, não precisa de muito esforço. Expressamente não se usa o termo envenenar. Há nos autos que a vítima deu algumas entradas em hospital. Recordou-se que, **nessa conversa, Flordelis também diz que “está faltando pouco”, dando um indicativo de continuidade**. Falta pouco para se livrar de Anderson, mas não expressa como. Não se recorda das datas das conversas e das entradas em hospitais, então se reporta aos autos. Não sabe dizer se **André** conseguiu convencer Anderson a comer o frango no dia 13/10/2018. Reporta-se aos autos quanto a haver algum elemento de informação sobre a vítima ter tido algum problema naquele dia. Não se lembra de que tipo de apoio moral **André** teria dado aos outros denunciados para matarem Anderson. Não pode informar, de memória, se há algum outro diálogo de **André** com os outros denunciados, envolvendo a vítima. Quando **Flordelis** foi ouvida, em 21/05/2020, havia o inquérito 777 e também o 195. Este último apura uma possível desobediência em tentativas de visita a **Lucas**. **Flordelis** tentou visitar **Lucas**, no presídio, mais de uma vez, como reconheceu em seu depoimento. Não foi apreendida nenhuma comida no presídio. O Diretor da unidade foi ouvido, mas não se lembra do que ele disse, porque o sindicante desse inquérito 195 era outro policial. Por alto, lembra-se de que ele compareceu na DH, prestou depoimento e **consta que ele informou Flordelis da proibição e a ela, indignada, disse que não aceitava e iria recorrer dessa decisão**. Esse diálogo teria se dado no gabinete do Diretor do presídio. Não se lembra se o diretor **comentou sobre a velocidade com que a carteira de visitante de Lucas foi feita para Flordelis**. Pode ser que esteja, mas não se recorda, pois não era o sindicante. Não se recorda o nome do advogado que informou a Deputada **Flordelis** sobre a diligência em sua casa, mas acredita que pode ser sim Fabiano Miguez. Acredita que pode ter havido uma conversa entre Luciano e Anderson, em que este dizia que a igreja estava mal das pernas financeiramente, porque isso está relatado também em outros termos. Na ocasião do termo de **Flordelis**, ela disse que, primeiramente, só ela e Anderson tinham a senha do cofre, mas depois ela incluiu mais duas pessoas: **André** e “Mizael”. Lida, pelo assistente de acusação, a conversa entre **André** e **Flordelis**, do dia 15/10/2018, constante dos autos, o depoente dela se recordou, sendo ela bastante esclarecedora. O que pode informar é que, no termo de depoimento de **Flordelis**, ela disse que tentou visitar o **Lucas**.

A testemunha **Luana Vedovi Rangel Pimenta**, nora da vítima e da acusada **Flordelis**, ouvida como informante, declarou ser esposa de Wagner, conhecido como “Mizael”. Afirmou que conhece a família há cinco ou seis anos, sendo que a conheceu como membro da igreja e, posteriormente, iniciou namoro com Wagner; que nunca residiu na casa, mas a frequentava; que, quando começou a namorar Wagner, tornou-se secretária da igreja e ficou mais próxima da família, sendo que, posteriormente, casou-se com Wagner e

com ele passou a residir, mas nunca na casa da família; que sempre esteve muito próxima à família, pois “Mizael” sempre foi muito próximo de seus pais, bem como de todos; que se tratava de família normal, com brigas e alegrias. A depoente afirmou que foi muito próxima a **Flordelis** durante o início de seu namoro com “Mizael” e, com a convivência, percebeu que existiam “facções” na família: pessoas com quem **Flordelis** contava de um lado (filhos biológicos, como **Adriano** e **Simone**, bem como **Marzy**, Anabel, Isabel e outros membros da família que não trabalhavam e passavam mais tempo em casa) e pessoas com quem o Pastor Anderson contava, de outro (os membros da família que trabalhavam). Declarou que, posteriormente, ficou mais próxima de Anderson do que da **Flordelis**; que havia diferenças na dinâmica familiar de acordo com a “facção” à qual os membros pertenciam. Para exemplificar tal diferenciação, a depoente citou o fato de que somente as pessoas mais próximas a **Flordelis** mexiam na bolsa ou na geladeira desta, bem como o fato de que alguns filhos, como Lorrane, Anabel e Isabel, não entravam na escala de trabalho da casa. Ademais, segundo a depoente, alguns filhos recebiam celulares novos, enquanto outros recebiam telefones velhos, e alguns tinham acesso a alimentação diferenciada. A depoente afirmou que **Flordelis** e Anderson não tratavam os membros da família da mesma maneira, sendo que Anderson era mais rigoroso e **Flordelis** era mais maleável com os filhos mais próximos a ela. A depoente declarou que **Marzy implorava pelo amor de Flordelis e qualquer coisa que esta pedisse, aquela faria**; que **Flordelis** falava mal e jogava alguns membros da família contra o Pastor, sendo que a própria depoente, logo que começou a ter contato com a família, tinha medo do Pastor Anderson, em decorrência das coisas que **Flordelis** dizia sobre ele; que **Flordelis** dizia que **Anderson era “rigoroso, tirano e injusto”**. A depoente afirmou que **chegou a dizer a Flordelis que esta deveria se divorciar**, já que parecia não gostar da forma de agir de Anderson, **mas Flordelis chorou e disse que “não poderia escandalizar a igreja”**. Declarou a depoente que Anderson era muito inteligente e era *“o grande mentor de tudo”*; que Anderson e **Flordelis** tinham um acordo entre eles, mas **Flordelis** maldizia Anderson pelas costas; que **a vítima administrava cem por cento da carreira artística, política e religiosa da deputada, o que causava grande insatisfação nos filhos mais próximos de Flordelis**; que muitos membros da família expressavam abertamente a insatisfação com o fato de que, apesar de **Flordelis** ser a deputada, cantora e Pastora, era Anderson quem administrava os ganhos, sendo que **tal insatisfação atingiu o ápice entre Simone, Lorrane e Marzy quando Flordelis foi eleita deputada federal**. A depoente afirmou que estava em Brasília para a posse de **Flordelis**, quando **ouviu Simone dizer “nós não precisamos mais dele”**, referindo-se a Anderson. A depoente afirmou que, à época, **sentiu concordância entre os outros presentes, inclusive de Flordelis, que nada disse contra a fala de Simone**. Segundo a depoente, a vítima e **Flordelis** tinham um acordo: a maior parte da oferta da igreja ia para a vítima, que se responsabilizava por todas as despesas

da casa, enquanto **a menor parcela era para gastos particulares de Flordelis**. A depoente narrou que, no dia dos fatos, seu telefone tocou por volta das 03:00 horas da manhã, tratando-se de uma ligação do Pastor Luciano para informar que o Pastor Anderson havia sido assaltado e baleado. Alega a depoente que, **assim que recebeu a ligação, comentou com “Mizael”:** **“Conseguiram!”**. A depoente afirmou que, até então, acreditava que os acusados não seriam capazes de cometer a assassinato; que **Marzy** estava na casa da depoente no dia dos fatos; que **Marzy** afirmou que nada tinha feito; que a depoente e **Marzy** já tinham tido conversa na qual aquela aconselhou esta a *“não se meter nisso”*; que a depoente acreditou em **Marzy** e deixou seu bebê com ela, enquanto dirigiu-se ao local do fato com “Mizael”. Segundo a depoente, Daniel ligou desesperado do telefone do Pastor e a depoente lhe disse para levar o Pastor ao hospital, dirigindo-se ela também para lá. Chegando ao hospital, a depoente encontrou Daniel desesperado, sujo de sangue, e este lhe informou que o Pastor já chegou ao hospital sem vida. Declarou que muita gente chegou ao hospital; que, quando **Flordelis** chegou ao hospital, **a depoente notou que o choro da viúva não era verdadeiro e teve a certeza de que Flordelis não estava triste com a situação**. A depoente declarou que não conseguiu chorar no enterro e apenas sentiu raiva ao ver as pessoas falsamente chorarem em volta do caixão; que *“se choraram, foi remorso, porque muita gente estava participando disso”*; que, no mesmo dia do crime, a depoente já disse à Polícia que gostaria de prestar declaração e foi convocada para tal dois dias depois. **A depoente narrou que, em março, Anderson disse, em seu gabinete: “Sabia que estão querendo me matar?” e mostrou à depoente uma carta na qual alguém dizia a Lucas que lhe daria dez mil reais se este simulasse latrocínio e assassinasse Anderson**. Segundo a depoente, Anderson lhe disse saber que **Marzy** era a autora da carta, ao que a depoente respondeu que devia haver alguém acima de **Marzy** no planejamento, já que esta não dispunha de dez mil reais. A depoente afirma que **tentou inferir indiretamente que Flordelis estivesse envolvida, sem poder fazer tal afirmação diretamente a Anderson, já que este era grande defensor da deputada e não acreditaria**. Segundo a depoente, Anderson afirmou que resolveria com **Marzy** e a ameaça cessaria. Então, a depoente afirma que conversou sobre a questão com **Marzy**, ocasião na qual **esta chorou e disse: “Luana, se a gente matar o Pastor, a gente vai resolver os problemas, ele é o grande causador disso tudo, a gente sofre muito com ele dentro de casa. A Simone já tentou fazer isso algumas vezes e uma vez você até atrapalhou, porque chegou na casa quando um ex-namorado de Simone ia entrar e matar o Pastor”**. A depoente declarou que **Flordelis** perguntou a **Marzy** se esta conhecia algum matador e **Marzy** passou a buscar, até que um dia **Lucas** assaltou um Pastor e Anderson ficou muito irritado com o acontecimento. Então, segundo a depoente, **Marzy** ligou para **Flordelis** e lhe disse que Anderson estava se dirigindo à casa de **Lucas** para *“dar-lhe uma coça”*, ao que **Flordelis** respondeu orientando **Marzy** a ligar para **Lucas** para

avisá-lo. Ainda segundo a depoente, quando **Marzy** ligou para **Lucas**, este disse: *“Deixa ele vir, estou aqui armado e vou pegar ele”*. A depoente narrou que, então, **Marzy** ligou para **Flordelis** e esta teve uma epifania ao dar-se conta que **Lucas** poderia ser o matador. A depoente informou que a carta que consta no *iPad* de Anderson, na qual **Marzy** oferece dez mil reais a **Lucas** para matar o pastor, foi a segunda conversa nesse sentido; sendo que, na primeira tentativa de planejamento do assassinato de Anderson, **Flordelis** recuou e disse a **Lucas** para não mais executar o homicídio. A testemunha afirmou que a carta que viu no iPad de Anderson, segundo Marzy, foi digitada por Flordelis no próprio iPad da vítima, que ordenou a Marzy que enviasse o texto a Lucas, o que esta fez, mas esqueceram de apagar a carta do iPad e o Pastor a visualizou de seu próprio celular, devido ao compartilhamento pela nuvem, e comentou sobre a existência de tal carta à depoente, a Daniel e a outras pessoas. A depoente declarou que perguntou a Anderson se ele havia comentado sobre o texto com **Flordelis**, ao que este respondeu positivamente, e ainda disse que **Flordelis** nada disse. Declarou, ainda, que quando conversou com **Marzy**, esta chorou e disse: “Minha mãe não me ama, ela só quer me usar, porque ela me ofereceu trinta mil reais para assumir a autoria da carta frente ao Pastor e sair da casa com tal valor”. Após tal conversa, segundo a testemunha, **Marzy** começou a passar muito tempo na casa da depoente, o que fez com que esta acreditasse que **Marzy** estava em sua casa justamente para não se envolver nas tramoias da família. No entanto, a depoente descobriu que **Marzy** estava em sua casa para evitar confronto com o Pastor. A depoente afirmou hoje entender que foi usada, mas declarou que tentou afastar **Marzy** das tramoias. A testemunha afirmou que **os fatos ora relatados foram narrados diretamente por Marzy à depoente**; que o Pastor lhe contou sobre a carta no *iPad* no início de março e no final do mesmo mês a depoente conversou com **Marzy**; que, em abril, conversou com **Carlos** e Cris quando ficaram ilhados na Barra da Tijuca em decorrência de fortes chuvas, oportunidade da qual **Carlos** disse: *“Vou dar um conselho para vocês. Não toma nada do que a Flor der para o Niel”*. Segundo a depoente, **Carlos** narrou que Anderson tomava um suco de laranja e ofereceu a bebida a Cris, que aceitou e depois passou cinco dias internada. Ainda segundo a depoente, **Carlos** disse que Anderson era *“um touro, porque estava aguentando”*, o que trouxe à depoente memórias de **várias ocasiões nas quais esta viu Flordelis e Marzy colocarem pó nas bebidas de Anderson afirmando tratar-se de remédio**. A depoente afirmou que posteriormente soube que **outras pessoas também colocavam substâncias na bebida do Pastor, mas viu somente Flordelis e Marzy** fazê-lo; que Anderson estava emagrecendo muito e indo ao hospital com frequência, bem como fazendo reuniões com a lixeira ao lado, pois parava constantemente para vomitar; que as pessoas em volta acreditavam que o pó colocado na bebida do Pastor era remédio para ansiedade e acreditavam que **Flordelis** estava cuidando de Anderson, sendo que esta **dizia que colocava o remédio**

escondido na bebida porque Anderson não queria tomar seus medicamentos; que Anderson passou muito mal em seu último ano de vida; que em 2017 ou 2018, Flordelis falava a todo tempo: “Anderson não passa deste ano, Luana, Deus já me falou que vai levá-lo, porque ele está atrapalhando a obra de Deus”. A depoente declarou que Flordelis lhe ordenou que, caso perguntada pela Polícia, dissesse que “*não foi Flavinho que socorreu ele com Danielzinho, fala que foi o Pequeno (Adriano) com Danielzinho*”. Para a depoente, a partir daí ficou claro que havia algo muito errado, já que Flordelis acabara de perder o marido e estava preocupada em mentir para a Polícia. A depoente afirmou que chamou Marzy para prestar depoimento para a Polícia no dia do enterro do Pastor, mas esta lhe disse: “Luana, eu não entrego a minha mãe por nada neste mundo”. Afirmou, ainda, que “Mizael” e Daniel depuseram na delegacia numa terça-feira e Flordelis ligava para eles a todo o tempo, mas não atendiam; que a depoente e sua família ficou na casa dos pais daquela, pois Flordelis tinha chave do apartamento deles e todos os cunhados costumavam ter acesso franqueado pelo porteiro, o que colocava medo na depoente, já que Flordelis queria que a depoente e “Mizael” estivessem presentes nos assuntos da família, mas eles não queriam se envolver. A testemunha afirmou que dirigiu-se à igreja na quinta-feira com seu marido, Daniel e dois casais de amigos, pois tinham medo do que a família de Flordelis poderia fazer a eles; que, quando já estavam a caminho da igreja, viram na televisão que havam vazado trechos do depoimento de Daniel, o que deixou este com muito medo; que, mesmo assim, foram à igreja e, chegando lá, Flordelis pediu que todos se retirassem da sala, porque ela queria conversar a sós com Daniel; que todos saíram e foram para um corredor, onde Simone passou e falou: “*Esses filhos da puta têm que morrer com um tiro na cabeça, esses X-9*”. A depoente informou que Flordelis e Daniel conversaram por uma hora e meia; que a depoente e seu marido “*fugiram dali*”, mas Flordelis continuou insistindo em falar com “Mizael”; que, no dia seguinte, a depoente e seu marido foram à casa de Flordelis, que a princípio aparentou estar muito “mansa”, e lá encontraram a Polícia; que, assim que a Polícia saiu, Flordelis começou a falar de forma agressiva; que Flordelis teve que sair para falar com um advogado, mas disse que queria conversar mais com a depoente e seu marido; que a depoente e seu esposo retornaram no dia seguinte, um sábado, sendo esse o último contato do casal com a acusada Flordelis; que, quando foram à casa de Flordelis na sexta-feira, Simone e Carlos também estavam no quarto; que, nessa ocasião, Flordelis cobrou gratidão e ajuda de “Mizael”; que Flordelis disse que a casa estava cheia de escutas e que André “*botara fogo no quintal e estão falando que ele queimou provas*”; que “Mizael” disse à depoente que nunca viu antes colocarem fogo no quintal, já que costumavam jogar as plantas mortas em um terreno baldio que ficava atrás da casa; que o fogo no quintal coincidiu com o dia de uma diligência policial; que Flordelis escreveu uma mensagem em papel, por acreditar que havia escutas na casa. A depoente

**afirmou que a mensagem escrita por Flordelis em papel dizia: “Ainda bem que nós quebramos o celular do “Niel” e jogamos no mar”**. Segundo a depoente, a mensagem foi mostrada para “Mizael”, Daniel e ela própria. Declarou que “Mizael” tinha devoção com relação à mãe e tinha dificuldades de dizer que queria se afastar; que Flordelis decidia tudo dentro da casa; que “Mizael” dizia que Flordelis afirmava ser um anjo, mas a depoente nunca viu a Ré fazer tal afirmação; que todos na família acreditavam que Marzy tinha furtado dinheiro da vítima, mas Marzy disse à depoente que, na verdade, Flordelis havia subtraído o valor e pedido que Marzy assumisse o ato, o que esta fez, por amor à mãe; que Marzy implorava pelo amor de Flordelis e faria qualquer coisa que ela pedisse; que familiares contam sobre o episódio no qual Flávio teria dado uma tesourada em André, mas a depoente não fazia parte da família quando tal fato supostamente ocorreu; que Simone tinha nojo e raiva de Anderson, enquanto Marzy tinha ressentimento, porque Anderson teria sido muito duro com ela durante o episódio do desaparecimento de dinheiro; que a depoente teve certeza que Marzy não gostava da vítima quando a ouviu dizer, em março, que **a solução para os problemas da casa seria matar Anderson**; que Anderson, Flordelis, “Mizael” e André (vulgo “Bigode”) cuidavam das finanças da igreja; que a situação financeira da igreja era ruim; que “Mizael” não retirou qualquer equipamento da igreja após a morte do Pastor; que, segundo Flordelis, o celular da vítima foi quebrado porque ali poderia haver informações que atrapalhariam o mandato da deputada; que a depoente acredita que Adriano ajudou a quebrar o celular da vítima; que Flordelis, Marzy e Simone tinham a senha para o cofre do Pastor. A depoente declarou que houve reunião de familiares de Flordelis com advogado que os instruiu a como se portar e o que dizer à Autoridade Policial; que nem a depoente nem Daniel participaram de tal reunião, mas Flordelis encaminhou mensagem com instruções a Daniel; que, em dezembro de 2019, quando Flordelis já sabia que Daniel era testemunha de acusação, mandou mensagem a ele dizendo que queria lhe dar um presente de natal; que Daniel foi à casa de Flordelis e recebeu dinheiro a título de presente de natal. A depoente afirmou que Marcele e “Pequeno” (Adriano), em determinada ocasião, tentaram dizer a Anderson que Flordelis e Marzy estavam tentando matá-lo, mas ambas negaram tudo e Anderson expulsou Marcele e Adriano da casa por certo tempo; que a depoente e seu marido ficaram com medo de fazer acusações contra Flordelis na presença de Anderson, porque ele não aceitava que falassem mal dela. A depoente declarou que soube que um homem compareceu à igreja num dia de culto e exigiu quantia em dinheiro, sob pena de matar Rayane, sendo que Flordelis lhe entregou o dinheiro, mas o homem disse que mesmo assim mataria Anderson; que a depoente acredita que se tratava de tentativa de homicídio encomendada por Rayane; que Simone ficava insatisfeita com a divisão do dinheiro da igreja; que Simone afirma ser divorciada; que, depois da morte do Pastor, a depoente soube que Simone e a vítima haviam namorado na juventude; que a depoente veio a

pensar na possibilidade de **Simone** e a vítima terem relações dentro da casa; que a depoente **nunca soube sobre suposto abuso sexual relacionado a Simone ou à filha dela**; que **Simone** casou-se com **André** após o fim do relacionamento com Anderson e, posteriormente, divorciou-se. A depoente afirmou **acreditar que Flordelis é a mandante do homicídio**; que **Marzy é capaz de fazer tudo pela mãe**; que **Simone “e a mãe pensavam em tudo juntas”**; que Valter Porto Reis é companheiro de **Simone**; que desconhecia qualquer envolvimento de **André** com os fatos; que, segundo Alexander (“**Luan**”), **Rayane** chorava muito no dia da morte e **dizia estar arrependida**, ao que **Flordelis** respondia: “*Calma, minha filha, agora a gente vai passear, brincar, ter paz*”. A testemunha afirmou acreditar que **Carlos Ubiraci** tinha conhecimento sobre o plano, mas se calava, por medo de viver sem **Flordelis**. Afirmou, ainda, que **Flávio confessou que atirou** e, assim, como **Marzy**, queria o amor de **Flordelis**; que **Flávio disse a “Mizael” que se arrependeu, pediu perdão e disse que contaria a verdade**; que **Flávio voltou atrás na promessa de dizer a verdade**; que **Lucas** ajudou a comprar uma arma e “*entrou de gaiato, era para o crime todo sair nas costas dele, mas não saiu*”; que a depoente prestou depoimento em sede policial em 2020; que, quando “**Mizael**” prestou depoimento em sede policial, logo após o crime, Luana o acompanhou e aquiesceu com tudo o que ele dizia, mas apenas “**Mizael**” assinou o depoimento; que Dra. Bárbara Lomba não intimou a depoente para prestar depoimento antes da segunda fase das investigações; que a depoente não pediu para ser testemunha; que, nos seis anos de relacionamento da depoente com o filho da deputada, esta nunca teve problemas de memória, mas se comenta sobre a ocorrência de tal problema quando a família morava em comunidade; que a depoente esteve com **Flordelis** seis vezes após o crime, sendo que a deputada demonstrava muita raiva da depoente e de “**Mizael**”, por ambos não permanecerem ao lado daquela. A depoente informou que entregou a **Flordelis** documentos da secretaria, enquanto “**Mizael**” entregou à acusada documentos relativos à tesouraria da igreja; que “**Mizael**”, junto a **André** e Anderson, administrava uma conta bancária na gravadora e duas da igreja; que nunca viu os cartões bancários da igreja; que **Flordelis** participava das reuniões semanais ou quinzenais nas quais os relatórios financeiros eram discutidos; que não sabe qual era o faturamento da igreja, mas ouvia de seu marido que as contas estavam negativas; que “**Mizael**” usava um *iphone 8* ou *7* no dia dos fatos; que **todos tinham conhecimento que estavam colocando alguma coisa nas bebidas de Anderson**; que a depoente não disse nada à Polícia sobre os medicamentos nas bebidas de Anderson porque este (vítima) não aceitaria, já que esta teria que ser uma decisão dele; que Anderson fazia a administração financeira da gravadora e das igrejas; que **Flordelis reclamava que Anderson ficava com mais dinheiro que ela**, ainda que a vítima fosse o responsável por pagar as despesas da casa; que a depoente trabalhava como voluntária para a igreja, enquanto seu marido trabalhava como voluntário para a igreja e para a

gravadora; que não houve qualquer problema político entre “Mizael” e Anderson, sendo que aquele sempre esteve de acordo com as decisões deste; que Anderson ainda não havia definido se “Mizael” ou Pastor Luciano seriam candidatos nas eleições de São Gonçalo; que a depoente **já viu Flordelis fazer reclamações quanto à divisão dos ganhos**, mas não sabe dizer se tais assuntos eram conversados por **Flordelis** e “Mizael” ao telefone; que a depoente não se recorda da cor, nem da embalagem do pozinho que era colocado nas bebidas de Anderson. A depoente declarou que levou **Marzy** para sua casa justamente para que esta não fosse persuadida por **Flordelis**; que **Marzy** tinha demonstrado arrependimento sobre os planos iniciais de assassinato de Anderson e a depoente confiava nela; que o celular de Wagner foi apreendido pela Polícia; que não conhece o réu **Marcos Siqueira**; que **Flordelis** disse que **Simone** está curada do câncer que a acometera; que **Simone** tratou-se em São Paulo e a depoente soube que ela está curada; que o Pastor Anderson arcava com as despesas de consultas médicas e viagens para São Paulo, sendo que mil reais eram pagos ao médico; que **Simone** expressava mais rancor pela vítima que **Marzy**; que só tomou conhecimento sobre o episódio no qual homem foi à igreja ameaçar **Rayane** e dizer que mataria Anderson após o assassinato do Pastor; que Anderson era bastante rigoroso e se “estranhava” com **Marzy** de vez em quando; que Anderson era mais próximo a pessoas de fora que dos familiares; que a depoente, **Adriano**, “**Mizael**”, **Alexander (“Luan”)**, Pastores Luciano e Keller eram as pessoas **mais próximas à vítima**; que **Adriano** era muito próximo à vítima; que o **Pastor Carlos** ajudava muito nas igrejas, mas era mais próximo a **Flordelis**; que todos atendiam às solicitações de Anderson, “*mas o problema era o que faziam nas costas dele*”; que **Flordelis** “*chorou de mentira*”, mas a mãe de Anderson chorou de verdade; que **André** chorou muito no dia. A depoente afirmou ter tomado conhecimento, por intermédio de Reni (assessora), que Gerson e **André também colocavam o “pozinho” nas bebidas de Anderson**; que Cristiane e seu marido disseram à depoente que **Cristiane passou cinco dias internada após beber o suco de Anderson**; que a depoente teve medo, “*porque se mataram o Pastor, facilmente matariam a gente*”; que **Flordelis** ameaçou a depoente dizendo: “*vocês podem ir para qualquer lugar que eu acho vocês, só não acho vocês se saírem do Brasil*”; que **Flordelis** disse que mandaria seus filhos atrás da depoente e de seu marido (“Mizael”) e, no mesmo dia, o **Pastor Carlos** ligou para a casa do pai da depoente para falar com “Mizael” sobre **Flordelis**, o que fez com que a depoente e seu marido ficassem com muito medo também de **Carlos**; que, após a ameaça de **Flordelis**, a depoente e seu marido “bloquearam” todos da casa; que **Flordelis** manipulava todos os filhos; que todos os filhos que não trabalhavam dependiam financeiramente de **Flordelis**, enquanto **Marzy**, **Flávio**, **André** e **Carlos dependiam emocionalmente da deputada**; que não sabe se o **Pastor Carlos** levou ao conhecimento do Pastor Anderson as supostas tentativas de envenenamento. A depoente afirmou que entende que

**Carlos** sabia de tudo e nada disse à Polícia; que não sabe nada sobre o envolvimento de **André** nos crimes, à exceção do que foi noticiado pela imprensa; que **André** comentou com a assessora de **Flordelis** (Reni) sobre tentativa de envenenamento de Anderson e tal assessora, por sua vez, comentou com a depoente; que **André** queixou-se com a depoente sobre a forma como Anderson cuidava dos assuntos da igreja, chegando a dizer para a depoente que *“a igreja não é de Deus, a igreja é do Pastor Anderson”*; que **André** é uma pessoa muito tranquila e carismática, sendo que as acusações em face de **André** surpreenderam a depoente; que **Adriano** tinha *“uma amizade muito linda”* com a vítima; que não presenciou a quebra do telefone celular da vítima; que ficou próxima de seu marido quando este prestou depoimento em sede policial, mas nada falou; que a depoente e seu marido não tinham qualquer insatisfação sobre a divisão de dinheiro entre Anderson e **Flordelis**, pois entendiam que não tinham que interferir no acerto entre o casal; que seu marido fazia parte do grupo que tinha benefícios na casa de **Flordelis**, mas somente teve tal percepção quando se casou e saiu de casa, ficando, então, horrorizado; que acredita que **Carlos** chegou a trabalhar no gabinete de “Mizael”.

A testemunha **Wagner Andrade Pimenta, vulgo “Mizael”**, filho afetivo da vítima e da Ré **Flordelis**, foi ouvido como informante e declarou que o início de sua relação com o núcleo familiar se deu na igreja operada por **Flordelis** e Dona Carmosina na “Comunidade do Jacarezinho”; que frequentava a igreja e várias atividades lá, até que **André** o convidou a frequentar a casa de **Flordelis**; que passou a frequentar a casa de **Flordelis** e *“quando foi ver, já estava morando na casa”*; que o depoente, **André**, **Carlos** (vulgo “Neném”), Alexander (vulgo “Luan”) e o Pastor Anderson (vulgo “Niel”) estavam entre os primeiros membros da família; que **Flordelis** mudava os nomes de membros da família por questões espirituais; que **Flordelis** se dizia ser um anjo enviado por Deus e líder espiritual do grupo, bem como afirmava que “Wagner tinha morrido” e o depoente era o filho espiritual de **Flordelis**, o anjo “Mizael”, enviado por Deus; que, à época o depoente tinha doze ou treze anos de idade e acreditou em **Flordelis**, que tinha mais de trinta anos à época; que Anderson era um ano e meio mais velho que o depoente; que todos chegaram à família como filhos e **Anderson namorou Simone**; que Anderson já não namorava mais com **Simone** desde antes de a família sair do “Jacarezinho” e **Flordelis** passou a dizer que Anderson era seu guardião e, posteriormente, **Flordelis** e Anderson casaram-se, em 1998, devido à necessidade de uma figura paterna na família. O depoente informou que os filhos chamavam Anderson de “Niel”, mas tinham “respeito de pai”; que o depoente se casou em 2017 e, em 2018, já não residia mais com a família; que **em 2018 Anderson passava mal constantemente e chegou a passar cerca de cinco dias internado em hospital em outubro de 2018; que todos acreditavam tratar-se de ansiedade, bem como acreditavam que os**

medicamentos dados à vítima sem seu consentimento por Marzy, Jucineia (empregada doméstica) e Carlos, sob orientação de Flordelis, eram para o tratamento de ansiedade; que Taiane tomou uma bebida que estava na geladeira e **passou muito mal**, sendo que **Simone**, ao saber do episódio, disse que não era para Taiane ter tomado a bebida; que Cristiane tomou um suco de laranja do Pastor Anderson e **também passou muito mal**; que **Anderson emagreceu vinte quilos muito rapidamente e vinha passando muito mal.** O depoente declarou que o próprio Anderson o procurou em março e lhe mostrou o “*plano macabro*” de assassinato contra este; que o depoente e sua esposa alertaram Anderson para o fato de que o plano “*falava de dinheiro, da Marzy e do Lucas*”, mas **Lucas e Marzy** não tinham dinheiro, o que, para o depoente, indicava que havia alguém acima deles; que o depoente e sua esposa aconselharam Anderson a falar com **Flordelis**, mas o Pastor disse que **Flordelis** ficava calada e não queria se meter no assunto. O depoente narrou que **a mensagem concernente ao plano de assassinato foi escrita em 16 de fevereiro de 2019 e narrava intenção de assassinar Anderson na volta de viagem a uma concessionária de automóveis no Rio de Janeiro**; que o plano **não foi concretizado**; que Anderson lhe mostrou mensagens que demonstravam tal plano; que, no dia 9 de abril, **Carlos disse ao depoente: “Mizael, quando você for à casa da mãe, não toma nem bebe nada que a mãe te der, porque ela está tentando matar Niel”.** A testemunha informou que **Carlos** lhe contou sobre o episódio no qual sua esposa passou mal ao beber suco de laranja de Anderson; que **Flordelis** comentou com o depoente que estava insatisfeita com questões financeiras do casal e, ao ser aconselhada pelo depoente a conversar com Anderson, respondeu que não queria conversar, pois **“a hora dele está chegando, Deus vai levá-lo porque ele está atrapalhando a obra de Deus e o avanço do meu ministério, as coisas não acontecem porque ele é muito centralizador e atrapalha”.** Segundo o depoente, Anderson administrava a carreira e os cachês de **Flordelis**, repassando a esta apenas uma parcela, já que a vítima ficava com a maior parte do dinheiro para cobrir os altos custos de manutenção da casa familiar. O depoente afirmou que Anderson amava muito **Flordelis** e comprava para ela as melhores roupas e “*tudo do bom e do melhor*”; que Anderson e **todos os demais moradores da casa tinham uma relação de idolatria e imensa gratidão com Flordelis**; que, após notícias sobre o primeiro plano de assassinato, Luana conversou com **Marzy** e esta **confirmou a veracidade do plano, dizendo ainda que Flordelis lhe pedira para copiar a mensagem, bem como oferecera dinheiro para Marzy “dar uma sumida” quando Anderson descobriu sobre o plano**; que **Marzy** chorou e disse estar arrependida; que Márcio era um “filho chegado”, alguém que se aproximou muito da família nos últimos anos e o Pastor Anderson gostava muito da companhia dele; que, no dia do velório de Anderson, Márcio informou que estava na posse do celular da vítima; que o *iPad*, o computador e o celular de Anderson eram todos sincronizados; que **Márcio disse que o celular de**

**Anderson estava em sua casa e o depoente lhe pediu que trouxesse o telefone no dia seguinte;** que, no dia do enterro de Anderson, pediu o celular a Márcio e este disse que o havia deixado dentro do carro, na igreja; que Márcio foi à casa de Wagner “Mizael” e levou o celular de Anderson; **que o depoente enviou as mensagens relativas ao plano de assassinato do celular da vítima para seu próprio número, bem como tirou foto das mensagens;** que Márcio disse ao depoente que **Flávio** seria o responsável pela morte de Anderson e acrescentou: **“Ele e sua mãe (Flordelis) sabem de tudo”**. O depoente informou que, durante o tempo que permaneceu com Márcio, **Flordelis ligou três vezes para este, pedindo que o celular de Anderson lhe fosse entregue;** que **Marzy** contou que a mensagem sobre o primeiro plano de assassinato fora escrita por Flordelis no *iPad* do próprio Anderson, sendo que esta solicitou a Marzy que copiasse a mensagem, mas ambas se esqueceram de deletá-la depois que Marzy terminou de copiá-la, o que possibilitou que Anderson visse a trama. O depoente afirmou que a mensagem pedia que **Lucas** matasse Anderson em troca de dez mil reais; que **Marzy** não teria condições de pagar os dez mil reais; que o depoente esteve com a vítima na sexta-feira que antecedeu o crime em gabinete no centro do Rio e voltaram a se encontrar na noite do mesmo dia, na casa de Anderson; que, na manhã do sábado que antecedeu o crime, Anderson ligou, mas o depoente estava dormindo, motivo pelo qual Luana atendeu o telefone e conversou com Anderson, sendo essa a última vez que Luana ouviu a voz da vítima; que **Marzy** passou a madrugada do crime na casa do depoente, ajudando a cuidar do filho deste; que, por volta de 3h30 da manhã, o depoente recebeu uma ligação informando que Anderson havia sido baleado, motivo pelo qual o depoente dirigiu-se diretamente ao hospital e lá encontrou **Daniel** *“no meio da rua, correndo, sem camisa, descalço, todo sujo de sangue e desesperado”*, bem como **Flávio**, que estava sentado na calçada. O depoente declarou que **Flávio** estava vestido e não viu sangue nas roupas dele; que, chegando à recepção, recebeu a notícia de que Anderson já havia chegado em óbito; que **Flordelis chegou ao hospital uma hora depois, muito fria e “fazendo um teatro”** que mostrou ao depoente de imediato **que algo não estava certo;** que, no dia do enterro, houve *“outro teatro”* e o depoente foi surpreendido com a notícia da prisão de **Flávio** que, a princípio, o depoente acreditou tratar-se de questão de falta de pagamento de pensão ou violência doméstica, mas posteriormente, ao saber sobre o depoimento de Márcio à Polícia, o depoente deu-se conta de que a Polícia já estava agindo com relação ao homicídio. O depoente afirmou que esteve na DH e lá **Flávio chorou e se disse muito arrependido de ter sido “usado e manipulado”;** que **Flávio admitiu a prática do crime** em conversa entre os dois, bem como narrou ao depoente que **“veio pelas costas de Anderson e disparou, voltando a disparar quando Anderson virou de frente”**; que **Flávio** disse que subiu correndo e guardou a arma após efetuar os disparos; que **Flávio** lhe contou que recebeu mensagem de Marzy informando sobre a hora da

chegada de Anderson, mas calou-se quando o depoente lhe perguntou quem estava com Anderson quando ele chegou e provavelmente avisou Marzy; que Flordelis foi quem chegou com Anderson; que a mensagem enviada por Marzy: **“Pode descer”**. Segundo o depoente, **Flávio lhe contou que Márcio lhe dissera que Anderson estava roubando Flordelis**, bem com Simone lhe dissera que Anderson havia cometido abuso sexual; que tais histórias não são verídicas e o depoente chegou a dizer que Flordelis devia denunciar Anderson se ele fosse assediador, mas ela dizia que não queria **“escandalizar a obra de Deus”**. A testemunha declarou acreditar que alguém chamou Anderson para voltar ao carro depois que ele chegou em casa, porque acredita que ele deixaria a mochila no carro para ser recolhida no dia seguinte. Declarou que Flávio lhe disse que estava sendo bem tratado na DH, recebendo comida e água dos policiais; que Flávio lhe disse que os policiais haviam lhe comprado um colchão; que foi à DH conversar com Flávio acompanhado por Daniel e “Luan”; que Flávio confessou perante Daniel, “Luan”, o depoente e três policiais; que o depoente, Daniel e sua esposa já haviam prestado declaração na delegacia e, quando estavam a caminho da igreja, souberam que tal informação havia vazado para a imprensa; que assim que chegaram à igreja, Flordelis fechou-se com Daniel e passou mais de uma hora e meia conversando; que o depoente acredita que Flordelis tenha conversado com Daniel porque a reportagem da imprensa falou que **“um filho e sua namorada”** tinham prestado depoimento e Daniel era o único que tinha namorada; que, enquanto Flordelis falava a sós com Daniel, Simone disse que todos iriam morrer e praguejou dizendo **“informantes e X-9”**. O depoente informou que, em seguida, Flordelis disse que queria falar com ele, ao que ele reagiu correndo e saindo do local com sua esposa, Daniel e a namorada deste, pois teve medo; que foi à casa de Flordelis na sexta-feira e encontrou os policiais entregando intimações; que Flordelis estava normal, mas ficou verbalmente agressiva assim que os policiais saíram; que Flordelis precisou sair, mas o depoente retornou à casa dela à noite, acompanhado pela esposa e por Daniel, e encontrou Flordelis no quarto com Carlos e Simone; que Flordelis voltou a falar com agressividade que havia sido deixada na mão e que os familiares deveriam fazer luto apenas depois do congresso da igreja; que Flordelis afirmou estar passando por muito constrangimento, bem como que os policiais teriam roubado dinheiro da casa e colocado escutas na residência. O depoente afirmou que, em determinado momento, Flordelis pegou um caderno e escreveu: **“Ainda bem que quebramos o celular do Niel e jogamos na Ponte Rio-Niterói”**; que tal mensagem foi lida pelo depoente, sua esposa Luana e Daniel; que o celular de Anderson não foi encontrado, assim como o iPad; que, segundo Reni, no dia da prisão de Flávio, no cemitério, ele passou seu celular e um bolo de dinheiro para Simone, que o colocou na mão de Flordelis. O depoente declarou que, quando conversou com Flávio na delegacia, este disse ter sido induzido por “Buba”, Rayane e Simone a cometer o crime. Declarou ainda que Marzy

cometeu furtos no seio da família e Anderson *“ficava muito chateado com ela, tanto que uma vez ela chegou até a sair de casa, mas depois retornou”*; que **Marzy** ficou chateada com a bronca do Pastor Anderson; que **Flordelis** buscou proximidade com Daniel e **lhe ofereceu presentes e dinheiro nas semanas que antecederam as audiências do processo nº 0025139-79/2019 (originário)**; que **Flordelis** quis pagar mudança de **“Luan”** para os Estados Unidos logo **na semana após o assassinato**, sendo que **“Luan”** sempre teve o sonho de morar nos EUA e **Flordelis** nunca antes havia aceito; que **Flordelis** **queria pagar passagem para “Luan” ir aos EUA acompanhado da esposa e do filho o quanto antes, mas ele não aceitou**; que Daniel tem em seu celular áudio enviado por pessoas ligadas a **Flordelis** orientando-o a nada dizer; que **Flordelis** mudou muito após tomar posse como deputada federal; que, antes de ser eleita, **Flordelis** era muito orientada por Anderson, mas **passou a não mais ouvi-lo após ser investida no cargo**; que Anderson era a grande engrenagem das carreiras artística, religiosa e política de **Flordelis**. O depoente afirmou só saber as informações que ouviu na imprensa sobre a compra da arma, mas que pode afirmar que **Flávio** e **Lucas não tinham o dinheiro para tal aquisição**, já que **Flávio** trabalhava como motorista de aplicativo, mas *“ficava mais em casa que na rua trabalhando”*, enquanto **Lucas** trabalhava na oficina mecânica de Regiane; que **Lucas** saiu do emprego e se envolveu com o tráfico de drogas; que o Pastor Anderson não aceitava o caminho de **Lucas**, enquanto **Flordelis** não tomava posicionamento; que Rogério, ex-namorado de **Simone**, nunca foi policial. A testemunha afirmou ter ciência de pretensão da acusada **Flordelis** de imputar a ela (**“Mizael”**) a responsabilidade pela ordem de assassinato. Declarou que, **após audiência realizada no dia 31 de outubro, a mídia divulgou carta que teria sido escrita por Lucas, informando que o depoente (“Mizael”) e Alexander (“Luan”) seriam os mandantes do crime**; que o depoente sempre desenvolveu funções diversas na igreja; que **Flordelis** dispunha de oito igrejas, que geravam receita de mais de cem mil reais ao mês; que o depoente ouviu sua mãe dizer na imprensa que a receita da igreja seria de valor muito maior e que tais valores haviam sumido nos anos de 2017 a 2019, porém tal afirmação é mentirosa, já que **Flordelis informou à imprensa valor bruto, sem levar em consideração os gastos das igrejas, como construções**. O depoente informou que as contas bancárias das igrejas e do dinheiro vindo da gravadora eram operadas por ele próprio, bem como pelo Pastor Anderson e por **Flordelis**, sendo que havia reuniões mensais para planejamento financeiro e prestação de contas, nas quais Anderson dizia ao depoente o que pagar e este assim fazia; que as contas bancárias da igreja estavam negativas em 2019, quando Anderson ainda era vivo, que conheceu o secretário Luciano Gomes da Silva; que Isabel, Anabel e **Flordelis** eram beneficiárias da previdência de Anderson; que conheceu o Rogério, o qual tem uma empresa de vidro, mas não sabe qual o sobrenome dele; que **Simone** teve relacionamento amoroso com membro da igreja de nome **Rogério**; que soube, pela mídia, que **Simone**

**teria pedido a Rogério para matar Anderson, sendo tal fato do conhecimento de Flordelis;** que nunca brigou fisicamente com Anderson; que recebia ajuda de custo quando trabalhava para as igrejas; que não tinha a senha do cofre da casa, sendo que apenas **Flordelis** e Anderson sabiam tal senha; que Anderson era o titular dos CNPJs das igrejas e da gravadora, enquanto **Flordelis** era a titular do CNPJ do instituto; que **Flordelis** não disse por qual motivo teria jogado o celular de Anderson fora; que **Flordelis** tinha conhecimento de que o celular estava com Márcio, vulgo “Buba”; **que não sabe por qual motivo Flordelis omitiu tal conhecimento em seu depoimento;** que o depoente não retirou computadores da igreja e esteve com **Flordelis** pela última vez no sábado após a morte de seu pai. O depoente afirmou que Daniel lhe narrou que, em dezembro de 2019, **Flordelis**, mesmo sabendo que Daniel figurava no rol de testemunhas de acusação, chamou este para uma visita e lhe ofereceu um presente; que declarou em sede policial que **Flordelis seria a mentora intelectual do crime;** que **Flordelis mandou matar a vítima pelo “controle da parte financeira”;** que, por decisão de Anderson, **Flordelis** seria candidata à Prefeitura de São Gonçalo e o depoente não se opunha à decisão. O depoente afirmou que sua esposa tinha conhecimento de que **Flordelis** concorreria ao pleito de 2020; que teve acesso a **Flávio** durante seu acautelamento na DH, por solicitação do próprio acusado, em setembro de 2019; que, nessa oportunidade, **Flávio** lhe fez relatos e disse estar sendo bem tratado, mas o depoente não voltou a vê-lo na delegacia. O depoente informou que entregou seu celular voluntariamente na DH (um *iphone 8* preto, sem *chip*); que não sabe o motivo de seu celular não conter conversas com a vítima, mas pode afirmar que não apagou tais conversas do aparelho; que a vítima usava muito o *WhatsApp*; que a vítima passou a ficar muito tempo com **Flordelis** em Brasília desde a posse da deputada; que deve haver muitas conversas do depoente com a vítima em seu celular, relativas ao período entre a posse e o crime; que a vítima não comentava sobre **Flordelis** e nunca relatou brigas com a deputada pelo poder e pelo dinheiro; que Anderson costumava ir a Brasília na terça pela manhã e retornar na quinta à noite; que tem conhecimento de duas contas da igreja no Bradesco, mas nunca recebeu cartão de crédito em seu nome relativo a tais contas; que tinha cartões da produtora Gospel em seu nome; que **Flordelis** reclamava para o depoente sobre o controle de Anderson sobre a agenda, cachês e venda de produtos; que **Flordelis** não reclamava sobre o dinheiro do Parlamento; que não sabe quanto o casal faturava pelas apresentações; que a Comunidade Evangélica Ministério **Flordelis** tinha uma conta no Banco do Brasil, duas no Bradesco e outra no Itaú. O depoente afirmou que, antes de ser eleito vereador, recebia ajuda de custo dos pais; que **Carlos e André reclamavam ao depoente sobre o comportamento do pai (vítima), mas Adriano e Flávio não faziam tais reclamações;** que **Flordelis alimentava tal insatisfação nos filhos,** mas o depoente nunca compartilhou da insatisfação, pois reconhecia o esforço do pai; que o aparelho entregue pelo depoente à Polícia era o usado para falar com a vítima quando esta estava em

Brasília; que o depoente se identificou, mas seu documento não foi solicitado na DH quando falou com **Flávio**; que **Flordelis** fazia rituais religiosos desde a entrada do depoente na família até os últimos tempos, mas o depoente não os via como *“rituais satânicos”*. O depoente declarou que nunca soube que a vítima e sua esposa frequentavam *“casa de swing”*; que Luana acompanhou seu primeiro depoimento em delegacia, mas não foi chamada para depor durante a primeira fase; que desconhece desavenças entre Anderson e Luciano; **que não havia desavenças entre o depoente e sua mãe Flordelis até o dia do crime, mas posteriormente sua mãe o ameaçou, dizendo que colocaria os irmãos atrás do depoente e o acharia, a menos que ele saísse do Brasil**; que o depoente sentiu-se ameaçado e escondeu-se; que os cartões da Gospel ficavam na igreja, não no poder do depoente; que Anderson operava as supracitadas contas bancárias com senha pessoal; que era possível distinguir as operações bancárias realizadas pelo depoente das operações realizadas por Anderson. O depoente afirmou que nunca esteve na casa do senador Haroldo de Oliveira; que teve conhecimento sobre a doença de **Simone** e acompanhou seu tratamento entre os anos de 2015 e 2017. Segundo o depoente, **Simone** tratou-se em São Paulo e, pelo que saiba, ficou curada, sendo que todos os custos adjacentes ao tratamento foram custeados pela vítima. O depoente declarou que a vítima certamente nunca se recusou a seguir custeando o tratamento; que nunca soube que a vítima tivesse cancelado o plano de saúde de **Simone** ou dos filhos dela; **que a vítima e Simone namoraram antes do relacionamento entre a vítima e a deputada**; que nunca soube de episódio no qual **Rayane** teria sido ameaçada na igreja; que o depoente não acredita que suposto abuso sexual a **Rayane** seja verdadeiro. O depoente **reafirmou que o Pastor Carlos lhe disse, quando ambos estavam no carro: “Mizael, quando você for à casa da mãe, não come nem bebe nada, porque ela está tentando envenenar o Niel. A Cristiane tomou um suco de laranja, passou muito mal e teve que ficar até internada”**. O depoente declarou que não acreditou nas palavras de **Carlos**, pois o assunto foi muito repentino e deixou o depoente abismado; que não procurou saber se aquelas informações eram verdadeiras, nem tentou alertar o Pastor Anderson, pois **Flordelis dizia que a substância colocada nos alimentos de Anderson era remédio e o depoente acreditava nela**. A testemunha afirmou que **os “remédios” eram administrados por Marzy, Flordelis, “Neinha” e Carlos, todos da confiança de Anderson**; que já viu **Flordelis entregando os medicamentos na mão de Marzy e “Neinha”, orientando-as a dissolvê-la em suco de laranja**. Informou que Daniel, Alexander (“Luan) e **Carlos** trabalharam em seu gabinete; que nenhum dos três ajudavam nas despesas da casa, que eram todas pagas por Anderson; que o depoente nunca teve desentendimento com Anderson; que tinha apenas seu telefone pessoal e não utilizava telefone da igreja; que **Flordelis tem muito poder de persuasão e conseguia manipular facilmente as pessoas da casa**; que o depoente já se sentiu manipulado pela mãe; que Reni,

assessora de **Flordelis**, trabalhava na igreja e era muito atuante, desempenhando funções de secretária e cabeleireira; que não pode afirmar se Reni sabia sobre a tentativa de envenenamento da vítima. O depoente informou que esteve com **Carlos** e Cristiane no velório de Anderson, ocasião na qual **Carlos** estava muito apreensivo com a igreja e outras questões; que não tem contato com **Carlos** há muito tempo; que muitas pessoas saíram da igreja após o posicionamento de Wagner “Mizael”, mas ninguém da igreja o procurou diretamente para saber sobre os fatos logo após os mesmos; que o depoente **não tem mais vínculos com a mãe Flordelis**; que o acusado **André** é uma pessoa muito pacífica, com quem o depoente tinha bom relacionamento; que **André** mudou muito nos últimos meses, mas o depoente nunca o viu manifestar concordância ou incentivar o homicídio do Pastor Anderson, nem seus irmãos relataram que **André** demonstrara tal atitude; que nunca soube que **André** teria colocado algo na comida ou na bebida da vítima; que não sabia dizer qual teria sido, se é que houve, participação do acusado **André** no homicídio; que **Adriano** e a vítima tinham um relacionamento entre pai e filho; que havia momentos nos quais **Adriano** era descontrolado e briguento, mas na maior parte do tempo era uma pessoa disposta a ajudar; que **Lucas** não residia mais na casa de **Flordelis** quando se envolveu com o tráfico, mas frequentava a casa quase diariamente, pois residia nas proximidades, em casa cujo aluguel era pago por ele próprio; que não tem como reconhecer sua assinatura nos documentos mostrados pelo advogado de **Flordelis**, Dr. Rollemberg, e juntados aos autos em audiência, dada a baixa qualidade da impressão.

A testemunha **Regiane Ramos Cupti Rabello** foi ouvida como informante, por ser muito próxima a **Lucas** e declarou que, por meio do Réu **Lucas**, conheceu todos os envolvidos nos fatos e sustenta “*quatro anos de indignação*”. Declarou ser proprietária de uma oficina de lanternagem e pintura, onde **Lucas** aprendeu o ofício de polidor aos catorze anos de idade, a fim de adquirir independência financeira, já que não recebia roupas, sapatos ou atenção da família, e nem estava matriculado em unidade de ensino. Declarou, ainda, que **Flordelis**, mãe adotiva de **Lucas**, nunca diligenciou a fim de obter carteira de identidade para ele; que **Lucas** sofria de grande carência familiar e queria ser amado pela família; que **Flordelis** não dava amor a **Lucas**. Regiane declarou que a família de **Flordelis** era dividida em três facções:, sendo a primeira facção a família de sangue (**Simone**, Lorraine, **Rayane**, Rafaela, Ramon, **Adriano**, Marcele e os sogros de **Adriano**), a segunda facção composta por **Marzy**, **André** “Bigode” e **Flávio**, e a terceira facção era composta indivíduos que “*não queriam muito, mas eram obrigados a ter as coisas como Flordelis mandava*”, sendo tal grupo formado por **Carlos** e **Adriano**. Afirmou que **Marzy** também era muito carente; que houve uma reunião para tramar a morte da depoente e desvendar quem havia contado à depoente sobre a bomba deflagrada nas imediações de sua casa. A depoente afirmou ter certeza de que Lorraine, que não é ré neste processo, foi a

responsável pela bomba e chamou Lorraine de “perigosa”. A depoente declarou que sua vida ainda corre risco com Lorraine solta; que a deputada sempre privilegiou alguns filhos em detrimento de outros; que o Pastor Anderson visava o bem da família e gostava muito de **Rayane** e dos filhos de **Simone**; que o “único que tinha dignidade para tratar **Lucas** era o **Pastor Carlos**”; que o **Pastor Carlos** sempre afastou suas filhas da “parte criminosa” da família; que a depoente e seu marido deram assistência a **Lucas** quando este foi apreendido por suposto ato infracional e **Flordelis** nunca ajudou; que **Flordelis** exibia a função de mãe de muitos filhos como mero “slogan para chegar onde chegou”; que “nada acontecia na casa sem **Flordelis** saber e o dedo dela sempre esteve em tudo”. A depoente afirmou que **Rayane** cativou **Lucas**, para convencê-lo a participar do assassinato; que **Rayane** ofereceu dinheiro a **Lucas** para que este cometesse o assassinato ou encontrasse quem o fizesse; que **Marzy** era marginalizada na casa; que **Flordelis** e Anderson usavam a cor da pele como um dos critérios de favorecimento entre os membros da família; que **Flordelis** prometeu levar **Marzy** a Brasília, mas no final levou **Rayane**; que **André** e seus filhos lucraram com a morte de Anderson, pois ganhou cargo no gabinete e maior liberdade para seus filhos na casa; que **André** é o pai dos filhos do **Simone** e também era um dos filhos de **Flordelis**; que **Flordelis** dizia que não havia problemas de membros da família tivessem relacionamento entre si; que **Simone** tinha relacionamento amoroso com a vítima, mas não queria mais manter tal relacionamento, então **Flordelis** mandou que a irmã biológica de **Lucas** dormisse no mesmo quarto que **Simone**, para o Pastor Anderson não “importunar” esta; que **Adriano** tinha relacionamento de fachada com a esposa, pois nutria relacionamento amoroso com as irmãs; que **Flordelis** sabia sobre o relacionamento amoroso entre **Simone** e Anderson; que **Flordelis** praticava a fé cristã como forma de levantar dinheiro, por meio da igreja, e alcançar *status* social e político, mas também praticava a fé espírita; que **Flordelis** mandou **Carlos Ubiraci** retirar de dentro da casa malas contendo itens utilizados em rituais de magia negra, para que tais itens não fossem vistos pela Polícia; que Mizael, **Carlos**, **André** e Pastor Anderson fizeram parte da primeira geração da família e tinham todas idades parecidas, sendo que chegaram à família ainda adolescentes, enquanto **Flordelis** era mais velha. A depoente declarou que os adolescentes chegavam à casa de **Flordelis** e “ficavam tão cegos, que esqueciam da própria família”; que **Flordelis** apresentava-se ao resto da família como se fosse uma entidade e atribuía algumas de suas falas a anjos; que **Flordelis** queria ser famosa; que Anderson assumiu a postura de marido de **Flordelis** e chefe da família devido à sua inteligência; que Anderson administrava toda a carreira política, religiosa e artística de **Flordelis**; que o plano de assassinato de Anderson foi colocado em curso pois membros da família, como **Flávio** e **Simone**, acreditavam que **Flordelis** já havia chegado a patamar no qual Anderson não era mais necessário. A depoente narrou que **Marzy** lhe telefonou no início de 2019, quando **Flordelis** tomou posse como deputada, a pedido desta, pedindo-lhe o

número de telefone de **Lucas**; que a depoente passou o número e, posteriormente, perguntou a **Lucas** o que queriam com ele, ao que **Lucas** respondeu enviando um *print* da conversa que teve com **Marzy** para a depoente. Segundo a depoente, a **mensagem de Marzy dizia que ninguém mais aguentava Anderson na casa e solicitava que Lucas o matasse ou encontrasse alguém para “dar cabo” dele**. A mensagem dizia ainda: **“Eu vou jogar os relógios dentro do carro e você pode fugir com o carro para simular um assalto”**. A depoente informou que a mensagem veio do número **WhatsApp de Flordelis**; que mostrou o *print* da mensagem para o **Pastor Carlos**, que ficou assustado; que a própria **Flordelis** enviou a mensagem; que a depoente **mostrou a mensagem a Flordelis e perguntou se Marzy havia sido a responsável pelo texto, ao que a deputada respondeu pedindo que a depoente deixasse “Marzy de fora disso, ela é da minha confiança, apaga isso”**. A depoente afirmou que **Flordelis deu cartão de crédito a Lucas com limite de quatro mil reais, como investida a fim de angariar Lucas para a prática do crime**; que **Marzy** conversou com **Lucas** na rua em certa madrugada, para pedir-lhe para conseguir executor para o Pastor; que **Simone** e seus filhos nunca gostaram do **Lucas**, mas começaram a cativá-lo a fim de ganhar sua confiança. A depoente informou que não soube sobre as tentativas de envenenamento de Anderson quando as mesmas ainda estavam em curso, sendo tal informação **“fechada dentro da organização criminosa”**. A testemunha afirmou que ficou assustada quando **Flordelis** deu entrevista logo após o crime, dizendo que Anderson havia sido vítima de um latrocínio, pois este era exatamente o cenário sugerido na mensagem enviada a **Lucas**. A depoente declarou que **Flávio** foi a Brasília para se esconder da Polícia, após ameaçar sua esposa de morte; que o gabinete funcional de **Flordelis** funcionava como um **“gabinete do crime”**; que **Rayane** morava no apartamento funcional e reportava todos os passos da vítima em Brasília para **Simone** e **Flávio**; que **havia desavença familiar com relação a dinheiro**; que o Pastor Anderson era o responsável por indicar pessoas ao gabinete de “Mizael”; que, **assim que Lucas foi preso, Flordelis dirigiu-se ao local onde ele ficou acautelado, acompanhada de advogada, para convencê-lo a nada dizer**; que a deputada queria que **Lucas** fosse o único implicado nas investigações da morte de Anderson; que **a arma do crime não foi tirada da casa porque Flávio sentia-se protegido pelo cargo político da mãe**. A depoente informou ter tido conhecimento de que a vítima soube sobre plano para matá-lo por meio de **Daniel**, que tentou alertar o pai. Afirmou, ainda, que a vítima soube sobre a mensagem encaminhada a **Lucas**, aquela “printada” pela depoente; que **acredita que a vítima não acreditou na mensagem, pois protegia muito Flordelis**. A depoente informou que, quando **Lucas** foi levado para a DH, na sexta-feira, para participar de reconstituição dos fatos que seria realizada no sábado, este lhe disse que não participaria da reconstituição, pois **os advogados de Flordelis já haviam falado com ele para não participar**; que **Lucas** não tinha entendido a carta que **Flordelis**

mandara para o presídio pedindo para que ele assumisse o crime e indicasse “Luan” e “Mizael” como mandantes, em troca de cargo na Prefeitura de São Gonçalo. Segundo a depoente, Lucas lhe narrou que Flordelis enviou uma carta ao presídio e Flávio, que estava na mesma unidade prisional que Lucas, o levou para a biblioteca da penitenciária e **pediu que copiasse a carta, sendo que a carta original tinha a assinatura de Flordelis**; que Lucas mostrou a carta para outro detento, que o aconselhou a guardar a carta, para que tivesse como provar que o conteúdo lhe havia sido passado para cópia; que **Lucas guardou a carta, mas Flávio desfez-se dela, jogando-a dentro do vaso**. A depoente afirmou que só soube da participação dos réus Marcos e Andrea por meio da mídia; que tem certeza que Lucas teria lhe contado se soubesse que a arma adquirida seria para matar o Pastor. A testemunha declarou que viu Flávio estacionar seu Fiat uno na rua de trás e caminhar para dentro da comunidade onde Lucas ficava para perguntar a este se ele conhecia alguém que vendesse armas, ao que Lucas respondeu passando o contato telefônico de Daniel Solter. Segundo a depoente, Flávio fez a negociação com Daniel Solter por *WhatsApp* e dirigiu-se ao Rio de Janeiro para buscar a arma, convidando Lucas para acompanhá-lo em seu carro, enquanto Daniel Solter seguiu em outro veículo. Ainda segundo a testemunha, Flávio era muito mentiroso e Lucas acreditava que a arma serviria para “*dar um susto em Tatiana*”, ex-esposa de Flávio. A depoente declarou que Flávio trabalhava como motorista de aplicativo; que Flávio trabalhava pouco e não tinha condições financeiras de adquirir a arma; que Flordelis ligou para o marido da depoente e solicitou que Regiane “*parasse de arrumar advogado para Lucas*”; que Lucas não tem escolaridade para escrever sozinho a carta que lhe pediram para reproduzir; que Lucas gosta de “Luan” e “*jamais iria incriminá-lo*”; que Lucas estava “*intoxicado por Flávio*”; que Flordelis tentou visitar Lucas duas vezes, mas a unidade prisional está atenta às restrições determinadas pelo Juízo; que a depoente encontrou Flordelis na penitenciária, tendo ter acesso a Lucas; que “*Simone é sonsa e manipuladora igual à mãe*”; que Lorraine “*arrumou um taco de baseball para bater em Lucas*”. A depoente declarou que, cerca de dez dias após a prisão dos acusados do presente processo, por volta de 23h20, ela e seu marido estavam deitados, quando viram um clarão e ouviram a explosão de bomba no quintal da residência; que todos os vizinhos escutaram e ficaram assustados; que a depoente ligou para a Polícia Militar e, no dia seguinte, a Polícia Civil realizou perícia no local; que um automóvel rondou a casa da depoente antes da explosão; que “*ela (Flordelis) queria me dar um susto, para que eu calasse minha boca e tivesse medo*”; que o réu Adriano “Pequeno” gosta de “*dar uma de machão e intimidar mulher, ele é perigoso*”; que, certa vez, a depoente foi à casa da família para solicitar que pagassem o aluguel de Lucas, e Adriano disse que se a depoente não saísse dali, ele lhe daria uma “*cabada de vassoura*”; que, depois da morte do Pastor Anderson, a vida de Adriano e de seus sogros “*foi do lixo ao luxo*”; que, antes da morte do

Pastor, os sogros de **Adriano** sequer tinham dinheiro para consertar o carro, mas tal situação mudou rapidamente após a morte de Anderson, posto que mudaram para residência melhor e passaram a ostentar bens, sendo que Marcele inclusive fez cirurgia plástica; que os sogros de **Adriano** não trabalham. A depoente informou que **André** também geria a parte financeira da igreja; que os netos biológicos de **Flordelis** tinham tratamento diferenciado com relação às outras crianças; que a família de **Flordelis** ganhou “*bastante dinheiro rodando as igrejas e contato a história da cura do câncer de Simone*”; que a deputada federal maltrata as crianças sob seus cuidados, sendo que chegou a chamar uma delas, de nome Ágata, de “lixo” e a garota mutilou-se, escrevendo “lixo” com objeto cortante em seu próprio braço. A depoente solicitou que o Ministério Público tomasse providências para levar as sete crianças que estão sob a guarda de **Flordelis** para abrigo, já que “*as crianças estão comendo arroz com arroz, mas os filhos dela comem direito*”. Informou que as crianças sob a guarda de **Flordelis** carecem de comida, atenção, afeto e apoio psicológico; que Ágata mutilou-se com uma gilete e até agora tem cicatriz, porque **Flordelis** a chamou de lixo e, entre outras coisas, disse-lhe: “*Se você não parar, aí eu vou dar razão para me chamarem de assassina mesmo*”. A depoente informou que Rebeca lhe contou sobre mutilação de Ágata logo após **Flordelis** ter expulsado a família do **Pastor Carlos Ubiraci** da casa; que a família de **Carlos** ficou muito vulnerável na casa após sua prisão e Lorraine, que não trabalha, determinou que Raquel, filha do **Pastor Carlos**, cozinhasse para a família; que Raquel não admitiu tal imposição e houve discussão entre Raquel e Lorraine, a qual resultou na expulsão da família do **Pastor Carlos** da casa por **Flordelis**; que **Paula Barros acompanha Flordelis na condição de psicóloga**; que as crianças da casa tiveram acompanhamento com psicóloga quando **Flordelis** “*tentou enganar o Dr. Siro Darlan*”. A depoente informou que viu **Paula Barros e Rafaela tentando visitar o acusado André na unidade prisional Patrícia Acioli, em que pese restrição judicial para visitaçã**; que Raquel recebeu intimação para comparecer em sede policial, mas **Flordelis** soube e entrou em contato com o Dr. Anderson Rollemberg, que por sua vez tentou convencer Raquel que ela não precisaria ir à delegacia; que Paula Barros e o Dr. Rollemberg são íntimos; que Lorraine estava na casa de **Flordelis**, mas passou a “*ficar escondida em um apartamento depois que Raquel contou toda a verdade na DH*”; **que Raquel recebeu mensagens e ligações de Flordelis enquanto prestava seu depoimento na delegacia, sendo que Flordelis tentou convencer Raquel a não prestar depoimento e a não dizer a verdade**; que Rebeca, que é filha adotiva do **Pastor Carlos Ubiraci** e de Cristiane, bem como sobrinha de sangue do Pastor Anderson, **narrou à depoente sobre a realização de reunião para tramar sua morte**; que Gilcinéia continua na casa. A depoente informou que **Cristiane, esposa do Pastor Carlos, afirmou a Vivian, membro da igreja do referido Pastor, que André, Simone e Lorraine participaram do homicídio do Pastor Anderson.** A depoente declarou que, segundo informações passadas por Cristiane a

Vivian, **Simone** atirou na genitália e no braço da vítima, enquanto **André e Lorraine** seguravam o Pastor e **Flávio** desferiu o restante dos disparos. A testemunha afirmou que **Flordelis** *“não aceita alguns negros como filhos”*; que a depoente tem conhecimento acerca da lei do menor aprendiz e pediu a certidão de nascimento de **Lucas** por muito tempo, sem que esta lhe fosse entregue; que a depoente conseguiu a certidão com o cartório; que ensinou um ofício a **Lucas**, como forma de ajudá-lo, mas ele não era um funcionário da oficina; que a depoente pretendia denunciar a ré **Flordelis** ao Conselho Tutelar, quando sobrevieram os fatos; que **a família de Flordelis sempre usou de intimidação e a depoente não registrou acusação antes por medo**; que **Lucas** não era muito próximo do Pastor, até porque **Flordelis** sempre tentou distanciá-los; que **Flordelis** achava que **Lucas** era *“um soldado e que ela poderia nutrir dentro dele ódio contra o Pastor”*; que o cartão de crédito dado por **Flordelis** a **Lucas** permaneceu com este durante o mês de abril; que **Lucas** saiu da oficina da depoente em janeiro de 2019 e teve envolvimento com o tráfico, mas a depoente continuou a ajudá-lo; que *“o cartão só foi dado a Lucas logo antes do crime, Lucas não teve nada, ela nunca deu nada”*. A depoente declarou que **Flordelis** enviou mensagem a **Lucas** dizendo que o amava e que não queria que ele fosse bandido e culpabilizado pelo crime para ludibriá-lo, pois nunca teve atos que demonstrassem tal preocupação; que **Lucas** fora expulso de casa por Lorraine; que **Flordelis** e **Simone** maldiziam **Lucas** para a vítima, para que o Pastor Anderson não trouxesse **Lucas** de volta para a casa da família. A vítima declarou não saber o que a vítima teria dito em Juízo em relação a **Lucas**; que a vítima chegou a proibir **Lucas** de entrar na casa. A depoente afirmou que frequentava a casa de **Flordelis** em busca de ajuda para **Lucas**; que, em quatro anos, esteve na casa de **Flordelis** *“muito mais de cinco ou seis vezes”*, ocasiões nas quais conversou com **Flordelis** e a mãe desta; que conviveu com todos os réus, tendo contato com os mesmos em sua oficina e na casa da família; que presenciou **Simone** chegando à casa com bolsas de compras e subindo diretamente para sua geladeira particular para guardar as compras dos filhos, pois *“a geladeira para as outras pessoas era um aquário e a geladeira para as pessoas de sangue era diferenciada”*. A depoente declarou que o Pastor Anderson dirigia o gabinete de “Mizael” junto a este; que **Carlos Ubiraci**, Cristiane, **André**, **Adriano**, Luciano e Lorraine já estiveram lotados no gabinete de “Mizael”; que Rebeca forneceu à depoente foto da menor **Ágata** mutilada pouco tempo antes da briga na casa; que o advogado de **Flordelis**, Dr. Rollemberg, orientou as pessoas da casa de **Flordelis** a não falarem com a depoente; que Rebeca contou à depoente sobre a mutilação de **Ágata** quando sofreu um acidente junto à mãe e a depoente foi ajudá-la, pois sempre foram próximas; que viu o carro de **Flávio** estacionado na rua de trás, próximo à comunidade; que nunca entraram peças roubadas na oficina da depoente e **Lucas** nunca fez compra de peças; que **Lucas** e **Flávio** estavam presos em Bangu IX quando um detento orientou **Lucas** a não se envolver com a carta; que **Lucas** não tem o Ensino

Fundamental completo; que **Flávio** e **Lucas** eram próximos e **Lucas** sempre teve muita confiança em **Flávio**; que, segundo relato de **Lucas**, este e **Flávio** foram à biblioteca para que **Lucas** copiasse a carta; que **Lucas** não mencionou estar acompanhado por outro detento na biblioteca além de **Flávio**; que **Lucas** **informou que Flávio era muito próximo ao réu Marcos no presídio**, mas a depoente não sabe informar de **Lucas** e **Marcos** estavam na mesma cela; que a vítima e **Marzy** tinham um bom relacionamento, mas a relação entre eles ficou balançada após o furto; que a propaganda de família harmonioso difundida por Anderson e **Flordelis** era falsa e havia muitas desavenças na casa; que **a prática de orgia entre os membros da casa era comum e a vítima tentava esconder tais informações**; que os Pastores Anderson e **Carlos** protegiam as crianças e não permitiram que as crianças fossem envolvidas em atos sexuais; que a depoente sente que o **Pastor Carlos** queria ajudá-la e abrir-lhe o que estava acontecendo, mas sentia-se aprisionado pela fidelidade que tinha à família, sendo tal fidelidade compartilhada por todos os membros da família; que a depoente não sabia quem administrava remédios a Anderson, sendo tal informação guardada entre os membros da família; que a depoente nunca soube sobre briga corporal entre Anderson e “Mizael”; que **André**, Anderson e Mizael controlavam as finanças da família. A depoente declarou sentir pena de **Flordelis**. Afirmou que nunca soube sobre suposto relacionamento amoroso entre a vítima e Cristiane; que nunca ligou para o ex-advogado de **Carlos** a partir do telefone de Cristiane, nem tem acesso a tal aparelho; que residem cerca de vinte pessoas na casa de **Flordelis**; que foi ao aniversário do filho de **Rayane**, sendo essa a única comemoração de aniversário da qual a depoente participou na casa de **Flordelis**, pois nunca quis ter muito contato com a família; que **Lucas** nunca dirigiu para a depoente; que atualmente a depoente não tem convívio com a família de **Flordelis**, mas soube de várias informações por meio de Rebeca, que tudo lhe contou sem que a depoente perguntasse; que não se considera amiga, nem inimiga da família de **Flordelis**; que nunca teve inimizade com os membros da família, exceto **Adriano**, que queria agredi-la; que a depoente ajudava **Lucas** a pagar aluguel e comida quando ele residiu sozinho; que confirma a fala de fl. 7687, sendo que as informações ali prestadas foram fornecidas à depoente por Gabriela, irmã de **Lucas**; que **a família de Carlos resolveu mudar de advogado quando o Dr. Anderson Rollemberg ligou para Cristiane para dizer que não prestassem depoimento na DH**; que o “*advogado de Flordelis geria tudo e ligou para solicitar que Raquel não obedecesse à intimação para depoimento da DH*”; que a depoente continua sentindo-se ameaçada pelos réus e também pela liberdade de Lorraine, neta de **Flordelis**, “*porque ela é muito perigosa*”; que a depoente sente-se insegura em sua própria casa. A depoente declarou que, logo após o acidente sofrido por Cristiane, o qual ocorreu pouco depois de a família do **Pastor Carlos** sair da casa de **Flordelis**, teve contato com Vivian e esta lhe relatou **que Cristiane lhe dissera que Lorraine, André e Simone participaram do crime, sendo que Simone teria**

**atirado na genitália e no braço da vítima, enquanto Lorraine e André seguraram o Pastor e Flávio disparou os outros tiros.**

A testemunha do Juízo **Cristiana Rangel dos Passos Silva**, esposa do réu **Carlos** e com laços com todos os demais réus, declarou ter sido expulsa da residência por **Flordelis**, junto com suas filhas, Rebeca e Raquel, em decorrência de desavença entre Lorraine e Raquel. Segundo a depoente, **Flordelis** “tomou o partido da Lorraine” e “amaldiçoou” Raquel. A testemunha negou ter feito comentários a Vivian sobre a dinâmica do crime. Afirmou que estava em casa no dia do crime; que, à época, estava muito depressiva; que Vivian é membro da igreja e é fofqueira; que estava dormindo no momento do crime, sob o efeito de medicamentos, e sequer ouviu os tiros; que não recebeu orientação para calar-se em Juízo. Narrou que, **após um culto, viu uma jarra de suco sobre a mesa do gabinete de Flordelis e dela bebeu. Ao chegar em casa, começou a sentir-se muito mal e precisou de atendimento hospitalar.** A depoente informou que, ao comentar com **Flordelis** o que ocorreu, a ré riu e disse que a depoente a devia ter procurado; que Taiane comentou que, certa vez, comeu um Chamyto que estava na geladeira e passou mal. A depoente declarou que **“as pessoas da casa diziam que agora a gente vai ter que tomar muito cuidado para não beber coisas aqui em casa”**; que os comentários de Taiane, **Marzy** e Lorraine não eram específicos sobre alimentos destinados ao Pastor Anderson; que **a depoente tinha medo de consumir bebidas na casa da vítima; que sabe que o suco foi o responsável por ter adoecido, pois foi a única “coisa diferente” que consumiu no dia; que “todos comentavam” sobre suposto envenenamento do Pastor; que Flordelis não confiava na depoente; que Lorraine, Rayane, Marcele, Marzy e Simone eram pessoas próximas de Flordelis na casa e, toda vez que a depoente chegava perto quando essas pessoas estavam conversando, elas mudavam de assunto; que Carlos trabalhou no gabinete de Mizael; que a casa do depoente ficava no quintal da casa de Flordelis; que a depoente e sua família dependiam financeiramente de Flordelis e Anderson antes de o réu Carlos trabalhar no gabinete de Mizael; que o Pastor Carlos goza de muito prestígio com os fiéis; que Mizael e Anderson administravam as igrejas. A depoente afirmou que **“tudo o que acontecia na casa, Flordelis tinha que dar o aval”**. Informou que, no dia em que bebeu o suco de laranja no gabinete de Flordelis da igreja, seu coração **“parecia que ia sair pela boca”**, tamanha a palpitação. **A depoente sentiu também muita franqueza e mal conseguia parar em pé, além de sentir frio e tremores.** Informou que, naquele dia, permaneceu cinco horas no hospital sob observação, mas não foi internada. Informou, ainda, que à época dos fatos não usava qualquer medicação, mas hoje em dia faz tratamento psiquiátrico; que nunca teve relacionamento com a vítima; que, no dia em que bebeu o suco na igreja, o Pastor Anderson estava na igreja; que os réus **Marzy, Simone e Rayane comentavam sobre suposto envenenamento****

**do Pastor Anderson**, mas a depoente nunca ouviu os demais réus falarem a respeito. A depoente declarou que não sabe se **Flordelis** deu a ordem para o assassinato do Pastor Anderson; que, quando **Carlos** foi preso, era representado pelo advogado Felipe, pago por **Flordelis**, que visitou o réu apenas uma vez e não respondia às perguntas da depoente de forma clara; que os advogados de todos os filhos eram pagos pela deputada federal; que desconhece orientação para que os advogados favorecessem **Flordelis** ou prejudicassem os demais réus; que **Flordelis** custeava todos os advogados de seus familiares corréus; que o **Pastor Carlos** disse à depoente que não foi visitado por Paula Barros e a depoente não sabe dizer se ela visitou outros réus; que **Flordelis** tentou visitar **Lucas** duas vezes no presídio, mas não conseguiu.

A testemunha **Daniel dos Santos de Souza**, filho afetivo da Ré **Flordelis** e da vítima, ouvido como informante, declarou que passava pouco tempo em casa, por ser músico, e considerava o relacionamento familiar normal. Afirmou que era muito próximo à vítima e apenas após a morte de Anderson soube não ser filho biológico de Anderson e **Flordelis**; que, no dia dos fatos, estava em uma festa, quando recebeu ligação de Anderson solicitando que o depoente retornasse à casa para que trocassem de carro, pois o veículo que estava com a vítima chamava muito a atenção, por ser grande e blindado. O depoente declarou que a vítima lhe disse que queria trocar de veículos para sair com **Flordelis**. Declarou, ainda, que trocou de carro com o pai e retornou à festa. Posteriormente, a testemunha regressou à residência, por volta de duas da manhã, para pegar um Fiat uno para levar sua namorada em casa. A testemunha informa que, após levar sua namorada, retornou à residência, não sabendo declarar a hora em que retornou, mas sabe que foi pouco tempo antes de Anderson e **Flordelis** retornarem; que, chegando em casa, foi direito para seu quarto, que fica na área externa da casa; que, quando estava no banheiro, ouviu o carro do pai chegando e, poucos minutos depois, ouviu os disparos. O depoente afirmou que ouviu quatro disparos em sequência e, após uma pausa, ouviu mais dois ou três disparos; que pensou em sair, mas ficou com medo e retornou ao quarto, de onde permaneceu olhando da janela. O depoente afirma que, enquanto olhava da janela, pensou: *“Se alguém passar correndo pelo lado direito do gramado, eu vou ver, porque ali é a entrada da casa”*. Porém, segundo o depoente, *“não passou ninguém.”* Afirmou que assim que cessaram os disparos, subiu para a garagem e viu que o quarto de Anderson estava aberto e as luzes estavam acesas, mas ali não havia ninguém; que ouvia **Flordelis** gritar dos andares superiores da casa; que, então, subiu ao encontro da mãe; que viu **Flordelis** batendo na porta de Ana e Isabel e, então, o depoente arrombou a porta. O depoente informou que **Flordelis** gritava: *“Mataram meu amigo!”*. O depoente desceu e viu seu pai morto. A testemunha afirmou que **Flávio** já estava ao lado de Anderson quando ali chegou; que **não encontrou com Flávio no andar dos quartos**; que,

quando chegou ao local do homicídio, viu **Flávio tirando a mochila de Anderson do local e a colocando no closet**; que **Flávio não estava acudindo a vítima**; que encontrou com **Flávio** junto ao corpo de Anderson, não no andar de cima. O depoente informou que, quando chegou ao corpo, **Flávio** estava guardando a mochila da vítima no *closet*, que ficava ao lado, e não prestando assistência; que não sabe o motivo de **Flávio** tirar a mochila; que Anderson já aparentava estar morto; que o primeiro a descer foi **André**, que chorava muito; que o depoente deu o celular a **André** para falar com a emergência, mas viu que ele não chegou a falar, sendo que tremia e chorava muito; que Ramon estava calmo e então pegou o celular e falou com a emergência; que **Ramon disse ao telefone que não faria procedimento de emergência, pois Anderson já estava morto**; que **Flávio** saiu com o fiat uno alegando buscar ajuda no DPO, mas retornou dizendo que não havia ninguém na unidade policial; que, assim que **Flávio** retornou, o depoente levou Anderson ao hospital, porque ainda tinha esperança de que os médicos pudessem ajudar; que, ao chegar ao hospital, a médica que Anderson já estava morto. O depoente afirmou que **viu três vultos correndo no momento dos disparos, a partir da janela de seu quarto**; que os vultos foram para o lado de trás da casa; que o portão da garagem estava aberto, mas o depoente teria visto se alguém tivesse saído por ali; que **o telefone de Anderson estava sobre a cômoda do closet**, assim como sua carteira e controle do portão; que o depoente pegou o telefone de Anderson e, quando retornou do hospital, pediu que sua namorada o segurasse, enquanto o depoente tomava banho; que, quando saiu do banho, perguntou onde estava o telefone de Anderson, e sua namorada que lhe disse que a Pastora Gleici, assessora de **Flordelis**, batera na porta e **pedira o aparelho, dizendo que a deputada requisitara o item**. Declarou que esteve com **Flávio** na DH; que **Flávio pediu “perdão pelo que tinha feito” ao depoente, a “Mizael” e a “Luan”**; que **Flávio** demonstrava estar muito abalado; que **Flávio** aparentava receber bom tratamento na delegacia. O depoente afirmou que, **durante o enterro de Anderson, percebeu que o choro e o suposto desmaio de Flordelis eram falsos**. Afirmou também que, no ano anterior ao crime, estava no carro com Lucas e Taiane, quando Lucas comentou que Marzy havia lhe oferecido dinheiro para matar Anderson; que Lucas afirmou que seu celular estava cheio de mensagens comprovando a proposta, mas tais foram apagadas por Flordelis; que, certa vez, Anderson mostrou a mensagem ao depoente em questão em seu próprio celular. A testemunha declarou que, salvo engano, em um sábado, foi ao Rio de Janeiro com “Mizael”, Anderson e **Adriano** para comprarem um carro para a vítima; que a vítima acabou não efetuando a compra; que a mensagem dizia que passaria as informações sobre o carro no qual Anderson retornaria, para que o recipiente efetuasse os tiros, não devendo acertar mais ninguém; que a mensagem estava **de acordo com as informações que Lucas havia passado ao depoente**; que o depoente **disse a Anderson que a mensagem havia sido trocada entre Lucas e Marzy**; que

Taiane também confirmou a Anderson que **Lucas** havia falado sobre as mensagens; **que Anderson disse que “ia resolver”, mas não levava a sério; que Anderson tinha “adoração” por Flordelis e “fazia tudo por ela”**. O depoente declarou que, certa vez, **Taiane tomou um Yakult que pertencia à vítima e passou muito mal, “quase morreu”**; **que Cristiane também passou muito mal após tomar um suco de laranja de Anderson e precisou ser hospitalizada**; que nunca viu ninguém colocar remédios nas bebidas de Anderson, nem ninguém lhe relatou. O depoente afirmou que, após o crime, foi realizada uma reunião na casa da família para falar de assuntos da igreja; que **Flordelis** ligou múltiplas vezes ao depoente após o vazamento de seu depoimento em sede policial e, quando ele foi à igreja, **Flordelis o interpelou para conversa a sós, na qual a deputada “ficou tentando se justificar, falou que ele não era nenhum santo, que ele tinha traído com a filha da Reni, um monte de coisas”**. O depoente afirmou que **Flordelis** ainda lhe disse que **“era para ficar do lado dela”**; que **Flordelis reclamou sobre o depoente “ter ido para a delegacia dizer a verdade” e disse que “perdoaria a pessoa que retirasse o que falou”**. O depoente afirmou que, em outra ocasião, estava no quarto de **Flordelis** com “Mizael” e Luana, quando **a deputada escreveu em um papel que havia quebrado o celular da vítima e o atirado da Ponte Rio-Niterói, sem oferecer justificativa para tal ação**. Na mesma ocasião, segundo o depoente, **Flordelis** pediu que “Mizael” e Luana **“deixassem o luto de lado, porque o congresso e a igreja não podiam parar”**. O depoente declarou que, **enquanto falava a sós com Flordelis na igreja, Simone estava no corredor, não sendo possível ouvi-la, porém Luana lhe disse que Simone dizia: “Traidores”**. O depoente declarou, ainda, que conversou a sós com **Flordelis** por cerca de uma hora e meia na igreja e, **durante a conversa, entendeu que Flordelis tentava justificar a morte da vítima**; que nunca viu arma nas coisas de **Flávio**, mas viu munições sobre o armário; que **Simone teve relacionamento com Rogério e disse a este que dava remédio tarja preta para a vítima, a fim de envenená-lo, pois não gostava dele**. O depoente informou que **Flordelis costumava lhe dizer: “Seu pai não vai demorar muito, Deus já falou que vai levá-lo”**. Afirmou que as pessoas na casa aguardavam e obedeciam ordens de **Flordelis**; que fogueiras não eram normais na casa; que **Flávio** trabalhava como motorista de aplicativo; que **Flordelis** procurou o depoente na semana que antecedeu a audiência realizada no dia 31 de outubro, dizendo que lhe daria um celular e que o depoente era beneficiário da previdência de Anderson, mas o depoente não chegou a receber a previdência; **que o depoente saiu da casa de Flordelis logo após o crime, porque não conseguia mais ficar lá**; que o depoente passou a viver com “Mizael”, com quem tinha muito proximidade; que a casa da família tinha dois cachorros que costumavam latir para estranhos, mas não latiram no dia do crime; que **a vítima vestia apenas cueca quando o depoente o encontrou**; que recebeu dois mil reais de presente de **Flordelis** perto do natal de 2019, após prestar depoimentos em delegacia; que a namorada do depoente não entregou o

celular de Anderson nas mãos de **Flordelis**, como a irmã da vítima declarou em delegacia; que é possível que a irmã da vítima tenha confundido a namorada do depoente com Isabel, pois ambas apresentam cabelo parecido. O depoente afirmou que nunca participou de reunião cujo assunto fosse “matar Anderson”; que **Adriano alertou Anderson que Flordelis e Simone queriam matá-lo, mas ele não acreditou**; que **Flordelis encaminhou dois áudios ao depoente com instruções sobre como falar e se comportar em depoimentos**, mas o depoente não se recorda de suposta reunião para passar informações com o mesmo fito; que os vultos vistos pelo depoente no dia do crime logo após os disparos se projetaram no muro que fica logo em frente a janela de seu quarto; que os vultos não saíram pelo portão da direita. O depoente declarou que sempre considerou Anderson como pai e “Mizael” como irmão “*mais chegado*”; que trabalhou com “Mizael” como assessor desde o início da vereança daquele; que não sabe se **Flordelis** foi medicada no hospital ou posteriormente, nem notou ao olhar para ela; que tanto “Mizael” quanto Anderson tinham apenas um aparelho telefônico à época do crime; que não sabe dizer se “Mizael” e Anderson falavam muito ao telefone quando este estava em Brasília; que desconhece segundo aparelho telefônico de propriedade de **Flordelis**; que recebe pelo gabinete de Wagner “Mizael”. O depoente disse que, quando foi à DH, **Flávio** pediu para falar com ele e, ao saber que “Mizael” e “Luan” ali também estavam, chamou os outros também. Afirmou que, segundo seu conhecimento, “Mizael” nunca seria candidato à prefeitura de São Gonçalo; que talvez Anderson fosse candidato à Prefeitura de São Gonçalo; que Anderson e **Flordelis** sempre tiveram uma “*vida de casal*”; que Anderson e **Flordelis** tinham carinho de “*marido e mulher*”; que **Flordelis** costumava presentear todos os filhos no dia de natal; que o quarto de **Lucas** tinha ar condicionado e televisão; que Anderson nunca proibiu a entrada de **Lucas** na casa; que não soube se **Lucas** ganhou cartão de crédito de **Flordelis**; que **Flordelis** batia nas crianças da casa, mas não sabe dizer se era “batida de correção ou de maus tratos”; que o próprio depoente apanhou da mãe e do pai; que Anderson não tinha inimizades na casa à época do homicídio; que já houve desentendimentos entre **Marzy** e Anderson, os quais Anderson costumava resolver com conversas que o depoente não presenciava; que um dos desentendimentos ocorreu após **Marzy** subtrair dinheiro da casa. O depoente declarou que nunca viu divisões na família, mas sim agrupamentos por afinidade; que todos da casa tinha acesso à geladeira e ao quarto de Anderson e **Flordelis**; que Anderson, com a ajuda de “Mizael”, controlava as finanças da casa; que nunca soube sobre briga física entre Anderson e “Mizael”; que Alexander “Luan” também trabalha no gabinete de “Mizael”, mas não sabe dizer se **Carlos Ubiraci** já trabalhou no gabinete; que desconhece aparelho de telefonia celular específico para assuntos da igreja; que nunca soube de infidelidade de **Flordelis**, nem sobre suposta prática de orgias; que não tem condições de distinguir o sexo dos vultos vistos; **que não acredita que Flávio tenha agido sozinho, haja vista a quantidade de perfurações no**

corpo da vítima e também pelo fato de Flávio ter alegado que ele mesmo teria guardado a arma do crime. Segundo o depoente, **“não dava tempo, não bate!”**. O depoente informou que, assim que voltou do hospital, Raquel, filha do **Pastor Carlos**, lhe disse que **Ramon começou a recolher as munições tão logo o depoente saíra para prestar socorro ao pai.** Ainda segundo informações prestadas por Raquel ao depoente, **Ramon também queria limpar o sangue, o que foi motivo de objeção por parte de Raquel e Taiane.** O depoente informou que **Ramon é filho de André “Bigode”;** que foi a segunda pessoa a chegar ao corpo da vítima, sendo Flávio o primeiro; que, quando Flávio saiu dizendo que buscaria ajuda, Ramon e André já haviam descido; que não notou “volume” na cintura de Flávio, sendo que estava muito escuro; que, quando chegou a Anderson, **ao invés de socorrer a vítima, Flávio estava guardando a mochila de Anderson no closet;** que **Anderson perdeu muitos quilos e passou mal antes do assassinato, chegando a ser internado no Niterói Dor;** que **Flordelis e Simone reclamavam do controle financeiro exercido por Anderson;** que Flávio foi preso durante o enterro de Anderson, quando dirigia a Caravan da deputada, estando acompanhado no automóvel pela mãe da vítima e seu esposo, bem como por Reni e Simone; que o marido de Edna (mãe da vítima) disse que, no momento da prisão de Flávio, viu este **passar dinheiro e um celular para Simone.** O depoente **declarou acreditar que Flávio foi ajudado na prática do homicídio por pessoas da casa.**

A testemunha **Alexander Felipe Mattos Mendes, vulgo “Luan”**, filho afetivo da Ré **Flordelis** e da vítima, foi ouvido como informante. Declarou que, aos quinze anos de idade, passou a frequentar a igreja de **Flordelis** no Jacarezinho, o que não foi aceito por sua família, motivo pelo qual ficou cada vez mais próximo da família de **Flordelis**. Informou que casou-se há quinze anos e nunca residiu na atual residência da família; que entendeu o verdadeiro sentido de “família” quando conheceu sua esposa; que **Flordelis** e Anderson **“imprimia na mente”** dos familiares afetivos que eles não podiam ver os familiares biológicos; que havia diferença no tratamento entre os diversos filhos da família, havendo os **“queridinhos”;** que **Flávio sempre foi afastado da família, pois não tolerou que Flordelis e Anderson tivessem relacionamento, provavelmente pela questão da idade;** que **Simone** sempre foi **“queridinha”;** que o depoente viajava com **Flordelis** e Anderson para fazer duetos; que viu Anderson gastar muito dinheiro em lojas, enquanto **Flordelis** nada comprava. O depoente afirmou que Anderson lhe disse: **“O meu dinheiro é meu e o dela é dela”**. Declarou que **Simone** era muito “víbora”; que **Simone disse ao depoente que estava colocando remédios na comida de Anderson, rindo.** Segundo o depoente, **Simone** disse: **“Estou colocando remédio na comida dele mesmo, só que ele não morre”**. Declarou que **Flordelis “passava a mão na cabeça” de Simone;** que ninguém acreditava em quem dissesse contra **Simone;** que **Simone** lhe disse que estava

envenenando Anderson porque ele a olhava à noite, na porta do quarto; que o depoente nunca viu Anderson abusar de Simone e somente recentemente soube que Simone e Anderson tiveram um relacionamento, o que deixou o depoente horrorizado; que Flordelis mandou Simone “apagar” Anderson e Simone disse que não o faria. O depoente declarou que Flordelis disse a Simone: “Já que você não quer fazer, fala com Marzy para ela arrumar alguém para matar”. O depoente declarou que Simone lhe contou que colocava veneno na comida da vítima, mas Flordelis acabou solicitando a ela que conseguisse alguém para cometer o homicídio de maneira mais rápida, mas Simone titubeou, o que fez com que Flordelis pedisse a ela que falasse com Marzy para encontrar um assassino. O depoente informou que alertou Carlos e Cristiane sobre o que Simone lhe disse; que Anderson sabia sobre os planos de homicídio, mas não acreditava, porque venerava Flordelis; que, para Anderson, era “Deus no céu e ela na Terra”; que o depoente falou com Anderson no dia anterior ao homicídio, para informar que não poderia comparecer à reunião que seria realizada no domingo de manhã; que, às quatro horas da manhã da madrugada do crime, acordou com ligação de Daiane, que lhe informou sobre a morte de Anderson; que, então, após tentar falar com seus irmãos, o depoente ligou para Flordelis, que atendeu e exibiu “choro de crocodilo”, perceptível ao depoente mesmo pelo telefone; que dirigiu-se ao Niterói D’or e, quando lá chegou, viu Flávio cheio de sangue e “muito estranho”, bem como “um burburinho” no qual estavam Luciano e Gleici; que Gleici assessorava Flordelis e o depoente achou estranho que ela passou por ele, mas “não teve cara de olhar” para ele; que o depoente viu o corpo da vítima no hospital “cheio de tiros” e, à época, contou catorze perfurações só na parte da frente do corpo; que, no hospital, Flordelis disse que havia sido latrocínio; que o depoente estava conversando com um amigo e dizendo que havia contado catorze tiros, quando Flávio ouviu a conversa e a interrompeu para dizer: “Não foram catorze, não, foram sete tiros. Essa arma é 9 mm e quando o tiro entra, ele ricocheteia e fica entrando e saindo”. O depoente reiterou que Flávio lhe afirmou o calibre da arma ainda no hospital. O depoente disse que, no velório, Flávio estava “indiferente, estranho demais”; que, no enterro, Flávio foi preso e o depoente achou que fosse por crime de violência doméstica, já que ele dizia que “ia bater na mulher”; que nunca imaginou que Flávio pudesse matar Anderson. O depoente informou que, na DH, visitou Flávio, acompanhado de Daniel e “Mizael”, sendo que Flávio parecia querer chorar; que Flordelis tinha “colocado um advogado para ele, para azucrinar a cabeça dele”; que Flávio perguntou se “Mizael” poderia lhe conseguir um advogado, ao que “Mizael” respondeu positivamente, mas solicitou que Flávio dissesse a verdade. O depoente declarou que, na DH, Flávio admitiu a autoria do crime; que Flávio disse que “estava jogando” e o depoente entendeu que ele quis dizer que estava “acobertando as coisas, para jogar a culpa só para ele”; que o maior intuito era “jogar na conta do

**Lucas**"; que, na DH, **Flávio pediu perdão e o depoente orou por ele, mas depois Flávio "mudou a casaca de novo"**. O depoente afirmou ter tido conhecimento, durante o velório de Anderson, que **Flordelis** trocou de roupa três vezes, o que muito surpreendeu o depoente. Disse que, então, foi à casa de **Flordelis** e, lá chegando, a viu sentada na cama, aparentando estar sob o efeito de remédios. O depoente afirmou que, então, **Flordelis** olhou em seus olhos e disse: *"Acabou, Luan, vida nova"*. O depoente declarou que Lorraine e **Marzy** entraram no quarto, enquanto **Rayane** ali já estava; que **Rayane** estava chorando e Lorraine lhe disse para não ligar, pois agora teriam mais tempo para sair; que, então, **Simone** entrou e disse para **Flordelis** que a manicure da deputada estava agendada para o dia seguinte. Em seguida, segundo o depoente, **Adriano entrou no carro portando uma mochila marrom que era de propriedade de Anderson e perguntou a Flordelis sobre o telefone de Anderson**. O depoente informou que, então, todos os outros presentes no quarto passaram a se perguntar sobre o paradeiro do telefone de Anderson e chegaram à conclusão de que ele estava com "Buba"; que **Rayane** ligou imediatamente para "Buba" para pedir o telefone de Anderson; **que "Buba" levou o telefone para Flordelis mais tarde, mas Adriano tomou o celular e disse que ele veria o celular primeiro**. O depoente declarou que viu Flordelis ordenando a Adriano que "apagasse aqui que está lá"; que Marcelle, esposa de **Adriano**, disse a **Flordelis** que há como saber o que foi apagado e por isso não aconselharia que o conteúdo do celular fosse apagado; que **Adriano estava muito nervoso e procurando um pen drive**; que "Buba" estava usando um anel de brilhantes que pertencia a Anderson. O depoente informou que **Adriano** disse a Hugo Melo: *"O Marcelo deu mole, ele tinha que acabar quando meu irmão, o Flávio, já determinou que foi ele, ele deu mole, deixou passar"*. O depoente afirmou que Hugo Melo lhe disse que estava acontecendo uma **briga na parte inferior da casa pelas roupas de Anderson**; que esses acontecimentos ocorreram na segunda-feira. Afirmou que **soube acerca da carta supostamente escrita por Lucas; que Lucas nunca teve nada negativo para falar sobre o depoente e, posteriormente, soube por Regiane que Lucas lhe pediu perdão, porque, "na verdade não foi ele, ele foi induzido"**. O depoente afirmou que, no domingo após o homicídio, foi a uma reunião da igreja, na qual **estranhou ter sido ignorado pro Carlos; que ouviu Carlos comentar com terceiro que comprara uma Captiva, o que trouxe estranhamento ao depoente; que Flordelis e Adriano exibiram "choro de crocodilo" durante a reunião; que o depoente falou a sós com Flordelis, que nunca quis que ele fosse aos EUA, mas durante a conversa Flordelis disse que o depoente deveria ir aos EUA o quanto antes, sem depor na delegacia**; que Anderson, "Mizael" e **André** cuidavam das contas da igreja, sendo que Daiana ajudou por um tempo; que a vítima *"gostava muito de dinheiro"* e todas as contas passavam por ele; que o depoente não lidava com as finanças da igreja e o Pastor Anderson o excluía de questões financeiras e políticas. O depoente declarou que soube que, no

momento da prisão de **Flávio**, **Simone** desmaiou, enquanto **Flordelis** ficou desesperada; que não soube sobre suposta passagem de itens entre **Flávio** e **Simone** no momento da prisão. O depoente **afirmou ter presenciado Flordelis abrir os braços em casa, após o velório, e dizer: “Acabou, vida nova!”**. Afirmou que o celular da vítima passou pelas mãos de “Buba” antes de chegar a **Adriano** e **Flordelis**; que “Buba” sabia até das senhas de Anderson. O depoente informou que conhece Luciano Gomes; que Luciano era vizinho da vítima; que o depoente era o único filho entre os mais velhos a não ter regalias; que Luciano mudou-se para Cambinhas após a morte de Anderson; que o depoente soube recentemente sobre as mensagens trocadas entre Luciano e Anderson; que Anderson fazia coisas para Luciano que não fazia para o depoente; que Luciano e Anderson cogitaram lançar a candidatura da vítima à Prefeitura de São Gonçalo, mas pro fim decidiram que **Flordelis** seria a candidata, já que o nome dela tinha mais força; que a casa de **Flordelis** tinha uma geladeira para ela e outra geral, para a casa toda; que **Simone** fazia compras separadas para si e para **Flordelis** daquelas feitas para a casa toda; que afastou-se da família de **Flordelis** desde o casamento, mas frequentava a igreja; que havia muitas fofocas na casa, especialmente atreladas a **Simone**; que Anderson defendia **Simone** cegamente; que Anderson era mais ganancioso que **Flordelis**. O depoente afirmou que o pai de Anderson pouco o visitava; que a mãe da vítima vinha à casa com mais frequência; que o próprio **Lucas pediu desculpas ao depoente, por intermédio de terceiros, por tê-lo implicado na carta**; que o depoente não viu a carta, apenas teve acesso por meio da mídia; que **Marcos Siqueira** esteve envolvido na questão da carta, segundo informações que o depoente teve acesso por meio da mídia; que **Simone disse ao depoente que estava envenenando o Pastor Anderson, mas o depoente não sabe se isso era do conhecimento da deputada**; que Anderson e **Flordelis** eram os mentores da casa e *“ninguém fazia nada a não ser que um ou outro falasse”*; que não sabe se **Marzy** “fez alguma coisa”; que **Simone** era uma pessoa sarcástica e o que *“ela escrevia não se lia”*; que **Simone** não comentou com o depoente se mais alguém sabia do envenenamento; que os favoritos na casa eram **Flávio**, **Adriano** e seus filhos, mas principalmente **Simone**; **que quem falava a “língua” de Flordelis era favorecido e a deputada tinha uma postura de “ou você é por mim ou você é contra mim”**; que ouviu dizer que, alguns meses após a morte do Pastor, alguns filhos foram presenteados com *iphones*, mas o depoente não sabe se tal informação era verdadeira; que recebia ajuda de custo de mil e quinhentos reais de ajuda de custo da igreja, o que não era suficiente para os gastos de sua família; que o depoente pediu dinheiro a Anderson em uma situação de necessidade, mas não recebeu ajuda, já que só *“os queridinhos”* eram beneficiados; que nunca pediu dinheiro a “Mizael”; que “Mizael”, Anderson e **André** controlavam as finanças da igreja; que **Flávio não disse ao depoente se mais alguém efetuou disparos**.

A testemunha **Fábio Lopes da Silva**, ex-membro da igreja, relatou que conheceu a família da ré **Flordelis** nos anos 90, tendo em vista que ele frequentava um centro de oração em Duque de Caxias, onde a acusada **Flordelis** também costumava frequentar, lugar onde conheceu a ré. A ré possuía um trabalho em sua casa em Rio Comprido e, após alguns meses, ela convidou a testemunha para conhecer esse trabalho, sendo assim, a testemunha passou a frequentar o referido trabalho na casa da acusada **Flordelis** e, após algum tempo a testemunha foi convidada pela ré, sob o argumento de que tinha algo especial de Deus para a testemunha, para morar em sua residência do Rio Comprido. Ao relatar a dinâmica da casa, disse que depois de começar a morar na casa, a ré **Flordelis** disse para a testemunha que tinha algo especial em sua vida, que o falecido Pastor Anderson explicou que a testemunha era um anjo que precisava de remissão para poder ser um anjo novamente, a partir deste momento foi informado à testemunha que havia um grupo que tinha a finalidade de resgatar alguns anjos que estavam perdidos para poder voltar a ser um anjo de Deus. Na casa nem todos eram anjos, na casa havia pessoas comuns, mas havia um grupo fechado que eram os chamados “anjos” e a testemunha fazia parte deste grupo. Ao ser perguntado dos integrantes do referido grupo, foi respondido pela testemunha que faziam parte: “Mizael”, “Luan”, **Carlos, André** e a **Flordelis** era a líder principal, uma vez que era ela um anjo que tinha memória aberta, por isso a ré **Flordelis** era a líder espiritual do grupo. Foi dito pela testemunha que a ré **Flordelis** era um querubim chamado de “Queturiene”, sendo relatado que alguns anjos ganhavam outros nomes e outros não, relatou que o nome do Wagner foi trocado para “Mizael” o nome do Alexsander foi trocado para “Luan”. Foi informado pela testemunha que o nome do Pastor Anderson dentro do grupo era Daniel, mas que todos o chamavam de “Niel”. Ao ser perguntado se participou de algum ritual quando foi convidado para morar na casa, a testemunha respondeu que participava de alguns rituais simples, que uma vez participou de um ritual com “Luan” onde eles utilizavam um melão e colocavam os nomes das pessoas com mel para que as pessoas ficassem atraídas pela família para poder ajudar, fazer algo em benefício da família. Por ainda não ser um iniciado, ainda não podia participar de alguns rituais mais secretos, participando do referido ritual com “Luan”, bem como de outro ritual, também com “Luan”, onde utilizaram sangue para poderem confirmar sua fé diante de Deus, onde foi colhido um pouco de sangue de cada e escreveram um salmo, sendo que a partir daquele momento estavam firmando com seu próprio sangue que estavam sendo fiéis à crença em Deus, escrevendo os salmos na mão e posteriormente colhendo um pouco de sangue. Ao ser perguntado sobre algum ritual de purificação que envolvesse jogos sexuais, foi respondido pela testemunha que nunca participou de nenhum ritual que envolvesse jogos sexuais. Foi dito que há cerca de vinte anos houve um ritual, onde foi feito um círculo, onde “Niel” (falecido Pastor Anderson) ficou nu e a ré **Flordelis** se declarou como sacerdotisa “Isis”, ficando completamente nua no centro do

referido círculo e foram ditas algumas palavras as quais a testemunha não se lembra, não lembrando de outro ritual, nem das palavras que foram ditas naquele dia. **As pessoas do grupo, incluindo a vítima, tinham uma reverência pela acusada Flordelis, tendo em vista que ela era um “anjo de Deus”, todos obedeciam a tudo que a ré Flordelis mandava, sem qualquer tipo de questionamento.** Ao ser perguntado se a testemunha e sua esposa tiveram algum problema com a ré **Flordelis**, além de ter sido ofertada uma denúncia na COMADERJ (Convenção de Ministros da Assembleia de Deus), foi dito que sua esposa tomou conhecimento da parte oculta que a testemunha vivia, se referindo a se tornar um anjo novamente, na casa, através de um diário que a testemunha tinha, sendo incompatível com religião de sua esposa, que é evangélica. Tomando conhecimento deste fato, sua esposa ficou escandalizada. Alguns amigos da testemunha, sua esposa e os amigos dela, que romperam relações com **Flordelis**, fizeram um grupo e denunciaram a acusada **Flordelis** na COMADERJ. Com o recebimento da denúncia, foi dito pela testemunha que nada aconteceu, uma vez que os líderes da Assembleia não acreditaram que o relatado fosse verdade. Ao ser perguntado se a testemunha tomou conhecimento de algum plano para se livrar de alguém, de alguma pessoa que estivesse atrapalhando os planos da família, foi dito pela testemunha que não se lembra de nenhuma reunião, tendo em vista que saiu em 2001 da casa e tendo em vista o lapso temporal não se recorda. Foi dito que conhece Alex Vinha, relatando que foi seu padrinho de casamento e que Alex participava como uma pessoa comum da igreja, uma vez que tinham duas partes: os membros comuns da igreja e o grupo fechado, tendo em vista que o grupo fechado havia a finalidade de voltar a ser um anjo e a igreja visava a prática da religião evangélica de uma forma simples, como as pessoas costumam conhecer, somente havendo os referidos rituais no grupo fechado. Ricardo e Viviane eram frequentadores da igreja localizada no Rocha, frequentavam a casa da ré **Flordelis**, mas na titularidade de pessoas comuns da igreja. Não faziam parte do grupo. **A testemunha disse que praticou alguns atos sexuais com a ré Flordelis, mais ou menos no âmbito religioso, uma vez que tinha a ré Flordelis como uma pessoa espiritual de Deus e por já ter participado anteriormente de um grupo religioso que praticava sexo, que era o grupo “Os Meninos de Deus”, onde era comum a prática desses atos, então não achava estranho.** Não guardava relação com o ritual, mas sim pelo fato de algumas vezes estar sozinho no quarto com a ré **Flordelis** e acontecer a prática do ato sexual. **Afirmou que era de conhecimento da vítima Anderson a prática dos atos sexuais e que a vítima não se incomodava. Em seguida reafirmou que pelo fato de acharem que a ré Flordelis fosse um “ser divino” todos obedeciam a ela e que ela se apresentava como um ser celestial, um ser divino.** Ao ser perguntado sobre que circunstâncias ele estaria no quarto da acusada **Flordelis**, se estava escuro, se estava esperando a prática de algum ritual e se sabia que era a ré **Flordelis**, foi dito que não era dessa forma, era

simplesmente o fato de a testemunha ir arrumar o quarto da acusada **Flordelis** e calhava deles ficarem sozinhos e na ocasião havia esse tipo de insinuação natural. Ao ser perguntado se foi confidenciado por Alex Sander um fato parecido, foi dito que não tem conhecimento. Ao ser perguntado se teria como precisar o ano em que ocorreram os fatos que havia relatado, foi dito pela testemunha que não saberia colocar isso no tempo, tendo em vista que os fatos ocorreram mais de vinte anos atrás e que conheceu a família **Flordelis** foi no ano de 1995 e que os fatos ocorreram mais ou menos em 1998 e 1999, sem saber precisar certamente o ano dos fatos. Foi dito que as orações eram louvando a Deus e não ao Diabo. Quando perguntado se tinha conhecimento sobre algum plano de matar Anderson, foi dito pela testemunha que, na época em que morava na residência, nunca houve essa intenção, uma vez que **Anderson venerava a ré Flordelis**.

A Testemunha **Alex Sander Viegna do Nascimento**, ex-membro da igreja, relatou ter participado da igreja da acusada **Flordelis** por pouco mais de quatro anos e que frequentou bastante a casa da ré **Flordelis**, cerca de 19 anos atrás, convivendo tanto com a acusada **Flordelis** como com a vítima Anderson do Carmo. Quando indagado da dinâmica da casa, disse que a “dona” **Flordelis** sempre foi reverenciada e que não chama a acusada **Flordelis** de Pastora, visto que não a considera como Pastora por seus posicionamentos, tendo em vista que **para a testemunha, uma pessoa que faz o tipo de coisa que a acusada Flordelis faz não pode ser considerada como Pastora**. Ao ser questionado das práticas da acusada **Flordelis**, disse que o modo como ela trata as pessoas, o jeito que ele lidava com as crianças, quando descobriu, quando seus olhos se abriram e puderam enxergar a forma que ela tratava as crianças, passou a não considerar a ré **Flordelis** como Pastora. Quando foi pedido para que descrevesse o tratamento que a ré **Flordelis** prestava foi dito que: *“54 filhos, 54 motivos para andar de joelhos na presença de Deus, isso era colocação dela nas igrejas, era isso que ela testemunhava e ministrava nas igrejas para ter ajudas de empresários, artistas globais, arrecadar fundos”*. Relatou que presenciou o tratamento diferenciado no que as crianças comiam, sendo arroz e ovo cozido e a ré **Flordelis**, Anderson e os escolhidos comiam filé mignon, batata frita, pizza, Coca-Cola, sendo o melhor para estes e para aqueles o resto, deixando-o muito triste. Os filhos adotivos e afetivos eram deixados de lado comiam o resto, comiam salsicha com arroz, macarrão com ovo cozido, legumes, chuchu com batata com arroz puro e a ré **Flordelis**, Anderson e os escolhidos iam para churrascaria, para os melhores restaurantes, as pizzas eram as melhores, chegava sempre um banquete no quarto deles, onde tinha ar-condicionado e eles comiam as melhores iguarias e para as crianças que eles tanto testemunhavam, que eram 54 filhos, que enfatizavam isso categoricamente, *“54 filhos, 54 motivos para andar diante da presença de Deus”*, isso era

factoide, era mentira, sendo uma realidade que se ministrava no altar de uma igreja e vivia-se uma mentira. Foi descobrindo isso com o tempo, além de dizer que chegou ao ponto de sua filha, hoje com 28 anos, odiar e pedir por favor para não deixá-la na casa da ré **Flordelis**, uma vez que não gostava de ficar lá. Nos demais quartos, não havia ar-condicionado e, mais uma vez, reiterou que o tratamento era diferenciado. Ao ser perguntado se havia humilhações e castigos físicos, foi dito que havia humilhação verbal. **Presenciou algumas vezes a acusada Flordelis dizer: “Se não fizer o que eu mando eu arranco sangue da sua cara”**. Foi dito que a acusada **Flordelis** falava que iria arrancar sangue da cara **de crianças de 7, 8, 9, 10 e 11 anos**. Ao ser perguntado se a ré **Flordelis** exercia algum tipo de controle sobre os outros, foi dito que ela era a primeira mandatária e que ninguém ousava passar por cima dela. Uma vez, a ré **Flordelis**, ao chegar em uma determinada igreja, falou que: *“Se não me respeitarem eu arranco sangue, com o sapato e vou esfacelar a cara de vocês. Me respeitem, respeito é bom e eu quero respeito”*. A referida frase foi dirigida também ao Pastor Anderson do Carmo e ela, a Pastora **Flordelis** queria toda reverência para ela. Ao ser perguntado se a acusada **Flordelis** mudava o nome das pessoas e se a ré falava que as pessoas eram anjos caídos, respondeu positivamente, explicando que anjos caídos, dentro do Satanismo, é uma seita. Além disso, foi dito que a ré **Flordelis** era conhecida como a Sacerdotisa Mãe chamada de “Queturiene” e os outros eram “anjos sem memória”, então esses anjos sem memória deveriam prestar adoração à ré **Flordelis**. Caso não respeitassem e não prestassem adoração à ré **Flordelis**, eles estariam “mal”. Então, a figura dela na Terra como Sacerdotisa Mãe do Satanismo, chamada “Queturiene”, tinha que ser venerada, honrada e respeitada, em toda fase, todas as circunstâncias. Por isso que ninguém levantava a voz para a acusada **Flordelis**. **Ninguém ousava desobedecê-la**. Além disso, ela tinha e praticava o livro do “São Cipriano”, que é magia negra pura. Ao ser perguntado da diferença de idade da acusada **Flordelis** e a vítima Anderson, foi dito pela testemunha que ele era mais novo que a acusada e que foi tirado da comunidade do Jacarezinho, **além de Anderson ter namorado Simone, uma das filhas da ré Flordelis e que Simone era conhecida como “Hebreia”**. Conheceu a mãe e a irmã do falecido Anderson do Carmo, que também faleceram. Em seguida foi perguntado se a testemunha estava na casa na época em que Anderson chegou à casa da acusada **Flordelis**, sendo respondido que não frequentava a casa nesta época. Ela **sempre manipulou todos da casa**. Sua função era de manipuladora, como se fosse uma mandatária e quem não cumprisse suas ordens estaria “mal” com ela, valendo-se da religião, de sua pseudo-religiosidade. O que é pseudo-religiosidade? Um Pastor estuda teologia, estudo sobre Deus. Ela não praticava teologia, ela praticava satanismo, satanismo para o mal, para a maldade, não para abençoar as pessoas. Ao ser questionado sobre o trecho “para o mal”, foi perguntado pelo Parquet se havia trabalhos para prejudicar pessoas, sendo respondido positivamente pela testemunha. Disse, ainda, que

ficou cerca de 5 anos fora da igreja e que, em uma pesquisa feita pela própria testemunha, cerca de 95% das pessoas que passaram pela casa e conviveram com a família **Flordelis** estão fora da igreja e cerca 90 a 95% dos casais se separaram. Destruíram o casamento das pessoas e elas não voltaram nunca mais para a igreja. Dentro do ritualismo satânico havia esses jogos e rituais sexuais, não sabendo precisar na veracidade da palavra, somente podendo afirmar que havia rituais satânicos para destruir. Foi dito que não podia afirmar categoricamente, mas que soube por terceiros, e que diziam na casa que havia relacionamento entre a ré **Flordelis** e os “prediletos”, ao ser questionado sobre que eram os prediletos disse que eram: “**André, Carlos** e Fábio”. Em seguida, disse que havia relacionamentos, **orgias**. Ato contínuo, foi indagado se a acusada **Flordelis** já se insinuou alguma vez para a testemunha, sendo respondido que sim e que, em certa vez, em uma viagem para São Paulo, **o falecido Anderson do Carmo, o deixou trancado durante 5 horas dentro de quarto de uma pousada com a acusada Flordelis. A testemunha teve que se trancar no banheiro, uma vez que ele tinha a opção de ou ter relacionamento com a ré Flordelis ou arrambar a porta e sair correndo.** Ela se insinuava com olhares e com uma roupa bem sedutora e que lutou para não manter relação sexual. Ao olhar para **Flordelis**, a testemunha não a via, mas sim outra imagem. Via a imagem de outra pessoa do satanismo. A imagem do globo do olhar, que é branco, ele não via, vendo tudo negro. E a ré **Flordelis** na cama, como estivesse rastejando. Ao ser perguntado se a ré **Flordelis** se valia de sua condição de líder espiritual para manter relações sexuais com as demais pessoas da igreja, foi dito pela testemunha que ela gostava sempre de estar na “crista da onda”. Seu objetivo foi sempre estar no centro das atenções, tanto para quem estivesse na casa como para onde quer que ela fosse cantar, “louvar”. Ao ser questionado sobre as reuniões do grupo mais fechado, a testemunha disse que **Flordelis** fazia orações, mas nunca havia orações, as pessoas iam para o quarto da acusada **Flordelis** com o intuito de falar mal de outros pregadores, outros Pastores e não de fazer orações, sempre difamando a imagem de outros cantores, outros Pastores, inclusive os que a ré **Flordelis** tinha comunhão com eles, mas todo instante a intenção dela falar mal, denegrir a imagem das outras pessoas. Não sabia de nenhum plano para eliminar algum Pastor que estaria atrapalhando os planos. Ao ser confrontado com depoimento prestado na Delegacia, onde mencionou um cantor chamado “Jorginho de Xerém”, disse que, em uma determinada conversa a ré **Flordelis**, afirmou que a intenção seria tirar a vida do referido cantor e se a testemunha não queria tirar a vida do referido cantor. Perguntado se havia algum motivo para querer matar o “Jorginho de Xerém”, a testemunha respondeu que seria pelo fato de ele ser homossexual. A ré **Flordelis** se dizia a maior profetisa e maior cantora do Brasil e Anderson do Carmo se dizia o maior pregador do Brasil. Com relação ao relacionamento de Anderson e **Flordelis**, relatou que, no tempo em que ficou na casa, cerca de 19/20 anos atrás, sempre foi de adoração por parte de Anderson à ré **Flordelis**. Anderson nunca

contrariava **Flordelis** em nada. Além de Anderson, os demais integrantes do grupo também obedeciam total, literalmente, em estado de adoração, veneração à ré **Flordelis**. Ao ser perguntado quem seriam as pessoas, foi respondido que seriam **Carlos, André** e todos os filhos, que tinham adoração total a ela. Ao ser questionado sobre Misael, disse que nunca viu nada que possa condenar sua conduta e que sabia que ele era motorista particular da ré **Flordelis**. Em todo lugar aonde eles iam, era “Mizael” que levava. Frequentou a igreja por mais ou menos quatro anos, ficando até 2002/2003. Não sabe precisar de forma categórica a data em que começou a frequentar a igreja, mas passou a frequentar constantemente a partir do segundo culto. Ao ser perguntado se foi conhecido Ricardo Barcelos, respondido que sim. É uma pessoa que foi ligada ao pagode, que na época fazia um sucesso muito grande, conseguiram tirar ele do pagode e trouxeram ele para morar dentro da casa. Tinha uma casa na Tijuca e o casamento do casal, Ricardo e Viviane, foi esfacelado, tendo em vista que a ré **Flordelis** ficava trancada no quarto com o Ricardo e deixava sua esposa, Viviane, do lado de fora, ficando desconfiada, ao ponto de Viviane tomar antidepressivos e outros remédios. A testemunha disse que já foi orar, de madrugada, algumas vezes pelo casal depois que saíram da casa por causa do relacionamento íntimo que Ricardo possuía com a ré **Flordelis**. Ao ser questionado a respeito do motivo da testemunha ter saído da casa, foi respondido que foi por causa de ver todas as coisas narradas, mas que o ponto chave foi que eles falavam muito de “fazer a obra”, “fazer a obra” é uma colocação, é evangelizar, ganhar almas, fazer culto, ir nas ruas e resgatar as pessoas e ela acusou a esposa do depoente de púlpito “não, ela vai dar conta daquelas cinco almas que ela perdeu pra Jesus. Vão para o inferno”. Colocação dela, da senhora **Flordelis**: “Vão para o inferno”. E falou o nome da esposa do depoente. “E vai ter que dar conta dessas almas que vão para o inferno”. Ela julgou, sentenciou as cinco almas. Não foi isso que aconteceu. A esposa da testemunha conversou com as meninas, tentou evangelizar, ganhá-las, trazê-las para igreja, mas não foi isso. Ninguém é obrigado a ir para igreja. Ninguém é obrigado estar onde eu estou. Eu dou uma palavra, convido. A pessoa vai. Ela tem direito de ir e vir. Então, ela acusou de uma forma muito agressiva a esposa do depoente. Ali foi o ponto chave que o fez nunca mais botar o pé lá. Além das reuniões que ela fazia falando mal do depoente constantemente. Ao ser perguntado se o plano de executar o “Jorginho de Xerém” foi à frente e se ela tentou captar alguém para executá-lo, foi respondido que não, informando que ele está bem e continua louvando. Quando a testemunha usa a palavra “seita”, é por causa da ré **Flordelis**, uma vez que ela é satanista, que a ré **Flordelis** prega uma falsa religiosidade, tendo em vista que o evangelho propaga o amor de Cristo. No satanismo não se prega o amor de Cristo. Satanismo faz trabalhos com frutas. A ré **Flordelis** tirava a memória das pessoas. Dizia que eles eram anjos, que deveriam adorá-la e deveriam reconhecer que ela era a sacerdotisa mãe. Presenciou a ré **Flordelis** falando que foi ao céu e do céu uma pessoa mandou um abraço para

Anderson do Carmo. Presenciou, mais ou menos duas ou três vezes, a ré **Flordelis** dizendo que iria tirar sangue da cara de alguma criança, mas, pelo fato de haver, na época, tantas crianças, não soube precisar os nomes. Questionado a respeito de seu comparecimento para prestar depoimento em sede policial, disse que seu telefone tocou e que ele estaria convidado para comparecer na DH e que não soube quem informou seu telefone na Delegacia. Um dos mandamentos do evangelho é “não adulterarás”, sendo expressamente proibido a um líder religioso, um Pastor ou Pastora, que segue a palavra pautada na bíblia sagrada, que é a bússola do cristão praticar esse tipo de ato. Com relação às doações, relatou que conheceu o empresário da ré **Flordelis**, Pedro Werneck e que não possui boas recordações dele. Ele tinha muita influência, muitos artistas da Rede Globo, diretores, pessoas influentes frequentavam o Congresso de Niterói, dada a grande repercussão. A ré passou a ser muito bem quista pela sociedade e viu muitas doações chegando, caminhões, caminhonetes, brinquedos, alimentação em abundância, dos empresários, artistas e diretores da Rede Globo. Não é errado o recebimento de doações e nem pedir doações. Com relação às agressões verbais, disse que foi ao Conselho de Pastores de Niterói, reunindo aproximadamente 20 pessoas. Alugou uma kombi, mais dois carros e foram denunciar as práticas. Foram falar com os Pastores da Convenção, falando com o presidente da convenção, Pastor Gideão e seu pai, sobre o que estava acontecendo na casa, nessa reunião, com um certo receio. Por ser pai de três filhos, entendeu como suficiente a apresentação da denúncia no Conselho Pastoral, não entendendo como necessária a ida a uma Delegacia, por causa de sua família, tendo em vista que fizessem alguma maldade com suas filhas e esposa, como tem receio até hoje. Aparentemente, estava-se louvando a “Deus”, mas as pessoas que estavam ministrando, que estavam de frente, a ré **Flordelis** e Anderson do Carmo, não estavam louvando a Deus. Quem estava louvando a Deus eram as pessoas que frequentavam à igreja, buscando um milagre, uma vida melhor. Assim que descobriu as práticas, retirou-se da igreja. Nos quatro anos em que permaneceu na igreja, permaneceu com sua família. Não teme por sua vida, mas sim pela vida de sua família, tendo em vista que uma pessoa que é acusada de fazer o que fez com o seu próprio marido, ela poderia ser capaz de fazer qualquer outra coisa com outras pessoas, não só de sua família, mas qualquer pessoa, incluído qualquer um dos réus. Outras pessoas também não prestaram depoimento na frente da ré **Flordelis** e dos demais réus por temor de uma maldade, por não saber o grau de influência que a ré **Flordelis** tem. **Hoje ela é uma Deputada Federal, não se sabendo o nível de conhecimento que ela tem para mandar alguém fazer algo, podendo-se esperar qualquer coisa por parte da ré Flordelis.** A separação seria admitida no caso de adultério ou agressividade, porém, **a prática do adultério era normal na residência da acusada Flordelis**, sendo dito que Anderson não batia na ré **Flordelis**, mas sim que ele que apanhava dela, mas nunca presenciou nenhum episódio. Reiterou que a ré **Flordelis** usava da ameaça de

“tirar sangue” como um modo de intimidação contra todos, inclusive seus filhos. Os filhos tinham uma dependência total em relação à ré **Flordelis**, tanto financeiramente como psicologicamente. Dependiam para comer, para ter dinheiro, se vestir, ter sapato. Além disso, os filhos afetivos/adotivos não tinham mais acesso às suas famílias biológicas. A ré **Flordelis** dizia que não era para ter contato com mãe, familiares, com mais ninguém. Ali era o lugar deles, uma vez que foram rejeitados, abandonados. O **Pastor Carlos** era totalmente dependente da ré **Flordelis**, na época em que a testemunha estava na casa. **Carlos era o cozinheiro da casa e Pastor, fazendo parte da liderança junto com a ré Flordelis, sendo uma pessoa de sua extrema confiança.** Além disso, o réu **Carlos** tratava bem as crianças, de certa forma ele protegia as crianças. Sempre abraçava, fazia um carinho, afeto, sempre cuidando das crianças, proporcionando o carinho que Anderson e **Flordelis** não davam às crianças. A restrição de comida era uma restrição imposta pela acusada **Flordelis**, não podendo **Carlos** dar outro tipo de comida sem a autorização da ré **Flordelis**, a não ser que ele conseguisse dar de forma escondida. Caso desrespeitasse a ordem da ré **Flordelis**, poderia sofrer algum tipo represália, uma vez que todos eram “adestrados” para fazer tudo que a ré **Flordelis** mandava. Não vê as pessoas da casa como uma família, mas sim algo para poder alcançar dinheiro, fama e poder, tanto que começaram bem pequenos e foram almejando patamares maiores, ao ponto de ter o maior Congresso do Rio de Janeiro, que era o Fogo para o Brasil de Niterói. Não soube informar qual igreja o réu **Carlos** gerenciava e não sabe quem mais gerenciava as igrejas. Acha que Misael controlava a parte financeira da casa, afirmando que Anderson também administrava a parte financeira, tudo sempre com o aval da ré **Flordelis**, mas não pode afirmar se eles tinham que prestar contas para a ré **Flordelis**. Com relação aos atos sexuais praticados pela ré Flordelis com Carlos e André, disse que como um ato de sedução por parte de acusada Flordelis e pelo fato de serem manipulados por ela, acabavam cedendo e tinham que fazer o que ela mandava. Os fatos narrados aconteceram há 20 anos e após sua saída da casa perdeu totalmente o contato com a casa. Já os viu em encontros de igrejas, mas nunca mais teve nenhum contato e nunca mais foi na residência da ré **Flordelis**. Na época que frequentava a igreja, convivia com a família tanto na igreja como na casa, sendo duas residências localizadas na Taquara. Nunca foi na residência de Piratininga. **André foi casado com a Simone**, conhecida como “Hebreia”, sendo este nome dado pela ré **Flordelis**, como ela também trocou o nome do Anderson para “Niel”, afirmando que era uma regra da prática da magia negra. Entende que a atitude de **André**, que aceita estar na mesma casa, vendo a mulher com outros namorados e continuar sendo pai neste mesmo ambiente é algo vexatório. Com relação ao homicídio nada sabe. A testemunha é Pastor, já ministrou quase no Brasil todo e já ministrou na Assembleia de Deus, com várias denominações. Da Assembleia de Deus, ministrou na Nova Vida, na Presbiteriana, na Batista, entre outras. Foi dito que a denúncia foi feita na

COMADERJ e que nunca presenciou crianças serem oferecidas a Pastores que frequentavam a casa, para sexo.

A testemunha **Kelly Cristina dos Santos**, filha afetiva da ré **Flordelis** e da vítima Anderson, relatou que foi morar na casa com 11 para 12 anos e que os irmãos biológicos da testemunha já moravam na casa. Antes, estudou em um colégio interno e visitava seus pais biológicos de 15 em 15 dias, mas por algum motivo, o qual a testemunha não soube informar, a testemunha foi tirada do colégio interno e levada para morar na casa da ré **Flordelis**, junto com seus irmãos biológicos. Após um determinado período, os irmãos biológicos da testemunha saíram da casa da ré **Flordelis**, mas a testemunha permaneceu no local até o seu casamento. Não possui contato com as pessoas há, mais ou menos, 6 ou 7 anos, saindo da casa entre 2014 e 2015. A relação entre o Pastor Anderson e a ré **Flordelis** sempre foi muito amigável, sempre estavam juntos, nunca presenciando nada que justificasse esse “filme de terror”. A relação com os filhos era uma relação normal de mãe e filho, “Ela manda e a gente obedece”. Ao ser questionada se essa relação de obediência se estendia ao Pastor Anderson, **Carlos**, “Mizael”, Daniel e a todos os outros filhos, a testemunha relatou que não havia como afirmar precisamente, uma vez que ao atingir a maioridade, a testemunha conseguiu um aval para trabalhar e estudar. Quando saía, de manhã, eles estavam dormindo e quando chegava em casa, à noite, eles não se encontravam. No final de semana, quando eles não estavam viajando, estavam em casa, mas a testemunha sempre estava na casa do namorado ou de alguma amiga, uma vez que a casa era muito cheia e ela sempre tentava fugir daquela bagunça e se desvencilhar. Sempre odiou política, nunca trabalhou com o Pastor Anderson, nem com a ré **Flordelis**. Nunca acompanhou essa parte política. Com relação à parte religiosa, quando ela acompanhava, na época em que era menor de idade, sempre viu o Pastor Anderson e a ré **Flordelis** juntos, mas era o Pastor Anderson que regia tudo. Na época em que era menor de idade, não se recorda se havia alguma divisão de grupos entre os filhos. Na casa, ninguém questionava a liderança do Pastor Anderson. Pelo fato de, ao atingir a maioridade ter começado a trabalhar, a testemunha comprava tudo o que ela queria com seu próprio dinheiro. Nada do que possui hoje foi dado por Anderson do Carmo, nem pela ré **Flordelis**. Quando menor de idade, se havia algum tratamento diferenciado, passou despercebido. A testemunha sempre teve um bom relacionamento com o réu **Flávio**, mas **Flávio** e Anderson nunca foram muito próximos. Além disso, quando a testemunha era mais nova, **Flávio** não morava na casa. A posição da ré **Simone** sempre ficava com a ré **Flordelis**, enquanto os outros adolescentes faziam as outras coisas, uma vez que a casa era dividida em áreas, ficando cada um responsável por uma determinada área, mas **Simone** não entrava nessa divisão, uma vez a ré **Flordelis** dizia que a ré **Simone** era responsável pela parte burocrática, não sabendo informar se **Simone** era protegida pela ré **Flordelis**, apenas disse

que: “*filho biológico é filho biológico*”. Nunca pegou, nem presenciou, ser ministrado algum tipo de veneno/remédio na comida do Pastor Anderson. Uns dois anos antes de seu casamento, não frequentava muito a casa, uma vez que saía muito cedo de casa para trabalhar em um hotel na cidade do Rio de Janeiro. Ao sair do hotel, ia para o curso de inglês, em seguida se dirigia para o curso técnico de segurança do trabalho e, por fim, ia para faculdade, chegando em casa por volta das 23:00 horas. Após seu casamento, somente voltou à casa, no máximo quatro vezes, tendo em vista pedidos de algumas irmãs que ainda moravam lá. Não se recorda de ter ouvido a ré **Flordelis** falar nada sobre o Pastor Anderson “sair deste mundo, que sem ele na casa tudo ia melhorar”. Não soube dizer se a ré **Flordelis**, após a morte do Pastor Anderson do Carmo, reuniu os filhos para combinar uma versão, uma vez que a testemunha se encontrava em casa quando recebeu uma ligação de sua irmã Érica, dizendo que tinham matado Anderson do Carmo. Quando chegou na casa, o corpo já havia sido retirado e se dirigiu para o hospital, onde deram a notícia que o Pastor já havia falecido. Em seguida, voltou para a casa da ré **Flordelis** para dar algum auxílio, ficar um pouco com a família. A testemunha não presenciou ninguém recolhendo as cápsulas das balas, uma vez que, ao amanhecer, se retirou da casa, tendo em vista que a casa estava ficando muito cheia e que seu marido tinha que ir trabalhar. No dia da morte do Pastor Anderson, disse que **Rayane** não estava em casa, tendo em vista que mora em Brasília. **Simone** estava acalmando a ré **Flordelis** em seu quarto e a testemunha encontrava-se no lado de fora da casa cuidando das crianças, uma vez que estavam com muita visita e estavam esquecendo das crianças. Como a testemunha sempre fez a parte “defensora dos fracos e oprimidos”, ficava tomando conta das crianças. Voltaram para a casa da ré **Flordelis** por volta das 5:00 horas da manhã e, por volta das 6:30 ou 7:00 horas, a casa já estava lotada. Com relação ao poder da ré **Flordelis** em relação aos filhos, foi dito pela testemunha que ela entrava na casa e ia direto para o quarto onde ficava, antes de se casar, onde ficavam suas outras 3 irmãs e lá permanecia até a hora de ir embora, não fazendo questão de encontrar ninguém. Disse que optou por testemunhar sem a presença dos réus e com o plenário vazio, tendo em vista que está muito assustada, fazendo um tratamento, que sofreu um trauma por ter que sair de sua família biológica sem saber o motivo e morar em uma casa onde não se tem 100% de atenção e carinho, pelo fato de serem muitas pessoas. Cresceu sozinha. Encontra-se há 07 anos fora da família. Estudou por noites escondida no banheiro. Saía de madrugada para estudar. Se formou e conseguiu construir sua vida. Hoje, depois de ter superado tudo isso, ter que estar sentada, testemunhando e ter uma foto sua ou qualquer informação vazada, sua vida no dia seguinte pode se transformar em outra coisa, uma vez que ninguém a ajudou a chegar aonde ela chegou. Conquistou tudo sozinha. Na casa ré **Flordelis** não existia criação, não existia como cada um era tratado. Cada um apenas cuidava de si. Disse que já estava acostumada com essa vida, uma vez que é a filha mais velha de 06 irmãos e

sempre foi uma mãe para seus irmãos. Ao ser levada para a casa da ré **Flordelis**, pelo fato de sempre ter tido esse instinto de mãe, sempre cuidou das crianças e, quando não estava com as crianças, estava em seu quarto estudando. Não quer que o fato ocorrido destruía tudo aquilo que conseguiu construir. Disse que estudava escondida, pelo fato de que não era costume na casa ninguém estudar, tendo em vista que é a única que se formou e a única que trabalhou de carteira assinada, além de estudar escondida no banheiro para não perturbar as outras 05 meninas que dormiam no mesmo quarto que a testemunha. Saiu da casa da ré **Flordelis** porque se casou, se formou e possuía dinheiro para se sustentar. Na casa da ré **Flordelis** a testemunha possuía comida e roupa. Nunca lhe faltou comida, mas desejava algo a mais. Queria ser a Kelly que podia comprar as suas coisas. Possui contato com apenas 04 irmãs da casa e quis sair da casa, tendo em vista que sempre viveu em lugares cheios. Primeiro foram os abrigos e depois a casa da ré **Flordelis**. Como não havia regras e nem horário, era muito difícil de dormir, tendo em vista o número de pessoas que moravam na casa. Nunca teve um ótimo relacionamento com a ré **Flordelis**, porque sempre discordava de tudo. Não concordava com o tratamento desigual que era praticado na casa. **Abaixo do Pastor Anderson e da ré Flordelis, quem mandava na casa era o Pastor Carlos.** Era ele que sempre via a escola das crianças, ele que resolvia todas as coisas da casa e, **abaixo do Carlos, ou na ausência do Carlos, quem mandava na casa era a ré Simone.** Nunca soube que era ministrado veneno na comida do Pastor Anderson do Carmo e na casa era dito pela ré **Flordelis** que o Pastor tinha ansiedade e que a ré **Flordelis** sempre cuidou da parte médica de todo mundo da casa. A testemunha não pôde afirmar se o remédio que era dado ao Pastor Anderson era veneno, uma vez que nunca viu e nem leu o remédio. Nunca teve proximidade de dar o remédio para o Pastor Anderson, uma vez que, pelo fato de a testemunha ser muito curiosa, se fosse dado o remédio em suas mãos, certamente leria para saber qual remédio estava sendo ministrado. **Confirmou, em seguida, que disse em sede policial que a ré Marzy ministrava os remédios na comida do Pastor Anderson.** Na ausência da ré **Flordelis**, quem ministrava os remédios eram a ré **Marzy** e a “moça que trabalhava na cozinha”. O Pastor sabia dos remédios, tendo em vista que eles eram entregues para o Pastor tomar. Presenciou duas ou três vezes o Pastor Anderson tomando o remédio. Uma vez o Pastor estava sentado na cozinha e a ré **Marzy** deu o remédio para o Pastor Anderson tomar. Em seguida, disse que nunca viu ser ministrado algum tipo de remédio, escondido, na comida do Pastor Anderson e não sabia a frequência com que isso acontecia, já que não ficava muito tempo em casa e que saiu da residência no ano de 2015. Quando havia festa com muita gente, pelo fato de ele não gostar de festa com muita gente, às vezes ele ficava muito nervoso, muito agitado. Com isso, em algumas festas a ré **Flordelis** falava para o Pastor Anderson tomar o remédio. Uma semana depois da morte do Pastor Anderson, a testemunha estava em Búzios quando recebeu uma ligação da ré **Marzy**, que

falou que todo mundo ia para igreja, no Domingo à noite, tendo em vista que todo mundo iria ser ouvido e **a ré Flordelis contratou alguns advogados para poder conversar com todos**, só que, pelo fato de estar em Búzios, a testemunha não foi à reunião e nem soube do teor desta reunião. Posteriormente, entrou em contato com a ré **Marzy** para saber como foi a reunião, sendo dito pelo ré **Marzy**: **“Não se preocupa não que a mãe falou que depois ela fica sabendo qualquer coisa pelos advogados”**. A testemunha não se recorda de ter recebido alguma informação sobre o fato pelo celular da Érica, não se recordando da declaração prestada em sede policial. Questionada a respeito da ansiedade do Pastor Anderson, disse que ele sempre foi muito ansioso e sempre foi dito que o medicamento era para o tratamento da ansiedade do Pastor Anderson. **Já presenciou o Pastor Anderson passar mal algumas vezes, além de já ter sido internado, na época em que morava na casa**. Relatou um episódio em que o Pastor Anderson emagreceu muito, quando foi dito que ele teve um bactéria, *H. Pylori*, no estômago, no período de 2014 a 2015, quando a testemunha estava para sair da casa. Não soube informar quem administrava o dinheiro da igreja, somente sabia que quem administrava o dinheiro em casa era o Pastor Anderson, mesmo assim era dividido entre o **Pastor Carlos** e **Simone**. Tanto **Flordelis** como o Pastor Anderson eram gananciosos, gostavam de dinheiro, relógios e de se vestir com roupas caras. Tanto, que o Pastor Anderson sempre que comprava uma coisa para ele também comprava para ré **Flordelis** e vice e versa, além da convivência entre o Pastor Anderson e a ré **Flordelis** ser harmônica. Na época em que a testemunha ainda estava em estava na casa, a ré **Flordelis** ainda não era Deputada Federal. A relação da ré **Marzy** e o Pastor Anderson sempre foi muito boa, havia apenas alguns desentendimentos, quando falava que a ré **Marzy** roubou alguma coisa ou quando a ré **Flordelis** se queixava para o Pastor Anderson que a ré **Marzy** não cumpriu uma ordem sua. O Pastor reagia sempre com a frase: **“Marzy, de novo você Marzy!”**. A testemunha não soube informar o nome do Delegado que relatou que os remédios eram, na verdade, veneno, reafirmando que não sabia precisar se era veneno. Somente sabia que **quem ministrava os remédios eram as rés Flordelis e Marzy, além da moça que trabalhava na cozinha, chamada de “Neinha”**. As irmãs que moravam no mesmo quarto da testemunha eram Érica, Ângela e Daiana. Tudo na casa sempre foi resolvido por reunião, mas nem sempre todos participavam das reuniões. Quando havia reunião do grupo mais interno, ninguém sabia o teor do assunto que foi discutido. Quando mais nova, mais ou menos com 12 anos na época, já percebia um tratamento diferenciado e, já mais velha, não passava muito tempo em casa e não se prendeu a esses detalhes. Na casa, o réu **Carlos** era o “pai” das crianças. Ele que levava ao médico, para a escola, colocava de castigo. O réu **Carlos** sempre foi uma pessoa ríspida, mas sabia ser carinhoso quando queria. Desde o momento em que saiu da casa, até hoje em dia, nunca sofreu nenhuma ameaça por parte dos réus e nunca foi maltratada fisicamente

no período em que morou na casa, porque sempre soube se impor, relatando alguns abusos verbais. A vítima Anderson do Carmo dizia, com a concordância da ré **Flordelis**: “*Estudar não vai te levar a nada*”. A testemunha se diz assustada em ver o **André** entre os réus, uma vez que o réu **André** tinha boca e não falava, o réu **André** apenas escutava e não respondia.

A testemunha **Rogério dos Santos Silva** informou que já conviveu com alguns dos réus e teve um relacionamento íntimo com a ré **Simone**, mas atualmente não possui nenhum vínculo com os réus. Relatou que chegou no Ministério em 2010 junto com sua família: sua esposa e seus dois filhos, permanecendo na igreja até o ano de 2017. Não se relacionava diretamente com a família e não frequentava a casa. Somente tinha algum tipo de contato na igreja, visto que lá trabalhava. Apenas tratava sobre assuntos de trabalho. No âmbito da igreja, com o pouco contato que tinha com a família, a família da ré **Flordelis** aparentava ser a família perfeita. Sua família tinha a acusada **Flordelis** e a vítima Anderson do Carmo como referências, não presenciando nada que pudesse suspeitar da conduta de ninguém. Em 2017 a testemunha saiu do Ministério, junto com sua esposa, por conta de alguns desgostos pessoais com o Ministério. No carnaval de 2018 foi para a casa de um amigo, junto com sua família levando também os filhos da ré **Simone**: Ramon e Rafaela. Na época, Rafaela era namorada do filho da testemunha. Nesse carnaval, a ré **Simone** passou uma mensagem agradecendo por ter levado seus filhos para passear, mas não possuía muito contato com ela, mesmo ela sendo mãe da namorada do filho da testemunha. Durante essa troca de mensagens eles passaram a ficar conversando durante o carnaval todo. Ao final do carnaval, quando a testemunha voltou para casa, teve uma discussão muito feia com sua esposa. Após esta briga, a testemunha resolveu sair de casa e falou para a ré **Simone** que ia largar seu casamento. Nessa conversa que teve com a ré **Simone**, percebeu que poderia ter um relacionamento sério, vindo posteriormente a se relacionar sexualmente com ela. Ficaram por algum tempo se encontrando em um hotel, visto que não era de conhecimento de todos que a testemunha havia saído de casa e que ele estaria tendo um relacionamento esporádico com a ré **Simone**. Esse relacionamento durou mais ou menos entre os meses de março e junho de 2018. Depois de um determinado tempo em que a testemunha e a ré **Simone** estavam se encontrando escondidos, a testemunha deixou o celular aberto em seu local de trabalho, onde também trabalha sua ex-esposa, deixando seu WhatsApp aberto tanto no celular como no computador. Foi onde sua nora viu as mensagens trocadas com a ré **Simone**. Quando seu filho e sua ex-esposa souberam do relacionamento da testemunha com a ré **Simone**, ficaram furiosos e resolveram mandar as mensagens para todos da igreja, com o intuito de todos ficarem sabendo da atitude tanto da ré **Simone** como da testemunha. Mais ou menos 15 dias após o vazamento dessa conversa, a testemunha recebeu uma ligação de uma pessoa perguntando se era o Rogério que estava

falando e disse: *“Estou sabendo que tem umas imagens saindo com a **Simone** e se essas imagens vazarem você vai sofrer as consequências. Acidentes acontecem. Nós sabemos onde você mora e onde moram os seus filhos. Se você não resolver isso, não acabar com essas imagens, nós sabemos tudo sobre você”*. A referida ligação se deu durante o período de campanha para o cargo de Deputada Federal da ré **Flordelis**. Ao questionar quem estava falando, foi respondido para testemunha: *“Por que você quer saber quem eu sou? Eu sou pior do que bandido, milícia, qualquer um junto”*. Diante da ameaça, a testemunha ficou com muito medo e pediu para o seu filho Jonathan que pedisse para que as pessoas que ele enviou apagassem as mensagens, também conversou com sua ex-esposa, **Andrea**, e nunca mais recebeu nenhuma ameaça. A testemunha se arrependeu muito de suas atitudes, que foi uma fase muito destruidora, que destruiu completamente seu casamento de 20 anos. Depois desse episódio da ameaça, após 1 ou 2 meses, a testemunha recebeu uma ligação, à noite, da ré **Simone, que estava muito nervosa, com muita raiva falando: “Eu vou matar esse desgraçado, eu vou matar esse demônio, vou matar esse cara!”**. Ao ser perguntada sobre o que tinha acontecido, a ré **Simone** relatou que tinha havido uma briga dentro de casa, envolvendo os filhos dela, e o Pastor Anderson ia agredir uma das filhas dela, quando a ré **Flordelis** ia intervir sobre essa ação agressiva do Pastor Anderson com a neta, a ré **Simone** entrou na frente, para proteger sua filha e levou um soco no rosto, desferido pelo Pastor Anderson. Ela então disse: **“Eu vou matar esse desgraçado! Não aguento mais esse cara perto da gente! Estamos sofrendo muito. Minha mãe também não aguenta mais esse sofrimento, essa vida que estamos levando. Vou matar esse desgraçado! Vou matar!”**. A ré **Simone** externou essa intenção de matar o Pastor Anderson para a testemunha e disse que **a ré Flordelis tinha ciência dessa intenção**. Ao saber que a ré **Simone** havia sido agredida, a testemunha, na condição de homem dela, sentiu-se na obrigação de fazer algo e pediu para que ela não fizesse nada com o Pastor, mas que o depoente mesmo faria. Diante dessa afirmação da testemunha, a ré **Simone** ficou questionando se ele teria coragem de realmente tirar a vida do Pastor Anderson, sendo respondido afirmativamente pela testemunha, visto que ele deveria ser punido pelo que ele fez com a ré **Simone**. A testemunha não chegou a vê-la presencialmente após a agressão sofrida pelo Pastor Anderson, não sabendo concretamente se o Pastor a agrediu ou não. Disse que não saberia como executar o Pastor Anderson, mas **foi dito pela ré Simone que daria um jeito de matar o Pastor Anderson, que conseguiria uma arma para que a testemunha pudesse matá-lo, por causa daquela briga**. Posteriormente a ré **Simone** perguntou se a testemunha realmente iria fazer, o que foi respondido afirmativamente pela testemunha. **Ela lhe informou que havia conseguido uma arma e era só a testemunha ver como seria feita a execução do Pastor Anderson. Ela disse, ainda, que tinha falado com a ré Flordelis que mataria o Pastor Anderson pelo que ele fez**, sendo perguntado pela ré **Flordelis** se a

testemunha tinha coragem para matá-lo. A ré Simone respondeu que sim e a ré **Flordelis em momento algum teria recriminado essa atitude**. Depois da conversa que eles tiveram, a ré Simone se abriu e disse: **“Esse cara, estou tentando matar ele há um tempo já, colocando veneno na comida dele. Esse desgraçado não morre!”** Após refletir sobre o que teria dito à ré Simone, pensando em seus filhos, em como seu casamento havia sido destruído, sofreu tanto com a relação que entrou em depressão, visto que seu filho não falava mais com a testemunha, **acabou desistindo da prática do crime**. Os filhos da testemunha tinham contato com alguns dos filhos da ré **Flordelis**. Tinha contato com o Daniel e com outros, uma vez que seu filho tocava em uma banda da igreja. Participava de um grupo de louvor onde alguns filhos da ré **Flordelis** também participavam. **Foi dito pela ré Simone à testemunha que o Pastor Anderson era uma espécie de “ditador”, que ele controlava tudo que era sobre dinheiro dentro da casa**. Acontecia que não só a ré Simone ficava insatisfeita com essa posição do Pastor Anderson dentro da casa. Acabava que todos não gostavam dessa postura ditatorial da vítima. No período em que frequentou a igreja, de 2010 a 2017, nunca viu o Pastor Anderson passar mal dentro da igreja. Conhece todos os réus da família **Flordelis**, mas não tinha conhecimento do plano de matar o Pastor Anderson do Carmo. Quando perguntado se, na época em que foi convidado para tirar a vida do Pastor Anderson, a testemunha se dirigiu a alguma Delegacia para fazer essa declaração, respondeu que não. A testemunha se apresentou na Delegacia de Homicídios para dizer que tinha conhecimento da insatisfação com o Pastor Anderson e sobre o caso de envenenamento. Ninguém pediu para a testemunha se apresentar na Delegacia. Se apresentou no mesmo ano. Nunca esteve com “Mizael” antes de ir à Delegacia. Compareceu de forma espontânea e, pelo fato de não ser nenhum criminoso, somente queria poder ajudar a esclarecer alguns fatos que já aconteceram anteriormente. Em nenhum momento ficou preocupado de envolverem seu nome no caso. Era somente uma questão de justiça. No período do relacionamento da testemunha com a ré Simone não houve contato maior com o Pastor Anderson, só mantendo relação com a ré Simone. Pelo fato de ter saído do Ministério, não tinha mais nenhum contato com o Pastor Anderson e nem com a ré **Flordelis**. Na época do relacionamento da testemunha com a ré Simone, não soube precisar certamente se ela já havia terminado ou se ainda estava fazendo tratamento para tratar um câncer. O Pastor custeava a logística para que ela pudesse fazer o tratamento em São Paulo. Em nenhum momento tomou conhecimento de que ele se negou a custear a ida dela para São Paulo. A ré Simone também nunca comentou com a testemunha que já havia namorado o Pastor Anderson. A testemunha trabalhava na sede do Ministério e quem era o tesoureiro da igreja era o Pastor “Mizael”, mas dava a entender que quem controlava tudo era o Pastor Anderson, visto que só se fazia o que o Pastor Anderson mandava. Não frequentava a igreja de Piratininga. Só foi algumas vezes em que houve festas na igreja. O Pastor responsável pela igreja de

Piratininga era o **Pastor Carlos Ubiraci**, mas não soube informar quem tomava conta da parte financeira daquela igreja. A testemunha não se recorda, no período em que manteve relacionamento com a ré **Simone**, se ela já estava curada do câncer, mas aparentava que o tratamento já havia surtido efeitos benéficos. **Não tomou conhecimento de nenhum abuso sexual sofrido pela ré Simone ou de algumas de suas filhas, por parte do Pastor Anderson.**

A testemunha **Vivian Maria Silva de Oliveira**, frequentadora da igreja de Piratininga, relatou que começou a ajudar a Pastora Cristiane, que é esposa do **Pastor Carlos**, no dia em que ele foi preso, ajudando a Pastora Cristiane ir ao Rio de Janeiro, visto que não tinha ninguém para levá-la. Um dia a testemunha foi à casa da Pastora Cristiane para ajudá-la com a casa, porque, no dia seguinte ela ia visitar o **Pastor Carlos**. Até este dia, a testemunha não tinha conhecimento de nada, somente do que havia sido noticiado na televisão. Achava que era uma perseguição espiritual, evangélica, à ré **Flordelis** e que ela não tinha nada a ver com o crime, que somente estava protegendo algum filho. Porém, neste dia foi a primeira vez que a testemunha ouviu a história de alguém que morava dentro da casa. Em decorrência do acontecido, sugeriu que fosse trocado o advogado do réu **Carlos**, não sabendo o nome do advogado que havia sido contratado pela ré **Flordelis**. **A Pastora Cristiane e suas filhas Rebeca e Raquel falaram para a testemunha que o assunto que rola na casa, é que é uma lei/regra negar até o final o homicídio do Pastor Anderson.** Havia três famílias dentro da casa: a do réu **Carlos**, a da ré **Flordelis** e a da ré **Simone**. Após a morte do Pastor Anderson a Pastora Cristiane entrou em uma crise profunda de depressão e não ficava muito na casa. Suas filhas Rebeca e Raquel ficavam mais na casa e tinham mais contato com as pessoas, principalmente Rebeca, a filha mais nova. **O assunto que rolava era que André havia segurado o Pastor Anderson e que Flávio e Simone efetuaram os disparos contra ele e que “a Lorraine também estava na cena”**, sendo o núcleo familiar Oliveira, família da ré **Simone**, presente na cena do crime, mais precisamente: **“Lorraine, Simone, André, Rafaela, Ramon e o Flávio estava junto”**. Este era o assunto que rolava dentro da casa, que as crianças sabiam de tudo, principalmente a menor **Rebeca**, da dinâmica do fato, quem segurou, quem fez, **sendo passada essa versão pela Pastora Cristiane para a testemunha**. A menor Rebeca falava que para tudo que acontecia na casa havia reuniões, mesmo no sentido de prejudicar alguém, como na época da bomba para prejudicar a testemunha Regiane. **Nas reuniões mandavam todos ficarem calados, negarem até o final, que tinha que prejudicar outras pessoas, sempre havendo uma orientação de como e o que falar com as pessoas, sem ter sido falado para a testemunha quem passava essas orientações**. Ao saber dessas informações a testemunha ficou sem acreditar no que estava ouvindo. Seu mundo caiu. Foi dito pela Raquel que o **Ramon estava recolhendo as cápsulas das balas e secando o sangue do Pastor Anderson, dizendo que não havia provas e**

**não tinha crime.** A testemunha só tomou conhecimento desse fato em setembro, aproximadamente um mês após o réu **Carlos** ser preso, mas não sabe precisar se essa versão é verdadeira, tendo em vista que foi contada pela Pastora Cristiane, assim como não tem a menor noção do que é conviver dentro da casa. A Pastora Cristiane contou essa versão como uma espécie de desabafo. Foi dito, ainda, pela Pastora Cristiane à testemunha que **tomou um suco de maracujá de dentro da geladeira e passou muito mal.** A ré **Flordelis** estava viajando e, quando retornou, questionou por que havia tomado o suco de maracujá. Afirmou, ainda, que **a Pastora Cristiane não estava na cena do crime, mas que os referidos fatos são falados dentro da casa e ela deixou algo muito claro para a testemunha: “Vivian, não tem a bíblia, que não cai uma folha da árvore o Senhor não permitir? Não cai uma folha da árvore dentro dessa casa sem que a Flor não saiba. Não se come uma banana da geladeira, da fruteira, sem ela deixar, sem ela não falar ‘faz’”.** Nessa data a testemunha ainda não conhecia a testemunha Regiane, uma vez que esse foi o primeiro dia de visita ao réu **Carlos**. A testemunha foi em várias visitas com a Pastora Cristiane, sempre esperando a Pastora do lado de fora para que ela não fosse sozinha. Veio a conhecer a testemunha Regiane no dia em que foi levar a Raquel, filha dela, para prestar depoimento na Delegacia de Homicídios. Na ocasião, reiterou que deveria haver a troca do advogado, uma vez que tinha uma igreja toda sofrendo, pois o réu **Carlos**, para as pessoas da igreja, era “O cara”. Não sabia o que falar para o seu filho de 21 anos a respeito do **Pastor Carlos**. Não quis falar na presença dos réus porque não possui relação nenhuma com eles. Não sabe nem o motivo da Pastora Cristiane ter relatado esses fatos para ela. **A Pastora relatou à testemunha que quem segurou o Pastor Anderson foi o réu André e quem teria atirado nas partes íntimas dele teria sido a ré Simone. Os demais tiros teriam sido disparados pelo réu Flávio.** A Pastora Cristiane contou que uma pessoa, da qual a testemunha não lembra o nome, bateu na porta do réu **Carlos** para avisar que haviam atirado no Pastor Anderson e eles saíram muito apavorados. O réu **Carlos** pediu para que sua esposa, a Pastora Cristiane, subisse e ficasse com a ré **Flordelis**. Ao chegar no quarto, a ré **Flordelis** estava muito tranquila e só ficava desesperada quando alguém ligava. **Aí começava a chorar, mas quando terminava, voltava ao normal e a conversar com os demais.** A Pastora Cristiane também relatou à testemunha que ficou muito mal ao tomar um pouco do suco de maracujá, que não sabe, em tom de brincadeira, como “sobreviveu” e **levou uma bronca da ré Flordelis pelo fato de ela ter contado para outras pessoas que ela havia tomado aquele suco e passado mal: “Quem mandou você falar para as pessoas que você tomou um suco da geladeira e passou mal? Você não podia ter falado isso para ninguém!”.** A Pastora Cristiane não disse à testemunha quem atirou primeiro, se foi o réu **Flávio** ou a ré **Simone**. A Cristiane era Pastora da Igreja Ministério **Flordelis** de Piratininga, que a testemunha frequentava. Perguntada se tinha conhecimento de que, em

depoimento prestado anteriormente pela Pastora Cristiane, ela teria afirmado que a testemunha é mentirosa e fofqueira, a testemunha respondeu negativamente. A testemunha tem conhecimento de que a Pastora tem problemas depressivos, outros males e que toma muitas medicações. Reiterou que se a Pastora não quer falar a verdade, ela não tem como forçar, mas a versão apresentada foi passada a ela pela Pastora Cristiane. Não tem conhecimento de que a Pastora Cristiane já tentou mutilar os próprios braços e tomou conhecimento de que ela ficou muito abalada com a morte do Pastor. Ela ficou sem ir durante, aproximadamente, quatro meses à igreja de Piratininga, além de ter ficado vagando pela rua, assim que soube da morte do Pastor Anderson. Mas hoje em dia ela está bem. Após a morte do Pastor Anderson, a testemunha esteve muitas vezes com a Pastora Cristiane, indo todas as vezes com ela visitar o réu **Carlos**, no Rio de Janeiro, sempre a levando e ajudando. Ultimamente, ela aparentava um ótimo estado de saúde, sem demonstrar estar sob efeitos de remédios, mas antes da prisão do réu **Carlos** a Pastora Cristiane estava muito mal. Após a prisão do réu **Carlos**, ela demonstrou uma força para ajudar a levantar a igreja e ficou bem melhor. A versão contada pela testemunha, foi narrada pela Pastora Cristiane cerca de um mês após a prisão do réu **Carlos**. Não foi nenhuma vez ao presídio acompanhando a testemunha Regiane. Conheceu a Regiane na DH, quando a Raquel foi prestar depoimento. **A Pastora Cristiane e suas filhas sempre falam que têm medo da ré Flordelis, principalmente a Rebeca**, porque a ré **Flordelis** manda e desmanda em tudo dentro da casa. “Morrem de medo” da ré **Flordelis**. Em um episódio, já foram expulsas de casa pela ré **Flordelis** por causa de uma briga entre Raquel e a Lorraine, visto que a Raquel trabalha o dia todo e a Lorraine queria que a Raquel fizesse comida, sendo o pedido negado, já que chegava muito tarde. Como a briga foi com a “princesa” da ré **Flordelis**, decidiu por expulsar a Pastora Cristiane, Rebeca e Raquel de casa. A gestão da igreja comandada pelo réu **Carlos** era a melhor pessoa possível, não entendendo ser possível a atuação do réu **Carlos** no crime. Caso ele tenha alguma participação, só pode ter sido influenciada “por essa bruxa”, em referência à ré **Flordelis**. A ré **Flordelis fez uma live, falando: “Vivian você mandou mensagem para mim ontem? Mandou mensagem para mim hoje? Eu quero dizer para você, que você estava perguntando para mim se eu estava chateada com você. Eu não estou chateada com você, eu amo muito você e amo muito a sua família”**. Afirmou que se sentiu muito coagida, tendo em vista que não há outra Vivian na igreja, e nem conseguiu dormir direito depois das declarações da ré **Flordelis**. Seu filho de oito anos questionou: “*Mãe, pelo amor de Deus, o que que vai ser da gente?*”. Afirmou que não é uma pessoa de posses, não tem condições de colocar pessoas para proteger sua família, não tem nada a ver com a família da ré **Flordelis** e que, **a partir da live realizada pela ré Flordelis, passou a temer por sua vida**. Contou para a testemunha Regiane a versão contada pela Pastora Cristiane, diante da injustiça que estava sendo cometido com o réu **Carlos** e com suas

filhas. Até aquele momento réu **Carlos** servia para tudo. Após sua prisão ele não servia para mais nada, não prestava para ninguém. **A Pastora Cristiane deve estar com medo**, visto que ela quis que ninguém soubesse seu endereço. **Ela relatou para a testemunha que, após a prisão do réu Carlos, recebeu algumas ligações da ré Flordelis, sempre com um tom de intimidação, deixando a pessoa sempre com medo.** Como a Pastora Cristiane não tinha ninguém na casa, não tinha como ela não temer a Pastora **Flordelis**. A testemunha não convivia com família, nem com a ré **Flordelis**. Ouvia de pessoas da casa que a ré **Flordelis** não ameaça diretamente ninguém, mas sempre intimida as pessoas, deixa as pessoas com medo. Rebeca é a única sobrinha de sangue do Pastor Anderson. Até quando a ré **Flordelis** mostrava a tornozeleira, a Rebeca ainda estava cantando com a ré na banda. Ela sabe de muita coisa e é muito sincera e falava com a testemunha de uma forma muito sofrida: *“Tia, não estou aguentando mais, é sofrimento”*. A Pastora Cristiane sempre foi uma pessoa muito fechada, mas, pelo desespero, se abriu com a testemunha e revelou esses fatos, tendo em vista que ela vivia “intubada” na casa, infeliz, além de seu marido, réu **Carlos**, ter sido preso. **A Cristiane não tinha confiança na testemunha para contar os fatos, foi mais um ato de desespero, sem comentar sobre os fatos que o réu Carlos estava sendo acusado.** Também não soube de nenhum envolvimento entre a Pastora Cristiane e a vítima Anderson. Ao ser perguntada se houve algum ato da ré **Flordelis**, com o intuito de impedir que a Raquel prestasse depoimento, foi dito que esta ligou para a testemunha na ocasião que estava no carro, voltando da visita ao réu **Carlos**, no Rio de Janeiro, com a Pastora Cristiane. Esta ficou muito nervosa e ligou para “Neinha”, cozinheira da casa, para saber se ela também teria que ir prestar depoimento na Delegacia. **Cinco minutos depois, um advogado ligou para a Pastora Cristiane, para que Raquel não fosse prestar depoimento e que o advogado iria marcar uma outra “situação” para ela ir prestar depoimento.** A Deputada havia tentado falar com o advogado várias vezes a respeito da situação do réu **Carlos**, mas não conseguia. No entanto, no dia em que Raquel iria depor, ele ligou dizendo para que ela não fosse prestar depoimento. De início a Pastora Cristiane não queria ir à Delegacia, mas, no final, foram. **No caminho da Delegacia, a ré Flordelis começou a ligar sem parar para a Raquel, mas ela não entendeu. Em seguida, a ré Flordelis mandou uma mensagem no WhatsApp da Raquel, que foi instruída pela testemunha a repassar a mensagem para seu celular, para não ter risco de a ré Flordelis apagar o conteúdo da mensagem.** A Pastora Cristiane, bem como todos da igreja externavam total insatisfação com os serviços prestados pelo advogado, visto que ele não dava qualquer notícia sobre o réu **Carlos**. Sempre falava que daria informações depois, mas nunca dava qualquer tipo de informação. Foi quando todos se reuniram e decidiram trocar de advogado, não sabendo informar o motivo da insatisfação com o advogado, nem porque o advogado não dava

satisfação à Pastora Cristiane, nem a ninguém, mas não soube informar se o advogado prestava informações à ré **Flordelis**.

Na **acareação** entre as testemunhas **Vivian Maria da Silva** e **Cristiane Rangel dos Passos Silva**, foi dito pelas testemunhas que confirmavam o que foi dito anteriormente em seus depoimentos. **A testemunha Cristiane afirmou que existe uma “lei do silêncio” na casa, onde nada pode ser dito sem que a ré Flordelis saiba.**

A testemunha **Roberta dos Santos**, filha adotiva da ré **Flordelis** e filha afetiva do réu **Carlos**, relatou que tem 26 anos, que entrou na casa com 3 meses de vida, em 1993, tendo em vista que sua família biológica a entregou para a ré **Flordelis** e permaneceu na casa até seus 21 anos, ano de 2015, quando se casou, mas ainda tinha contato com todos dentro da casa até a morte do Pastor Anderson, frequentando a casa quase que semanalmente. Quando entrou na casa havia muitas crianças, pelo fato de haver muitas crianças e muitos adultos na casa, havia o costume de repassar o cargo de pai e mãe, a testemunha sempre foi mantida aos cuidados do réu **Carlos** e de sua esposa Cristiana e sempre considerou ambos como pais e que tinha a figura da ré **Flordelis** e do Pastor Anderson como pais da família, da casa como um todo. A testemunha não tinha contato o Pastor Anderson como referência de pai, a testemunha não fazia parte da “roda” de filhos da ré **Flordelis** e do Pastor Anderson, para a testemunha, embora tivesse seus defeitos, o Pastor Anderson sempre foi uma ótima pessoa, sempre teve contato normal com o Pastor Anderson e nunca teve nenhum problema com o Pastor Anderson e que ele sempre tratou normalmente todos que moravam na casa. O Pastor Anderson sempre teve uma preferência por seus filhos, pelos seus filhos mais próximos, mas como pessoa, sempre tratou todos normalmente e que nunca soube de nenhum caso de abuso, nem de castigo físico por parte do Pastor Anderson. Os filhos biológicos da ré **Flordelis** com o Pastor Anderson sempre tiveram um tratamento diferenciado, para os filhos adotivos/afetivos esse tratamento diferenciado era normal, não era algo que assustava e que fosse questionado dentro da casa. **A testemunha, alguns meses antes do fato, tomou conhecimento de um plano para matar o Pastor Anderson**, em um determinado final de semana em que a testemunha costumava frequentar a casa, dirigiu-se ao quarto de seu pai, réu **Carlos**, que disse que o Pastor Anderson quase morreu, **o Pastor Anderson, desesperado, procurou o réu Carlos e falou que tinha descoberto uma mensagem, em seu iPad, simulando um plano para tirar sua vida.** O Pastor Anderson, aproximadamente quatro meses antes de sua morte, ao tomar conhecimento dessa mensagem, **não acreditou no plano para tirar sua vida, assim como a testemunha também não acreditou** quando soube da mensagem por meio do réu **Carlos**, na hora a testemunha achou que fosse uma piada, por isso não foi falar com o Pastor Anderson e nem levou o assunto a diante, **achou que era algo de momento e que nunca levariam o diante, visto que, para a**

**testemunha, nunca poderia imaginar que a sua própria família seria capaz de tramar e executar a morte do Pastor Anderson**, foi dito ainda pela testemunha que se a família hoje em dia tem tudo o que tem, é graças ao Pastor Anderson, visto que a vítima era o “cabeça” de tudo, administrava a carreira da ré **Flordelis**, do financeiro, do administrativo, o Pastor Anderson só não tomava muito as rédeas da casa, sendo o papel da ré **Flordelis**. A testemunha não soube informar como o Pastor Anderson teve acesso à este conteúdo, somente que **ele estava usando o iPad e viu esta mensagem no rascunho do iPad, foi dito pelo réu Carlos à testemunha que não tinha nada relacionando à assalto, diferente da mensagem que circula hoje, que a ré Flordelis iria tirar todo mundo da casa e que a pessoa iria entrar no quarto e matar o Pastor Anderson com uma arma de fogo**. O Pastor **Anderson sempre confiou muito na ré Flordelis**. Com relação à adição de algum tipo de remédio na comida do Pastor Anderson, a testemunha nunca viu nada do tipo, porém, um dia a testemunha chegou na casa e a ré **Marzy** estava na frente da cozinha e ao perguntar pela ré **Flordelis** e pelo Pastor Anderson, foi dito pela ré **Marzy** que a ré **Flordelis** estava na lavanderia e que o Pastor Anderson estava dormindo, visto que a ré **Marzy já tinha dado o “remedinho” dele, mas a testemunha nunca soube o que era o “remedinho”** e que nunca presenciou o Pastor Anderson passar mal da forma que hoje a testemunha sabe que ele passava anteriormente, o Pastor Anderson sempre foi uma pessoa muito agitada, quase não ficava em casa, a testemunha sempre achou que o remédio sempre fosse um calmante para ele dormir/descansar, há outros dois episódios, que a testemunha nunca soube que era referente a envenenamento para provocar a morte do Pastor Anderson, onde uma vez **a Pastora Cristiana estava na igreja, em uma reunião ministerial, quando tomou um suco que era do Pastor Anderson e passou muito mal, ao ponto de ter que ir para o hospital**, em outro episódio a testemunha estava na igreja, em meados de 2017, a testemunha estava de frente para sua irmã Taiane e ela estava visivelmente dopada, parecia que ela não tinha nenhum controle sobre seu corpo, sua irmã estava sentada no chão da mãe, ela estava muito abatida, seus olhos quase não abriam, e ao questionar sua irmã, ela disse que: **“Robertinha, estou passando muito mal, antes de vir para cá eu mexi na geladeira do Niel (Pastor Anderson) e tomei um Chamyto que estava aberto, que estava pela metade, que o Pedro (filho do Adriano) queria tomar, de olho grande peguei da mão dele para tomar e tomei, e desde essa hora estou passando muito mal, com certeza estão colocando alguma coisa alguma coisa no negócio do ‘Niel’”**. No dia do homicídio, o celular da testemunha estava no silencioso, vindo tomar ciência do ocorrido apenas às 6:20 horas da manhã, quando o Alexandre ligou para o telefone do marido da testemunha, visto que ninguém estava conseguindo entrar em contato com a testemunha, ao saber da notícia que o Pastor Anderson havia sido morto, a testemunha **não teve dúvidas de que a ré Flordelis foi a responsável pelo homicídio de Anderson do Carmo**,

**dizendo: “Foi ela, eu não acredito que eles tiveram mesmo a coragem de fazer isso!”**. A testemunha teve certeza de que foi a ré **Flordelis** a responsável, tendo em vista que sabia da trama, mas nunca acreditou que realmente era um desejo deles e que seria alimentado por tanto tempo a vontade de matar o Pastor Anderson. **A ré Flordelis sempre foi soberana em tudo, mesmo a situação sendo errada, ela era soberana em tudo, ninguém questionava nem contrariava nada do que era dito pela ré Flordelis, ela sempre foi soberana em tudo e em relação a todos, inclusive em relação ao Pastor Anderson.** O réu **Flávio** nunca foi uma pessoa calma, é uma pessoa que causa medo, era uma pessoa muito rude, batia em uma criança como se estivesse batendo em um adulto, nunca teve muito contato com a família em si, ele se casou com sua primeira esposa, quando todos moravam na cidade do Rio de Janeiro e morava com sua esposa e sua filha em uma casa conjugada, sem manter muito contato com a família, é como o réu **Flávio** não fizesse parte da família. A testemunha nunca tomou conhecimento se o réu **Flávio** tinha arma ou que já tenha feito algum curso de tiro, e nunca soube do que aconteceu com os celulares da ré **Flordelis** e do Pastor Anderson, só soube que foi noticiado pela mídia a Lorraine teria jogado os aparelhos na praia. A testemunha somente foi na casa, para quem é da casa, havia uma percepção diferente do que as pessoas de fora, pelo fato de já a índole conhecer das pessoas que moram lá, já há uma noção do que aconteceu, já que previamente já sabia mas não acreditava e de quem talvez estaria envolvido na morte do Pastor Anderson, **a testemunha chegou na casa extremamente revoltada, dirigindo-se diretamente para o quarto da ré Flordelis e a feição da ré era de alívio, como se tivesse descarregado aquela vontade, aquele desejo e**, por esse motivo, a testemunha não conseguiu permanecer no mesmo ambiente que a ré **Flordelis** estava. Naquele momento, foi como se fosse a concretização de que a ré **Flordelis** havia participação na morte do Pastor Anderson, a testemunha permaneceu na casa até por volta das 14:00 horas, quando começaram a falar sobre o velório, ainda assim a testemunha foi ao velório para poder acreditar que aquele fato estava realmente acontecendo, para poder se despedir do Pastor Anderson, permanecendo no velório até o momento da chegada da ré **Flordelis**, **no momento em que a ré Flordelis chegou, a testemunha afirma que foi um “teatro enorme, aquela cena toda”, fingindo um sentimento de luto, de perda, até a revolta pela crueldade feita com o Pastor Anderson**, não era o mesmo sentimento das pessoas que compareceram para prestar os pêsames, a testemunha saiu no momento em que a ré **Flordelis** subiu no altar e começou a cantar um louvor, como se Deus tivesse dado e tirado o Pastor Anderson dela. A testemunha não compareceu ao enterro, visto que já imaginou que seria o mesmo teatro que aconteceu o velório, além de não gostar da cena do sepultamento de uma pessoa, ainda mais de alguém da família. Somente foi no velório para poder se despedir do Pastor Anderson. A testemunha raramente tem contato com sua mãe, Pastora Cristiane, diferente

da relação de mãe e filha que ela tinha com a Pastora Cristiane anteriormente. A testemunha não sabe, com certeza, se a testemunha Cristiane estava tendo contato com a casa da ré **Flordelis**, mas acredita que a testemunha Cristiane estava tendo contato até o momento em que ela foi expulsa da casa, afirmou ainda que **nunca conheceu Paula Barros, mas hoje em dia tem conhecimento de que ela é psicóloga da testemunha Cristiane**. A testemunha ainda mantém mais contato com sua irmã Raquel, mas que ela não confidenciou nenhuma coisa que aconteceu na casa da ré **Flordelis** após a expulsão dela da casa, bem como não falou algo referente a Paula Barros dentro da casa e que não soube de uma reunião na casa com advogados, antes que as pessoas na casa fossem prestar depoimento na delegacia e que quando foi prestar depoimento na delegacia, o advogado da ré **Flordelis** tentou entrar na sala junto com a testemunha, mas não foi autorizada sua entrada pela própria testemunha, não sabendo informar o nome do advogado. A ré **Flordelis** tentou entrar em contato com a testemunha aproximadamente uma semana após a morte do Pastor, em um determinado final de semana a testemunha recebeu uma ligação de seu irmão Gerson, filho afetivo da ré **Flordelis**, ao atender a ligação, antes mesmo de Gerson falar qualquer coisa, o telefone foi passado para ré **Flordelis**, mas a testemunha não falou com a ré **Flordelis**, posto que a depoente fingiu que a ligação estava ruim e desligou o telefone, uma vez que imaginou que a ré **Flordelis** tentaria influenciá-la a prestar um depoimento favorável à ré **Flordelis**, a partir desse dia a testemunha não se permitiu a ter mais nenhum contato com ela. Érica procurou sua irmã, a testemunha, pela internet, falando que precisava falar com a testemunha e que estava sem celular, para confirmar uma suspeita que ela tinha. A **Rayane** sempre foi a melhor amiga da testemunha, de início foi muito difícil acreditar que ela estava envolvida no crime, tendo em vista o amor que o Pastor Anderson tinha por ela, sempre foi um amor recíproco. **Érica afirmou que foi procurada por Rayane pela internet pedindo a indicação de um “bandido bom” para cometer um assassinato, mas sem mencionar o nome do Pastor Anderson.** Sua irmã, Érica, saiu de casa e voltou a morar com sua mãe biológica que reside na comunidade Manguinhos, **pelo fato de Érica morar em uma comunidade controlada pelo tráfico, a testemunha entende que esse deve ter sido o motivo de Rayane pedir uma indicação de um “bandido bom” para Érica**. Pela testemunha foi dito que **não tem dúvidas de que Marzy, Lorraine e Simone, seriam capazes de envenenar o Pastor Anderson a mando da ré Flordelis, tendo em vista sua proximidade com a ré**. A testemunha não soube informar o motivo de sumir com o celular do Pastor Anderson, mas acredita que pode ser pelo fato de algo ligado à política ou de eventuais mensagens ligadas a morte do Pastor Anderson, confirmando seu depoimento prestado em sede policial. Toda alimentação era centralizada em uma cozinha, havendo somente uma cozinha central na casa e que seus pais somente vieram a ter uma casa, no mesmo terreno, aproximadamente em 2012. De segunda a sexta a comida era feita por uma

cozinheira e nos finais de semana havia uma escala feita entre as pessoas que moravam na própria casa, mas sempre havia uma diferença na alimentação e ela era realizada em horários diferentes, enquanto uns comiam arroz, feijão e salsicha, a parte privilegiada comia bife, batata frita, Coca-Cola, sendo esse tratamento diferenciado visto como algo normal para todos que moravam na casa. A testemunha não soube informar por que a testemunha Daniel, em seu depoimento, negou que haja qualquer tipo de tratamento diferenciado dentro da casa. A ré **Flordelis** antigamente tinha mais o costume de corrigir as crianças, com o passar do tempo ela passou não tomar mais as rédeas, mas sempre praticando atos de correção normal. Após a saída da residência, a testemunha não presenciou nenhum caso de agressão do mesmo nível do que aconteceu com a menor Ágata, apenas havendo atos normais de correção, não havendo nenhum tipo de espancamento. Ao tomar conhecimento da mensagem encontrada no Ipad pelo Pastor Anderson, não foi dito à testemunha quem da casa tinham conhecimento do plano de matar o Pastor Anderson. A testemunha não sabe que tipo de remédios sua mãe Cristiane toma, somente sabendo informar que ela tem problemas com depressão e não soube de nenhum episódio desta ter ficado perambulando pela rua e nem de já ter cortado o pulso. A testemunha Regiane foi juntamente com a testemunha à delegacia prestar depoimento no dia 22 de outubro, tendo em vista que são amigas e a testemunha Regiane foi na condição apenas de acompanhante, não exercendo qualquer grau de influência em seu depoimento. Embora a testemunha trabalhasse desde muito nova, quando precisava de alguma coisa, a testemunha sempre pediu para seus pais (Pastora Cristiane e o réu **Carlos**) e que seu pai sempre trabalhou como caseiro. A testemunha não possui nenhuma mensagem da ré **Flordelis** em seu telefone falando mal do Pastor Anderson em nenhum sentido, além de falar que nunca teve esse tipo de intimidade com a ré **Flordelis** para ficar conversando sobre o casamento de ré **Flordelis**. Afirmou nunca ter sido relatado à testemunha pelo réu **Carlos** se houve alguma briga entre a ré **Flordelis** e o Pastor Anderson e nem que eles tiveram alguma briga feia. A testemunha **passou a acreditar que o remédio que era dado ao Pastor Anderson era veneno no dia em que ele morreu**, quando surgiu os fatos das pesquisas sobre cianeto que realmente a testemunha soube que era veneno e que a testemunha nunca associou o envenenamento aos casos da Cristiane e da Taiane, para a testemunha sempre teve para si que era um calmante, mas **após a morte do Pastor Anderson, passou a ter ciência de que de fato era veneno, com o intuito de matar aos poucos o Pastor Anderson**. Além disso, ao ser perguntada em relação ao abuso sexual, reiterou que nunca ouviu e nem sabe nada sobre abuso. **O Pastor Anderson ao tomar conhecimento do plano para tirar sua vida nunca acreditou que a ré Flordelis pudesse está arquitetando sua morte, uma vez que o Pastor Anderson sempre idolatrou e fez tudo pela ré Flordelis**, e hoje ela só tem esse reconhecimento hoje em dia graças ao Pastor Anderson. Para que esse fato pudesse acontecer teria que passar pela ré **Flordelis**, ninguém poderia

tramar, permitir e muito menos financiar a morte do Pastor Anderson. A testemunha não sabe se a ré **Flordelis** financiou a compra da arma para matar o Pastor Anderson, mas **desconfia de que foi a ré Flordelis, uma vez que ninguém na casa teria dinheiro para financiar a compra de uma arma.** A testemunha nunca ouviu na casa quem efetuou os disparos, somente teve ciência através do depoimento do Daniel que ele disse que via mais vultos e não acreditava no envolvimento do réu **Flávio**, visto que, apesar de ser uma pessoa com uma índole ruim, sempre foi uma pessoa muito inteligente e pela forma que foi o crime, de uma forma muito amadora, jamais imaginaria que o réu **Flávio** tivesse participação em algo tão mal feito. A testemunha não soube se algum advogado da **Flordelis** ligou para Raquel com o intuito que ela não prestasse depoimento, mas soube que **a ré Flordelis, por meio de mensagens, implorou para ela não prestar depoimento,** bem como de mensagens da Taiane, falando que caso a Raquel prestasse depoimento prejudicaria a situação do réu **Carlos**, sob o argumento que o antigo advogado do réu **Carlos** havia impetrado um *habeas corpus* e que o depoimento dela poderia prejudicar o julgamento deste. O **Pastor Carlos** não trabalhava fora de casa, apenas trabalhava na igreja e em casa para a ré **Flordelis** e para o Pastor Anderson, mas não sabe se ele recebia algum tipo de salário ou quanto ele recebia. O desejo da testemunha era que o réu **Carlos**, seu pai, tivesse saído há muitos anos da casa, porque ele nunca foi valorizado da forma que ele deveria ser, seu esforço nunca foi retribuído financeiramente e nem afetivamente, o réu **Carlos** sempre falou que ia sair da casa, mas nunca saía, sempre havia uma dívida, uma gratidão eterna a nível de nem entender o que prendia ele na casa, **mesmo com 40 anos de idade, o réu Carlos tinha que pedir permissão para ré Flordelis ou para o Pastor Anderson para poder sair de casa;** caso não tivesse permissão para sair, ele não poderia sair de casa. O réu **Carlos** dirigia a igreja de Piratininga, então, caso quisesse sair e passar uma semana fora da casa ele não poderia, dentro da casa todos ninguém viva, todos viviam apenas para a ré **Flordelis** e para o Pastor Anderson. A testemunha sabe que uma vez a ré **Flordelis** agrediu o réu **Carlos** na cabeça com uma panela, mas que não lembra o fato em si, visto que era criança. Não soube informar quem envenenava o Pastor Anderson e em relação ao suco que a testemunha Cristiane tomou acidentalmente, tem ciência do fato mas não sabe quem preparou o suco e que nunca viu ninguém preparando um suco para o Pastor Anderson e colocando algum tipo de remédio.

A testemunha **Érica dos Santos de Souza**, filha adotiva da vítima Anderson e da ré **Flordelis**, relatou que os filhos biológicos da ré **Flordelis** tinham mais privilégio da casa, tinha acesso a geladeira, quarto, os filhos adotivos quase não tinham direito, em relação a comida, era diferente, enquanto os adotivos comiam ovo, salsicha, frango, já os filhos biológicos da ré **Flordelis** comiam carne, sendo muito raro haver carne para os filhos adotivos. A relação dos filhos biológicos, com os irmãos afetivos nunca foi boa, a ré

**Simone** era totalmente diferente, não gostava muito do jeito dos irmão adotivos/afetivos em relação a querer ter um carinho de mãe e pai, o réu **Flávio** também não gostava muito, a relação com o **Adriano** era um pouco melhor, já falava, era acostumado, mas a ré **Simone** e o réu **Flávio** não tiveram uma boa relação com os irmão adotivos/afetivos, sempre colocando em um patamar superior, já o **Adriano** não era tanto assim, os filhos biológicos mandavam na casa na ausência do Pastor Anderson e da ré **Flordelis**, os filhos adotivos tinham que fazer as tarefas da casa, caso não fizessem apanhavam ou ficavam de castigo, os filhos da ré **Simone**, Ramon, Rafaela e Lorraine, sempre dormiam até meio dia, o tratamento prestado à eles era totalmente diferente e os filhos adotivos não podiam reclamar, caso houvesse algum tipo de reclamação apanhavam ou ficavam de castigo, na ausência da ré **Flordelis** e do Pastor Anderson, apanhavam do **Flávio** e do **André**, uma vez que a ré **Flordelis** ao se ausentar de casa deixava ambos como responsáveis pela casa, pelo fato de serem mais velhos, ordenando que em caso de desobediência batesse ou deixasse de castigo. Em uma determinada situação Lucas “Mudinho”, sendo outro Lucas, que é surdo e mudo e não o réu, fez alguma coisa da qual o **Flávio** não gostou e bateu nele, o **André** intervindo na situação por entender que já tinha sido o suficiente e que as agressões estavam sendo exageradas, **Flávio** não gostou que o **André** se meteu em seu ato de correção. Nesse momento começou uma discussão entre **Flávio** e **André**, após um tempo, no mesmo dia, **André estava de costas e Flávio cravou um objeto perfurocortante em suas costas, a testemunha não soube precisar se era uma faca ou uma tesoura**, depois desse episódio voltou tudo ao normal, não ocorreu nenhum episódio parecido, na época desses fatos **André** já era marido da **Simone**. **Entre os irmãos biológicos e afetivos havia relacionamentos amorosos, Simone** se relacionou com Alexandre, enquanto **Adriano** se relacionou com Nilaine e Lorraine. O Pastor Anderson sempre tratou todos os filhos bem, sempre demonstrou que queria ver o bem da família toda, queria todos reunidos, não queria que os filhos ficassem sem falar com a ré **Flordelis**, sempre fazia passeios com a família, queria sempre mostrar que ele era o pai e que todos ficassem junto, para o Pastor Anderson não havia uma diferença entre filhos adotivos e filhos afetivos, sempre buscava dar a mesma coisa para todos. No dia das mães a testemunha sempre ia para casa, nesse dia a testemunha mandou uma mensagem, via WhatsApp, para **Rayane** com o intuito de saber se todos estavam em casa, já que em datas especiais havia o costume de saírem, após responder que todos estavam em casa, **Rayane cortou o assunto e perguntou se a testemunha tinha algum contato de bandido**, a testemunha respondeu que não tinha e perguntou para que seria o contato do bandido, sendo respondido por **Rayane** que era para fazer um trabalho para ela, mas que não seria nada demais, **a testemunha pensou que Rayane queria contratar um bandido para fazer algo com o réu Lucas**, posteriormente **Rayane** falou para a testemunha ligar para a ré **Flordelis**. No mesmo dia a testemunha ligou e falou com a ré **Flordelis**, achando que a ré **Flordelis** estava estranha, falando de uma forma “seca”, muito diferente, estava agindo de forma estranha, e depois disso a testemunha não foi até a casa, pelo fato de

ter ficado sentida pela forma que a ré **Flordelis** falou com ela. A testemunha não tem contato com bandido, mas, **pelo fato de morar na Pavuna, a testemunha acredita que Rayane pode ter achado que ela conhecesse alguma pessoa**, a testemunha sempre teve contato com parentes que se envolveram com o crime, mas hoje em dia todos estão mortos, por isso não conhece mais ninguém. A testemunha soube da morte do Pastor Anderson por meio de Anabel e Vânia, chegou no domingo à noite na casa onde ocorreu a morte do Pastor Anderson, onde ficou com a família. Na terça-feira, quando a polícia foi até a casa para poder investigar e pegar os telefones, a testemunha viu uma movimentação estranha, encontrava-se no quarto da **Simone**, com sua irmã Olga, a **Simone e Rayane** subiram pegaram um telefone, na parte de cima da casa tem uma janela de frente para o corredor, onde tem um buraco, **Simone e Rayane colocaram a mão para fora da janela e esconderam um telefone nesse buraco, a testemunha não entendeu o motivo de Simone e Rayane estarem escondendo um telefone, depois entraram no quarto e esconderam outro telefone e depois desceram.** Nesse momento a testemunha e sua irmã Olga se questionaram qual seria o motivo de **Simone e Rayane** estarem escondendo o telefone, se elas não estavam envolvidas. A testemunha não soube informar de quem eram os telefones que **Simone e Rayane** esconderam, achava que eram os celulares delas, mas depois conversa com a Roberta, falou que **devia ser ou o telefone do Flávio ou do Pastor Anderson**. No dia em que os policiais foram na casa para apreender os celulares, ligaram para um telefone que estava chamando, sendo dito pelos policiais ninguém queria atender e que só iriam sair da casa com o celular. A testemunha foi prestar depoimento na delegacia, após uma conversa com sua irmã Roberta contou sobre a conversa que havia tido com **Rayane**, ocasião em que ela pediu o telefone de um bandido, e que não parava de pensar nisso, não conseguia dormir, a testemunha não sabe se sua irmã falou com a testemunha Regiane ou com a advogada Luciene, mas que posteriormente a advogada Luciene mandou uma mensagem perguntando se a testemunha queria prestar depoimento para poder relatar esse fato. Com isso, a testemunha achou melhor ir prestar depoimento em sede policial, sendo que no dia em que foi prestar depoimento não foi acompanhada de advogado. A testemunha não foi convocada por advogados para ser orientada no sentido de prestar depoimento, visto que perdeu seu antigo número pelo fato de ter sido assaltada, mas, um dia antes de prestar depoimento em juízo foi procurada por sua irmã Roberta, ocasião em que foi informada que um policial e a advogada Luciene estavam querendo falar com a testemunha, mas não estavam conseguindo. A testemunha mantém pouco contato com Raquel e Rebeca, a testemunha fala mais com a Roberta e Daiana, mas não mantém mais contato com as pessoas da casa. Raquel não confidenciou para a testemunha nenhum acontecimento recente da casa, a testemunha **somente ficou sabendo que a morte do Pastor Anderson já estava planejada já havia um tempo através da Roberta**. A testemunha morou na casa até 2014, depois de sair da casa não continuou trabalhando da igreja, somente frequentava a casa da ré **Flordelis**. A testemunha achou estranho o comportamento das rés **Flordelis e Simone**, visto que elas sempre olhavam uma para outra para não conversar na

frente de ninguém, para ninguém ver, e a linguagem do “p” que as ré s utilizavam. A testemunha morou aproximadamente 20 anos na casa e saiu da casa por ter brigado com sua irmã Júlia, a **Simone** viu a briga e comentou com **André** e **Carlos**, que não gostaram da briga, com isso **André** e **Carlos** **queimaram a testemunha, que na época dos fatos tinha aproximadamente 19 anos, com um ferro de passar roupa, no punho direito, com o intuito de corrigir.** Após a morte do Pastor Anderson, a testemunha não frequentou mais a casa. Após a queimadura, a testemunha relatou ao Pastor Anderson o acontecido, que, então, pediu que esperasse ele e a **Flordelis** retornarem da viagem para poderem conversar. Ao chegarem, perguntaram ao **André** e ao **Carlos** o motivo de ter acontecido essa queimadura, o Pastor Anderson falou que não deveria ter corrigido dessa forma, mas para a ré **Flordelis** foi indiferente, após essa conversa a testemunha resolveu sair da casa. O Pastor Anderson sempre se mostrou uma pessoa muito carinhosa com a ré **Flordelis**, sempre se respeitavam, o Pastor não gostava de ver as filhas andando com short curto quando tinha homem na casa, devia haver um respeito mútuo. A testemunha não presenciou nenhuma briga entre o Pastor Anderson e a ré **Flordelis** por causa de dinheiro. Quando a testemunha frequentava a igreja, o Pastor Anderson e “Mizael” administravam a igreja, a testemunha também trabalhou no Instituto **Flordelis**, que também era administrado pelo “Mizael”. Foi dito pela testemunha que os filhos favoritos eram **Simone, Adriano, André**, os filhos da **Simone** (Lorraine, Ramon e Rafaela), **Rayane, Carlos** e **Flávio**. Pelo fato do **Carlos** ser o mais velho dentro da casa, ele era tanto um dos favoritos bem como o responsável pela casa, caso **Carlos** não fizesse o que a ré **Flordelis** mandava, ele também era corrigido, ou seja, apanhava ou ficava de castigo, mesmo sendo o mais velho. Todos os filhos mais velhos eram subordinados à ré **Flordelis**, tinham que fazer tudo que ela mandava. **Carlos** cuidava da casa, **André** e a **Simone** eram responsáveis pelo dinheiro das compras da casa, **André** e “Mizael” eram responsáveis pela igreja. A testemunha tem conhecimento de **algumas orgias que aconteciam dentro da casa**, que foi da **Simone** com Alexandre, **Adriano** com a Nilaine e a Lorraine. Havia um quarto secreto, um quarto que para todos era um quarto de oração, visto que todos tinham que fazer uma oração nesse quarto ou quando não era feito neste quarto eram todos reunidos na sala. A testemunha não tomou nenhuma atitude no sentido de denunciar a queimadura que sofreu, somente quis sair da casa, porque gostava e respeitava muito **André** e **Carlos**. Anderson não se metia nos atos de correção, o Pastor Anderson não participava muito das reuniões que aconteciam na casa. A testemunha nunca viu nenhuma briga no Instituto **Flordelis** entre o Pastor Anderson e “Mizael”, tendo em vista que sempre ficava na secretaria do Instituto com as crianças. A testemunha não sabe de nenhum relato de que “Mizael” tenha apanhado da ré **Flordelis** um pouco antes do crime contra o Pastor Anderson e que este iria concorrer para o cargo de prefeito de São Gonçalo; ficando sabendo pela Roberta e com as demais meninas. O Pastor Anderson apoiava tanto a candidatura de “Mizael” como da ré **Flordelis**. Nos anos em que a testemunha morou na casa, quem lhe dava roupas era o Pastor Anderson e a ré **Flordelis**, eles davam dinheiro para poderem comprar, levava a família para fazer

compras no shopping, ficando as mulheres com a **Flordelis** e os homens com o Pastor Anderson. A testemunha já fez várias viagens com a família, sendo a última viagem feita de barco em alguma praia do Rio de Janeiro, mas nunca foi ao Beto Carrero.

A testemunha **Daiana Freires**, filha afetiva da ré **Flordelis**, contou que morou na casa até 2017, ano em que se casou, a testemunha foi morar com a ré **Flordelis** com aproximadamente 4 anos de idade, não lembrando precisamente a idade que possuía quando foi morar com a ré **Flordelis**, visto que era muito nova, a primeira casa em que a testemunha morou foi no Jacarezinho, junto com a testemunha foram seus irmãos biológicos Paulo Roberto e Paulo Alexandre. No início o tratamento dos filhos era igual, por serem muito pobres o que um comia o outro comia, quando a ré **Flordelis** entrou no mundo gospel, através da MK, as coisas começaram a mudar, na medida em que começou a entrar dinheiro e as pessoas começaram a mudar, a partir desse momento passou a haver distinção de cuidado, alguns tinham algumas coisas e outros não, os filhos biológicos tinham mais o olhar da **Flordelis** do que os filhos adotivos/afetivos, mas essa distinção começou a ficar muito clara quando o dinheiro começou a entrar. O tratamento era distinto em todos os aspectos, é uma situação muito difícil, porque não ter o olhar da pessoa que se considera como mãe, não se sentir abraçada, muita das vezes a testemunha questionou a Deus o motivo dela está morando naquela casa, o motivo de sua mãe biológica ter a deixado naquela casa, o motivo dela ter que passar por tudo isso. A testemunha e suas irmãs não tinham o carinho da **Flordelis** porque ela sempre praguejou muito elas, sem saber por qual motivo a **Flordelis** fazia isso, a **Simone era a filha preferida da Flordelis, isso era muito nítido para todos**. A testemunha dividia o quarto com Ângela, Érica e Kelly, elas sempre se perguntavam o motivo delas passarem por isso, por qual razão a **Flordelis** pegou elas, porque isso acontece isso na vida delas, mas pelo fato de conviverem com muitas pessoas achavam que aquilo era normal, mas com o passar do tempo, passaram a ver que aquilo não era normal, que outras famílias não passavam pelo constrangimento que elas passavam dentro de casa, elas eram alvos de xingamentos por parte da **Flordelis**, falava que a testemunha *“não daria para nada, era uma piranha”*. Na casa havia gerações, a geração da testemunha, que era ela, Ângela, Kelly e Érica, a da Roberta, **Rayane**, Érica e Michele, já era uma geração posterior à da testemunha, a ré **Flordelis** falava para as meninas dessa última geração não seguir o comportamento da geração da testemunha, para não ficarem perto delas, visto que eram considerados como “lixo” dentro da casa, não tinha o olhar da **Flordelis**, tudo que elas faziam para a ré **Flordelis** não era bem visto por ela, tendo em vista esse tratamento a testemunha não se aceitava, achava que não deveria estar no mundo. Pelo fato de a testemunha e suas irmãs passarem por todas essas situações sempre foram muito unidas, a Kelly era a irmã mais velha do quarto e sempre trabalhou fora de casa, ela sempre foi um espelho

para as outras irmãs, incentivando que as irmãs lutassem para poder vencer na vida e sair daquela situação, então quando a testemunha conheceu seu atual marido, queria se casar para poder se ver livre daquela casa, qualquer namorado que elas tivessem, queria logo forçar eles a se casarem para poder sair de casa, o Pastor Anderson falava que filha dele só saia de casa se estivesse casada, mas a testemunha sempre falou que se achasse que tivesse sair de casa sem estar casada ela iria sair, a testemunha e suas irmãs, por causa da religião, tinham que manter a aparência de que era uma família grande e feliz, seguindo sempre aquele regime. A testemunha e os demais filhos adotivos/afetivos, nunca tiveram nenhum problema com o **Adriano**, pelo contrário, ele sempre ficava com os outros filhos, brincava, quando era menor, quando a **Flordelis** ia para a igreja, o **Adriano** de o privilégio de poder ficar acordado até mais tarde, visto que havia horário para todos dormirem, quando dava 21:00 horas todos deviam ir para a cama, mas para os filhos biológicos não tinha essa regra, muitas das vezes os filhos adotivos pediam permissão para **Flordelis** para poder ficar acordado até mais tarde com o **Adriano**, hoje em dia, a testemunha parando para pensar, acha que essa situação era um absurdo, era o cúmulo, mas, pelo fato de na época ser criança, viva naquela casa e tinha que seguir aquele regime. A testemunha quase não tinha contato com o **Flávio**, ele quase não ficava na casa, ele não aceitava os filhos adotivos/afetivos pelo fato de dividir a mãe dele com os outros, o assunto que rolava na casa quando a testemunha era menor, é de que **Flávio** não aceitava eles como irmãos, então ele morava com a avó, quando a Carmozina morava no Jacarezinho. Então, o **Flávio** não cresceu com todos na casa, a testemunha quase não via, quase não falava com o **Flávio** e não consideravam ele como irmão, porque percebiam que **Flávio** não gostava dos demais. A **Simone**, mais na adolescência da testemunha e de suas irmãs, passou a ter implicância com elas, **Simone** achava que elas não podiam namorar, não podiam fazer nada, aí ela fazia fofoca para **Flordelis** e ela acreditava, por isso elas apanhavam da **Flordelis**, do Pastor Anderson, as vezes a **Flordelis** mandava os meninos, quando a **Flordelis** estava cansada de bater ela mandava outro bater, aí quando o Pastor Anderson via **Flordelis** batendo nelas e ela passava mal depois ele batia nelas por raiva e a **Simone** sempre foi de fazer fofoca sobre a testemunha e suas irmãs, porque ela achava que, por ter filho cedo, a culpa era delas. O Pastor Anderson que criou toda a carreira da **Flordelis**, tanto no âmbito religioso, como no âmbito artístico e político, para a testemunha tudo que eles tinham era através do Pastor Anderson, ele era uma pessoa muito inteligente, ele que era o cabeça de tudo, ele que conduzia e fazia tudo. O Pastor Anderson venerava a **Flordelis**, tanto que quando ele via ela cansada por brigar, ele sempre tomava a frente, então ele fazia tudo para ver a **Flordelis** feliz. A palavra da ré **Flordelis** dentro da casa era tida como lei, em uma determinada reunião que aconteceu na casa, **Flordelis** e o Pastor Anderson falavam que mesmo a **Flordelis** estando errada ela estava certa, isso era tanto em casa como na igreja, tinham que obedecer sem nenhum tipo

de contestação. **Quem controlava as finanças, em todas as áreas, era o Pastor Anderson, tanto em casa como na igreja, sendo auxiliado pelo “Mizael”, só que chegou um determinado momento que, para a testemunha, quanto mais dinheiro a pessoa tem, pelo fato da pessoa não saber lidar, acaba surtando, foi quando começaram as brigas dentro da casa, a ré Flordelis falava que o Pastor Anderson usava muito ela, queria que ela fizesse tudo. “Misael”, Carlos, André, Simone, falavam que: “A senhora é a galinha dos ovos de ouro, se a senhora falar pra ele que não vai fazer, a senhora não vai fazer e ele não vai poder contestar, não vai poder fazer com que a senhora faça o que a senhora não quer fazer”.** A testemunha nunca presenciou a **Flordelis** falando sobre alguma profecia sobre o tempo de vida do Pastor Anderson, quando ele brigava com elas por causa da **Flordelis**, depois como uma “ovelha mansa” **Flordelis** se dirigia até elas para inverter o quadro, falava que o Pastor Anderson estava nervoso, que eles estavam brigados, que ele era um monstro, que ela não podia se separar dele, mas elas sabiam que o Pastor Anderson estava brigando com elas por causa da ré **Flordelis**, visto que ela se queixava para ele. **A Flordelis queria fazer com que pensassem que o Pastor Anderson que era o errado, que ele era um monstro, mas a testemunha já sabia a jogada da ré Flordelis, que o Pastor Anderson não era tão ruim como a Flordelis falava. A Flordelis falava que não podia se separar do Pastor Anderson por causa da igreja.** Enquanto a testemunha morava na casa, na cozinha tinha uma televisão, por isso ela ficava mais na cozinha do que em outro cômodo. Uma vez a testemunha estava jantando, a **Marzy** foi levar o suco e a janta do Pastor Anderson e **ela colocou um pó na bebida do Pastor Anderson.** A testemunha **falou para Marzy que no dia em que o Pastor Anderson descobrir ou desconfiar que ela estaria fazendo algo com a bebida dele, ele iria arrebentar ela, quando Marzy respondeu que pela ré Flordelis ela faria tudo, até mesmo ser presa por ela.** No dia da morte do Pastor Anderson, **André** no sábado, estava na casa da testemunha, permanecendo lá até um pouco mais 23:00 horas, o telefone dele tocou, a testemunha falou para **André** que como no dia seguinte teria uma reunião por conta do congresso que estava por vir, a testemunha iria se deitar, ao atender o telefone **André** falou que **Flordelis** estava mandando ele ir para casa, pelo fato de Moisés não está querendo dormir, com isso **André** voltou para casa, quando era 3:45 horas da manhã, o telefone da testemunha tocou, era sua irmã Taiane ligando desesperada, ocasião que ela soube da morte do Pastor Anderson, a tiros. Após a ligação, a testemunha falou para seu marido o ocorrido e se dirigiram para o local, sendo que no meio do caminho a testemunha ligou para seu irmão “Luan” e informou o acontecido e que estava indo para casa, a testemunha achou que fosse algum tipo de brincadeira, acreditava que o Pastor devia estar chegando de alguma viagem e eles estariam querendo reunir a família. Ao chegar na casa, percebeu que era verdade, Lorraine estava no portão falando ao telefone. A testemunha subiu rapidamente a escada, viu muitas pessoas falando, alguns rindo outros

chorando, nesse momento ela parou e se sentou em uma bancada, onde estavam Érica e Taiane. **Raquel, filha do Carlos, estava descendo da casa perto da piscina, desceu a escada xingando, falando que “eles haviam conseguido fazer”** e as pessoas falaram para Raquel ficar quieta, que ela não sabia de nada. Marcele, esposa do **Adriano**, falou para a testemunha ir abraçar a **Flordelis**, sendo que ao chegar no quarto, **Flordelis** estava com um vestido branco, foi abraçá-la e começou a chorar no ombro de **Flordelis**, momento em que perguntou o que havia acontecido e que seria impossível que ninguém soubesse de nada. Relatou que **Flordelis**, friamente, abraçou a testemunha, colocou a mão em seu ombro e disse: “Mataram o meu Nem”. A testemunha questionou como teriam matado o Pastor Anderson, nesse momento **Flordelis** saiu do quarto, onde a testemunha permaneceu chorando, que depois saiu e encontrou seus irmãos do lado de fora, quando **viu a Raquel brigando com Ramon, falando que ele não poderia mexer na cena do crime, além de as meninas gritando da escada que ele não podia limpar o sangue e nem tirar as capsulas**. Ramon afirmou que estava limpando o leite que havia sido derramado, ocasião que Raquel falou que não podia mexer em nada; momento em que Rafaela estava rindo, tendo a testemunha questionado o motivo dela estar rindo naquela situação. **Carlos**, ao sair do telefone, disse que precisava levar os documentos do Pastor Anderson para o hospital, e a testemunha foi ao hospital com **Carlos**, seu marido e **André**. Relatou que **André** estava “se cagando todo”, estava com diarreia, se tremendo todo, quando a testemunha tentou acalmá-lo. **Carlos** perguntou para **André** onde estavam os documentos do Pastor Anderson, já que tinham que levar para Misael no hospital, e ao pegar os documentos todos entraram no carro da testemunha e se dirigiram para o hospital. Dentro do carro, **Carlos** falou: “**O Niel está morto. Ele não sobreviveu.**”. A testemunha falou para **Carlos** parar de palhaçada, **André** questionou **Carlos** sobre o fato de o Pastor não ter sobrevivido, em seguida **Carlos** respondeu que o Pastor não havia sobrevivido e que não brincaria com algo sério em uma hora dessas. Quando chegaram no hospital, a testemunha encontrou com alguns irmãos que não estavam na casa, dentre eles Kelly, “Luan” e alguns irmãos da igreja, que foram para o hospital, em seguida **Flordelis** e **Simone** chegaram ao hospital e lá ficou uma cena muito estranha, eles estavam tentando entender, queria descobrir quem havia feito, ficava cada um em um canto sussurrando. Quando “Luan” saiu, foi quando o médico confirmou o óbito do Pastor, e nesse momento **Flordelis** começou a gritar dentro do hospital. Então, **Kelly** olhou para a testemunha e a testemunha olhou para a Kelly, elas tinham que ver essa cena e fingir que acreditavam, visto que elas não acreditavam na **Flordelis**. Na hora elas tinham uma desconfiança do envolvimento da ré **Flordelis** por tudo que já tinham visto dentro da casa, a testemunha veio a ter certeza de seu envolvimento após os fatos, a testemunha não entendia como ela seria capaz de cometer tal ato, como sua família poderia fazer algo assim. A testemunha continuou no hospital com “Luan”, **Carlos** e Daniel,

tentando acalmar seu irmão Daniel, a testemunha recebeu uma ligação de sua irmã Kelly, que já se encontrava na casa, sendo informada a **Flordelis** estava chamando todos os filhos para ficarem juntos na casa. A testemunha respondeu que não sabia se iria para casa, visto que não tinha condições de ficar com ninguém naquele momento. O “Luan” falou com a testemunha para eles irem embora, **André** no carro com o marido da testemunha e a testemunha foi embora com “Luan” em seu carro. No caminho de casa “Luan” perguntou para a testemunha quem ela achava que teria feito, o que havia acontecido, a testemunha falou que não sabia de nada, mas que estava tudo muito estranho, e que enquanto ela estava em casa só havia visto as crianças discutindo. “Luan” perguntou mais uma vez quem a testemunha achava que poderia ter matado o Pastor, a testemunha disse desconfiava de todo mundo, nesse momento “Luan” falou que iria contar uma história para a testemunha, relatando que no período em que estava na igreja, **Simone** contou para “Luan” que estaria tentando matar o Pastor, que diversas vezes deu remédio para o Pastor durante um mês direto, mas ele era tão ruim que não morria, e aí a **Flordelis** virou para Simone e disse que já que ele não morre, teria que arrumar alguém para matar o Pastor Anderson com arma de fogo, mas **Simone** virou para “Luan” e disse que com arma de fogo ela não faria isso, ficando **Flordelis** nervosa pelo fato de **Simone** ter dito que não faria com arma de fogo. Nesse momento **a testemunha falou que não tinha mais nenhuma dúvida de quem estaria por trás da morte do Pastor Anderson**. “Luan” disse que era algo muito sério, que eram as pessoas que eles conviveram, e a testemunha respondeu que eles não conheciam ninguém, que para fazer isso com alguém que trouxe todo mundo até onde todos chegaram, então ninguém tem consideração com ninguém. Quando chegaram na casa, já era de manhã, havia muitas pessoas da igreja na casa, a mídia já estava na casa, a testemunha e “Luan” subiram, sendo que a testemunha foi direto para o quarto da ré **Flordelis**. No quarto já havia outros irmãos da testemunha que já não moravam mais na casa, quando a polícia estava chegando na casa, Flordelis disse à Flávio que ele precisava sair da casa, que ele devia ir para a igreja Matriz, sendo que a testemunha não entendeu o motivo dele ter que sair da casa pelo fato da polícia estar chegando. Com isso, **Flávio** foi para igreja, após um tempo **Adriano** entra com o **Lucas** no quarto, falando que este havia chegado, nesse momento **Flordelis** abraçou o **Lucas** e perguntou onde ele estava. A testemunha encontrava-se de pé na janela onde dava para ver o local do crime, a polícia estava na parte de baixo da casa realizando a perícia no local, depois a Neinha, que era a cozinheira, estava lavando tudo na parte de baixo da casa, e em seguida **Flordelis** chamou **Lucas** para deitar em sua cama. **Lucas** se deitou e perguntou o que tinha acontecido, pediu para ela contar como tudo havia acontecido, nesse momento **Flordelis** falou que ela estava voltando do Rio com o Pastor Anderson e havia duas motos seguindo eles, uma moto passou e entrou na rua, nesse momento **Flordelis** alertou o Pastor Anderson para ele tomar cuidado já que estariam seguindo eles, mas o

Pastor não levou o alerta a diante. **Flordelis** disse que continuou jogando um joguinho no celular, quando entraram na casa a moto continuou do lado de fora, **depois o Pastor desceu para fazer alguma coisa no carro, que foi quando aconteceu o fato**, todo mundo que perguntava para **Flordelis** o que havia acontecido ela contava sempre a mesma história e o **Lucas** permanecia deitado ao lado dela na cama. Uma amiga da testemunha se ofereceu para ajudar com alguma coisa na casa, visto que não adiantava todos ficarem ali parados, neste momento **Flordelis** respondeu que queria sim e pediu uma caneta e um caderno. Nesse período o telefone do Pastor Anderson tocou, **Flordelis** perguntou quem era, responderam que era o pessoal ligando para saber da morte do Pastor, **Flordelis** pediu para falar e confirmou que ele havia falecido, contando novamente a mesma história sobre o ocorrido, com isso ela **ficou com o celular dela e do Pastor Anderson**, sob o argumento de que alguns contatos de cantores do meio gospel só estavam no celular do Pastor Anderson. **Flordelis** pediu uma caneta e um caderno para ela poder escrever como ela queria que fosse feito o velório e pediu que suas anotações fossem entregues à Pastora Reni, porque ela sabia como **Flordelis** gostava das coisas, nesse momento a testemunha falou para **Flordelis** que também iria para igreja para poder realizar o último desejo do Pastor Anderson, que era ver todos os filhos reunidos na igreja; sendo que nisso o **Flávio** já estava na igreja. Quando a testemunha saiu, foi ao quarto de suas irmãs, momento que Michele, irmã do Pastor Anderson, estava no quarto passando muito mal, a testemunha falou com suas irmãs que não iria permanecer lá, visto que não tinha condições de ficar vendo a Michele passando mal. A testemunha foi para igreja junto com sua amiga e entregou o papel para a Pastor Reni, assim elas arrumaram tudo para o velório do Pastor, em seguida voltaram para a casa, mas **Flordelis** não estava no local, tendo em vista que a polícia havia chamado a ré para prestar depoimento. A testemunha voltou para sua casa e depois foi para igreja, sendo que ao chegar na igreja viu a **Rayane**, acompanhada de seu marido e a Roberta, e começaram a conversar sobre o ocorrido, tentando entender o que havia acontecido. A **Rayane** parecia que estava aérea, não demonstrava nenhum tipo de emoção, durante a conversa elas começaram a chorar muito. **Simone** estava de longe olhando para o grupo, quando **Rayane** desabou e chorou muito, momento em que **Flávio** se aproximou por traz de **Rayane**, encostou em seu ombro e ela se conteve. A testemunha e sua irmã não entenderam o que aconteceu, em seguida subiram para a sala vip, quando a **testemunha começou a questionar, estava fora de si, falando que não era possível, que tinha sido alguém da casa**, e, então, os irmãos mandaram a testemunha calar a boca, que ela não sabia de nada. Alguns irmãos falaram que poderia ser um crime com cunho político, a testemunha respondeu que se fosse um crime político, teriam matado a ré **Flordelis** e não o Pastor Anderson, pois quem estava sentada na cadeira era a **Flordelis** e não o Pastor Anderson. Informou que quem subiu para a sala foi **Rayane**, que permaneceu sentada no sofá com a testemunha, Alexandre, Marcele e Taiane. **Flávio** e **Simone**

permaneceram no andar debaixo da igreja. No velório do Pastor Anderson, a testemunha **não aguentou permanecer no local, pelo fato de ter visto Simone e Flordelis chorando muito, “fazendo teatro”**, falou para seu marido que não ia ficar e foi embora para casa. Depois do velório, a testemunha recebeu uma ligação do “Mizael”, que disse que embora a testemunha e seu marido gostassem muito do **André**, não era para deixá-lo ficar em sua casa até tudo ser esclarecido, visto que **“Mizael” achava que André estava envolvido na morte do Pastor Anderson**. O marido da testemunha era muito ligado ao **André**, tinha ele como um irmão, e perguntou o que havia acontecido, quando a testemunha relatou a suspeita de “Mizael”, seu marido ficou muito. A testemunha pediu para ficar na casa de sua cunhada, visto que a testemunha não queria ficar em casa porque o **André começou a ligar para e ela ainda não havia prestado depoimento**. Informou que sua cunhada a deixou ficar em sua casa, onde permaneceu por volta de 15/20 dias, sendo que **Flordelis** mandou mensagens para a testemunha, que saiu de todos os grupos da família. Realizou que recebeu uma ligação de seu irmão Gerson questionando o motivo pelo qual ela estaria saindo dos grupos da família, respondendo que não conhece a família que ela cresceu, não sabia quem estava mentindo e quem estava falando a verdade, e que por isso não permaneceria em nenhum dos dois grupos. A testemunha primeiramente recebeu uma mensagem de **Flordelis**, ocasião em que foi aconselhada por seu marido a não responder a mensagem. Posteriormente, recebeu uma ligação, antes de prestar depoimento em sede policial, de seu irmão Gerson, quando ele passou o telefone para **Flordelis** que perguntou para a testemunha o motivo dela não ir mais na casa, sendo respondido que não tinha estrutura para ir na casa onde seu pai morreu, que não fingiria que é normal permanecer em um local onde uma pessoa foi morta. Afirmou que **Flordelis** falou que entendia e perguntou se a testemunha havia sido chamada para depor, e esta respondeu que não havia sido chamada para depor. Depois dessa ligação, seu irmão Gerson mandou uma mensagem falando que a ré **Flordelis** queria falar com a testemunha, ocasião que vazou o depoimento de seu irmão Daniel. A testemunha não queria ficar sozinha com a ré **Flordelis**, sendo que sua cunhada a aconselhou a ir, já que ela não tinha nada a perder e que ela a acompanharia. Sua cunhada falou para ela deixar o telefone ligado e que se acontecesse alguma coisa era só ela mandar uma mensagem que sua cunhada a tiraria de dentro da sala, visto que **a testemunha temia por sua vida, pelo fato de acreditar que poderiam matar qualquer um**. A testemunha chegou na igreja, primeiro foi até a tesouraria, onde estava **André**, questionou seu irmão sobre o que a família tinha feito, **André** permaneceu quieto, apenas olhou para a testemunha, que falou para **André** que eles tinham destruído a vida de todo mundo, que a vida todos virou um inferno. Afirmou que **André apenas falou que “estava com mãe”**, e a testemunha respondeu que não estava com ninguém, saiu da tesouraria chorando e se dirigiu até o gabinete do falecido Pastor Anderson, onde estavam **Flordelis, Carlos,**

Gerson, Kerley, Luciano, Gleice e Hugo Melo, oportunidade em que estava passando a chamada do RJTV falando sobre **Flávio** e **Lucas**. Nesse momento, **Flordelis** começou a xingar e mandou todos calarem a boca, perguntando onde estava a “porra” do controle, e **Carlos** mandou a testemunha entrar na sala. Como primeiro passou uma reportagem que não tinha nenhuma ligação o crime, **Flordelis** questionou se a testemunha já havia prestado depoimento, sendo respondido negativamente, em seguida **Flordelis** falou que havia vazado um depoimento e queria saber quem havia prestado depoimento, quando a testemunha respondeu que se havia vazado o depoimento, certamente teria vazado o nome da pessoa que prestou o depoimento. A testemunha perguntou se era para ela não depor, se **Flordelis** queria que ela falasse alguma coisa em seu depoimento, sendo respondido negativamente por **Flordelis**, a testemunha assim que saiu da sala, já na secretaria, foi procurada por **Carlos** que havia chegado uma intimação para ela depor, que a intimação havia sido entregue na casa da ré **Flordelis**, em posse da intimação, a testemunha foi prestar depoimento na Delegacia, ao chegar lá não foi perguntado nada sobre o crime, somente como era o convívio de **Flordelis** com o Pastor Anderson, como era a convivência com **Flávio** e como a testemunha foi morar na casa, relatando tudo o que foi perguntado. No momento em que estava prestando depoimento, apareceu uma advogada, dizendo que havia sido mandada pela **Flordelis** para acompanhar o depoimento da testemunha, momento em que o policial que estava colhendo seu depoimento perguntou se queria a presença de um advogado, lhe sendo respondido de forma negativa pela testemunha. Foi mostrado à testemunha seu termo de declaração prestado em delegacia, que confirmou o que foi declarado em sede policial e sua assinatura no termo. **Quando a testemunha viu Marzy colocando um pó no suco do Pastor Anderson não comentou com ninguém, tendo em vista que todos na casa sabiam.** A testemunha já trabalhou no gabinete de “Mizael”, entre os meses de julho e setembro de 2019, sendo que não havia desconfiado do **André**, visto que tinha ele como um dos irmãos mais próximos. A testemunha tinha o **André**, **Carlos** e Luan como pais, visto que eles que sempre criaram a testemunha. De início, ao chegar na casa, não havia desconfiado de ninguém pelo fato de estar muito nervosa com a situação, mas após um tempo, já mais calma, começando a interligar as coisas, para a testemunha ela sempre desconfiou de **Flordelis**, tendo em vista tudo que ela dizia dentro da casa. A pessoa que a testemunha de fato desconfiava era da ré **Flordelis**. **A Flordelis uma vez pediu para Kelly, irmã da testemunha, arrumar alguém na faculdade para fazer um serviço para ela, Kelly questionou qual tipo de serviço seria, sendo respondido que seria para “dar um susto” no Pastor Anderson.** Após esse episódio Kelly foi falar com suas irmãs no quarto, quando elas falaram que não era possível que a **Flordelis** ainda quisesse fazer isso, e **a partir desse dia elas começaram a realmente querer ir embora da casa**, porque não dava mais para ficar na casa. A testemunha não tem mágoa da **Flordelis**, só queria

entender o motivo, dela como mãe, não dar carinho para ela e para suas irmãs, não se sentava para conversar, não falar coisa de menina, não dizer como é um casamente, a testemunha apenas queria ela fosse mãe, que fosse sua amiga, tanto que a primeira vez que a testemunha ficou menstruada, quem a ajudou foi seu irmão “Luan”. A testemunha já trabalhou na parte financeira da igreja, juntamente com “Mizael” e **André**, e possuía um salário. O Pastor **Anderson** e “**Misael**” **administravam o dinheiro da igreja e do Instituto**. A testemunha nunca presenciou nenhuma briga o Pastor Anderson e a **Flordelis** com relação ao dinheiro da igreja e do Instituto, **apenas presenciou brigas em relação à vida Flordelis como cantora, que o Pastor Anderson segurava muito o dinheiro, que a maior parte do dinheiro ficava com o Pastor, havendo um descontentamento com relação ao dinheiro que a Flordelis ganhava como cantora**. A testemunha não morava na casa quando a ré **Flordelis** foi eleita deputada federal, por isso não tem conhecimento e nem presenciou nenhuma briga por causa do dinheiro do parlamento. A testemunha tem conhecimento que quem iria ser candidato como prefeito de São Gonçalo era o Pastor Luciano e **Carlos** como vereador de Niterói. A testemunha não tem conhecimento de que o **Pastor Carlos** adquiriu uma casa, e ficou surpresa quando contaram para ela, tendo em vista que as pessoas só conseguiram sua casa há pouco tempo, inclusive a ré **Flordelis**. Essa foi a surpresa, pelo fato de dele ter conseguido em pouco tempo comprar uma casa. “Misael” tinha todas as senhas da igreja e do Instituto, somente “Misael” e o Pastor Anderson podiam realizar transferências bancárias. Quando “Misael” se candidatou a vereador, ele passou as senhas para a testemunha e para o **André**, só que **André** ficava mais responsável pela parte de rua, de levar as crianças para o colégio, pegar doações, ficando a testemunha responsável pelo pagamento das contas, mas somente poderia realizar o pagamento das contas mediante autorização do “Misael” e, final do mês, a testemunha devia apresentar um relatório detalhado de tudo que entrou na igreja para “Misael” e para o Pastor Anderson, para que na reunião com os Pastores e com a ré **Flordelis** pudessem relatar para onde aquele dinheiro foi; e tudo que entrava de nota era mandado para o contador da igreja. O cartão ficava dentro da igreja, em um armário de ferro e a chave ficava dentro da igreja, possuíam acesso ao armário “Misael”, **André** e a testemunha, sendo que o cartão raramente era usado; o que era mais usado era o cartão do Instituto. A testemunha não soube informar se além do nome do Instituto, havia o nome de Wagner Pimenta no cartão. A testemunha informou que a maior receita era da igreja de Piratininga, onde o **Carlos** era Pastor, e a receita da igreja Matriz, não sabendo precisar o valor total da receita, apenas que o valor era **superior a R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais) mensal**. O dinheiro em espécie da igreja entra de duas formas, em dízimo e em oferta, o montante do valor era entregue pela testemunha ou por **André** ao “Misael”, que guardava o dinheiro em um armário no escritório, para no dia seguinte dar uma destinação final ao dinheiro. A testemunha saiu do gabinete de “Misael”, visto que não concorda com algumas práticas, por isso

não quis permanecer no gabinete de Misael, a testemunha não concordava com a prática de “rachadinhas” no gabinete, ou seja, passar uma parte do salário para Misael e sua esposa. “Misael” pediu para a testemunha ficar no seu gabinete pelo fato dela estar desempregada e precisava trabalhar, quando foi nomeada para trabalhar no gabinete de “Misael”, ele informou que estava com muita dívida da igreja em seu cartão de crédito, falou ainda que Luana ficou desempregada, visto que havia sido exonerada do gabinete da **Flordelis** e ela precisava de um salário, com isso a testemunha teria que repassar metade de seu salário de subsecretária para “Misael”, no primeiro e segundo mês a testemunha permaneceu no gabinete, mas no terceiro decidiu sair do gabinete de “Misael”, a testemunha disse a “Misael” que foi a gana por dinheiro que fez o Pastor Anderson, que pelo de quanto mais se ter mais se quer e disse que não concordava com essa prática e que no final de tudo ela sairia prejudicada e que só ficaria no gabinete se ela ficasse com o salário todo, sem ter que repassar parte de seu salário, Daniel se meteu no assunto falando que a testemunha é igual ao pessoal da **Flordelis**, falando que a gana por dinheiro que matou o Pastor Anderson, sendo respondido pela testemunha ele estaria falando dele mesmo e do próprio “Misael”, visto que ela não queria ficar naquela sujeira, que Deus estaria dando uma segunda chance para eles recomeçarem tudo do zero e entender que o bem maior é a vida. A testemunha ainda ficou dois meses recebendo. “Misael”, Luana e Luciene pararam de falar com ela, e um dia recebeu uma ligação do secretário “Fabão”, falando que ela não iria mais para a secretaria, que ela havia sido exonerada, mas que ele iria continuar abençoando a testemunha com a quantia de R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais). A testemunha recusou esse valor, pelo fato que ela não trabalharia e que estava saindo justamente por essa prática, a testemunha ainda tentou argumentar com “Misael” que poderia colocá-la em qualquer cargo, desde que não houvesse a prática de “rachadinha”. A testemunha sabia “Misael tinha outros postos de saúde que ele empregava as pessoas para trabalhar, no posto a testemunha não pode afirmar se havia a prática de “rachadinha”. A testemunha não sabe nada com relação a emissão de notas fiscais para a prefeitura com relação ao comércio do sogro de Misael, visto que a testemunha trabalhava na Venda das Pedras, não ficava dentro do gabinete do Misael, visto que o gabinete dele ficava no centro de São Gonçalo. A **Marzy** nunca comentou que estava dando algum remédio para ansiedade para o Pastor Anderson. A testemunha tem conhecimento de que também acontecia prática de “rachadinha” no gabinete da **Flordelis**, tomou conhecimento por seus irmãos e por sua cunhada Luana, que ela devia repassar 50% do salário dela para o Pastor Anderson, em certa ocasião a testemunha estava no carro e sua cunhada falou que precisava parar no Banco do Brasil para poder sacar um dinheiro, porque o Pastor Anderson ficava enchendo o saco e falava sobre o dinheiro toda hora. A testemunha não tem conhecimento de quais irmãos, que trabalhavam no gabinete da **Flordelis**, tinham de repassar parte do salário para ao Pastor Anderson. A testemunha só

tem conhecimento que a ré **Flordelis** sempre foi evangélica. A testemunha só soube da prática de alguns rituais, onde ocorria a troca de nomes após a morte do Pastor Anderson, por meio de “Misael” e “Luan”, que falaram que acontecia esses rituais, mas que para eles era normal, visto que achavam que o ritual era feito para Deus. A testemunha soube por seus irmãos que o réu **Carlos** compara as “coisas” para os rituais. A testemunha lembra que quando moravam na Freguesia, em Jacarepaguá, por causa de ciúmes, quando **Carlos** chegou em casa, apanhou da ré **Flordelis**. A testemunha nunca presenciou o réu **Carlos** ser humilhado pela ré **Flordelis**. **Carlos** era financeiramente dependente da ré **Flordelis**, ele, por ser Pastor da igreja, recebia uma ajuda de custo, ele recebia combustível para ir para igreja toda semana e uma quantia de R\$ 1.500,00 (mil e quinhentos reais) da igreja. Quando a **Flordelis** brigava, fazia reunião para expor algo que aconteceu na casa, usava palavras que machucavam as pessoas. A testemunha não tem conhecimento de como foi a forma de pagamento da casa do réu **Carlos** e não conhece a casa, só passou uma vez na frente da casa e quem estava no imóvel era o réu **Carlos**, além de não saber se a sogra do **Carlos** mora na casa. O Daniel mencionou que viu três vultos, **a testemunha ouviu do próprio réu Carlos, que a ré Flordelis mandou fazer isso**, a testemunha estava na sala da Pastora Reni com o Misael, na igreja, o corpo do Pastor Anderson estava no altar sendo velado, quando **Carlos** falou que precisava falar com “Misael”. **Carlos falou para “Misael” que foi a Flordelis que fez isso**, “Misael” respondeu que sabia, e **Carlos alertou que se eles não dançassem a música dela, o próximo podia ser um deles**. A testemunha entende que **Carlos** e “Misael” têm medo acusada **Flordelis**, visto que até a própria testemunha tem, porque só quem convive com a ré **Flordelis** sabe. O Pastor Anderson fez com que ela sempre se achasse soberana, que o que ela falava era lei, por ter convivido muito tempo com ela, cria um medo em todos. A testemunha crê que a Luana foi exonerada do gabinete da ré **Flordelis** pelo posicionamento do “Misael”, por relatar o que o “Misael” sabia, que ele sabia da morte do Pastor Anderson, a Luana também participava do esquema de “rachadinha”, ficando com R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) e devendo entregar R\$ 10.000,00 (dez mil reais) para o Pastor Anderson. **A casa da ré Flordelis foi financiada no nome de Carlos Werneck e Renata Werneck, empresários e padrinhos que sempre auxiliaram a manter a família, a testemunha não sabe se outros bens foram colocados no nome dessas pessoas.** Após a testemunha tomar conhecimento que seria ouvida em juízo, não foi procurada por nenhum dos envolvidos, só o **André** que a procurou para dormir na casa dela, mas foi logo após o crime. A Lorraine mandou mensagem para a testemunha, via Instagram, dizendo que era ingrata, pelo fato dela ir depor contra a **Flordelis**, e a ré **Flordelis mandou mensagem para a testemunha, no carnaval de 2020, falando que ela havia se juntado com os acusadores dela, sem lhe dar chance de defesa, que a testemunha já havia condenado ela e que ela não pensou em tudo que elas viveram.** Respondeu que não se juntou com os

acusadores, que os acusadores dela eram filhos dela, e que da mesma forma que ela estaria sofrendo, os filhos também estavam. Do dia em que ela foi intimada para depor em juízo até o dia da audiência a testemunha não foi procurada por nenhum dos envolvidos, somente foi procurada por alguns irmãos que falando que não a consideravam mais irmã pelo fato dela ir prestar depoimento em juízo, dentre eles Paulo Roberto, irmão biológico da testemunha. Em nenhum momento seu irmão passou alguma orientação no sentido de como prestar depoimento em juízo. A testemunha tem conhecimento que **Carlos e Rayane** praticavam “rachadinha” no gabinete da ré **Flordelis**, mas não tem conhecimento, nem conheceu, que Paula Barros praticava “rachadinha” no gabinete da ré **Flordelis**. Declarou, ainda, que era unânime que todas as pessoas que passavam pelo gabinete da ré **Flordelis** praticavam “rachadinha”, tendo em vista conversas que teve com seus irmãos. A testemunha **soube que o Pastor Anderson mostrou e comentou com o réu Carlos de um plano, em seu Ipad, para tirar sua vida, mas que não soube pelo Carlos, soube por seu irmão Daniel**. Na época em que soube do fato a testemunha ainda morava na casa e quando estavam voltando de carro da igreja com Daniel, Taiane e Anabel, **Daniel falou que estavam usando o Lucas, que Marzy tinha mandando mensagem para Lucas para ele poder arrumar alguém para matar o Pastor Anderson**. A testemunha também tomou conhecimento do plano na igreja pela Luana, que ela tinha parado a **Marzy**, trancando ela na secretaria, fazendo ela jurar se ela estava envolvida, **Marzy afirmou que foi a Flordelis, ela só era usada pela Flordelis**. A testemunha entende que **nenhum dos irmãos teria condições de comprar uma arma, visto que eles não trabalham**. A testemunha não sabe, nem nunca procurou saber quanto custa uma arma de fogo. A testemunha não tem conhecimento que Daniel saiu da casa do “Misael”, nem se ele foi exonerado.

**Jorge Souza**, pai adotivo da vítima Anderson do Carmo e assistente de acusação, afirmou que mora na cidade de São Paulo, pegou para criar o Pastor Anderson quando ele tinha 5 meses, sendo registrado como seu filho. A testemunha conheceu vagamente a ré **Flordelis**, não possuindo muito contato. A testemunha esteve ao menos 3 vezes na casa do Pastor Anderson e da ré **Flordelis**, sendo a última vez no início 2019, não sabendo informar as outras vezes em que esteve na casa. Só soube informar que foi no ano de 2019. A testemunha nunca presenciou alguma briga entre o Pastor Anderson e a ré **Flordelis**, somente sabia que eles não estavam muito bem. A testemunha compareceu ao enterro do Pastor Anderson, bem como ao enterro da irmã dele. O Pastor Anderson nunca ajudou a testemunha financeiramente, nem comentava que estava bem financeiramente, mas a testemunha sentia que ele estava um pouco estranho. O Pastor Anderson ajudava financeiramente sua irmã e sua mãe. Nunca foi comentado com a testemunha, por sua filha nem por sua ex-esposa, alguma briga envolvendo o Pastor Anderson e a ré **Flordelis**,

mesmo após a morte dele. Ao ser perguntado a respeito da vontade de constituir um advogado para atuar nos autos, foi respondido que foi contratado por sua filha e sua ex-esposa. Como elas faleceram, a testemunha o assumiu. O Pastor Anderson foi viver como filho da ré **Flordelis**, aos 16 anos, somente após um tempo que ele veio a se casar com a ré **Flordelis**.

A testemunha **Raquel dos Passos Silva**, filha do réu **Carlos**, requereu que o plenário fosse esvaziado, por ter **medo de que a ré Flordelis pudesse fazer alguma coisa consigo**. Afirmou que, no dia da morte do Pastor Anderson, a testemunha acordou pensando que estivesse ocorrendo uma briga, visto que era normal haver briga em qualquer horário dentro da casa, ao chegar na sala, de sua casa, viu seus pais parados e na porta estava Rafaela com celular na mão e Érica estava subindo gritando chamando o réu **Carlos**, ao chegar na sala a testemunha perguntou se havia ocorrido alguma briga, sendo respondido por Rafaela que não, que o Pastor Anderson estava indo para o hospital por ter levado um tiro, no momento em que Rafaela relatou esse fato, os pais da testemunha desceram correndo e a pressão da testemunha caiu, perdendo suas forças, vindo a sentar-se. Érica, tia da testemunha que morava na casa, a testemunha possui duas irmãs, Roberta e Rebeca, nesse momento Rebeca estava dormindo, após recuperar-se, a testemunha perguntou para Rafaela onde ela estava na hora do tiro, sendo respondido que estava com os cachorros, não sabendo informar se ela estava segurando os cachorros, a testemunha entendeu que os cachorros estariam presos na área da piscina e que Rafaela estava ali para não deixar eles descerem, em seguida a testemunha desceu, junto com Rafaela, e foi atrás de sua mãe. Nesse momento, a testemunha **viu Ramon juntando as cápsulas das balas, quando falou que ele não poderia limpar a cena do crime**, questionando o motivo de estar fazendo isso, sendo respondido por Ramon que estaria limpando a cena do crime porque ele queria, momento em que começaram a discutir, Ramon somente parou de limpar a cena do crime quando a testemunha falou que iria dar “uma porrada” em Ramon, em seguida eles subiram, estava uma confusão na casa, todos começaram a pensar positivo. Quando a testemunha desceu, o corpo do Pastor Anderson já havia sido retirado, mas a testemunha foi informada que ele teria sido levado para o hospital com vida. Em seguida, a testemunha desceu, momento em que Lorraine chegou em casa, questionada onde ela estará, respondeu que estava em um motel. A testemunha estava na porta da casa e falou que o Pastor Anderson tinha que estar vivo para poder contar como aconteceu, se ele viu quem fez. Lorraine perguntou para Rafaela se o Pastor Anderson estava vivo, sendo que respondeu que não sabia, **mas caso ele tivesse vivo ela pegaria suas coisas e iria embora da casa**. Em seguida, a testemunha subiu e contou para seus pais o que havia escutado Rafaela falar, **entendendo que Rafaela e Lorraine teriam algum tipo de envolvimento, porque ninguém iria embora sem motivo algum**. O **Lucas** chegou na casa pela manhã, sendo

que ao chegar na casa todos o acusaram, dentre eles Érica, Isabel, Anabel, Lorraine e Rafaela. Com isso, todos foram para o quarto da ré **Flordelis**, que já havia voltado do hospital, ela estava sentada na cama, e ao chegar no quarto, o réu **Lucas** deitou-se no colo da ré **Flordelis** e falou que não havia sido ele, essa situação começou a tocar todo mundo. Em seguida **Flordelis** falou que precisava ligar, momento em que **Lucas** se sentou ao dela, e **Flordelis começou a ligar para várias pessoas, sempre fingindo estar chorando no momento em que ligava, quando deligava o telefone, a ré Flordelis permanecia normal, essa situação revoltou a testemunha que saiu do quarto.** Ao sair do quarto, viu o réu **Flávio** enrolando a roupa que estava vestindo no dia da morte do Pastor Anderson e colocando embaixo do braço. A testemunha desceu e percebeu que os cachorros estavam muito para baixo e começou a conversar com muitas pessoas da casa, dentre elas **Roberta, Alan e “Luan”, falando que achava que teriam dopado os cachorros.** Logo em seguida, a testemunha chamou um policial e informou sua suspeita, nesse momento a ré **Simone** dirigiu-se até a testemunha e ao policial, ocasião em que informou à **Simone** que suspeitava que tinham dopado os cachorros. **Simone** estava tremendo muito e falou que ninguém havia feito nada com os cachorros, que eles estariam normais, quando a testemunha confrontou **Simone** falando que aquele não era o comportamento normal dos cachorros, momento que o policial falou que iria junto com ele os cachorros, **Lucas, Rafaela, Ramon, André e Daniel,** mas por algum motivo, o qual a testemunha não soube informar, Rafaela não foi. O exame de urina realizado nos cachorros deu negativo, mas a testemunha acha que houve uma demora na realização dos exames, tendo em vista que conversou com um veterinário. A testemunha inventou uma história de que sua vizinha havia dopado um cachorro, mas houve uma demora na realização do exame de urina e perguntou se havia a possibilidade do exame dar negativo, sendo respondido pelo veterinário que dependendo do horário em que o remédio foi ministrado é possível o exame de urina dar negativo, sendo preciso a realização de um exame mais profundo e, **dependendo da quantidade do remédio, os órgãos do animal vão parando e vir a óbito, sendo exatamente o que aconteceu com o cachorro da casa, chamado de “Nielzinho”, que veio a falecer aproximadamente 3 dias após a morte do Pastor Anderson tendo em vista que o rim parou de funcionar.** Por esse motivo, a testemunha acha que os cachorros foram dopados. **No dia em que a testemunha foi prestar depoimento, a ré Flordelis ligou para ela pedindo para que ela não prestasse depoimento, além de ter recebido uma ligação do advogado Luiz Felipe informando que ela somente poderia ter ido prestar depoimento com a presença dele.** A testemunha foi presa dentro do carro por **“Nana”, Vivian, Gabriel e sua mãe, tendo em vista que Flordelis havia pedido para a testemunha não ir prestar depoimento,** sendo que começou a gritar e em seguida ligou para sua irmã Roberta informando que ia a delegacia, pedindo para que ela ligasse para a polícia, visto que não queriam deixar ela ir

depor. Na época desses fatos a testemunha já era maior de idade, tendo o fato ocorrido aproximadamente em outubro de 2020. O réu **Carlos era totalmente dependente, financeiramente, da ré Flordelis, ele não podia sair da casa, se ele saísse da casa para ter sua própria vida, ele perderia o salário.** A maior preocupação do réu **Carlos** era não poder pagar as coisas para sua família, não poder pagar a faculdade da testemunha, que era sua maior preocupação. Ele sempre tentou dar um carro para sua esposa, mas nunca conseguia. A ré **Flordelis** sabia de tudo que acontecia na casa, todo que acontecesse na casa devia passar por ela. A testemunha não ouviu nenhum comentário na casa em relação à compra da arma. Após a morte do Pastor Anderson o réu **Carlos** não adquiriu nenhum imóvel, a casa de Itaipuaçu o réu **Carlos** já possuía antes da morte do Pastor Anderson, aproximadamente 02 anos. Em relação ao carro, **Carlos** também possuía antes da morte do Pastor Anderson, tanto que o carro permaneceu durante um bom tempo na mecânica em decorrência de um defeito no motor. A testemunha **soube por meio de seus pais que sua mãe foi ao gabinete da ré Flordelis e tomou um suco, sendo que após tomar o suco ela passou muito mal e foi para o hospital.** Informou que ao tomar conhecimento que sua mãe foi ao hospital a ré **Flordelis falou que não era para ela ter ido ao hospital, que era para ter falado com ela, que ela sabia como tratar o acontecido.** O réu **Carlos** era Pastor da Igreja de Piratininga, igreja que também era totalmente subordinada à **Flordelis**, a parte financeira de todas as igrejas bem como a parte financeira da casa, era gerenciada por “Misael”. Em uma ocasião, na casa do Rio, ao chegar da igreja a ré **Flordelis** chamou a testemunha e seus pais, falou para eles ficarem perto da mesa e pegou algumas malas que o réu **Carlos** tinha com CDs, quebrou eles e bateu várias vezes no **Carlos**, valendo-se inclusive de uma panela de pressão, na época dos fatos a testemunha tinha aproximadamente 09 anos de idade. O motivo das agressões foi pelo fato do **Carlos** ter passado mal no evento da igreja e teve que ir embora, mas **Flordelis** não queria que ele tivesse ido embora. Na casa havia dois grupos de filhos, os preferidos e não preferidos, pela testemunha foi relatado que **Carlos** não fazia parte dos preferidos, que os preferidos seriam Lorraine, **Simone**, Ramon, Rafaela, Anabel, Isabel, “Misael”, **André, Flávio e Adriano.** A testemunha nunca ouviu que alguém tenha segurado o Pastor Anderson, até porque era muito difícil segurá-lo, pelo fato dele ser muito forte, tanto que em brigas na casa eram necessárias 05 (cinco) pessoas para segurá-lo. A testemunha já presenciou algumas brigas físicas, sendo a última entre “Misael”, **Adriano, Flávio** e o Pastor Anderson. Também já presenciou briga entre “Misael” e o Pastor Anderson, não sabendo precisar quanto tempo antes da morte do Pastor ocorreu essa briga, havendo um lapso temporal de aproximadamente de 05 (meses) entre a morte do Pastor e a briga. Também não soube o motivo da briga. A testemunha **ouviu por Anabel, Michele, Taiane e Alexandre, que pode ter sido Lorraine e Simone que atiraram no Pastor Anderson, também ouviu da Isabel, cerca de 02 (dois) meses antes**

**da morte do Pastor Anderson, que a ré Flordelis iria matar o Pastor Anderson. Todos na casa sabiam que Flordelis queria matar o Pastor Anderson do Carmo**, inclusive a própria vítima, mas não acreditava que ela pudesse fazer isso, ele gostava muito da ré Flordelis, por esse motivo ele não conseguia enxergar essa motivação. A testemunha ouviu que seria bem provável que a Lorraine e a mãe Simone também tivessem atirado, esse assunto ficou mais comentado quando não foram encontrados vídeos delas em outros lugares, mas nunca ouviu nada em relação à **02 (duas) pessoas terem segurado o Pastor Anderson**. A testemunha crê que o suco que sua mãe ingeriu estava envenenado, pelo fato dela ter parado no hospital, a testemunha não soube informar quais remédios sua mãe tomava. No ano de 2020 a testemunha realizou uma viagem a passeio com Anabel, Isabel e Rafaela custeada pela ré **Flordelis**, a testemunha já foi, junto com a família toda, ao parque Beto Carrero. A alimentação era preparada junto com as demais, nos últimos meses era comum se comer arroz, arroz com feijão, arroz com arroz, quando fazia bolinho de arroz, faltava carne, ovo e macarrão, essa situação ocorreu até antes da testemunha sair da casa, antes da morte do Pastor Anderson todo mundo comia “normal”, mas tinha carne, as melhores eram para os favoritos, mas pelo menos tinha frango para os que não eram favoritos, quando o Pastor Anderson era vivo comia-se bem, com sua morte passou a comer mal, visto que **Flordelis** gastava o dinheiro dela para comprar iPhone para os filhos favoritos, por isso ficava difícil ter comida. A testemunha já ganhou um telefone celular, mas de seu pai. A testemunha nunca se interessou em saber o valor do salário recebido por seu pai **Carlos**, por isso nunca soube a quantia que ele ganhava, não soube a forma que foi comprado o carro. **Quando a polícia chegou no local do crime havia sangue, tendo em vista que a testemunha não deixou que limpassem a cena do crime e não sabe se Ramon retirou TODAS as capsulas do chão, mas se recorda dele ter tirado bastante, a testemunha acha que Ramon colocou as capsulas em uma espécie de muro de pedras e não se lembra dele ter avisado esse fato à algum policial**. No dia da reconstituição do crime, testemunha chegou no local por volta das 00:00 (meia noite), ocasião que foi indagada por um policial quem seria ela, informando que era a filha do **Carlos**. Em seguida, foi perguntada se tinha ido prestar depoimento, sendo respondido pela testemunha de forma negativa, quando o policial perguntou o motivo dela não ter ido depor, respondendo que se ele não sabe o motivo, muito menos ela saberia. Então, o policial informou à testemunha que ela deveria se apresentar na delegacia na segunda-feira, tendo esta contado para seu pai, réu **Carlos**, que em seguida contou para a ré **Flordelis**, que disse que a testemunha somente iria à delegacia acompanhada de advogado, caso contrário ela não iria. **A testemunha acabou não indo prestar depoimento na segunda-feira, além disso, foi orientada a não falar que Ramon estava mexendo na cena do crime**. Além da ré **Flordelis**, nenhum dos outros acusados falou com a testemunha após o crime, visto que eles sempre ficavam

entre eles e sempre que se aproximavam, os réus, ficavam em silêncio. Após o crime, o réu **Carlos** não contou nada à testemunha em relação ao crime. Quem administrava a comida da casa era a ré **Simone** e questão de colégio era o réu **Carlos**. O réu **Carlos** era como se fosse um pai e uma mãe. Que o Pastor Anderson e a ré **Flordelis** não para as outras crianças, visto que as crianças as vezes precisavam de conselho e era o réu **Carlos** que dava, sempre tratou todos bem, com carinho. A testemunha nunca viu e nem soube que **Carlos** e **André** queimaram Érica, “Cacá”. Soube só do **André**, mas em relação ao **Carlos** não. Quando a testemunha recebeu a intimação para depor ela não sabia do que se tratava, sabia somente que era sobre o crime, a testemunha não lembra o que estava escrito, mas que possuía o documento no celular, **Flordelis e Taiane disseram à testemunha que se ela prestasse depoimento poderia prejudicar seu pai, foram bem categóricos nesse ponto, Lorraine inclusive escreveu uma mensagem nesse sentido para a testemunha.** O advogado **Luiz Felipe** não instruiu a testemunha prestar depoimento na delegacia, tendo em vista que a testemunha nunca entrou em contato com o advogado, só ouvia o advogado falando com sua mãe, que ao perguntar algumas coisas, o advogado somente respondia que seu pai, réu **Carlos**, iria ficar preso 40 (quarenta) anos, o advogado só sabia falar que não podia fazer nada pelo **Carlos** e que ele ficaria preso por 40 (quarenta) anos, a testemunha e sua família ficavam desesperadas. O réu **Carlos** trocou de presídio e o advogado Felipe não soube responder, a família ficou 15 dias sem saber notícias do **Carlos**, quando a família ligava para ele dizia que não podia fazer nada e que o **Carlos** ficaria 40 (quarenta) anos preso. A testemunha não falava com o advogado Luiz Felipe pelo telefone, mas como sua mãe falava com ele no viva-voz, ela ouvia a conversa do advogado com sua mãe. A testemunha afirma que nunca ouviu o advogado falar que a família, naquele momento, devia ter paciência. Quando a testemunha foi à delegacia prestar depoimento, não foi acompanhada do advogado. A testemunha morava há 21 (vinte e um) anos na casa. O **André** ficava mais na rua do que em casa, mas quando estava em casa, era mais para mandar as crianças arrumarem as coisas e mandar as crianças tomarem banho. A testemunha nunca presenciou, nem ouviu de nenhum outro morador da casa que o réu **André** incentivando a matar o Pastor Anderson. A testemunha não conversava muito com **André**, sempre foi mais reservada, ficava mais com seus cachorros. A testemunha **soube de um print de uma mensagem relacionada à um plano de matar o Pastor Anderson quando o próprio Pastor conversou com o réu Carlos, vindo a tomar conhecimento dessa mensagem por meio de sua mãe, na mensagem havia a promessa de um de R\$ 10.000,00 (dez mil reais) para o réu Lucas, caso ele matasse o Pastor Anderson e quem havia feito o envio dessa mensagem teria sido a ré Marzy.** A testemunha presenciou o Pastor Anderson passar mal, após comer, em uma comemoração pela eleição da ré Flordelis, em seguida o Pastor teve que ser levado ao hospital. A testemunha tomou conhecimento que era colocado algo na

comida/bebida quando sua mãe passou mal e depois Taiane. A testemunha não chegou a ouvir os tiros, ela acordou por causa do grito da Érica Dias, por isso ela achou que fosse briga. **Lorraine estava feliz o tempo todo, inclusive ela comemorou a notícia da confirmação da morte do Pastor Anderson, falando em tom de comemoração para a testemunha: “Raquel, Raquel, ele tá morto, ele tá morto, ele tá morto!”**. Essa reação causou muito espanto à testemunha. No dia da morte do Pastor, **Lucas** e **Flávio** estavam conversando na cozinha de uma forma esquisita, mas não demonstravam estar tristes, **Flávio** estava mostrando o celular para o **Lucas**. Em relação ao **Adriano**, a testemunha não lembra onde ele estava. A testemunha não lembra da reação da ré **Marzy**, e com relação a ré **Simone**, somente teve contato com ela na parte da manhã e **estava se tremendo muito**. A testemunha só viu **Rayane** no enterro e estava chorando muito, ela só falava que tinha acabado de fazer o cabelo do Pastor Anderson. Para a testemunha, o comportamento da ré **Flordelis** no velório e no funeral era tudo teatro, visto que **todo mundo que conhece ela percebia que o choro era forçado, que fingia desmaio, era uma coisa horrível, algo ridículo, na casa ela estava normal, mas sempre que atendia o telefone ela fingia estar chorando**. No dia que a testemunha foi prestar depoimento na delegacia recebeu ligações da ré **Flordelis**, além da “Neinha” e da Taiane, **Flordelis** ficou mandando várias mensagens, que em seguida apagou, mas a testemunha conseguiu tirar print das mensagens, além de ter mandado dois áudios que a testemunha conseguiu enviar para outra pessoa. Nos áudios **Flordelis** falava que a testemunha não é uma menina rancorosa, que ela não é vingativa, para ela parar com isso; falou bastante coisas nos dois áudios. **A psicóloga Paula Barros não fazia nada pelas crianças, ela ficava atrás da Flordelis, no início ela até orientou as primeiras pessoas que foram prestar depoimento em como reagir, era um tipo de treinamento para não prejudicar a ré Flordelis**. A testemunha não foi treinada por não ter recebido a intimação junto com os primeiros que foram intimados, **a psicóloga fingia que era o policial e colhia o depoimento, esse treinamento foi feito com os primeiros que foram intimados para prestar depoimento**. A testemunha nunca viu o réu **Flávio** bater nas crianças, mas a ré **Flordelis** sempre batia, o “bom dia” dela era batendo. Se ela tivesse com raiva da pessoa, **Flordelis** já acordava a pessoa gritando e batendo, principalmente a Ágata, **Flordelis** sempre teve ódio pela Ágata, sem motivo algum, falava que estava corrigindo por algo aconteceu há muito tempo, pegava tudo que via pela frente e batia, pegava colher de pau, havia um taco baseball com várias coisas escritas que ela também utilizava para bater, as vezes quebrava vassoura, ela batia na Ágata, na Eduarda. **Na casa há um lema de negar até a morte, todos repetiam isso desde a adolescência, negar tudo o que eles viviam, negar para Flordelis para não apanhar**. Tinham que passar a imagem de uma família perfeita, caso não transparecesse ser uma família perfeita as pessoas apanhavam, não podia falar nada. A ré **Flordelis** já pisou na cabeça da Isabel,

por ela ter falado alguma coisa para uma irmã da igreja, **Flordelis** deitou Isabel no chão e pisou na cabeça dela, esse episódio acontece na casa do Rio, a testemunha e Isabel eram bem novas na época. Já bateu no réu **Carlos**, inclusive com uma panela de pressão. A testemunha só lembra do **Adriano** no quarto da **Flordelis**, assim que o **Lucas** entrou no quarto, mas o **Adriano** começou a se debater, falando que queria seu pai, nesse momento a testemunha se retirou do quarto. A testemunha soube que **o celular do Flávio foi escondido no “negócio” do ventilador de teto, pela Simone, também queimaram algo, que a testemunha não soube informar ao certo que era, mas que seria algumas roupas do Flávio, no banheiro da Simone, o referido objeto foi queimado por Lorraine, Simone e Rafaela.** Quando os policiais iam até a casa e quando eles iam embora, a testemunha e algumas pessoas ficavam na varanda comentando o que os policiais estavam fazendo, elas sempre achavam graça do que eles faziam, uma certa vez a testemunha questionou Ramon se ele lembrava da vez em que ele estava limpando a cena do crime, sendo respondido pelo Ramon que se lembrava. **Taiane perguntou o motivo dele ter feito isso sendo que ele sabia que não podia ter mexido na cena do crime, Ramon respondeu que se não tivesse sangue não ia ter crime** e, então, todos começaram a rir quando Ramon falou isso, nesse dia estavam presentes Ágata, Júlia, Eduarda, Taiane, a testemunha e Anabel. Com relação à roupa que foi queimada, a testemunha não chegou a ver se a roupa queimada era a mesma que **Flávio** havia enrolado e estava segurando embaixo dos braços na noite do crime, houve também uma queima no quintal. A testemunha ouviu pela Érica Dias que nessa queima também tinham papeis, que a **Flordelis**, junto com a Paula, teria jogado alguns documentos. Na casa era costume realizar queimadas, **André** costumava a fazer com a família Oliveira, eles compravam a carne deles e ficavam por lá mesmo. Essa última queima ocorreu um dia antes da polícia realizar diligências na casa. No tempo que o **Flávio** ficou na casa, a testemunha nunca viu o **Flávio** brigando com alguém da casa. A testemunha não viu o corpo do Pastor Anderson antes dele ser levado para o hospital. A testemunha não se recorda de ter conversado com Daniel ou “Luan” após a morte do Pastor Anderson. Paula Barros, na casa, fica atrás da **Flordelis** o tempo todo, já fez treinamento com testemunhas, mas não sabe informar se hoje em dia ela está fazendo, ela está sempre na casa e quando dorme na casa fica na mesma cama que **Flordelis**. A testemunha entendeu que era necessário trocar de advogado tendo em vista que o Dr. Luiz Felipe não estava dando assistência nenhuma, ele dava satisfação à **Flordelis**, quem pagava os honorários do Dr. Luiz Felipe era **Flordelis**, a mãe da testemunha até sugeriu que iria pegar um Defensor Público, ela falou que estava pagando um valor bem elevado ao advogado. A testemunha e sua mãe sentiram **Carlos** muito prejudicado com a assistência do advogado Luiz Felipe, visto que tudo que era perguntado, só sabia falar que o réu **Carlos** ficaria 40 (quarenta) anos preso. A testemunha não sabe se Rafaela segurou os cachorros para assegurar a execução do crime, só que

perguntou para ela onde que ela estava na hora do crime. **Em relação ao cachorro que morreu, ele não possuía qualquer tipo de doença, a testemunha não lembra a idade do cachorro, mas ele estava bem de saúde.** A testemunha não ouviu de ninguém da casa da participação de Rafaela no crime no sentido de segurar os cachorros. A mãe da testemunha não contou para ela o que confidenciou para a testemunha Vivian. A compra dos Iphones ocorreu uma semana após a morte do Pastor Anderson, sempre que a polícia apreendia os celulares, a ré Flordelis comprava outros Iphones. A testemunha soube pelas crianças que o **Adriano** queria matar a Regiane, a testemunha soube pela Rebeca que **houve uma reunião, no sentido de saber quem tinha falado para Regiane que Adriano iria matá-la.** A testemunha teve que trancar a faculdade em virtude de seu pai não estar mais podendo pagar, ela teve que estudar durante um ano, seu curso de auxiliar de veterinário, escondida porque o Pastor Anderson e **Flordelis** não deixavam as pessoas fazer nada que não fosse relacionado à igreja, e **Carlos** pagou durante 1 (um) ano o curso escondido. Gabriela é uma das filhas da **Flordelis**, irmã do **Lucas**, da Júlia e da Bruna. A testemunha não teve conhecimento de que Paula Barros e **Flordelis** tenham orientado Gabriela a prestar depoimento em juízo. No local onde Rafaela se encontrava no momento do crime, caso ela se debruçasse em uma espécie de muro, dava para ver o local do crime. O pagamento da casa de Itaipuaçu, a testemunha acha, que foi feita de forma financiada. Em relação aos **áudios que a testemunha recebeu da ré Flordelis pelo WhatsApp da Taiane**, visto que a voz era da **Flordelis**, um áudio tem aproximadamente 1 (um) minuto e o outro tem aproximadamente 30 (trinta) segundos, a testemunha **recebeu esses áudios quando estava indo para delegacia e foi presa dentro do carro, por “Nana”, Vivian, Gabriel e sua mãe Cristiana. Eles não queriam que ela fosse até a delegacia, porque a Flordelis falou para ela não ir e não deixarem ela ir, por isso prenderam a testemunha dentro do carro.** A testemunha foi expulsa da casa e uma semana depois foi chamada para depor. A **Flordelis**, ao falar para ela não ir à delegacia, visto que prejudicaria seu pai, ela sabia que tocaria muito a testemunha e ela não iria até a delegacia, mas em nenhum momento **Flordelis** falou para ela ir até a delegacia para não prejudicá-la. No final do depoimento a testemunha reproduziu os áudios enviados pela ré **Flordelis**, onde pedia para a testemunha se colocar no lugar dela, que estão acusando ela de algo que não teria feito, que ela sabia era o que todos sabiam, até a própria vítima, que ela seria a maior prejudicada nessa história toda, pediu para que a testemunha não fosse injusta com ela, visto que nunca tinha sido injusta com aquela. **Flordelis** nega que tenha expulsado a testemunha de casa, até porque a casa não é dela, que sempre tratou bem a testemunha, para que ela não fosse injusta com ela.

A menor **Rebeca Vitória Rangel Silva**, filha do réu **Carlos Ubiraci**, afirmou que ouviu que quem efetuou os disparos foram **André**,

**Simone** e Lorraine, na casa geralmente ficam rodinhas de conversa nos corredores da casa e essa informação chegou até a testemunha por meio da Taiane, Anabel, Michele e Alexandre, todos estavam sentados na escada da casa e começaram a conversar sobre a morte, falando que a Lorraine seria capaz de matar, assim como a **Simone** também seria, acreditando que **André** também teria ajudado, visto que no dia dos fatos ele estava tremendo muito, estava com a mão tremendo muito. No dia dos fatos, a testemunha encontrava-se dormindo em sua casa, localizada na parte de cima do quintal, só veio tomar conhecimento dos fatos no dia seguinte pela manhã, não presenciando a dinâmica da madrugada, no dia dos fatos Rafaela avisou seus pais o que havia acontecido, nesse momento eles desceram para ver o que teria acontecido, tendo a mãe da testemunha sido impedida de descer. A testemunha não ouviu nenhum tiro, ela foi acordada por seu pai e por sua irmã, avisando que o Pastor Anderson havia morrido, quando a testemunha acordou, dirigiu-se para a casa da **Flordelis**, ao chegar na casa havia muitas pessoas da igreja, pessoas as quais a testemunha não reconhecia além das pessoas que já moravam na casa e algumas pessoas que já tinham se mudado da casa, quando a testemunha chegou na escada, estavam Taiane, Anabel, Alexandre e Michele conversando. O assunto na casa era que **Simone**, Lorraine e **André** teriam matado o Pastor Anderson. Ninguém nunca falou se na execução do crime teria sido utilizado mais de uma arma de fogo, mas foi comentado no quarto da ré **Flordelis**, onde sempre ficavam muitas pessoas, que a Lorraine foi entregar uma mochila na madrugada da morte do Pastor Anderson, ela pegou um Uber e foi entregar a mochila para o pessoal da “boca” e ainda estava faltando uma arma. Na casa foi muito comentado o envenenamento, todos falaram da ré **Simone**, da ré **Marzy** e da Jucinéia, conhecida como “Neinha”, **na casa quem preparava a comida era somente a “Neinha” e as rés Simone e Marzy eram as únicas que faziam a comida do Pastor Anderson, ele só comia a comida da “Neinha” e das rés Simone e Marzy. Todos na casa falavam que Simone e Marzy colocavam alguma coisa na comida do Pastor Anderson, mas ninguém sabia se a “Neinha” tinha conhecimento se era remédio ou veneno, mas que Simone e Marzy tinham conhecimento que se tratava de veneno.** Na casa havia dois grupos que recebiam tratamentos distintos, os favoritos eram Lorraine, **Simone** e os filhos dela, Anabel, Isabel, **Adriano** e os filhos dele. “Misael” também era considerado um dos favoritos, porque sempre teve tudo o que queria, mas chegou em um ponto na política que “Misael” queria se candidatar a prefeito, mas o Pastor Anderson não permitiu, visto que na época a ré **Flordelis** queria se candidatar como prefeita de São Gonçalo, por isso o Pastor Anderson não permitiu que ele viesse como prefeito, mas sim como vereador de São Gonçalo. O réu **Carlos** não era apontado como um dos favoritos, chegando ao ponto de ter que comprar produtos somente pelo Facebook, visto que não tinha dinheiro para comprar produtos em lojas. O réu **Carlos** ganhava dinheiro pelo gabinete da ré **Flordelis**, quando ela foi eleita deputada federal ela nomeou algumas pessoas para trabalhar no gabinete,

dentre elas o réu **Carlos**, Gerson, Luciano, Gleice, Márcio “Buba”, Felipe, marido da **Rayane**, **André** e algumas outras pessoas que a testemunha não lembra, as únicas pessoas que ficavam com todo o dinheiro do salário eram Luciano e Gleice, tirando essas pessoas, todos eram obrigados a fazer “rachadinha”, inclusive o réu **Carlos**. Antes de trabalhar no gabinete da ré **Flordelis**, o sustento da casa era feito com trabalho de estética realizado pela mãe da testemunha, mas não lembra com o que o réu **Carlos** trabalhava, acha que ele recebia um pouco da igreja e ajudava a sustentar a casa. As refeições raramente eram feitas na casa da testemunha, quase toda a semana eram feitas na casa da ré **Flordelis**, por hábito, visto que o pessoal da casa sempre foi unido e todos almoçavam juntos na parte de baixo da casa. A testemunha estudava no colégio Força Máxima, no ano de 2020 a testemunha foi para o colégio Cizinio, o colégio Força Máxima é particular e era paga pelo réu **Carlos**. O réu **Carlos** dependia financeiramente da ré **Flordelis**, desde quando ele começou a trabalhar no gabinete ele começou a depender financeiramente, ele foi praticamente obrigado a trabalhar no gabinete, o Pastor Anderson escolheu algumas pessoas da casa para colocar dentro do gabinete para poder ocorrer “rachadinha”, a prática de “rachadinha” vem desde o gabinete do Misael. A testemunha não lembra se seu pai trabalhou no gabinete do Misael, só que sua mãe trabalhou no posto, exercendo função de administradora do posto de São Gonçalo, mas a testemunha não sabe o valor do salário de sua mãe. Na casa da testemunha, as compras eram feitas pelo seu pai, toda semana ele realizava uma compra para poder cozinhar aos sábados em sua casa. Na casa da ré **Flordelis** havia uma distinção entre comida, uma vez houve uma briga entre os adolescentes para poder comer ovo, visto que não tinha nada para comer, mesmo com as pessoas da igreja doando cestas básicas, apenas arroz com bolinho de arroz, enquanto a noite Lorraine chegava com churrasco, hambúrguer e ela não dividia com as demais crianças, era somente para os dela, Rafaela, Ramon, **Simone**, **André**, Moisés, só para as pessoas mais próximas dela. Antes da morte do Pastor Anderson era raro acontecer essas situações, no dia que faltava alguma coisa ele mandava alguém no mercado para comprar carne, frango, a pessoa comprava e na mesma hora faz para todos comerem. **As compras da casa eram realizadas pela ré Simone, mas quem gerenciava o dinheiro da casa era o Pastor Anderson.** O réu **Carlos** foi Pastor da igreja de Piratininga, além do **Pastor Carlos**, a igreja era gerenciada pelo evangelista Eduardo e pela missionária Val, mas todos eram subordinados à ré **Flordelis** e ao Pastor Anderson. Foi dito à testemunha que **as rés Marzy e Simone tomavam conta dos remédios do Pastor Anderson, porque a ré Flordelis dava os remédios para elas e elas colocavam no suco para ele poder tomar**, tanto os sucos e os refrigerantes até mudavam de cor. A testemunha e sua família não passavam fome, tanto que ajudavam as crianças da casa, certa vez Miguel, irmão do **Lucas**, pediu ovo para testemunha, tendo em vista que não havia na casa para eles poderem comer, durante a semana, quando faltava comida na casa ré

**Flordelis**, a família da testemunha fazia miojo, sua família, assim como a Lorraine, tinha miojos guardados, mas eles eram contados, caso houvesse mais a testemunha dividia com as demais crianças. A família da testemunha comia miojo pelo fato de não querer comer arroz, visto que caso quisessem eles fariam, mas toda semana o réu **Carlos** fazia compra, toda semana sempre tinha ovo, já que a testemunha sabia que se não tivesse ovo na casa da ré **Flordelis**, as crianças iriam pedir. A testemunha não presenciou briga física entre Misael e o Pastor Anderson, mas já ouviu que teve a briga do Misael e o Pastor Anderson. A testemunha nunca viu, mas soube da punição, briga envolvendo **André** e o **Carlos** em relação à Érica, “Cacá”, foi dito que para a testemunha que a “Cacá” teria queimado a mão da Júlia sem querer, mas por ordem da ré **Flordelis**, não sabendo precisar se foi **Carlos** ou **André** que executou a ordem, queimaram a mão da Érica, “Cacá”, a testemunha não lembra se no dia dos fatos o Pastor Anderson e a ré **Flordelis** estavam viajando, visto que este fato já faz muito tempo e ela não estava presente no dia dos fatos. A testemunha não mencionou o réu **Flávio**, visto que depois que ele falou, todos ficaram sabendo do que ele fez, mas ele também teria atirado no Pastor Anderson. **No dia seguinte da morte do Pastor Anderson, a ré Flordelis ainda estava com o telefone do Pastor Anderson, visto que ela estava realizando ligações do celular do Pastor para avisar da morte dele,** já no velório o telefone do Pastor foi parar nas mãos do Márcio “Buba”, que entregou para Misael. A testemunha soube que a Lorraine teria se livrado do telefone do **Flávio**, dia que a equipe da delegada Bárbara Lomba foi até a casa a **Simone ficou muito desesperada quando pediram o telefone do Flávio, no quarto da Simone tem um ventilador de teto, com isso ela escondeu o celular do Flávio no ventilador de teto, posteriormente Lorraine pegou o celular e jogou no mar.** A relação entre a testemunha e a Regiane mudou desde o crime até a data do depoimento prestado em juízo, visto que aproximadamente 2 (dois) meses após a morte do Pastor Anderson a ré **Flordelis proibiu todas as crianças e adolescentes, incluindo a própria testemunha, de falar com Regiane**, não podia nem passar mais pela porta da oficina da Regiane. Após a prisão dos réus, após algumas semanas, a Nilaine foi na casa ver as crianças, depois que a Nilaine foi embora, no dia seguinte a testemunha foi acordada 9:00 horas pela Gabriela, irmã mais velha do réu **Lucas**, falando que o Gerson queria que a testemunha descesse para uma reunião, quando a testemunha chegou na churrasqueira todas as crianças estavam sentadas junto com os demais da casa e a Marcelle, esposa do **Adriano, queria saber quem teria contado para Regiane que se o Adriano saísse da prisão mataria a Regiane.** Nesse momento começaram a culpar todas as meninas da idade da testemunha, visto que todas gostavam muito e falavam muito com a Regiane, culpavam Gabriela, irmã mais velha do réu **Lucas**, falaram que ela era informante. **Nesse dia a “Neinha” falou para as crianças que era melhor elas ficarem em um abrigo, que elas não valiam nada e a Flordelis concordou com a “Neinha”.** A “Neinha” já falava, desde a

morte do Pastor Anderson, que as crianças deveriam ir para um abrigo, a **Flordelis** deixava a “Neinha” falar, ela até concordava, tanto que a menor Ágata se cortou porque a **Flordelis** chamou ela de lixo e falou que ela não era a filha que ela queria ter, ainda **falou para Ágata que se ela continuasse com o comportamento que ela estava aí sim iriam dar motivo de chamar Flordelis de assassina, por isso ela se cortou.** A ré **Andrea** já esteve na casa, um pouco antes do dia das crianças de 2019, se apresentou falando que seria amiga da ré **Flordelis**, e falou para a testemunha que ela tinha que reunir as crianças, porque estava chegando o dia das crianças e a polícia não parava de infernizar elas, tinha que reunir as meninas da idade da testemunha e fazer um vídeo para postar no Facebook, pedido para a polícia para de infernizar elas. A testemunha viu a ré **Andrea** duas/três vezes na casa, sempre falava com as ré **Simone** e **Flordelis**, uma vez houve uma briga entre as ré **Andrea** e **Simone**, mas não sabe o motivo da briga. **Na casa, nada acontecia sem a ré Flordelis saber, ela sempre foi muito controladora, tanto que na casa havia um lema: “neque até a morte”, as meninas levam esse lema para frente.** Por isso que nenhuma menina da idade da testemunha foi até o fórum prestar depoimento, **por isso que ninguém da casa vai até o fórum falar a verdade, já que sabem que se falarem alguma coisa vai apanhar, porque a ré Flordelis bate nas meninas**, bate com vara de goiabeira, com um pedaço de pau, que tem na casa, que tanto **Flordelis** como **Simone** usavam para bater nas crianças. A Ágata era a que mais apanhava, ela sempre batia muito forte, também havia um taco, a ré **Marzy** era a que mais batia na Ágata, enforcava a menor, dava socos, a “Neinha” também sempre bateu nas crianças, com colher de ferro, certa vez quebrou um dente da Maria com uma colher de ferro. A Paula apareceu na casa de repente, ela falou que Deus tinha usado ela para enviar cesta básica, ela apareceu na casa com uma van cheia de cesta básica, não passou nem uma semana ela estava dormindo no quarto da ré **Flordelis**. **Quando algumas pessoas foram intimadas para prestar depoimento, Paula Barros juntou essas pessoas, até a irmã da testemunha e a própria testemunha, participaram de uma simulação de um depoimento, como se ela fosse a delegada e as pessoas estivessem prestando depoimento para ela, caso ela perguntasse alguma coisa sobre a Flordelis, caso a testemunha falasse que a ré Flordelis tivesse alguma culpa, ela falava que a pessoa não podia falar nada que prejudicasse a ré Flordelis.** A Paula foi paga para esse treinamento. A testemunha já **presenciou o Pastor Anderson passando mal após ter se alimentado ou tomado algum suco**, mas sempre falavam que era por causa do coração, sempre falavam que ele tinha um problema no coração, ele ia para o hospital, aí quando ele voltava a ré **Flordelis sempre falava que ele tinha problema no coração, por isso ninguém nunca ligou muito.** A testemunha soube que uma vez o Pastor **Anderson descobriu uma mensagem em seu Ipad e foi correndo atrás do Pastor do réu Carlos para falar, em seguida juntou todo mundo para uma reunião, com isso todos falaram para levar a mensagem para a polícia,**

**mas o Pastor Anderson disse que não queria levar para não expor a família, ele queria proteger a família.** O réu **Flávio** era uma pessoa muito fria, a testemunha lembra que ele tinha uma arma e que ele chegava a ameaçar a ex-mulher dele com essa arma, porque sua ex-mulher estaria com outro homem após o término da relação, a testemunha acha que foi essa arma que encontraram em cima do armário do **Flávio**. A testemunha já viu o réu **Flávio** armado uma vez, tinha um congresso na igreja da ré **Flordelis** e ele sempre queria ser o segurança, teve uma vez que ele foi fazer essa segurança armado, nesse dia ele se irritou com um Pastor que tinha levado seu próprio segurança, nessa ocasião o réu **Flávio** mostrou a arma para o segurança, nesse dia havia um policial que frequentava a igreja, que tomou a arma do réu **Flávio** e falou para ele se acalmar. O **André** sempre foi uma pessoa tranquila, ele comprava os produtos de limpeza da casa, ele sempre limpou a casa com a ajuda das crianças. O Márcio “Buba” que é testemunha se refere é Márcio da Costa Paulo. A testemunha **soube através de sua irmã, Raquel, que a Rafaela teria segurado os cachorros, a testemunha não sabe o motivo de Rafaela ter segurado os cachorros, mas acha bem provável ela ter segurado para os cachorros não latirem, por causa dos tiros, já que falaram que na madrugada do crime os cachorros não fizeram nada.** A ré **Flordelis** comprava telefones reiteradamente para alguns membros da casa por eles serem os preferidos dela, então ela dava tudo o que eles queriam. Quando a polícia apreendia o celular dela e dos preferidos ela sempre comprava celulares novos para todos, para as outras pessoas ela não comprava novos celulares. Na reunião feita para saber quem havia contado para Regiane que se o **Adriano** saísse da prisão mataria ela, havia duas crianças de 03 (três) anos, Alan e Moisés, a testemunha não sabe o motivo das crianças e nem dela terem participado da reunião presidida pelo Gerson e pela Marcele, filha do Luciano e esposa do **Adriano**. Gabriela é irmã do **Lucas**, da Júlia, da Bruna e do Miguel, sendo que ela na casa é como se fosse uma **escrava**, ela limpa tudo, as vezes tem que ficar de babá para Gerson, para Michele, serve de babá para as crianças pequenas, ela e suas irmãs têm que limpar a casa toda. A testemunha quando estava na entrada do fórum, a testemunha estava com sua mãe, Raquel e Regiane, a Érica Dias, que está se formando em direito, estava conversando Gabriela, a testemunha acha que a testemunha estava sendo instruída sobre o que ela deveria falar, a forma que ela deveria falar, mas a testemunha não ouviu exatamente o que foi dito. A testemunha já presenciou algumas vezes fogueira no quintal da casa, no dia que a polícia foi na casa, no dia 18 de junho de 2020, havia uma fogueira no quintal, mas a testemunha não sabe o que foi queimado, mas foi dito à testemunha que foi queimado somente plantas. **Antes da morte do Pastor Anderson não era comum ter fogueiras na casa, essa prática se tornou comum após a sua morte.** A ré **Flordelis** nunca deixou as pessoas fazerem cursos, somente deixa ir à escola, as pessoas só podiam fazer o que favorecesse a igreja. **Nas vezes em que a ré Andrea esteve presente na casa, também estavam presentes as rés**

**Flordelis e Simone. A testemunha se recorda da fisionomia da ré Andrea, descrevendo-a como uma mulher branca, loira e “fortinha”. A ré Andrea foi até a casa por convite da ré Flordelis.** Ao ser perguntada quais das irmãs da testemunha que fazem faculdade, foi respondido que Raquel fazia faculdade, mas teve que trancar visto que seu pai foi preso e exonerado, Roberta fez faculdade de administração, só a testemunha que não, pelo fato de ainda estar na escola, com relação às pessoas da casa, Érica Dias faz faculdade, Ramon chegou a fazer mas trancou, Anabel faz, Lorraine chegou a fazer mas trancou e Kelly também fez, a testemunha relatou que tinha que estudar escondido, bem como foi relatado pela testemunha Kelly, visto que a ré **Flordelis** não deixava, as demais pessoas podiam fazer faculdade, pelo fato de serem preferidas, então a ré **Flordelis** não impedia essas pessoas de fazer faculdade. A testemunha, assim como toda a família, foi ao parque Beto Carrero, nesta ocasião a família ganhou a viagem de um Pastor, que era da igreja de Santa Catarina, que chamou a família toda para ir até a igreja e deu essa viagem para toda família ir de graça ao parque Beto Carrero, como todos ganharam a viagem de forma gratuita e que o Pastor teria pedido foto de toda a família no parque Beto Carrero, por isso que a ré **Flordelis** permitiu que todos fossem, ela não escolheria quem poderia ir e quem não poderia, a testemunha não foi nas outras viagens, ela só viajou com a família para o parque Beto Carrero, visto que eles ganharam a viagem, com relação ao passeio de barco, foi um presente do prefeito de Arraial do Cabo para todos da família, por isso era permitido que todos fossem, tanto que até foram pessoas da igreja, não houve nenhuma viagem feita em família que foi paga pela ré **Flordelis**. A testemunha não soube informar precisamente a idade de Alexandre, Anabel, Michele e Taiane, só soube informar que são maiores de idade, acredita que Anabel deve ter entre 20 (vinte) e 21 (vinte e um) anos, que Alexandre tem entre 27 (vinte e sete) e 28 (vinte e oito) anos, que Michele tem aproximadamente 26 (vinte e seis) anos e que Taiane tem aproximadamente 24 (vinte e quatro) anos. A testemunha sempre fica prestando atenção em tudo que falam ao seu redor, mesmo quando está no telefone, as referidas pessoas falam sem ter o devido cuidado e, com isso, a testemunha estava do lado das referidas pessoas que estavam falando a respeito da execução do crime. A testemunha encontrou nas dependências do fórum a testemunha Regiane, bem como encontrou outras pessoas, sua irmã Roberta, Daiana, Vivian, então todos subiram juntos. A testemunha não soube o motivo da testemunha Regiane estar presente no fórum na data do depoimento. **A testemunha é filha biológica da Michele, irmã do Pastor Anderson.** A Michele raramente frequentava a casa da ré **Flordelis**, falavam na casa que a ré **Flordelis** não deixava Michele, irmã do Pastor Anderson, entrar na casa, mas ela não sabe o motivo, cada um da casa conta uma história diferente. A mesma coisa acontece em relação a como a testemunha foi parar na casa, a ré **Flordelis** conta que a Michele não quis e a levou para uma boca de fumo e a ré **Flordelis** foi atrás, tem pessoas que falam que a testemunha chegou na casa

com 15 (quinze) dias de vida, que a Michele não podia ficar com ela, porque ela era doente e não tinha condições de ficar com ela, mas a testemunha é **registrada como filha da Pastora Cristiana, por adoção**. A testemunha não soube que pouco tempo antes da morte do Pastor Anderson, ele teria dito que daria uma casa para sua mãe.

A testemunha **Débora de Abreu Viana**, amiga do réu Carlos Ubiraci, relatou que conhece o réu **Carlos** há 12 (doze) anos, ela soube que haveria um evento evangélico em sua cidade chamado Congresso Internacional do SIM, Internacional de Missões, a testemunha sentiu muita vontade de ir ao evento, visto que iria um pregador o qual a testemunha admirava muito, ali a testemunha conheceu a história do réu **Carlos** através da ré **Flordelis**. No final de 2006, a testemunha gostou tanto da história do ministério, ao ponto de pedir ao seu Pastor atual liberá-la para poder congregar no Ministério **Flordelis** de São Gonçalo, ela trabalhou durante 1 (um) ano no Ministério, sendo levantada como obreira daquele lugar, após esse período a testemunha passou a morar na casa da ré **Flordelis**, permanecendo 6 (seis) meses na casa, no período de outubro de 2008 à março de 2009. Quando chegou na casa, a testemunha não percebia nada no sentido de mudanças de comportamento, mas com o passar do tempo percebeu mudanças de comportamento, na igreja era uma coisa e na casa era outra, via comportamentos dentro da casa que na igreja não acontecia, ou seja, na igreja eram todos evangélicos, e na casa não. Na igreja tudo era muito amigável, dava-se atenção, havia muito companheirismo, mas na casa já não havia esse diálogo, não havia essa atenção que na igreja havia. O tratamento na igreja era atencioso e na casa não era, havia uma ausência de presença na casa por parte da ré **Flordelis** em relação à alguns membros da casa. No curto período em que a testemunha viveu na casa, pôde vislumbrar que havia dois grupos distintos, um grupo eram os favoritos da ré **Flordelis** e o outro grupo eram os não favoritos. Os favoritos eram aqueles que trabalhavam diretamente com o Pastor Anderson e a acusada **Flordelis**, dentre eles Misael, **André**, **Carlos**, Kelly, Érica, **Simone**, Lorraine, Taiane e Anabel. A testemunha chegou a trabalhar na casa como cozinheira, fazia café da manhã, almoço, lanche e janta para algumas pessoas, de início a testemunha achou que cozinhariam para todos, mas foram só para alguns, sendo eles os não favoritos. O réu **Carlos** sempre auxiliava a testemunha em tudo que acontecia com ela na casa, a testemunha sempre procurava o réu **Carlos** quando acontecia alguma coisa na casa, visto que ela sempre confiou nele, era o único que ela podia contar naquela casa, ele era o único que sempre estava disponível na casa. Após estar morando por 2 (duas) semanas na casa, a ré **Flordelis**, em uma conversa com a testemunha na cozinha da casa perguntou o motivo do David, filho da testemunha, não ir morar com ela, sendo respondido pela testemunha que não tinha condições de cuidar de seu filho, em seguida a ré **Flordelis** perguntou se era da vontade da testemunha que seu filho fosse morar na casa,

sendo respondido afirmativamente pela testemunha, em seguida **Flordelis** disse que não havia problema algum, que ela ajudaria a cuidar dele, **Flordelis** falou que ia pedir ao **Carlos** para levar a testemunha até a escola para lá pudesse pegar um documento para que pudesse matricular seu filho na escola e que no final de semana que o filho da testemunha fosse passar na casa, quando o pai fosse busca-lo, a testemunha não devia entrega-lo ao pai e nesse momento eles entrariam com um processo para que a testemunha tivesse a guarda do filho. A testemunha nunca presenciou o réu **Carlos** apanhar da ré **Flordelis**, mas ouviu, da própria ré **Flordelis**, que quando ela queria, resolvia nessa situação, ou seja, uma vez a ré **Flordelis** falou para a testemunha que se tivesse que sair na “pregada” com ele, sairia. A testemunha tomou ciência que esse fato já ocorreu pela própria ré **Flordelis**. A testemunha não conheceu a cozinheira “Neinha”. A testemunha normalmente cozinhava arroz, feijão, salsicha, ovo e hambúrguer, mas de forma muito limitada, esse tipo de comida era para os não favoritos, já a comida da cozinha da ré **Flordelis** havia picanha, sorvete, comidas mais rebuscadas, coisas que os demais da casa não tinham. Em relação aos menos favorecidos, pode-se destacar a Vânia, Érica, a Érica Dias comia com os não favoritos, mas era mais próxima à **Flordelis**, **Lucas**, que não é o réu, mas sim o chamado de “Gago”, eram muitas pessoas, a comida destinada às crianças mais novas era a mesma dos não favoritos, já a comida dos filhos biológicos era a mesma comida da ré **Flordelis**. **Carlos** e Misael eram os braços direito do Pastor Anderson e da ré **Flordelis**, por isso tinham acesso à cozinha da ré **Flordelis**. A testemunha nunca questionou o Pastor Anderson, nem o Misael, em relação esse tratamento diferenciado, visto que quando a ré **Flordelis** recebeu a testemunha em sua casa, disse para ela que a comida na casa era simples, no dia que ela quisesse fazer alguma coisa diferente ela deveria se dirigir à ré **Flordelis** e ela providenciaria, a testemunha havia informado à **Flordelis** que não sabia cozinhar comidas grã-finas e até aquele momento a testemunha achava que fosse cozinhar para todos da casa, a primeira vez que a testemunha quis cozinhar algo diferente na casa, para aqueles que era da cozinha, a testemunha se dirigiu até o Misael, que era responsável pela parte financeira, e pediu dinheiro para fazer um bolo de banana, Misael liberou o dinheiro e a testemunha fez o bolo de banana, depois desse episódio a testemunha não teve mais acesso à esta oportunidade de cozinhar algo diferente na casa, Misael recebia uma ordem direta da ré **Flordelis** para poder liberar esse dinheiro. A testemunha saiu da casa por algumas vezes ter se encontrado em algumas situações muito difíceis dentro casa por causa de implicância de alguns filhos da ré **Flordelis**, ocorreram de três a quatro situações difíceis, nas duas primeiras foi feita uma reunião com o Pastor Anderson, a ré **Flordelis** e os filhos, eles ficavam sentados na sala enquanto o Pastor Anderson e **Flordelis** falavam, foi como uma espécie de apresentação para os filhos e falar para que eles respeitassem a testemunha e que ela estaria responsável pela cozinha, pedindo respeito à ela, já que a testemunha seria responsável pela cozinha e ela também era mais velha do

que eles. A primeira desavença que a testemunha teve foi com a Taiane, depois com a Érica, a Érica até recebeu uma punição de 1 (uma) no lugar da testemunha na cozinha, enquanto a testemunha descansaria essa semana, tal punição foi imposta pelo Pastor Anderson. O trabalho da testemunha na casa não era remunerado, no período em que a testemunha esteve na casa ela não tinha outro lugar para ir a não ser a casa da ré **Flordelis**. Na igreja o Pastor Anderson e **Flordelis** eram carinhosos um com o outro, na casa a testemunha não tinha contato com os dois, eles só ficavam no quarto, ou estavam na rua ou viajando, na igreja sempre se tratavam com carinho, com declarações de amor e sempre se ouvia que o Pastor Anderson do Carmo fazia tudo pela ré **Flordelis**, a própria **Flordelis** dizia que o Pastor Anderson fazia tudo que ela quisesse, era a frase mais usada pela ré **Flordelis** sem todos os cultos. A razão em definitivo para a testemunha sair da casa foi uma implicância da Lorraine com a testemunha, ela implicava demais com a testemunha, era muito debochada, não respeitava a testemunha de jeito nenhum, até que uma vez a testemunha chamou a atenção de Lorraine, falando para ela parar, que ela era mais velha e que sua avó já havia dito para Lorraine não responder a testemunha, nesse momento Lorraine deu um tapa na mão da testemunha e mordeu seu braço, nesse momento começou uma confusão, onde a mãe da Lorraine, ré **Simone**, desceu e pediu para que a testemunha soltasse a Lorraine, a testemunha respondeu que só soltaria a Lorraine quando ela soltasse, nessa insistência a ré **Simone** mandou que Lorraine soltasse a testemunha, com isso Lorraine soltou a testemunha e a ré **Simone** foi para cima da testemunha e deu dois tapas em seu rosto e virou uma confusão generalizada dentro da casa, diante desse cenário a testemunha ficou presa dentro do quarto, onde dormia com seu filho, ouvindo coisas terríveis por parte da ré **Simone**, sendo uma das coisas que a ré **Simone** mataria o filho da testemunha, na pancada, quando tivesse voltando da escola, esse fato não aconteceu pelo fato da testemunha só abrir a porta para o réu **Carlos**. A testemunha não continuou a frequentar a igreja. Durante o tempo em que permaneceu na casa a testemunha nunca viu nenhum de maltrato físico, só a diferença de tratamento entre os filhos, enquanto os filhos biológicos iam à médicos e faziam cursos, para as outras crianças não, só eram levadas ao médico quando fosse realmente uma necessidade. A testemunha não presenciou e nem soube da briga que ocorreu entre o Pastor Anderson e Misael, informando que eles se davam muito bem. Na casa, ré **Flordelis** tinha contato com as crianças só quando ia alguém importante na casa, quando ia um Pastor renomado na casa, quando ia televisão, nessas ocasiões se via a ré **Flordelis** andando pela casa e tendo contato com as crianças, no dia-dia esse contato não ocorria, ela sempre permanecia em seu quarto, somente saía para realizar suas refeições e ir para igreja. Depois que a testemunha saiu da casa junto com seu filho, que na época tinha 5(cinco) anos, em 2009, a testemunha não visitava a casa, mas chegou a visitar algumas vezes a igreja.

A testemunha **Eduardo da Silva Pereira**, amigo do réu **Carlos Ubiraci**, contou que conhece **Carlos** aproximadamente a 14 anos através de um congresso da igreja realizado no ano de 2006, a testemunha faz parte da igreja Ministério **Flordelis** de Piratininga, onde o réu **Carlos** é Pastor presidente, a testemunha é evangelista na igreja, trabalhando diretamente com o réu. A prestação de contas da igreja, até a morte do Pastor, era entregue ao pela testemunha ao **Pastor Carlos** e ele entregava ao Misael, após a morte do Pastor Anderson, a prestação de constas passou a ser diretamente ao réu **Carlos**, sem a necessidade de remeter ao Misael, visto que ele saiu da igreja. Em que pese o réu **Carlos** fosse o Pastor presidente da igreja, quem coordenava a igreja de fato era a ré **Flordelis** e o Pastor Anderson. A só esteve com **Flordelis** e Anderson, somente na Santa Ceia geral. A testemunha soube do suposto envenenamento sofrido pela Pastora Cristiane por meio da mídia, antes disso a testemunha não tinha conhecimento. Na igreja o réu **Carlos**, além de Pastor ele era um amigo, orientador, sempre lutou pelas pessoas, sempre abraçava a causa das pessoas, o réu **Carlos** era, principalmente, dependente financeiramente da ré **Flordelis**, todo recurso financeiro vinha da **Flordelis**, a única ajuda de custa dada pela igreja ao **Carlos** era o valor de R\$ 50,00 (cinquenta reais) para gasolina, que a testemunha depois elevou para R\$ 100,00 (cem reais), visto que faz parte da tesouraria da igreja. **Carlos** foi trabalhar no gabinete da ré **Flordelis**, ele tinha um salário, o qual ele paga dízimo dele para a igreja, a testemunha não sabe o valor do salário do réu **Carlos**, mas que o dízimo que ele pagava, variava de quatrocentos a quinhentos reais. O réu **Carlos** confessou à testemunha, em duas oportunidades, que ele recebia seu salário e tinha que entregar esse salário para ré **Flordelis**. A testemunha conhece o Ministério **Flordelis**, pelo menos há 14 (quatorze) anos. O meio de sobrevivência do réu **Carlos**, antes de trabalhar no gabinete da ré **Flordelis**, por ser Pastor, era por meio de convite de igrejas que ofertavam um valor pela pregação na igreja, não sabendo precisar o valor variando de igreja para igreja. A testemunha nunca presenciou nenhuma briga entre o Pastor Anderson e a ré **Flordelis**, mas não conhecia os dois intimamente, só conheceu através da Santa Ceia, congresso, com a filial de Piratininga e a sede, para poder realizar o congresso, como se fosse uma união entre as igrejas. A testemunha realiza a contagem da arrecadação, a igreja arrecada cerca de R\$ 20.000,00 (vinte mil reais) por mês. Antes da morte do Pastor Anderson quem pagava as contas da igreja eram Misael e **André**. A testemunha somente frequentava a igreja, não frequentava a casa da ré **Flordelis**.

A testemunha **Cláudia Inês de Barbosa Pinto**, amiga do réu **Carlos Ubiraci**, relatou que conhece o réu **Carlos** da igreja, a testemunha frequenta desde 2009, nessa época a filial era em São Francisco. A testemunha é secretária da igreja. A testemunha não tinha muito acesso à prestação de contas da igreja, mas a prestação de contas, na época em que o

Misael era o tesoureiro da sede, era mandado tudo para a sede, quem mandava era o réu **Carlos** e o evangelista Eduardo. O réu **Carlos** era o Pastor presidente da filial de Niterói, subordinados diretamente à ré **Flordelis** bem como ao Pastor Anderson. O réu **Carlos** sempre foi um excelente Pastor, sempre cuidou muito bem dos fiéis, era sempre prestativo com todos, sempre que qualquer membro da igreja ligasse ele atendia, sempre auxiliava, era uma pessoa que se dedicava inteiramente à igreja, ele gostava de fazer a obra de Deus com muito amor, sempre falava que uma das prioridades da vida dele era a igreja. O réu **Carlos** não recebia nenhum salário da igreja, só havia uma ajuda de custo para a gasolina, antes de exercer um cargo no gabinete da ré **Flordelis**, ele mantinha a família com doações, dependendo diretamente da ré **Flordelis**, a testemunha não tinha o costume de frequentar a casa, passou a frequentar a casa somente após a morte do Pastor Anderson, visto que, após a morte do Pastor Anderson, passou a ter orações na casa, sendo as orações conduzidas por pessoas da sede, a testemunha só viu a ré **Flordelis** uma vez nas orações em que esteve na casa. A testemunha, nas vezes em que frequentou a casa, não ouviu nenhum comentário a respeito da morte do Pastor Anderson.

A testemunha **Érica Dias dos Santos**, filha adotiva pela ré **Flordelis**, afirmou que mora na casa da ré **Flordelis** desde seus 07 (sete) anos, mora há aproximadamente 28 (vinte e oito) anos na casa. A maioria dos membros da casa é negra, cerca de 90% (noventa) dos moradores. A testemunha nunca percebeu algum tratamento diferente tipo de tratamento diferente para com alguns que sejam da cor negra. Na casa, a testemunha cursa faculdade de direito, alguns irmãos e sobrinhos da testemunha fazem faculdade, inclusive o réu **Carlos** fazia faculdade de psicologia, Raquel faz faculdade, Anabel faz faculdade de direito também, Ramon faz faculdade e quem não faz faculdade estuda. Em relação às pessoas que cursam faculdade e relataram que tinham que estudar escondidas no banheiro, visto que a ré **Flordelis** não permitia que estudassem, a testemunha nunca viu ninguém estudando escondido no banheiro, a testemunha inclusive incentiva as crianças a estudarem, na casa há um espaço na sala de jantar, que hoje em dia as pessoas usam para estudar, a testemunha estuda, em particular, no seu quarto, porque na casa há muito barulho de criança, então a testemunha colocou uma mesa em seu quarto para que ela pudesse estudar, especialmente em semana de prova. A testemunha trabalha em uma clínica de fisioterapia em Piratininga. Caso a testemunha precisasse, ela podia contar com o Pastor Anderson e a ré **Flordelis** para o pagamento de sua faculdade, assim que a testemunha começou a faculdade a testemunha falou o Pastor Anderson e a ré **Flordelis**, sua mãe sempre falou que no que ela precisasse ela poderia contar com a sua ajuda, no semestre retrasado a testemunha ficou com uma mensalidade atrasada, por esse motivo ela não conseguiu renovar sua matrícula, com isso a testemunha pediu um empréstimo para **Flordelis**, a

testemunha quis que ela emprestasse o dinheiro, visto que optou por pagar sua faculdade e que **Flordelis** tinha muitas despesas com seus irmãos. O fato de a testemunha trabalhar fora e fazer faculdade não impede com que ela auxilie nas obrigações domésticas. Na casa sempre houve um serviço de escala, visto que uma casa com 50 (cinquenta) pessoas é impossível não haver uma administração nesse sentido, hoje em dia há um sistema de escala para lavar roupa, a testemunha lava roupa aos sábados, já que trabalha a semana inteira, em relação à cozinha, a testemunha fez uma escala pelo fato de seus irmãos estarem presos, na maioria eram eles que administravam, os réus **André** e **Carlos** eram os pilares em questões da igreja, pagamento de contas, como eles foram presos, a testemunha assumiu a responsabilidade de fazer a escala, pelo menos a parte doméstica, a testemunha e sua irmã Taiane fizeram esse sistema, a testemunha normalmente ficava 1 (uma) vez por mês, quando todos ainda estavam na casa, mas teve que passar a ficar 2 (duas) vezes no mês porque tem pouca gente para ficar cozinhando em casa, a cozinheira não está podendo ir, com isso agora há escala até em dia de semana, desde o dia em que a cozinheira foi proibida de entrar na casa. Na casa não existe um tratamento alimentar diferenciado para um grupo em detrimento do outro, na casa a testemunha faz a comida e pode dizer o que há na geladeira. A ré **Flordelis** e o Pastor Anderson viajavam muito a trabalho e sempre que eles chegavam, na maioria das vezes era de madrugada, então não tinha comida pelo fato de todos já terem jantado, com isso o Pastor Anderson colocou uma geladeira no quarto dele, mas essa geladeira era acessível, sempre que alguém quisesse alguma coisa da geladeira deles era só pedir para o Pastor Anderson ou para ré **Flordelis**, falavam para pegar sempre com ordem e decência, pegar de maneira organizada. Com relação a passeios realizados, não existia distinção, todos tinham o mesmo direito, a questão é que existem os filhos que são mais próximos e os filhos que não são mais próximos, a testemunha, por exemplo, não era tão próxima a seus pais, com a morte do Pastor Anderson a testemunha passou a ficar bem mais próxima à ré **Flordelis**, até pelo fato de hoje em dia a testemunha ser uma das filhas mais velhas da casa. O distanciamento, tendo em vista a multiplicidade de pessoas na casa, a testemunha achava que era uma coisa pessoal, a testemunha é uma pessoa muito contida, ela quase não ia ao quarto da **Flordelis**, não por ela ser proibida, mas pelo fato de a testemunha ser uma pessoa muito reservada, mas a testemunha não se sentida desprestigiada e a testemunha nunca teve conhecimento de outros filhos que se sentissem desprestigiados, a testemunha não tinha o costume de conversar com as pessoas sobre esse assunto. O Pastor Anderson sentia um amor absurdo pela ré **Flordelis**, e vice e versa, o Pastor Anderson tratava **Flordelis** como uma rainha e ela também, a testemunha sempre ficou impressionada com o amor dos dois, ela sempre falava para ele que ficava impressionada com a forma que o Pastor Anderson tratava a ré **Flordelis**. A testemunha nunca presenciou nenhuma ameaça feita pela ré **Flordelis** contra o Pastor Anderson. A testemunha não tem

conhecimento que Anabel, Alexandre, Michele e Taiane estariam falando como teria ocorrido a execução, bem como nomeando algum dos acusados como tendo participado da morte do Pastor Anderson., nunca ouviu que **André** e **Simone** tiveram algum tipo de participação no crime. A ré **Simone** participava da escala da casa, ela só não entrava na escala da cozinha, mas ela sempre ajudava na organização da casa, principalmente quando havia faxina na casa. A ré **Marzy** sempre foi uma pessoa temperamental, mas ela nunca viu nenhuma discussão entre a ré e o Pastor Anderson, apesar que ele também era uma pessoa temperamental, mas nunca presenciou nenhuma briga entre a ré e a vítima. A testemunha também não soube de nenhum problema entre a ré **Marzy** e o Pastor Anderson por causa de um furto ocorrido dentro da casa. A testemunha conhece o réu **Carlos** desde que chegou na casa, a testemunha nunca teve problemas com o **Carlos**, inclusive ela até conversava com réu sobre algumas coisas da faculdade. O réu **Carlos** fazia bastante coisa na casa, principalmente na ausência do Pastor Anderson, ele sempre comandava as coisas dentro da casa, no início ele organizava a escala da cozinha, via a questão da bomba de água da casa, se tivesse que levar alguém ao hospital ele levava, via a escola das crianças, o réu **Carlos** seria uma espécie de “paizão” da casa, principalmente na ausência do Pastor Anderson, pelo fato de tanto o Pastor Anderson como a ré **Flordelis** estarem sempre viajando, o réu **Carlos** que tomava conta da casa. Na casa moravam aproximadamente 40 (quarenta) pessoas, sendo mais ou menos 40 (filhos). O réu **André** é uma pessoa muito boa, ele era um dos irmãos que a testemunha mais conversava a respeito de tudo, ele sempre dava conselhos para a testemunha, o **André** também era um dos pilares da casa, na igreja **André** era o segundo tesoureiro, o primeiro era o Misael, dentro da casa o réu **André** resolvia questões de piscina, saúde, escola, fazia compra. O **André** é uma pessoa muito tranquila. **André** fazia compras na casa, ele não era responsável por nada na cozinha, até porque ele nem sabe cozinhar. O réu **André** nunca se queixou para a testemunha a respeito do Pastor Anderson. A testemunha nunca presenciou e nunca ouviu dizer que o réu **André** incentivando os demais irmãos em relação a algum plano para matar o Pastor Anderson. A testemunha não presenciou o episódio no qual a testemunha Regiane teria ido até a casa da ré **Flordelis** para cobrar um Aluguel do réu **Lucas**, ocasião que supostamente foi muito maltratada, além de, supostamente, ter sido ameaçada com um cabo de vassoura pelo réu **Adriano**. O réu **Adriano** é uma pessoa muito tranquila, que nem o réu **André**, ele sempre incentivava as crianças a estudar, é uma pessoa muito tranquila. Misael era o tesoureiro da igreja e da casa, toda a questão financeira passava por ele, então, sempre que precisava de alguma coisa, inclusive as compras, tinha que pegar com Misael, em relação à lista de compras, as pessoas já sabiam o que faltava, sempre que acabava alguma coisa na dispensa as pessoas anotavam e iam no mercado comprar. Quando Misael quando virou vereador ele se afastou um pouco dessa função de tesoureiro, mas não totalmente, então mesmo que precisasse de algumas

coisas, era com ele, não se afastou totalmente das funções de tesoureiro da igreja. A maioria dos recursos eram provenientes da igreja, com isso Misael sempre fazia as contas para poder pagar as contas da igreja, as contas de casa. Até pouco tempo antes da morte do Pastor Anderson, era responsabilidade do Misael, após essa mudança, Daiana e **André**, ficaram responsáveis pela parte financeira, juntamente com Misael. A testemunha não tinha contato diretamente com Misael, visto que ele não morava na casa, sempre que faltava alguma coisa ela pedia para o **André** e ele intermediava esse contato. Na casa não faltava comida na casa, se tivesse faltando alguma coisa a testemunha se dirigia ao responsável financeiro da casa, que ia lá e comprava o que estivesse faltando, só não comprava se não tivesse dinheiro, quando não tinha dinheiro suficiente para comprar carne, comprava-se ovo, a testemunha nunca percebeu nenhuma diferenciação de alimentação na casa, não havendo uma comida mais simples e uma mais rebuscada, se tivesse sorvete era para todos, se tivesse filé mignon era para todos, se tivesse faltando alguma coisa faltava para todos e todos comiam a mesma coisa, inclusive a ré **Flordelis** e o Pastor Anderson. A testemunha cursa faculdade de direito na Universo, o valor da mensalidade é aproximadamente R\$ 778,00 (setecentos e setenta e oito reais), a testemunha trancou a faculdade no ano de 2020 por conta da pandemia, a testemunha ganha de salário o valor de R\$ 1.149,00 (um mil cento e quarenta e nove reais), com esse salário dava para as pessoas arcar com seus compromissos e pagar a faculdade pelo fato de não ser uma pessoa que gasta muito. As despesas da ré **Flordelis** com os irmãos da testemunha, inclui as despesas com os réus presos, a testemunha não sabe exatamente quem leva a custódia para quem, mas que Flávia prepara a custódia, mas não sabe informar se é para todos os presos. Misael era o responsável financeiro, mas quem trazia os recursos, seja da própria igreja ou de outras igrejas, era o Pastor Anderson, mas quem administrava o dinheiro era o Misael, as despesas da casa do Pastor Anderson eram organizadas pelo Misael. A testemunha conheceu Paula Barros, ela é psicóloga da ré **Flordelis**, a testemunha nunca viu, mas ouviu dizer, não sabendo informar por quem soube, que Paula Barros treinava testemunhas para prestar depoimento na delegacia. A “Neinha”, atualmente não está mais na casa, ela saiu da casa pouco tempo depois das prisões dos réus, embora algumas testemunhas, entre elas Regiane e Raquel, tenham afirmado que “Neinha” ainda está na casa, a testemunha reafirmou que a “Neinha” não está mais na casa, que seria a palavra das pessoas que moram na casa contra a palavra de pessoas que não moram na casa. A testemunha afirma que não orientou Gabriela em como prestar depoimento em juízo. A testemunha confirmou que nada acontecia na casa sem que a ré **Flordelis** soubesse, pelo fato dela ser a administradora da casa. A testemunha não sabe da existência do lema: “Negar até a morte”. A testemunha não sabe de nenhuma insatisfação por parte da ré **Flordelis** ou de alguns dos irmãos, em relação à forma que o Pastor Anderson gerenciava o dinheiro, até porque quando ré **Flordelis** ia cantar e o Pastor

Anderson ia pregar, ela sempre tinha o dinheiro dela, a testemunha não soube informar a porcentagem que era destinada à ré **Flordelis**, não sabendo informar se era menos de 50% (cinquenta por cento), visto que era algo pessoal e nunca ouviu nenhum comentário nesse sentido. A testemunha estava dormindo no momento do crime, não sabendo informar quem participou, nem quem atirou e não escutou nenhum comentário na casa a respeito da dinâmica do crime.

A testemunha **Gabriela dos Santos de Souza**, filha adotiva da ré **Flordelis** e da vítima, pela testemunha foi dito que não falou para a testemunha Regiane, que ao sair do presídio, o réu **Adriano** iria atrás dela. A testemunha não possui nenhum tipo de relacionamento com a Regiane, a testemunha conhece Regiane, mas não fala ela, nem mesmo a cumprimenta na rua. A testemunha não recorda a última vez que teve contato com a Regiane. Na madrugada do crime a testemunha estava dormindo, veio a acordar com os gritos da ré **Flordelis** no corredor, assim que acordou e saiu do quarto a testemunha não viu nada, assim que saiu do quarto a testemunha não desceu até a garagem da casa, a testemunha não viu o corpo do Pastor Anderson no chão. A testemunha prestou depoimento em sede policial no dia 24 de julho de 2019, a testemunha foi questionada pelo parquet que em seu depoimento prestado em sede policial relatou que assim que acordou dirigiu-se até a garagem e viu Daniel muito nervoso e o Pastor Anderson caído no chão com muito sangue, diante da indagação do parquet a testemunha negou que tenha visto, mas que prestou depoimento em delegacia, foi perguntado à testemunha se ela estava se sentindo constrangida em prestar o depoimento ou se a testemunha havia tomado algum medicamento antes de prestar o depoimento, sendo respondido de forma negativa, em seguida foi mostrado à testemunha seu termo de depoimento em sede policial, às fls. 19.353/19.355 dos autos, para que a testemunha pudesse reconhecer sua assinatura, ao visualizar sua assinatura a testemunha confirmou que se tratava de sua assinatura. A testemunha não lembra dos fatos narrados em seu depoimento prestado em sede policial. A testemunha informou que normalmente toma medicamento para dormir, em seguida foi questionada se a testemunha toma remédios, informando que toma remédios, mas não sabe informar os remédios que toma, informando somente que não são remédios de tarja preta. A testemunha foi perguntada quem daria os remédios para ela, nesse sentido a testemunha permaneceu-se em silêncio, em seguida foi perguntada se a testemunha estaria bem, se alguém deu alguma coisa para a testemunha tomar ou comer ou se ela havia tomado algo diferente na data da audiência, visto que a testemunha aparentava estar dopada, não parecia estar em seu estado normal, sendo respondido de forma negativa. O remédio que a testemunha toma fica no quarto da ré **Flordelis**. A testemunha não possui nenhuma patologia, nenhum problema de cabeça. A testemunha não lembra de ter visto se o Pastor Anderson estava vivo ou se ele já havia falecido. A

testemunha não viu o **Flávio** no dia dos fatos, a testemunha não lembra de ter declarado isso em sede policial. A testemunha estudou até o primeiro ano do ensino médio, a testemunha não tomou nenhum medicamento nas dependências do fórum e nem em casa antes de ir ao fórum prestar depoimento. A testemunha informou que o medicamento serve para ela não dar crise, para ela não desmaiar, para ela não ter crise de epilepsia. A testemunha não lembra se Carmosina, avó do réu **Flávio**, estava na casa no dia dos fatos. A testemunha não sabe quem socorreu o Pastor Anderson para o hospital. A testemunha não sabe que o **Lucas** se sentia discriminado visto que o Pastor teria falando para o réu **Lucas** que não queria que ele voltasse para a casa. A testemunha não sabe se o Pastor Anderson arrecadava, o dinheiro da igreja em espécie e colocava em uma mochila e levava para a casa. O Pastor Anderson andava com uma mochila de couro preto. A ré **Flordelis** não pediu para a testemunha ver onde estava a mochila do Pastor Anderson e não lembra de ter encontrado a mochila na escada e levado até a ré **Flordelis**. A testemunha foi à delegacia prestar depoimento com “Neinha” e Gerson, filho da ré **Flordelis**. A testemunha não participou de nenhuma reunião para ser orientada no sentido de como prestar depoimento em juízo e que conhece Paula Barros, mas que ela não a orientou quanto ao seu depoimento, bem como não orientou outras pessoas. Quando a testemunha foi prestar depoimento em sede policial, ela não estava acompanhada de advogado. A testemunha se recorda de ter ido uma vez na oficina de Regiane e lembra já ter encontrado Regiane uma vez na padaria. A testemunha não conversou com Regiane na oficina e nem na padaria, a testemunha foi até a oficina da Regiane porque foi chamada por ela, chegando lá foi oferecido à testemunha dinheiro, lanche e foi chamada para morar com Regiane, em que pese a testemunha tenha afirmado que não mantinha nenhum tipo de relação com Regiane, afirmou que Regiane fica cercando-a na rua. A testemunha não sofreu nenhuma para mudar seu depoimento e, juízo. Atualmente a testemunha mora na casa da ré **Flordelis**, atualmente a testemunha depende financeiramente da ré **Flordelis**, não possuindo condições de se sustentar.

Cientificada de seu direito constitucional ao silêncio, a acusada **Flordelis dos Santos de Souza** optou por responder às perguntas. Declarou que os fatos narrados na denúncia não são verdadeiros; que de forma alguma tenha arregimentado familiares para executarem a vítima; que não estava insatisfeita com a forma com que Anderson vinha administrando o dinheiro dela (como parlamentar e cantora) e o da Igreja, porque Anderson já administrava desde o início do casamento. Anderson era articulador de todas as coisas da vida dela como cantora. Quando entrou para gravadora MK Music, foi Anderson que articulou desde a gravação de seu primeiro CD. Que jamais ficou insatisfeita com a administração de Anderson. O salário de parlamentar era integralmente dela. Como cantora, ficava com 40% da agenda, os outros 60% Anderson e Mizael administrava. Como Pastora, na Igreja, não recebia salário

algum porque foi uma escolha pessoal dela deixar como doação e oferta para a Igreja. A Igreja que ela fazia parte e Pastoreava ficava na administração do Anderson e Mizael. Anderson e Mizael administrava todas as finanças das Igrejas. Esse dinheiro era usado para dar ajuda de custo não só aos filhos, mas de todas as pessoas que trabalhavam na Igreja. A ajuda de custo era administrada por Anderson e pelo Mizael, cada um recebia conforme suas funções, valores diferentes. Não sabe precisar quais eram esses valores. Depois que foi eleita deputada, passou a haver insatisfação entre Anderson e Mizael em relação a algumas administrações da Igreja e do gabinete do Mizael, que também Anderson que era o cabeça. Anderson era o chefe, o cabeça de todo grupo. Eles eram um grupo onde Anderson era o articulador principal e o administrador financeiro, e junto com ele era o Mizael. Desconhece que seus parentes, que trabalhavam no gabinete dela e no gabinete do Mizael, eram obrigados a dar parte do salário para a declarante e para Anderson, a chamada rachadinha. Nunca teve nenhum neto lotado em seu gabinete. Nega que **Rayane** trabalhava em seu gabinete, em Brasília. Disse que **Rayane** se mudou para Brasília com o esposo Felipe, e que Felipe foi empregado na Terceira Secretaria da Câmara e **Rayane** ficava no apartamento, cuidando do apartamento; que **Rayane** morava em Brasília por causa do trabalho do esposo, mas que não era lotada em seu gabinete. O esposo de **Rayane**, Felipe, trabalhava na Terceira Secretaria e assessorava o chefe de gabinete da declarante em Brasília, o Guilherme. O marido de **Rayane** era quem assessorava, a **Rayane** não trabalhava. Quem procurava saber de tudo para informar a declarante era Anderson e foi passado para eles o grau de parentesco que poderiam ser colocados ou não na Câmara. Não poderiam ser filhos, genros, noras, irmãos. O esposo da neta poderia e os filhos afetivos, porque não eram biológicos. Nega que havia rachadinha. Para ela, não houve nenhum repasse. Não sabe dizer o porquê de alguns filhos, afetivos e biológicos, ter falado isso em juízo. Alguns falaram que eram obrigados por Anderson, mas ela não tinha conhecimento disso. Nega sobre nada acontecer na família, ou ser permitido em sua residência sem o conhecimento e consentimento dela, porque seu trabalho não lhe permitia isso. Que ficava mais fora de casa do que presente. Possuir uma família pequena e ter controle sobre filhos adolescentes já é muito difícil, imagina a ela, com 55 filhos e tendo que trabalhar viajando. Trabalhava viajando para vários lugares do país e até para fora. Havia viagens em que ficava de 20 (vinte) a 25 (vinte e cinco) dias fora de casa. O controle da casa ficava por conta e responsabilidade de seu filho mais velho, o **Pastor Carlos**. Havia trabalhos que eram muito árduos, tinha cultos, agenda de manhã, as vezes à tarde e à noite e, dava ao **Carlos**, que por ser irmão mais velho e Pastor, os mais novos aprenderam a respeitar a autoridade dele. O que **Carlos** fazia, a declarante e Anderson assinavam em baixo, pois não tinham tempo para ter controle sobre isso devido a agenda dela que era muito cheia e a quantidade de cultos que tinham para fazer, entrevistas em televisão, entrevista em rádio, participar de tardes de autógrafos. Dificilmente

ficava em posse de seu celular nos momentos em que estava trabalhando. Usava o celular fora do trabalho. Na tarde de autógrafos era impossibilitada de usar o celular porque era uma fila grande de pessoas, então o celular ficava na bolsa ou na posse de Anderson. Para fotografar, Anderson usava mais o celular dele do que o dela. A maioria das fotos deles estavam no celular de Anderson. Durante os cultos, não tinha como ficar com o celular porque, para ela, é falta de ética. Muita Igreja já tem até cartaz proibindo uso de celulares durante o culto. Então, durante o culto ela não usava. Usava apenas quando chegava no hotel, para tomar banho, descansar. Chegava no hotel sempre depois de meia noite. Negou que Anderson tenha namorado **Simone**. Conheceu Anderson por causa do grupo do evangelismo da madrugada que faziam. Anderson foi a Igreja para conhecer a acusada e também fazer parte do grupo de evangelismo que fazia recuperação de jovens e adolescentes, na Comunidade. Se conheceram na Igreja. Durante 3 (três) meses, Anderson frequentou a Igreja. Um dia, a acusada começou a se sentir mal, pois tinha problemas renais sérios e precisou se retirar do culto antes de terminar e Anderson pediu para acompanhá-la até em casa. A acusada respondeu que não, porque ficaria mal ele sair com ela antes de o culto terminar. Anderson, então, pediu autorização ao Pastor da Igreja que autorizou, e ele a acompanhou até em casa. Na época, acusada não tinha muita proximidade com a vítima. Na noite em questão, não tinha nenhum parente, nem nenhum filho no culto com ela. A Igreja era pequena e era comandada pela mãe da acusada. Nessa época, Anderson estava com 18 anos. Antes da vítima começar a frequentar a Igreja estava com 17 anos. As pessoas que frequentam a Igreja não se relacionam de imediato. Quando a vítima começou a frequentar a Igreja, que foi quando a acusada o conheceu, ainda era menor de idade, tinha 17 anos. Nega que tenha levado a vítima para morar com ela quando ele ainda tinha 14/15 anos, apenas se conheciam de vista. Conhecia a mãe de Anderson, mas não tinha nenhum contato com ele, nem com a irmã Michele. Quando fala de vista, quer dizer que é a distância. Na favela, se conhece de rua. Vê as pessoas na rua, mas não tem proximidade. Que tenha chegado ao conhecimento dela, Anderson e **Simone** não namoraram quando ele ainda era menor de idade; que ficou sabendo disso pela mídia, depois do crime. Que a mídia falou que ela sabia, mas ela afirma que não sabia. **Simone** é filha biológica da acusada. Adolescentes, às vezes, arrumam namoradinhos na escola e nem sempre a mãe fica sabendo. Depois do crime, quando ficou sabendo que **Simone** tinha mantido esse relacionamento com a vítima, chegou a perguntar sobre para **Simone**, e **Simone** respondeu que não tinha passado de um flerte; que **Simone** não afirmou namoro em momento algum. A acusada, então, perguntou a **Simone** porque isso não chegou ao conhecimento dela, porque antes de ver na mídia, não tinha nenhum conhecimento deste fato. Nem a vítima contou isso para ela. No começo do relacionamento de Anderson com a acusada, **Simone** não tinha nenhum tipo de comportamento negativo em relação a ele, mas, depois de um tempo passou a ter. Depois da separação de **Simone** com

**André, Simone** teve vários outros relacionamentos e Anderson não concordava com isso. Então, com isso, havia discussões entre eles por causa dos relacionamentos de **Simone**. Anderson não foi morar com a acusada como consta na declaração da Mãe dele, é uma inverdade. A mãe de Anderson frequentava um culto chamado “culto de libertação”, dirigido pela mãe da acusada, e **Flordelis** a conhecia de lá. Dona Edna frequentava bastante esses cultos; que Dona Edna não era da Igreja de **Flordelis**, era da Igreja Batista. Dona Edna frequentava sozinha esses cultos e Anderson não morava na casa da acusada. Quando Anderson foi morar com a acusada, ele já tinha 18 anos, depois dos três meses que Anderson passou a frequentar a Igreja. Quando Dona Edna frequentava os cultos os filhos eram menores de idade. Quando **Flordelis** conheceu Anderson ele tinha 17 anos. Na faixa de 14/15 anos só o conhecia de vista, de o ver com Dona Edna na rua, na feirinha. Anderson trabalhava na feirinha, vendendo banana. Confirmou que o conheceu novinho, mas somente se aproximaram quando ele tinha 17 para 18 anos. Era impossível não ter visto antes porque ele trabalhava na feirinha, e ela frequentava a feirinha. Não sabia da objeção por parte da família biológica de Anderson com relação a seu relacionamento, pelo contrário, Dona Edna, antes de tudo acontecer, chamava a acusada de norinha, se davam muito bem. A acusada cuidava de Dona Edna com muito carinho, e Dona Edna sempre teve muito carinho e zelo com a acusada. Sobre Dona Edna se opor ao relacionamento, a acusada diz que a sogra nunca passou isso para ela. Que foi uma estranheza Dona Edna não ter ido visitar Anderson nas vezes em que ele esteve hospitalizado. Que Dona Edna morava em outro Estado, em São Paulo, e raramente se comunicava com Anderson. Raramente Anderson se comunicava com a família biológica dele. Que nunca proibiu Dona Edna de visitar o filho no hospital, nunca faria isso porque também é mãe. O relacionamento da acusada com a vítima era muito bom, tinham um relacionamento além de marido e mulher, eram amigos e tinham uma cumplicidade maravilhosa entre eles. Não mantinham relacionamento com outras pessoas, de jeito nenhum. Quem os conhece, sabe o quanto Anderson tinha ciúmes, carinho, zelo e proteção com ela. Anderson jamais permitiria vê-la sendo tocada por outro homem. As testemunhas que narraram este fato mentiram, com certeza. Anderson jamais a trancaria no quarto com outro homem. Anderson jamais permitiria que outro homem se aproximasse dela a esse ponto. Nega ter ido a uma casa de *swing* com Anderson, no dia do crime. No dia do crime, saíram muito tarde de casa, não era algo anormal, era normal. Quando não tinham agenda viajando, saíam para passear em São Francisco ou Copacabana, tomavam água de coco, sorvete ou um lanche. No dia dos fatos saíram para passear, não para casa de *swing*. Foram para Copacabana, Anderson estacionou o carro e andaram no calçadão. Chegaram a caminhar na praia e brincaram, tinham o hábito de brincar, é um hábito que tinham bastante. Já era bem mais de meia noite. Eles não andavam com seguranças, andavam sozinhos, só os dois. Saíam sempre sozinhos, nunca tiveram o receio de andar

com seguranças. Foram passear e Copacabana é um lugar super agitado à noite, frequentadíssimo em finais de semana, não viam perigo algum. Passearam, comeram petiscos em um bar. Anderson também comeu, pediram um petisco só porque já tinham jantado em casa. Anderson tinha jantado muito pouco, estava sem fome porque tinha lanchado à tarde com as crianças, com os filhos. À tarde, a declarante estava na rua fazendo compras. Lá pelas 21hrs, chamou Anderson porque ele estava trabalhando na casa do filho da acusada, **Adriano**, fazendo artes, pois eles faziam juntos todas as artes da Igreja e da vida dela como cantora. As artes eram feitas pelo Anderson e **Adriano**. Chamou Anderson pela janela e o perguntou se já tinha jantado, Anderson respondeu que não. Anderson estava com **Adriano**, na casa do **Adriano** que é no mesmo terreno da casa dela, mas é um anexo. Chamou Anderson pela janela e perguntou se ele tinha jantado, e ele respondeu pela janela que não tinha jantado. Ela também não tinha jantado e disse que faria uma janta para os dois, porque as crianças já tinham jantado. Ela fez arroz, bife e batata frita, porque era a comida preferida dela. Anderson jantou bem pouquinho. No passeio, comeram gurjão de peixe. Não recorda o horário que saiu de casa para ir à Copacabana, não é muito ligada a questão de horários. Anderson a chamou para sair, ainda estavam na cozinha quando Anderson falou “*amor, vamos sair?*”, pois já fazia um tempinho que não saíam porque estavam com a agenda muito agitada, bem corrida. Ela estava bastante cansada no dia, porque passou o dia inteiro fazendo compras com os filhos e foi à vários lugares. Anderson disse “*já faz um tempo que a gente não sai juntos*”, e ela perguntou onde iriam e Anderson disse que só iriam andar, passear como tem o costume de fazer, conversar, se distraírem um pouco e não perder o costume de sair. A declarante, então, pegou um vestido emprestado com a filha Isabel, porque não precisava se arrumar muito, entrou no carro e Anderson pegou o caminho da ponte. Ela perguntou para onde iriam e Anderson respondeu que iriam à Copacabana, passear. Não sabe o nome do bar que comeram, só sabe era no calçadão de Copacabana. Comeram e brincaram muito. Anderson tinha o hábito de todos os dias perguntar “*amor, já disse que te amo hoje?*”. E no dia, brincando, ela respondeu que não. Anderson então abriu os braços e gritou que a amava e se abraçaram. Depois entraram no carro e foram passear mais um pouco. Ela não sabe muito de lugares. Anderson a levou para um lugar que não tinha quiosques, não tinha lojas, mas tinha carros. Um lugar mais deserto, de praia, onde tinham vários carros. Pararam, namoraram. Saíram do carro e ela sentou no capô para conversarem. Ficaram falando da vida deles, dos projetos, pois tinham muitos projetos futuros. Voltaram para casa. Saíram da rua era quase 3 (três) horas da manhã. Quando chegaram em São Francisco a rua estava deserta. Ela anda no carro jogando joguinhos e, quando chegou nos cruzamentos em São Francisco, uma moto com duas pessoas a chamou atenção. Tinha o da frente e o carona e ambos estavam de casaco, e com capuz do casaco na cabeça. Ela reparou na mão e se assustou, devido ao horário e o deserto que se encontrava. Imediatamente olhou para mão do

carona e não vi arma nenhuma. Comentou com Anderson que não era mais hora deles ficarem andando na rua. Quando chegou na Serrinha, tornou a ver a mesma moto, mas depois que passou o posto, do cruzamento que vai para Piratininga e a pista que segue para ir para casa dela, não viu mais a moto. Chegaram em casa e Anderson bateu o controle na mão, porque o controle do portão, às vezes, dava problema. O portão abriu e ela desceu do carro. Estava descalça, porque tinha andado descalça na rua. Pegou seu calçado e sua bolsa dentro do carro, e desceu do lado do carona. Anderson também abriu a porta do carro, sempre no celular porque ele tinha hábito de deixar tudo adiantado para o dia seguinte no celular, mandava mensagens para as pessoas, de trabalho, já para o dia seguinte, sempre andava à frente dos problemas. Era hábito de Anderson andar direto no celular, independente do horário. A ferramenta de trabalho dele era o celular. Anderson estava no celular quando ela desceu do carro. Ela saiu pelo carona e quando chegou na traseira do carro falou para Anderson: *“Carinha, fecha o portão da garagem”*. Na casa dela são dois portões, duas entradas. Falou para ele fechar o portão por onde tinham entrado, a outra entrada não tinha como porque é muito escuro o local e tem coqueiros, matos e plantas que impossibilitam a visibilidade. Tinham dois cachorros que ficavam soltos. Só viu um cachorro na chegada, o Nielzinho. Ela falou para Anderson fechar o portão e foi na porta do closet do quarto deles, para ver se ainda estava aberta pois tinha entrado com as compras que tinha feito à tarde. Na garagem chegou a ver o Nielzinho. Os cachorros não latiam porque eram adestrados, mas a fêmea era muito arteira. O Nielzinho late com estranhos. Quando ela chegou, Nielzinho não estava latindo. Ela mexeu na porta do closet para ver se ainda estava aberta e estava. Declarou que desceu do carro, pelo lado do carona e foi para a traseira do carro, porta malas. Anderson ainda estava na porta do motorista, mas já tinha descido e estava com o celular na mão, mandando mensagens. Ela disse para Anderson fechar o portão e foi mexer na porta do closet, para ver se estava aberta e estava. A porta do closet fica no mesmo piso da garagem, onde fica o carro. Closet este do quarto da declarante e de Anderson. Só o closet é no mesmo pavimento, o quarto não. O closet era onde ficavam as roupas do casal, os relógios de Anderson. A porta do closet estava aberta, costumava ficar aberta, não era algo anormal. Quando chegou na porta do closet e viu que estava aberta brincou *“vamos entrar por aqui hoje”*, e quando olhou, Anderson já estava abrindo a porta do carona, de trás, para pegar a mochila dele. Anderson pegou a mochila e continuava com o celular na mão. Foi a última visão que a declarante teve dele. Ela olhou, falou para ele não esquecer de fechar o portão e entrou com a bolsa e o calçado na mão. A declarante abriu a porta do closet e deixou aberta. A última vez que ela viu, Anderson estava fechando a porta do carona já com a mochila e o telefone na mão. Anderson iria entrar pelo closet. O lugar mais fácil para entrar para o quarto era pelo closet. Não avisou a ninguém da casa e nem de fora que estavam retornando para casa. O hábito dela, aos sábados, era enviar mensagem para alguns filhos, principalmente **Marzy, André** (que não

morava dentro da casa, mas morava em um anexo que fica no mesmo quintal). Tinha culto domingo de manhã, então tinha o hábito de pedir que alguém a acordasse às 8 (oito) horas da manhã porque precisava sair para ir à Igreja domingo de manhã. Tinha trabalhos a fazer todos os domingos pela manhã, mas não colocava o próprio celular para despertar para não acordar Anderson, para que ele permanecesse dormindo. Não era costume de Anderson ficar escrevendo no celular de cueca. A declarante não viu Anderson entrar no closet. Ela entrou, subiu, chegando no quarto acendeu a luz, jogou a bolsa e calçado em cima da cama de solteiro que fica no quarto dela e abriu a porta do quarto para olhar a casa. Estava escuro na direção da cozinha, porque o quarto dela dá quase de frente para o quarto da mãe dela, e dá para ver a cozinha quando as luzes ficam acesas. As luzes em baixo estavam apagadas. O quarto dela fica no segundo andar. Ela foi para o terceiro andar para ver as crianças. É um hábito dela, quando está em casa, ir aos quartos desligar a televisão, ver se ainda tem alguém acordado. Vai a todos os quartos. Todas as vezes que chega em casa vai verificar se a porta dos quartos estão todas fechadas. Abre todas as portas para ver quem está no quarto, quem está dormindo e não está. No dia do crime, foi no quarto da **Marzy** e Michelle, e estava fechado. O antigo quarto do **Lucas** e também estava fechado. Foi ao quarto da **Simone**, onde **Simone** dormia com os filhos dela, a porta estava encostada mas não trancada, ela entrou e estava tudo escuro. Nesse momento, deu vontade de ir ao banheiro e ela foi ao closet do quarto da **Simone**. Quando saiu do banheiro, percebeu uma luz acesa na bi-cama do quarto e foi em direção a luz e era o Ramon, que ainda estava acordado e ela começou a conversar com ele. Ramon dormia junto com **Simone** e as filhas dela. O celular de Ramon estava ligado, então ela viu a luz do celular, se dirigiu até a cama dele e começaram a conversar. Ela falou para Ramon *“menino, acordado até essa hora? Não vai para Igreja de manhã?”*, e Ramon respondeu que não, que só iria à noite. Ela comentou com Ramon que o Pai Niel iria às 10:30h porque tinha uma reunião ministerial na Igreja naquele domingo. Ficou parada conversando com o Ramon. Depois de um tempo conversando com Ramon, ouviu os tiros. Foi nesses três quartos e dois estavam trancados, não sabe se tinha ou não gente dentro. Único quarto que viu alguém foi este que estava Ramon, não viu quem mais estava dentro pois estava escuro. Ouviu 6 (seis) tiros, sendo quatro seguidos com breve intervalo e mais 2 (dois). A neta Rafaela estava no quarto e ela não tinha visto. Durante os tiros, Rafaela levantou, acenderam a luz do quarto e Thayane (que dormia no segundo andar) entrou no quarto da **Simone** correndo e agarrou a declarante. Rafaela correu para fechar a porta do quarto, estava muito nervosa, e a declarante abriu, não deixou que Rafaela fechasse. E a declarante abraçada com Thayane, porque Thayane tinha subido correndo. Depois dos 6 (seis) tiros, ouviu a voz do **Flávio** gritando: *“mãe, mãe, cadê você? Aonde você está?”*. A declarante gritou que estava no andar de cima. Quando abriu a porta do quarto da **Simone**, estava **Flávio** e Daniel na porta do quarto da **Simone**. Ela foi no quarto onde dormem as crianças menores e elas

estavam dormindo, ainda não tinham acordado com os gritos. Ela percebeu que havia uma dificuldade no quarto da Isabel e Anabel, elas já estavam nervosas e agitadas pedindo para que alguém abrisse a porta porque a porta delas tinha emperrado e não estavam conseguindo abrir. Então Daniel correu e arrombou a porta do quarto da Anabel e Isabel com um chute. Vânia e Gabriela também saíram do quarto delas. A declarante começou a gritar Anderson, porque em qualquer situação de pânico, de perigo, a primeira pessoa que iria ao socorro dela seria ele. Na confusão e alvoroço dos filhos ela não o viu e começou a gritar o nome dele e ele não respondia. Quando desceu, Ramon, **Flávio** e Daniel já não estavam mais no corredor. Percebeu que as filhas passaram a tentar impedi-la de descer as escadas, porque ela foi na direção de descer correndo, gritando por Anderson. Percebeu que alguma coisa tinha acontecido porque as filhas estavam tentando impedir que ela descesse. Quando a declarante chegou na porta do quarto dela, **Adriano** já tinha entrado na casa e colocou a mão nas costas dela. Quando a declarante entrou no quarto dela, a filha Isabel estava na janela do quarto que dá para garagem. Quando a declarante entrou, Isabel fechou a janela correndo. Não viu mais o **Flávio** e o Daniel, só os viu momentaneamente em frente ao quarto da **Simone**. Os disparos aconteceram de 10 a 15 minutos depois que ela entrou na casa. Negou que tenha determinado que Ramon ou outra pessoa limpasse a cena do crime, até porque não tinha mais condições emocionais de raciocinar. Escutou o barulho do carro saindo e assim que desceu o filho **Adriano** comunicou que Anderson tinha sido baleado. O carro saiu, o filho e a nora que estavam com ela comunicaram que Anderson tinha sido levado ao hospital. Ela começou a gritar pedindo que a levassem para o hospital. Pediu que levassem porque ela não sabe dirigir. Pediu que a levassem correndo para o hospital porque ela queria ver Anderson. Foi levada para o hospital e quando chegou lá, tinha uma certeza muito grande de que Anderson estava vivo. Foi atendida por uma médica e só depois de medicada a médica comunicou que Anderson tinha falecido. Ela pedia para ver Anderson e conversar com ele, e a médica então, só depois que a medicou, disse que Anderson tinha ido a óbito. Viu nas reportagens que quando Anderson foi alvejado foi encontrado só de cueca. Dias depois, a declarante viu que a calça que Anderson usava no dia do crime estava jogada por cima das blusas dela, dentro do closet. É uma distância da porta de entrada para onde ficam as blusas dela. Tem uma distância de onde ela está depondo para onde a Juíza fica sentada. Não viu a camisa, sumiu. Não chegou a perguntar ao Ramon sobre essa roupa. Não perguntou a Ramon sobre a blusa. Não sabe se a blusa foi queimada. No dia da reconstituição, o perito perguntou se ela queria falar algo a mais e ela respondeu que sim, porque alguns dias depois quando ela desceu no closet, percebeu uma bermuda de Anderson no chão. Achou a bermuda e a calça no mesmo dia. Havia uma bermuda no chão, próximo de onde ficavam as bermudas de Anderson guardadas, dando a entender que Anderson havia aberto a gaveta para pegar a bermuda e a bermuda estava no chão. A

declarante disse ao perito que entendeu que Anderson tinha tirado a calça e havia aberto a gaveta, porque a bermuda não estava ali quando eles saíram e chegaram. A bermuda caída no chão estava na direção da gaveta. O perito pediu que ela mostrasse a direção da gaveta que ficava guardada as bermudas. Ela mostrou e o perito abriu, para conferir se realmente era a gaveta das bermudas. A mochila de Anderson estava na subida da escada e ela não sabe quem colocou lá. Não sabe se algum filho pegou essa mochila. A maioria das coisas a declarante ficou sabendo depois, pela mídia. A mochila foi encontrada pelos filhos na escada. Não sabe se algum filho retirou a mochila do local onde estava, nem o porquê, não perguntou. Bem depois da morte de Anderson, a mochila ficou sendo usada pelo **Adriano**, porque **Adriano** era o filho mais agarrado com Anderson. Anderson e **Adriano** tinham uma aproximação muito grande. Quando perguntada se não era o Mizael o filho mais próximo de Anderson, a declarante disse que Mizael é o administrador financeiro, que ela está falando de afinidade e carinho. Na forma de carinho, de brincar de bebezão o mais próximo era o **Adriano**. **Adriano** acompanhava Anderson para o trabalho, trabalhavam juntos, iam e voltavam para o Centro do Rio juntos. Trabalhavam de madrugada em casa, fazendo artes juntos. **Adriano** e Anderson eram bem agarrados. **Adriano** era o filho mais agarrado afetivamente com Anderson. **Adriano** e Anderson não tinham idades próximas. **Adriano** é filho biológico da declarante, mas a declarante não sabe afirmar a idade dele. Depois que teve isquemia passou a ter problemas de esquecimento. Toma remédios até hoje, por causa da isquemia que teve. Então, tem muita dificuldade de saber corretamente por ter muitos filhos, mistura as idades, erra muito nessa questão de idade. Daniel, assim como **Adriano**, mora em um anexo fora da casa. Quando a declarante chegou na porta, **Flávio** e Daniel estavam juntos. O quarto do Daniel, já que é um anexo, fica mais distante do que o do **Flávio**. Ficou sabendo que o local do crime foi limpo pelo sobrinho Anderson Siqueira, no dia seguinte. Soube que Anderson que lavou o local, mas ela não viu. A polícia já tinha ido à casa. Não sabe quem mexeu na cena do crime antes da Polícia chegar. A maioria das coisas que sabe ficou sabendo pela mídia. Disse que o Ramon afirma que não limpou o local; que Ramon falou que mexeu e entregou as cápsulas a polícia; que todos que estavam lá na hora, mexeram na cena do crime, Ramon, Daniel, **André**, **Flávio**. **Simone** não estava em casa. Tinham ido ao teatro, depois, alguns filhos retornaram para casa e **Simone** saiu com o namorado, foi passar a noite fora. A declarante não viu **Simone**. As luzes do quarto de **Simone** foram acesas e **Simone** não estava em casa. A Lorraine também não estava em casa. **Marzy** também não estava, a declarante não a viu. Depois, ficou sabendo que depois da saída dela e de Anderson, Mizael passou na casa para buscar **Marzy**. Lorraine, **Marzy** e **Simone** são os que ela pode afirmar que não estavam em casa. Perto da casa sempre tem uma viatura, principalmente aos finais de semana. Moram em uma área que é próxima à favela, uma pista onde tem bastante assaltos e **Flávio** saiu para ver se a viatura policial ainda estava

no local e infelizmente não estava. Nesse momento, o que sabe é que o Ramon e **André** estavam ligando para o socorro. **André** não conseguiu por causa do estado emocional que se encontrava, então o Ramon ficou conversando com o atendente. Ficou sabendo que a pessoa que atendeu ficou perguntando se havia algum sinal vital, se Anderson estava ou não respirando, essas coisas que o socorro pergunta. Nisso o Daniel, que é muito agitado, muito nervoso, deu um soco no cachorro Nielzinho, porque Nielzinho estava perto, e gritava para que ajudassem a pegar Anderson no colo para colocarem dentro do carro. Foi quando **Flávio** ajudou a pegar Anderson no colo e colocou na traseira do carro para levarem para o hospital. Não sabe quanto tempo demoraram para socorrer. Não sabe dizer, mas acredita que não foi 20/30 minutos, até porque no local, pelas fotos, tinha pouco sangue. Segundo Ramon, ele não tirou o sangue. Ramon não é um menino que tenha esse hábito. Ramon é neto biológico da acusada. Com relação aos cachorros, ela jamais mandaria dar veneno. Poucos dias depois do crime, um cachorro faleceu. Depois do crime, com o passar dos dias, o cachorro passou a comer menos ração e beber pouca água. Depois, foi informado a ela porque ela estava de cama, ficou alguns dias deitada. Informaram a ela que o Nielzinho não estava bem e ela levantou e foi ver o que estava acontecendo com o cachorro. Era um cachorro saudável, ela fez carinho e conversou com ele. Tentou dar ração na mão para que ele comesse. A declarante levou o cachorro ao veterinário. Não perguntou ao veterinário sobre ingestão de veneno porque não tinha essa informação. Só o levou às pressas ao veterinário e Nielzinho precisou ser internado, não pôde voltar para casa. Quando fez um mês exato da morte de Anderson, o veterinário ligou para a declarante, porque Nielzinho ainda estava internado e quando ela chegou na veterinária o veterinário disse que precisava sacrificar porque Nielzinho estava em sofrimento, os rins haviam paralisado. Com relação a arma de fogo do **Flávio**, ela nunca viu, mas disse que ele fazia um curso de tiro. O **Flávio** tinha um sonho, queria muito ser policial e estava recebendo ameaças. Ameaças do possível namorado da ex-esposa dele. Havia uma medida restritiva, inclusive quando a nora ligou para a declarante, mencionou o nervosismo do **Flávio**. A acusada falou para nora ir a uma delegacia, porque jamais admitiria que um filho fizesse qualquer tipo de ameaça a alguém. Ela falou para nora que se isso estivesse acontecendo que era para ela denunciar. A nora fez a denúncia e houve uma medida restritiva. Ficou sabendo depois que **Flávio** teria mandado uma foto de arma para nora. **Flávio** ouvia bastante o Anderson. Quando a Tatiana começou a fazer queixas, Anderson estava fazendo um seminário em Brasília. Estava começando a organizar o Seminário de adoção. Para tentar evitar problemas, Anderson chamou **Flávio** para ajudá-lo na coordenação desse seminário, levando **Flávio** junto com eles para Brasília. Que ela saiba, **Flávio** não chegou a agredir fisicamente a esposa. O **Flávio** sempre foi uma pessoa muito quieta. **Flávio** tinha uma boa relação com a vítima, tanto que foi ajudar Anderson no seminário em Brasília. **Flávio** foi para Brasília a convite de Anderson. **Flávio** e

Anderson se davam normalmente, como **Flávio** se dava com os demais da casa. Há bastante tempo **Flávio** já não morava mais na casa da acusada, voltou a morar por causa da separação do casamento dele. O relacionamento do **Flávio** com todos da casa, inclusive com Anderson estava normal nesse período. **Flávio** nunca comentou com a acusada que tinha descontentamento em relação a administração financeira de Anderson. Nunca verificou nenhuma animosidade entre **Flávio** e Anderson. Antes do crime, a acusada não determinou e não tinha conhecimento que estavam ministrando veneno na comida da vítima, afirma que isso é praticamente impossível porque Anderson tinha alguns hábitos que era dele. Inclusive, um desses hábitos era ele mesmo colocar a comida dele. Ele mesmo gostava de colocar, ele gostava de caldinho por baixo. Ele mesmo gostava de colocar a comida dele no prato, e quando não colocava, tinha o hábito de brincar, passava na mesa e quando tinha filhos, menores ou maiores comendo, ele puxava o prato de alguém e saía para o quarto para comer a comida de um dos filhos. Quem preparava a bebida e comida não era Anderson. Anderson tomava remédios ministrados, às vezes, por ele mesmo. Só quando ele estava bem mal ele pedia ao **Carlos**, a acusada ou a Neinha para que colocasse o remédio em algum suco porque ele odiava tomar Rivotril. Não era dado nenhum remédio escondido para ele, sem que ele tivesse ciência do que estava tomando. Anderson era difícil de ser tratado, mas não precisava colocar escondido para que ele tomasse. Jamais determinou que fosse colocado veneno escondido na comida e bebida de Anderson, e não tinha conhecimento que os filhos fizessem isso. Ficou sabendo disso depois da morte de Anderson, foi informada na delegacia e pela mídia que havia a possibilidade de alguém ter colocado veneno na comida de Anderson. Perguntou sobre isso aos filhos principais, que coordenavam a casa e a cozinheira Neinha, que já está com ela há mais de 10 anos, mas que não trabalha mais lá, está afastada por ordem judicial. Neinha foi uma empregada que foi levada pelo Mizael para fazer comida na casa da acusada, pela afinidade e confiança que Mizael já tinha com ela na Igreja, tanto que foi Mizael quem assinou a carteira dela. Neinha ficou com eles até o que período em que foi ordenada ao afastamento. Finais de semana Neinha não ficava na casa, então eles tinham uma escala de fim de semana. Mas, nos finais de semana, Anderson e a acusada raramente ficavam em casa devido a agenda de final de semana que era bem cheia, como cantora. Ganhou disco de platina, então era raro o sábado que ela conseguia ficar em casa, sempre estavam fora de casa, fora do Rio de Janeiro. Aos domingos, passava o dia inteiro na Igreja e Anderson ia à noite. Por volta das 17 horas era o horário que Anderson chegava na Igreja aos domingos. Teve conhecimento que **Marzy** chegou a confirmar para a esposa do Mizael que estava colocando veneno na comida de Anderson. Chegou a conversar sobre com **Marzy**, mas **Marzy** não confirmou para ela que estava colocando veneno na comida de Anderson. Nega que chegou a mandar mensagem, tentando contratar o **Lucas** para matar Anderson. Sobre a **Marzy** ter contado para a esposa do Mizael que quem

digitou essa mensagem foi a acusada, e que depois entregou para **Marzy** para ela entregar para o **Lucas**, a acusada diz ser mentira, que ficou sabendo dessa mensagem pelo próprio **Lucas**; que **Lucas** não morava mais com ela, o **Lucas** levou o celular dele na casa da acusada; que entre Anderson e **Lucas** estava havendo um desconforto pela escolha que **Lucas** tinha tomado na vida dele, em razão do envolvimento com o tráfico, e Anderson não aceitou esse envolvimento. Não é essa vida que sonhavam para os filhos. **Lucas** trabalhava no vídeo da Igreja, trabalhava no som da Igreja junto com um operador chamado Serginho que ensinou **Lucas** a mexer no som, e, inclusive, convidou **Lucas** para ir a alguns bailes que ele fazia, porque era o trabalho do Serginho. Serginho ensinou **Lucas** a operar a mesa digital, operar no som da Igreja. **Lucas** era ativo na Igreja, na operação do som e do vídeo, era um menino super responsável e ativo na Igreja, razão de muita alegria deles, então, quando **Lucas** tomou a iniciativa de sair de casa... Quando **Lucas** foi mostrar a mensagem, a declarante tomou um susto. Não sabe de cor toda a mensagem, mas o início era que **Marzy** estava oferecendo dinheiro para o **Lucas** conseguir junto com alguns amigos tramar um assalto e matar Anderson. A declarante printou a mensagem e apagou do celular do **Lucas**. Conversou muito com **Lucas** nesse dia, disse *“filho, não faz isso”*. Quando **Lucas** mostrou, disse *“tá vendo aí, que não sou só eu que tô com raiva do cara aí”*. **Lucas** já não tratava mais Anderson como pai. Essa mensagem foi enviada do celular da acusada. As pessoas costumavam enviar mensagens do celular dela, sem o conhecimento dela. Todos da casa tinham acesso ao celular dela, inclusive os netos pequenos. Essa declaração da **Marzy** junto a esposa do Mizael é mentira. A acusada mostrou essa mensagem para Anderson. Ela foi a primeira pessoa que mostrou essa mensagem para Anderson, inclusive pedindo para ele ir a uma delegacia, porque era uma coisa grave, disse para Anderson: *“amor, isso aqui não é brincadeira, é uma coisa muito séria. Você precisa ir a uma delegacia prestar uma queixa”*, Anderson sentou com ela e disse: *“amor, eu sou um Pastor renomado. Você acabou de se tornar Deputada Federal. Se nós formos a uma delegacia, imagine amanhã a imprensa, como vai estar sendo isso. Deixa que eu resolvo, eu não quero exposição com meu nome. Deixa que eu resolvo”*. Ela acreditou que ele iria resolver, porque tudo que ele dizia que resolveria, ele realmente resolvia. Anderson é uma pessoa muito capaz e resolvia as questões que dizia que iria resolver. A postura dela foi pedir para Anderson resolver a situação. A acusada procurou pela **Marzy** perguntando o porquê daquilo. **Marzy** já estava ficando mais fora do que na casa, já não estava mais tão frequente. Houve uma reunião entre **Marzy** e Anderson, para conversar sobre o assunto, porque **Marzy** estava sendo castigada por Anderson por algo que **Marzy** tinha feito. **Marzy** tinha roubado um dinheiro de Anderson. Antes do roubo, a relação entre **Marzy** e Anderson estava boa. Na conversa, **Marzy** confessou para Anderson sobre a trama e Anderson reconheceu que havia exagerado na dose da punição, porque Anderson tornou público no pátio da Igreja o que **Marzy** tinha feito. Aos

domingos, Anderson tinha o costume de sair com os amigos e alguns filhos para ir ao Tchê. Eles iam jantar fora, no Tchê, faziam revezamento de filhos, cada domingo levava um grupo de filhos diferente e ia no carro de amigos. A **Marzy** foi entrar no carro para ir e nesse dia, então, Anderson fez **Marzy** passar vergonha no pátio da Igreja. Anderson falou “**Marzy**, onde é que você vai?”, e **Marzy** respondeu “*eu também vou*”, Aí Anderson “*Você esqueceu o que você fez? Você roubou!*”. Como tinha muita gente no pátio, **Marzy** se sentiu muito humilhada e foi daí que surgiu nela esse sentimento de raiva por Anderson. Mas **Marzy** e Anderson se acertaram e Anderson reconheceu que tinha passado dos limites, se abraçaram e houve uma oração de perdão. **Marzy** demonstrou arrependimento e isso ficou notório para toda a casa. Toda a casa tomou ciência de que tinha sido **Marzy** e que o problema havia sido resolvido. Não tinha ciência de que a arma usada no crime estava em cima do guarda roupa, no quarto do **Flávio**. O fato de ela ser Deputada Federal não quer dizer que na casa dela não possa ter busca e apreensão, até porque nos últimos tempos temos visto bastante noticiário da posição do Ministério Público, tanto estadual quanto federal, em relação a Deputados Estaduais e Federais que cometem delitos. Ficou surpresa quando viu a imagem de como a arma foi mexida na casa. Viu imagens da arma sendo mexida com as mãos. Foi informada pelo advogado, ela perguntou ao advogado sobre a possibilidade, de como isso é feito, de como é realizado e o advogado colocou para ela todas as coisas, de forma técnica. Falou de forma técnica da impossibilidade da forma que a perícia foi feita, da forma que foi feito esse exame de DNA sem a autorização do **Flávio**. Ficou muito surpresa de que a arma usada no crime ser do **Flávio**. Soube da confissão do **Flávio** na Delegacia estava dentro do carro quando isso ocorreu. Estava no carro de um amigo, chamado Hugo Melo, quando o telefone do Hugo tocou e era a Dra. Luciene. Hugo colocou no Viva-voz, passou o telefone para que a acusada ouvisse e o **Flávio** estava aos gritos no telefone, dizendo que havia confessado, mas que não tinha sido ele. **Flávio** dizia: “*Mãe, pelo menos você tem que acreditar em mim, que não fui eu. Eu confessei, mas não fui eu, mãe. Não fui eu, não fui eu*”. **Flávio** gritava e ela começou a gritar também, perguntando porque **Flávio** tinha feito aquilo. **Flávio** tinha ligado do telefone da Dra. Luciene e o telefone foi desligado. Não sabe se **Flávio** teve autorização para ligar do telefone da Dra. Luciene, não buscou saber. Não teve ciência de que **Flávio** confessou junto ao Daniel, Luan e Mizael o crime na Delegacia, dizendo que efetivamente foi ele e que pediu perdão por ter praticado o crime, nenhum deles conversou sobre com ela. Ela procurou pelo filho Mizael, por várias vezes. Se buscarem o telefone dela, que foi apreendido na DH, tem várias mensagens dela para Mizael, inclusive escrito: “*eu não criei um covarde, eu criei um homem, e não adianta você fugir porque nós precisamos ter uma conversa e nós vamos ter essa conversa*”. Depois disso, não viu mais o **Flávio**, não esteve mais com ele. Não teve mais nenhum contato pelo celular. Negou ter dado destino ao celular da vítima, não mandou jogar da ponte Rio-Niterói, jamais faria isso, até porque, no telefone da

vítima tem muitas coisas que a interessam bastante. Há uma história de vida no celular de Anderson e ela não tem porque, não tem motivos nenhum para dar sumiço no celular de Anderson. Estranhou saber depois que o filho Mizael havia pedido a um amigo, o Márcio Buba, para ir na casa buscar o telefone. Quando a acusada ficou sabendo que o Buba tinha ido na casa, buscar o celular a mando do Mizael, tentou entrar em contato com Buba para saber onde estava o celular de Anderson, porque o celular de Anderson interessava a ela e ela precisava saber onde estava. Até então, ela não sabia. Depois do crime, não foi ela quem deu destino ao celular de Anderson. Buba mencionou que realmente o Mizael tinha pedido para que ele fosse na casa buscar o celular e tirar de onde estava, que Mizael sabia onde estava e ela não sabe por quem Mizael foi informado. Buba foi no local onde Mizael havia dito que o celular estava, levou no pátio do prédio onde ele estava morando. Mizael pegou no celular de Anderson, dito pelo próprio Buba. Declarou que tentou saber o paradeiro do celular, mas até hoje não sabe. O celular não foi entregue a acusada. Ela não mandou destruir o celular de Anderson. Reni é secretária da Igreja, trabalhava com a acusada e era de confiança dela e de todos na Igreja. Não lembra de ter tido mais o celular de Anderson em suas mãos. Estava sedada, não lembra. Lembra da questão do Buba, do celular, porque foi contado a ela dias depois. O próprio Márcio Buba foi quem contou a história porque ela ficou sabendo também pela mídia e perguntou a ele. Pediu que ele fosse na casa dela, porque ela queria saber da história. Ela não queria saber pela mídia, queria saber pelo próprio Márcio, disse: *“Márcio, eu quero saber que história é essa do celular, e onde é que está esse celular, onde foi parar esse celular?”*. Márcio disse: *“eu voltei e coloquei no mesmo lugar onde eu peguei”*. E a acusada não pegou esse celular, nem mandou que algum filho pegasse. A acusada não sabe do celular do **Flávio**. Não sabe se **Simone** colocou o celular do **Flávio** na bolsa da declarante, porque a bolsa dela, quando está com alguns filhos, a bolsa sempre fica na mão e responsabilidade de algum filho. Ela não viu o celular e não lembra da prisão do **Flávio**, porque estava muito sedada. Também não lembra se o celular do **Flávio** foi colocado na bolsa dela. Não sabe qual destino foi dado ao celular do **Flávio**. A **Simone** depois, quando a acusada perguntou pelo celular do **Flávio**, mencionou que o **Flávio** realmente tinha jogado o celular, dinheiro e cartão no colo da **Simone** e **Simone** tinha guardado na bolsa da acusada e **Simone** tinha ficado com a bolsa da acusada, mas que depois, **Simone** tirou da bolsa da acusada e a acusada não sabe quem deu destino. Disse que nessa questão do celular do **Flávio**, tem que perguntar a **Simone**. No início, a acusada achou que o celular do **Flávio** estava na Delegacia, por causa da busca e apreensão. Na busca e apreensão, a acusada viu vários celulares sendo colocados dentro de um saco, e ela achou que o celular do **Flávio** estava entre esses. O celular da acusada também sumiu. Ela não tinha mais de um celular, não tinha dois aparelhos, tinha um único celular que também sumiu. A DH foi na casa da acusada, fazer busca e apreensão e levou o celular da acusada. O celular dela foi pra DH e

ela não sabe onde está até hoje. O número do celular que foi apreendido é 9121-8074, o único que ela tinha. Não tinha um chip extra. Nega ter feito reunião com psicólogo e advogado para orientar o que poderia ser falado ou não durante depoimento, até porque, não tinha condições emocionais e nem físicas para tomar nenhuma atitude desse nível dentro de sua casa depois da morte de Anderson e até hoje não tem condição. Conheceu Paula Barros depois da morte de Anderson, na Igreja. Paula Barros foi na casa, a princípio, para visitar como Pastora e fazer orações, tudo depois da morte de Anderson. Paula Barros é Pastora e Atleta, e os filhos da acusada a admiravam. A neta da declarante ia viajar para fora do país para praticar futebol e estudar em uma faculdade, então, houve uma afinidade muito grande entre a neta da acusada e Paula Barros. Paula Barros, então, passou a ir à casa da acusada alguns dias, acompanhada de sua mãe seu esposo para fazer orações, porque isso é hábito de Pastores, e não só Paula, mas outros Pastores também frequentavam a casa para fazer orações. Ao saber que Paula Barros é psicóloga, Paula ia muito a casa conversar com a acusada para saber como estava o estado emocional, mas a acusada já tinha sido levada por amigos a um psiquiatra, porque precisava de tratamento, por causa da isquemia. Que a acusada saiba, Paula Barros não deu nenhuma orientação aos seus filhos sobre o que poderia ser dito, nem as menores, quem falou isso está mentindo. A acusada jamais faria ou admitiria que alguém fizesse isso. Não achou que a DH tivesse colocado escuta na residência, até porque, para isso, tem de haver um pedido, uma ordem judicial. A declaração *“ainda bem que quebramos o celular do Niel e jogamos da Ponte Rio-Niterói”* não foi dita por ela. Jamais tomou ciência que de a neta **Rayane** chegou a tentar contratar alguém para matar Anderson. Jamais ficou sabendo disso e, com certeza, não foi a pedido dela. Matar Anderson seria destruir a própria vida da acusada. Nega ter dito, depois do mandato, que não precisava mais de Anderson, que é muito pelo contrário, no primeiro mandato é quando mais precisa é de Anderson e Anderson tem feito muita falta. Depois de Deus e da mãe, a pessoa mais importante na vida dela era Anderson. Tirar Anderson, para ela foi uma perda muito grande, foi quebrar as pernas e os braços dela, porque todos os projetos que tinha de vida, era junto com Anderson. Tinham projetos de vida a longo prazo, juntos. Quem fez isso, ela quer muito que seja encontrado, seja quem for, e quer muito pedir não só a Juíza, mas ao Ministério Público que está presente na audiência, que encontre os culpados para que paguem pelo que fizeram, porque não mataram só Anderson, mas parte dela também foi destruída junto com Anderson. Nega ter falado que estava livre, depois da morte de Anderson. Sem Anderson, jamais de sente desse jeito. Ela nunca se sentiu aliviada, pelo contrário, Anderson era seu alívio, seu máximo. Como já disse, Anderson não era só seu marido, era seu amigo, seu articulador, e Anderson que fazia tudo acontecer para dar certo na vida dela. As coisas na vida dela só davam certo porque os dois tinham o costume de brincar muito, bater um na mão do outro e falar que eram uma dupla imbatível. Depois que foi eleita Deputada Federal, tinham

projetos enormes, grandiosos na política, os dois juntos. O celular dela, que sumiu, nunca foi pedido pela DH. O celular dela estava desaparecido e ela ficou um tempo sem. Não se recorda por quanto tempo ficou sem celular, mas foi por um bom período depois da morte de Anderson. Arrumou um outro telefone e ficou usando esse outro aparelho por bastante meses. Depois, esse novo aparelho foi apreendido pela DH. O celular antigo não chegou a aparecer. Ela não resgatou o chip, os números importantes que precisava ter estavam no celular de Anderson. Todas as articulações eram feitas pelo celular de Anderson. Os números que tinha no celular dela era mais de grupos de oração, de interseção, grupos da Igreja do próprio Ministério **Flordelis**, que era grupos de Diáconos, Presbíteros. Na época, ela tinha muita esperança, porque a casa é grande e cheia de crianças e, como o celular dela ficava na mão de todo mundo, ela tinha muita esperança de encontrar o celular dela. Estava sedada no dia do velório e não se recorda de sua conversa com Dona Ivelise, mas depois ficou sabendo que Dona Ivelise ligou para o celular da acusada que sumiu. Quando retornou à ligação para Dona Ivelise, foi de alguém que chegou com o aparelho e colocou no ouvido dela, porque ela estava muito mal. No dia do velório, que falou com Dona Ivelise, o celular dela e de Anderson ainda não tinha desaparecido. Foi no dia do velório que Dona Ivelise ligou para ela, no domingo ou na segunda, não mais que isso. Declarou que jamais escreveu carta alguma, que jamais faria o filho admitir um crime que ele não cometeu, nem para proteger o filho biológico e nem a ela própria. Ama o filho **Lucas**. Ama todos os filhos. É mentira que **Lucas** era tratado como lixo. A sala dela era teto alto e ela desfez dessa sala para fazer um quarto para o filho **Lucas**, onde colocou ar condicionado e televisão, para que ele pudesse jogar videogame. **Lucas** tem um temperamento forte. Fez para ele poder ficar no cantinho dele, sossegado junto com o irmão menor, Miguel. **Lucas** interagiu com a família. Quando **Lucas** foi para o crime ela disse que o amor e os joelhos iriam levá-lo de volta. Mesmo fora de casa, o filho **Lucas** ligava para ela todos os dias, de celulares diferentes mas ligava. **Lucas** ligava para pedir benção e perguntar como ela estava. Ela nunca, jamais faria isso com o filho dela. Disse que está havendo um erro muito grande nas informações. Queria que a Juíza pedisse o telefone dela, que foi apreendido, para que fosse visto na íntegra todas as mensagens dela para a **Andrea**. A **Andrea** fazia um trabalho no presídio, para vários presos, um trabalho social muito bonito. A acusada não conhecia **Andrea** pessoalmente, ficou sabendo por um de seus advogados sobre o trabalho que **Andrea** fazia. Impossibilitada emocionalmente e fisicamente de fazer alguma coisa pelos filhos, foi lhe dado o contato da **Andrea** por esse trabalho social que **Andrea** fazia, e ela entrou em contato imediatamente com **Andrea**. Não foi feito depósito de 2.000 (dois mil), toda semana a acusada fazia um depósito para que **Andrea** comprasse comida, fizesse custódia e entregasse dinheiro para os filhos da acusada. Esses 2.000 (dois mil) reais foi feito para custódia do **Lucas** e do **Flávio**. **Andrea** era uma desconhecida que fazia um trabalho social dentro do sistema carcerário. A **Andrea** é muito

conhecida pelo trabalho que faz com presos de outros Estados, de outros Municípios, cujas mães não tem condições de estar sempre lá. Como ela também não tinha, e sempre fez trabalhos evangélicos em carceragens, não poderia agir diferente com os filhos. Foi informada de que os filhos não tinham nada na carceragem e ela entrou em contato. **Andrea** mandava fotos para a acusada. Tem foto no celular dela de toda comida, inclusive bolos que **Andrea** fazia distribuição não só para os filhos da acusada, mas também para os outros presos. **Andrea** mandava foto da comida, mandava foto de tudo que preparava. Inclusive, mandou mensagem de que o **Lucas** queria comer camarão e foi nessa época que ela mandou os 2.000 (dois mil) reais. Porque os dois mil não eram para fazer camarão só para **Lucas** e **Flávio**, mas também para os outros presos que **Andrea** ajudava. Além desses dois mil, foram feitos outros depósitos na conta da **Andrea**. Fazia depósito toda semana na mesma conta. Essa conta estava no nome de Jailton, não sabe o grau de parentesco de Jailton com **Andrea**. O dinheiro era destinado para **Andrea**. Não sabe por que **Andrea** foi envolvida nesse processo do crime contra Anderson. Não pediu que sua mãe fosse dar recado para o **Lucas**, na audiência do outro processo, pedindo que **Lucas** não fizesse declarações que pudesse prejudicá-la. A mãe da acusada tem 87 anos atualmente e dá muito trabalho. Quando ficou sabendo sobre o acontecido, conversou muito com a mãe e a mãe negou ter feito isso, que foi a audiência apenas para ver os netos. Que a mãe disse que pediu para falar com **Lucas** por saber do envolvimento dele no tráfico e saber da inimizade dele com Anderson; que a mãe disse que jamais mencionou algo demais ou a mais, que prejudicasse o **Lucas** ou qualquer outra pessoa. Nunca mandou ninguém pressionar o **Lucas** para ele alterar a versão dos fatos. Nunca mais viu o **Lucas**. A acusada **Flordelis** informou não desejar responder às perguntas do Ministério Público, nem às do Assistente de Acusação. Indagada por seu patrono, a acusada informou que um de seus cachorros faleceu, enquanto o cachorro sobrevivente, um *Golden Retriever*, tem sete anos de idade. Afirmou que Anderson era apelidado pelos deputados federais de “514”, pois era o responsável por “*articular as coisas*” para a interroganda. Afirmou, ainda, que solicitou a Rodrigo Maia, Presidente da Câmara, que Anderson pudesse participar das sessões, acompanhando-a; que Anderson “*fazia articulações*” enquanto a interroganda votava, sendo que ele inclusive se tornou secretário da “bancada evangélica”; que Anderson era o principal assessor de **Flordelis**. Narrou que, no dia em que foi eleita deputada federal, passou o dia na rua com Anderson, tentando angariar mais votos junto à população de São Gonçalo. Segundo a interroganda, após a contagem de votos, saíram em carreata comemorando a vitória, sendo que, no meio do caminho, Anderson passou mal devido à “*forte emoção, porque ele não podia ter fortes emoções, já que sofria de crises crônicas de ansiedade*”, o que motivou o encerramento da carreata, fazendo-se necessário que Anderson fosse imediatamente levado ao hospital. A interroganda declarou que, além de *H. Pylori*, Anderson era muito inquieto e sofria de crises de ansiedade que o

faziam vomitar e padecer de diarreia. Declarou, também, que os médicos já conheciam a condição de Anderson e, assim que ele entrava no hospital, já lhe administravam Rivotril, sendo que todas as internações de Anderson foram causadas pelo *H. Pylori*, pelas crises de ansiedade ou pela grande quantidade de antibióticos que a vítima tomava. A deputada declarou desconhecer qualquer envolvimento de qualquer um dos réus presos com os crimes narrados na denúncia. Declarou que, como mãe, procurava fazer “o melhor possível” por **Lucas**; que, a princípio, **Lucas** era “um menino muito difícil”, mas a interroganda logrou ganhar o carinho dele; que a cozinha da casa era uma só, com comidas iguais para todos, à exceção da própria deputada, que tinha uma dieta mais restrita; que **Lucas** era muito inteligente e trabalhava na igreja; que **Lucas** começou a trabalhar com a Sra. Rejane e, após alguns dias, esta disse à interroganda que **Lucas** havia cometido um furto na oficina. Segundo **Flordelis**, **Lucas** negou o furto e, dias depois, Rejane retornou à casa da interroganda para dizer que havia verificado que **Lucas** era inocente do furto e pedir que ele retornasse ao trabalho na oficina. A acusada declarou que **Lucas** lhe pediu para voltar ao trabalho, ao que a interroganda aquiesceu; que, dias depois, “pessoas idôneas” lhe disseram que **Lucas** estava dirigindo para Rejane, sendo que **Lucas** era menor de idade; que tal situação gerou embate entre **Flordelis** e Rejane, já que aquela disse a esta que não queria ver seu filho dirigindo. **Flordelis** declarou ter tomado conhecimento de que seu filho estava envolvido com a criminalidade da “Favela da Cocada”, sendo inclusive alvejado “de raspão”. Afirmou que deu um cartão de crédito a **Lucas** porque soube que ele estava roubando e pediu ao filho que “não roubasse ninguém e gastasse o cartão com o que precisasse e quisesse”. Declarou que chegaram a pensar que **Lucas** havia furtado o cartão, o que não era verdade, já que o cartão fora entregue pela própria interroganda a **Lucas**. A interroganda declarou desejar que todas as suas conversas com Anderson sejam extraídas do celular, assim como todas as conversas de Anderson com Mizael. Declarou que **Andrea** lhe mandava fotos de comidas e bolos todas as semanas, sendo tais alimentos entregues por **Andrea** aos filhos presos da interroganda, que alegou depositar oitocentos reais por semana a **Andrea** pela alimentação de cada um dos seus filhos presos, sendo tais transações realizadas por depósitos bancários a partir da conta de **Flordelis**. Afirmou que em Bangu havia outras pessoas que faziam “esse tipo de trabalho” (compra e entrega de custódia), mas **Andrea** era a mais recomendada; que, quando Anderson estava em Brasília, mantinha contato com Mizael, já que a vítima coordenava o gabinete de Mizael e o vereador era o responsável por administrar as contas da casa e da igreja. A interroganda afirmou que nunca se interessou pelas finanças da igreja ou do instituto, já que Mizael cuidava delas. Afirmou, ainda, que nunca teve os cartões das contas da igreja; que houve briga corporal entre Mizael e Anderson antes dos fatos, na varanda da cozinha da casa; que a interroganda apartou dos dois e, após apartados, Anderson ainda arremessou uma cadeira em direção à cabeça de Mizael, chegando a machucar a mãe de **Flordelis**; que

a interroganda pediu que Mizael se retirasse e perguntou a Anderson qual fora o motivo da briga, sendo que este afirmou que “*era assunto de homem*”; que a palavra final com relação à carreira política dos membros da família era sempre de Anderson; que Luan ressentia não ter sido indicado pela família para concorrer à vereança, bem como achava que **Flordelis** amava os outros netos mais que o filho dele, o que a interroganda alega não ser verdade; que talvez Luan achasse que seu filho não recebia o mesmo tratamento que outros netos da deputada porque os outros netos com ela residiam e, portanto, eram mais próximos, enquanto a deputada alega que não tinha tempo para visitar netos que residiam em outros lugares. A acusada afirmou que nunca proibiu seus filhos de manterem contato com suas famílias biológicas; que, inclusive, faz questão de que seus filhos mantenham tal contato. Afirmou que desejou ter suas informações bancárias reveladas quando soube que havia sido acusada de homicídio por motivos financeiros; que Mizael não prestou contas após a morte de Anderson, nem repassou à interroganda qualquer dinheiro que teria sido deixado nas contas bancárias da igreja; que as contas da igreja não “*viviam no vermelho*”, como foi alegado em Juízo, pois se assim fosse, o Ministério **Flordelis** não teria aberto cinco filiais; que a interroganda fez um empréstimo com o Banco do Brasil para quitar as contas das igrejas; que a interroganda não tem qualquer bem em seu nome ou em nome de casal de amigos; que a casa da família foi financiada em nome de **Carlos** Werneck, mas a interroganda tem pago as prestações; que todos os templos do Ministério **Flordelis** são alugados, sendo que alguns foram fechados por falta de dinheiro; que, ao fazer uma faxina na igreja, a interroganda encontrou um documento timbrado e assinado por Mizael, o qual demonstrava que o fechamento financeiro entre 2017 e 2018 era de cerca de dois milhões e seiscentos mil reais, enquanto o fechamento financeiro de 2018 para 2019 era de quase dois milhões e meio de reais; que tais cifras referem-se ao valor bruto; que a interroganda entregou tais documentos a seu advogado, para que fossem levados à DH e Mizael “*desse conta*” dos valores; que a obra do Laranjal foi feita em grande parte com ofertas de dizimistas e de um dono de construtora; que há dívidas de IPTU dos templos que remetem a 2015. A acusada declarou que nunca subscreveu qualquer carta de punho para entrega a **Lucas**; que nunca deu instruções a **Lucas** sobre o que dizer ou não; que **Lucas** escreveu uma carta para a interroganda, outra para Rejane e uma terceira para sua namorada, Rafaela; que **Andrea** tirou uma foto da carta endereçada a **Flordelis** e, quando a interroganda a leu, assustou-se com o teor da carta; que, na carta, **Lucas** pediu desculpas à interroganda por fazê-la sofrer e narrou os acontecimentos; que, por desespero, mandou mensagem a **Andrea** e implorou pela carta original; que, então, **Adriano** foi sozinho a Bangu para tentar obter a carta, sendo que a missiva passou pela mão da esposa de outro preso antes de chegar às mãos de **Andrea**; que **Adriano** retirou a carta com **Andrea** e a interroganda entregou a missiva ao seu então advogado. A acusada afirmou que acreditou na veracidade do texto, haja vista a riqueza de detalhes ali

exposta. A interroganda afirmou que **Lucas** falava na carta que três de seus amigos entraram na casa para assassinar o Pastor, sendo que Daniel viu três vultos no dia do crime; que a carta dizia que o Pastor conseguira reagir e pegar a chave do carro, sem saber que havia outro assassino do lado de fora, sendo que o *“rapaz que estava encostado perto da parede”* deu um tiro no ouvido de Anderson, que caiu. Ainda segundo **Flordelis**, a carta dizia que os três rapazes *“terminaram de fazer o serviço”*, dando vários tiros. A deputada narra que **Lucas** também dizia na carta que estava no baile no momento do crime e teve sua participação restrita a abrir o portão. A acusada afirmou *“assustar-se”* em verificar que a carta falava em três assassinos, Daniel viu três vultos no dia crime e a perícia constatou pegadas de três pessoas no local do crime. **Flordelis** negou ter escrito carta para que **Lucas** copiasse o teor. Afirmou ter mandado mensagens a **Andrea** pedindo que, se ela ou seu marido tivessem acesso a **Lucas**, que lhe pedissem para dizer a verdade, porque *“o sofrimento estava muito grande”*. A acusada afirmou que tinha excelente relacionamento com sua sogra e declarou ter conhecimento de vídeos nos quais as senhoras Edna e Michele dizem *“agora só temos você”*, referindo-se a **Flordelis**. A deputada afirmou haver vídeos nos quais Mizael e Luan atestam o caráter da mãe, bem como acervo fotográfico que comprova o bom tratamento dado a **Lucas**. Afirmou que viagem familiar ao Beto Carrero foi custeada por um Pastor, enquanto a interroganda e Anderson pagaram pelos ingressos para o parque; que nunca houve maus tratos da interroganda com relação a seus filhos, os quais inclusive optaram por ficar com a acusada; que a testemunha Débora e seu filho foram acolhidos pela interroganda em sua casa; que Débora mentiu ao afirmar que havia maus tratos. Afirmou que foi criada desde os dois anos na igreja evangélica, adorando a um único Deus; que nunca participou de rituais satânicos; que, na noite dos fatos, soube que o portão da garagem de trás estava aberto, sendo que tal entrada somente podia ser aberta pelo lado de dentro. A deputada afirmou que quis conhecer **Andrea** para agradecer pelo cuidado com seus filhos, chegando a encontrá-la pessoalmente; que a carta chegou a **Andrea** por intermédio de uma advogada cujo marido é presidiário; que a interroganda nunca teve qualquer contato com **Marcos Siqueira**; que, posteriormente, soube, por intermédio de **Andrea**, que **Marcos** tinha maior circulação pelo presídio; que nunca pediu a qualquer de seus advogados que visitasse **Marcos Siqueira** no presídio; que **Simone** ainda tem sequelas de sua doença, apresentando nódulos nos pulmões e tendo necessidade de uso contínuo de corticoides; que, antes da prisão, **Simone** tinha necessidade de realização de cirurgia para a extração de um nódulo, pois o médico ginecologista afirmou haver risco de malignidade. Declarou que **Carlos Ubiraci** era o mais respeitado na casa depois de Anderson e cuidava da casa na ausência deste; que todos os irmãos de **Carlos** e também as crianças o respeitam muito e o têm como um *“paizão”*; que a interroganda estranhou bastante ver **Carlos** preso e envolvido nas acusações, haja vista o respeito que todos nutrem por ele. Declarou que o suco ingerido por Cristiane, esposa de

**Carlos**, estava no escritório, sobre a mesa da interroganda; que não reclamou por Cristiane ter contado que passou mal após ingerir o suco; que o Yakult nunca foi destinado ao Pastor, e sim às crianças da casa; que havia uma geladeira específica na casa para chocolates e alimentos de preferência de Anderson, mas todos os moradores tinham acesso a ela. **Flordelis** declarou que foi acusada de ter mandado matar seu marido por poder e dinheiro, mas não sabe que poder dinheiro são esses. Ademais, declarou que tem todo o interesse em saber quem são os responsáveis pela morte de seu marido, pois foi a pessoa que mais perdeu com a morte de Anderson. A acusada clamou por justiça pela morte de Anderson, pois ele *“não mereceu esse fim”*.

O acusado **Flávio dos Santos Rodrigues**, filho biológico da ré **Flordelis**, exerceu seu direito constitucional de permanecer em silêncio.

O acusado **Lucas César dos Santos de Souza**, filho afetivo da ré **Flordelis** e da vítima, declarou que, quando menor de idade, respondeu pelo ato infracional de tráfico de drogas e informou que atende pela alcunha de “Pirulito”. Cientificado acerca de seu direito constitucional ao silêncio, o réu optou por responder às perguntas. Declarou que os fatos narrados na exordial do presente processo são verdadeiros. Afirmou que nunca soube sobre o suposto envenenamento do Pastor; que residiu na casa da família entre 2012 e 2018, saindo da casa porque a convivência e o tratamento dado a diferentes membros da família era muito desigual. O interrogando informou que se envolveu com o tráfico da “Comunidade da Bocada”, em Pendotiba, comandada pela facção Comando Vermelho; que **Marzy** lhe procurou no final de janeiro de 2019 afirmando que Anderson procuraria a Polícia para denunciar o interrogando, que deixara um carro na rua da família e para pedir, *“direto e reto, sem muito rodeio”* que o interrogando matasse a vítima, porque ele estava *“insuportável, dando muito trabalho, Flordelis não estava mais aguentando ele”*. O acusado afirmou que **Marzy** *“queria pôr um fim nele”*, matando-o; que **Marzy** ofereceu dez mil reais e relógios da própria vítima ao interrogando, para que ele matasse o Pastor. Informou que **Marzy** enviou ao depoente quatro *prints* de conversas supostamente entre ela mesma e **Flordelis**, nas quais havia foto de perfil de **Flordelis** trajando vestido azul, sendo que a deputada dizia a **Marzy**: *“Convence ele Marzy, é só ele entrar, simular um assalto, matar ele e levar o carro e as coisas embora”*. Afirmou que disse a **Marzy** que não cometeria o crime; que encaminhou os *prints* a Regiane, que o desencorajou de cometer o crime. O interrogando afirmou que foi a uma festa de pagode no Largo da Batalha e, por volta de três da manhã, **Marzy** pediu ao interrogando para ir à casa da família, para conversarem, o que ele fez. Segundo o interrogando, **Marzy** lhe disse: *“E aí, cara, não vai fazer o negócio pra mim, cara?”*. O acusado disse que novamente se negou a executar o crime; que, no dia seguinte, um domingo, Daniel ligou para o interrogando e lhe disse que **Marzy** estava contando para todo mundo que ele havia entrado na casa na noite anterior para matar **Simone** e Lorraine, o que era falso; que, na segunda-

feira, o interrogando foi à casa para conversar com **Flordelis** e lhe mostrou os prints que **Marzy** havia lhe mostrado; que, então, **Flordelis** apagou todos os *prints* do celular do interrogando e negou ser a autora das mensagens; que, cerca de seis semanas depois, **Rayane** entrou em contato com o interrogando e “veio com a mesma história que a **Marzy**”; que **Rayane** pediu ao interrogando que “arrumasse alguém para matar Anderson”, prometendo depositar dez mil reais, sendo cinco mil para o interrogando e cinco mil para o matador. O acusado **Lucas** afirmou que novamente se negou. Declarou que **Rayane** lhe disse que Anderson iria a uma reunião na manhã do dia seguinte e que **Lucas** poderia “interceptar o carro dele no meio do caminho”; que, diante das negativas do interrogando, **Marzy** disse que encontraria alguém no Rio para cometer o crime; que, em seguida, o interrogando foi conversar com **Flordelis**, que lhe mostrou uma mensagem de **Rayane** em um *iphone 6* e disse que “**Rayane** está com isso aí na cabeça, quer matar o Niel”. O interrogando declarou ter dito a **Flordelis** que não queria ser implicado, posto que Anderson já acreditava que **Lucas** queria matá-lo. **Lucas** afirmou que Anderson teve ciência acerca das mensagens que **Marzy** lhe enviou, pois tais mensagens apareceram no *iPad* da vítima, devido a um sistema de sincronização de aparelhos; que, após ver as mensagens, Anderson proibiu a entrada de **Lucas** na casa; que foi procurado por **Flávio** em várias oportunidades em maio de 2019, que afirmou estar “sofrendo ameaças por causa da Tatiana” e perguntou se o interrogando conhecia alguém que vendesse armas. O interrogando afirmou que **Flávio** insistiu muito por ajuda para comprar arma; que, na quinta-feira antes do crime, **Flávio** voltou a pedir ajuda do interrogando para comprar uma arma; que, então, o interrogando pediu “indicação” de Daniel Solter, vulgo “Gordinho”; que o interrogando passou o contato de “Gordinho” para **Flávio** na quinta-feira e, na sexta-feira, **Flávio** lhe pediu companhia para buscar a arma; que o interrogando entrou no carro com **Flávio** e encontraram Daniel; que os acompanhou em outro carro; que os três foram para a “Favela da Maré”, onde compraram uma pistola Bersa 9 mm municada. O interrogando declarou que não contribuiu financeiramente para a compra da pistola; que **Flávio** em nenhum momento lhe revelou a intenção de matar o Pastor; que **Flávio** lhe disse, na delegacia, que matou o Pastor porque **Simone** lhe disse que Anderson estava abusando de Rafaela (filha de **Simone**); que esteve na casa no dia dos fatos para deixar uma mochila que continha drogas e seguir para um baile, reparando que os cachorros não estava no quintal; que encontrou com **Flávio** acordado e lhe disse que voltaria para buscar a mochila na volta do baile. O acusado informou que ficou preso em cela vizinha a **Flávio** na DH; que não sofreram tortura para confessar e ambos tiveram “tratamento normal, digno”, não sendo forçados a urinar em garrafas e tendo acesso a banheiros e chuveiros; que foram encaminhados ao Presídio Bandeira Stampa após a DH, sendo tal unidade prisional destinada a acautelados com vinculação a milícias. O acusado afirmou que tinha ligações com o “Comando Vermelho”; que ficou preso na mesma cela que **Flávio** e ambos tinham contato com o réu **Marcos**,

que trabalhava na faxina do presídio e tinha possibilidades de circular pela unidade prisional; que **Marcos** entregou uma carta a **Flávio** e este, por sua vez, a entregou ao interrogando. O interrogando declarou que a carta “*era para mudar o roteiro do crime*” e fazê-lo assumi-lo, “*botando os nomes de Misael e Luan junto*”, sendo que a carta colocaria Misael e Luan como mandantes e o interrogando como autor dos disparos. **Lucas** afirmou que a carta tinha a letra e a assinatura de **Flordelis**, as quais ele conhece. Na carta, segundo o interrogando, **Flordelis** lhe dizia que ele precisava assumir o crime na reconstituição, ou ela poderia ser presa. O acusado afirmou que pretendia participar da reconstituição do crime, mas foi procurado pelos advogados de **Flávio**, os doutores Maurício Mayr e **Flávio**, que pediram ao interrogando que este não participasse da reconstituição do crime, porque ele “*poderia prejudicar a mãe*”. O acusado declarou que tais advogados lhe disseram que tinham ciência sobre a carta e que ele “*estava sendo homem*” e não ficaria mais de cinco mais preso se assumisse o crime. O acusado afirmou que não se recorda do conteúdo integral da carta, mas se recorda que havia um trecho no qual **Flordelis** dizia que “*era para copiar e botar*” que **Flávio** sofria maus tratos na DH; que Misael tinha acesso livre à DH; QUE Misael havia arquitetado tudo e dizia que Anderson era uma pedra em seu caminho que precisava ser retirada. O interrogando afirmou que, quando estava arrumando a cama para ir à reconstituição, não achou a carta e então perguntou por ela a **Flávio**, o qual disse que a havia rasgado e jogado no vaso sanitário, para que ninguém a achasse. O acusado afirmou que copiou a carta na íntegra e **Andrea**, a esposa de **Marcos**, tirou a missiva do presídio. Disse que não soube sobre pagamento a **Andrea**; que decidiu não participar da reprodução simulada dos fatos em razão da abordagem dos advogados de **Flávio**; que, em audiência anterior, a mãe de **Flordelis** lhe disse que “*era pra ver bem o que ia falar, para honrar a mãe*”. Declarou que **Flordelis** nunca lhe manifestou intenção de matar Anderson, mas **Marzy**, sim; que foi procurado por **Marzy**, que lhe solicitou que executasse o crime, em janeiro de 2019, e por **Rayane**, pelo mesmo motivo, entre março e abril, sendo que ambas lhe ofereceram dinheiro; que mostrou o print da mensagem de **Marzy** a **Flordelis**, ocasião na qual esta balançou a cabeça e disse que “*isso aí era coisa da Marzy*” e apagou as mensagens; que, após o crime, **Flávio** lhe mandou mensagens para perguntar se o interrogando havia matado Niel, mesmo sabendo que **Lucas** estava em um baile, ao que **Lucas** respondeu negativamente. O interrogando declarou que, na DH, **Flávio** lhe disse que desceu para procurá-lo, alegando que **Lucas** estaria ameaçando os habitantes da casa, mas não o encontrou e, ao encontrar Anderson, **Flávio** efetuou disparos contra o Pastor. Declarou que **Flávio** nada lhe disse sobre “*acabar com o sofrimento da mãe*”. O interrogando declarou que reconhece o print de fls. 16531/16533 como sendo a mensagem de **Marzy**; que o carro blindado estava na rua da casa; que não havia carro na garagem de casa; que o Pastor estava com o Accord preto de Daniel, sendo este o veículo alvejado pelos disparos; que o Accord não era blindado e raramente **Flordelis** e

Anderson saíam no carro de Daniel, pois costumavam sair no carro dela, que era blindado. Declarou que o *print* constante à fl. 16533 diz respeito a mensagem enviada para **Rayane** pelo *Instagram*, na qual esta diz que **Lucas** podia *“livrar-do do chato do Niel e ainda ganhar um bom dinheiro, nem precisa fazer, é só colocar seus amigos para fazer”*. Declarou que **Flávio** era uma pessoa tranquila, com a qual o interrogando chegou a trabalhar na igreja, mas com quem nunca morou, pois quando o interrogando chegou à casa, **Flávio** já havia saído; que **Flávio** tinha um mandado de prisão pendente em seu desfavor, por crime de violência doméstica, sendo tal pendência com a Justiça de conhecimento da deputada federal **Flordelis**; que **Flávio** foi para Brasília para evitar ser preso; que **Simone** gosta de fazer intrigas e fofocas; que **Simone** e seus filhos eram privilegiados por serem descendentes biológicos de **Flordelis**. O interrogando declarou que **Simone** e seus filhos tinham geladeira dentro do quarto, *“dormiam até meio-dia e não precisavam fazer nada dentro de casa”*. Informou que trabalhou por um ano na oficina de Regiane, mas era obrigado a fazer todas as tarefas domésticas que lhe eram imputadas, ou era impedido de trabalhar. O interrogando retratou-se quanto a declaração prestada na DH na qual afirmou que **Flávio** manifestou interesse em comprar uma arma para dar fim ao sofrimento da mãe. Declarou que não tinha conhecimento que a arma que **Flávio** adquiriu era para tal finalidade; que Regiane lhe confidenciou que a irmã do interrogando, Gabriela, contou que, logo após as prisões dos acusados do presente processo, Gerson e Marcele, esposa de **Adriano**, fizeram uma reunião na qual foi dito que **Adriano** mataria Regiane quando saísse da cadeia; que, *“no dia da carta”*, **Andrea** escreveu em um guardanapo que **Lucas** poderia ficar tranquilo, pois **Flordelis** contava com a ajuda de um ministro e da primeira-dama; que, no dia da reprodução simulada dos fatos, Dr. **Flávio**, advogado do réu homônimo, disse ao interrogando que este estava *“fazendo a coisa certa”* e que *“não era para fazer”* o ato; que Dr. **Flávio** lhe disse na DH que *“o que se falava na delegacia não valeria de nada, o que valeria seria o que seria dito no fórum”*. O interrogando declarou que foi realizada acareação entre o réu **Flávio** e ele, mas não se recorda se **Flávio** confessou o crime nessa oportunidade; que; que **Rayane** relatou existência de *“rachadinha”* quando foi trabalhar em Brasília, o que a irritou; que o Pastor expulsou **Marzy** de casa após episódio de suposto furto praticado por ela, cerca de dois anos antes do crime. **Lucas** afirmou que **Marzy** passou um tempo morando na igreja e depois retornou à residência; que **Marzy** não ficou ressentida com o tratamento que recebeu. O interrogando corroborou o depoimento de fl. 14233, prestado em sede policial, em especial no que tange a **Flávio** dizer que queria acabar com o sofrimento da mãe. Afirmou não ter dito que uma arma 40 mm foi comprada por **Flávio**, e sim uma 9 mm; que saiu da casa da família por considerar o tratamento dado a diferentes membros da família injusto, não por brigas com Anderson. Disse que desconhece supostas mensagens de seu celular dizendo: *“Deixa ele vir que ele vai ver o que vai receber aqui”*. Declarou que, na noite dos fatos, carregou drogas dentro

da mochila e levou-as para a casa da família porque o material entorpecente estava sob sua responsabilidade, não havia ninguém com quem deixar as drogas e a “*boca estava fechando*”. Afirmou que a primeira vez que viu a carta com a letra e a assinatura de sua mãe foi dentro da cela do Bandeira Stampa, quando **Flávio** lhe entregou a missiva; que assinou documento quando estava preso no Bandeira Stampa, “*cerca de uma semana depois da carta, na primeira segunda-feira depois da reconstituição*”, declarando o desejo de ser assistido pela DP. Informou que revogou os poderes de seu Patrono, Dr. Valter, que era pago por Regiane, e informou desejar ser assistido pela DP; que os Doutores **Flávio** e Maurício, advogados de **Flávio**, disseram-lhe para não participar da reconstituição simulada dos fatos, motivo pelo qual o interrogando afirma não ter participado, embora quisesse ter participado do ato. Afirmou que enviou áudios aos advogados de **Flávio** dizendo que gostaria de trocar de advogados; que os advogados de **Flávio** não lhe levaram uma procuração conferindo poderes a eles mesmos; que o interrogando quis ser assistido pelo defensor público porque a assistência dada pelo Dr. Valter estava aquém da desejada; que escreveu a carta voluntariamente, após ser convencido por **Flávio**; que o interrogando ficou com a carta original; que o conteúdo da carta não era verdadeiro. Declarou que estava no Bandeira Stampa, quando recebeu a visita de Dr. Valter e lhe informou que não mais gostaria de ter seu patrocínio; que, então, Dr. Valter entregou a um funcionário da unidade prisional os documentos para revogação dos poderes e constituição do mandato da DP, os quais o interrogando assinou e entregou ao funcionário, que os repassou ao Dr. Valter. Declarou que não ostenta fotografias com armas em redes sociais; que não sabe atirar, nunca foi baleado, nem nunca atirou ou fez curso de tiro; que conheceu o réu **Marcos Siqueira** por meio de **Flávio**, no presídio; que **Flávio** lhe disse que a mulher de **Marcos** era amiga de **Flordelis** e os ajudaria na cadeia. Afirmou que a carta foi entregue por **Marcos Siqueira** a **Flávio**, que por sua vez a entregou ao interrogando; que **Marcos** fazia faxina na cadeia e podia chegar perto da grade e conversar com os detentos da galeria A com facilidade; que **Flávio** tinha contato com outros presos da galeria A, inclusive entrando e saindo da cela de outros presos para conversar. Declarou que copiou a carta dentro da cela; que **Marcos Siqueira** apenas entregou a carta e disse que depois retornaria para buscá-la; que **Marcos** não o ajudou a escrever a carta. **Lucas** disse que conhecia um preso na galeria A de nome Valdemar, mas não conhece a esposa deste, apenas tendo ciência de que a esposa de Valdemar é advogada. Declarou que não tinha bom relacionamento com outros presos da galeria A, pois a maioria deles era composta por milicianos; que desconhece episódio no qual foi encontrado bilhete dentro de sua cela; que não pediu para ser transferido para a mesma unidade prisional de Valdemar. **Lucas** declarou, ainda, que saiu do Bandeira Stampa e Valdemar lá continuou. Informou que, na noite dos fatos, saiu da comunidade com as drogas na mochila porque teria que pagar por elas caso as perdesse; que, quando foi preso, informou à SEAP pertencer à facção “Comando Vermelho” e, mesmo assim, foi encaminhado a

unidade prisional destinada a milicianos. Declarou que **Flávio** chegou ao Bandeira Stampa antes do interrogando e quando este lá chegou, recebeu apenas o auxílio de **Marcos Siqueira**, que já era conhecido por **Flávio**; que *“ficava quieto, não mexia com os milicianos e eles não mexiam comigo”*. Declarou que **Carlos Ubiraci** era uma pessoa tranquila e prestativa, que tentou colocar o interrogando *“no caminho correto”*; que **Carlos Ubiraci** levava as crianças da casa ao médico; que **Adriano** era responsável pela criação das artes da igreja e da campanha de **Flordelis**, mas o interrogando não sabe informar se tal trabalho era remunerado.

A acusada **Andrea Santos Maia**, companheira do réu **Marcos**, declarou que já foi presa e processada anteriormente. Cientificada acerca de seu direito constitucional ao silêncio, a ré optou por responder às perguntas. Declarou ser esposa do réu **Marcos**, o qual esteve preso com **Lucas** e **Flávio** no Presídio Bandeira Stampa. Informou que **Marcos** tinha livre trânsito na área técnica da unidade prisional, mas não nas galerias; que a carta foi entregue à interroganda pela esposa de outro preso (Valdemar), Dra. Tássia, advogada; que Valdemar era da confiança de **Lucas**; que a depoente era líder da custódia de Bangu 9 e era procurada por outras esposas para ajudar na confecção de carteirinha de visitação; que os visitantes do presídio passam por *scanner* corporal; que Rocha, funcionário da SEAP, persegue a depoente e sempre quis *“acabar com a TFD do marido, que era impecável, e cancelar a carteirinha” da depoente*; que *“eles aproveitaram um assunto de grande repercussão para misturar um assunto no outro, o que foi provado pela própria Dra. Bárbara”*; que cartas não podem entrar na unidade prisional sem passar pela custódia, mas podem sair da unidade prisional. A depoente afirmou que não intermediou nem a entrada e nem a saída da carta; que não foi oferecido dinheiro à interroganda para o transporte da carta; que nem **Flordelis**, nem os advogados fizeram qualquer pagamento à interroganda; que a quantia de dois mil reais foi depositada para a acusada para fins de compras para a custódia; que **Flordelis** fez vários depósitos de valores variados para a interroganda, todos para a compra de itens para a custódia, já que a interroganda não gosta de receber itens dos familiares e prefere comprá-los; que **Flordelis** não quis contratar Dra. Tássia; que Valdemar queria que **Lucas** usasse a influência de **Flordelis** para conseguir a transferência daquele para outra unidade prisional; que **Lucas** tem medo de Valdemar; que Valdemar ofereceu muitas coisas a **Lucas** para que ele voltasse para o crime. Segundo a depoente, **Lucas** pode virar um bandido muito perigoso que continuar tendo contato com Valdemar. A acusada afirmou que não facilitou nem a entrada e nem a saída da carta; que Dra. Tássia lhe entregou a carta que apareceu no Fantástico, no estacionamento de Gericinó; que **Lucas** escreveu várias cartas e **Flordelis** as implorava para a interroganda; que a Dra. Tássia entregou a primeira carta à interroganda, na tentativa de que **Flordelis** a contratasse como advogada de **Lucas**, e a interroganda entregou a carta a **Adriano**, que levou a carta a

**Flordelis.** A depoente afirmou que desconhecia o conteúdo da carta, pois ela estava fechada; que sabia que Dra. Tássia havia incentivado **Lucas** a fazer as pazes com **Flávio**, sendo que a advogada ficou revoltada por não ter sido contratada por **Flordelis**; que a depoente não acredita que a carta tenha entrado na unidade prisional pelas mãos da Dra. Tássia; que acredita que a entrada da carta se deu por meio dos advogados de **Flordelis**; que os advogados de **Flávio** tinham acesso a **Lucas** “na hora que queriam”; que a interroganda “procurou todas as polícias” para ajudá-la, bem como o MP; que tudo o que a interroganda sabe sobre as cartas, foi o que leu nelas; que **Marcos** não sabe nada sobre as cartas, porque elas eram repassadas do lado de fora do presídio; que **Lucas** disse que a carta foi entregue a **Flávio** por **Marcos** porque quer proteger seus amigos (Jonas e Dra. Tássia); que soube a cópia da carta e a não participação de **Lucas** na reconstituição foram fruto da influência dos advogados de **Flávio**; que Dra. Tássia tentou contato com **Flordelis**, mas não conseguiu e, então, entrou em contato com a interrogando e disse que teria mais cartas, solicitando que a interroganda fizesse contato com **Flordelis** e a convencesse a contratá-la como advogada de **Lucas**, mediante pagamento de comissão. A acusada declarou que **Flordelis** estava bastante irritada porque “**Lucas** falava um monte de besteira na carta e não falava o que ela queria”. A interroganda afirmou que, em uma das conversas que teve com **Flordelis**, ela disse que coisas que demonstravam que a deputada sabia quem matou a vítima; que havia cartas de **Lucas** em poder da interroganda, às quais **Flordelis** não tivera acesso, e **Flordelis** lhe perguntou se **Lucas** dizia nas cartas a forma como Anderson foi rendido, sendo que a deputada forneceu detalhes da abordagem do assassino à vítima, coisas que **Flordelis** não poderia saber, já que alega que estava no andar de cima da casa no momento dos tiros. A acusada **Andrea** afirmou que, após tal conversa, entrou em pânico, pois **Flordelis** descrevia um cenário muito real, com muitos detalhes, e perguntava se tais informações estavam na carta, mas não estavam; que não entregou essas outras cartas a **Flordelis**; que a interroganda chegou a dizer a **Flordelis** que ela sabia quem havia matado o Pastor e lhe perguntou se havia sido **Adriano** ou **Flávio**; que a interroganda não teve uma boa relação com o agente da DH de nome Júnior. A acusada **Andrea** informou que **Flordelis** contratou o advogado Marcelo, o qual foi indicado pelo réu **Marcos**, para fazer a Defesa de **Lucas**; que a deputada federal fez várias transferências para a interroganda para o pagamento de tal advogado; que o advogado cobrou cento e trinta mil reais pela defesa e **Flordelis** pagou parceladamente até o dia da audiência na qual o causídico foi destituído, e por isso foram várias transferências; que os pagamentos eram feitos ao advogado por intermédio da interrogando porque o causídico não queria transparecer que estava recebendo de **Flordelis**; que a interroganda não recebeu qualquer comissão; que **Flordelis** fazia depósitos de cerca de oitocentos a mil reais para a interroganda, para a compra de itens de alimentação para **Flávio** e **Lucas**; que o depósito de dois mil reais foi um dos primeiros e foi mais alto porque se

destinou à compra de ventiladores e uniforme; que a interroganda recebeu cerca de vinte e cinco mil reais ao todo para repasse ao advogado. Afirmou que, quando perguntou a **Flordelis** se **Adriano** havia sido o assassino, a deputada negou. Então, ao perguntar-lhe se havia sido **Flávio**, a deputada chorou. Segundo a interroganda, em uma das cartas escritas por **Lucas**, ele dizia: *“Mãe, vou segurar cem por cento para você, mas fala para **Marzy** e **Rayane** pararem de falar mal de mim”*. A interroganda afirmou que entregou a **Adriano** apenas a primeira carta, mas não entregou as posteriores, apesar da insistência de **Flordelis**; que não recebeu qualquer valor para entregar a carta a **Adriano**; que ajuda todos que chegam à unidade prisional, sendo que ajudou até Eike Batista e ele não lhe pagou nada. Afirmou que conheceu **Flordelis** duas semanas depois do contato com **Adriano**; que, a princípio acreditava em **Flordelis**, mas depois de a deputada fornecer detalhes sobre o crime, viu que ela no mínimo estava tentando proteger alguém; que a interroganda foi à casa de **Flordelis** duas vezes para brigar, porque seu marido estava preso por algo que ela sabia que ele não tinha feito e a deputada nada fez para esclarecer os fatos; que chegou a brigar com **Simone** na casa de **Flordelis** e a psicóloga Paula intermediou a briga; que tudo o que a interroganda falava com **Flordelis**, esta repassava para seus advogados; que o marido da interroganda sofria perseguição pela SEAP; que **Rocha** *“mandava em tudo” na SEAP*; que a interroganda não tem conta bancária e usava a conta que seu ex-marido fez para seus filhos para receber os depósitos de **Flordelis**, estando a conta em nome de “Jailton pai”; que **Rocha** era pessoa de confiança do antigo subsecretário Marx; que **Flordelis** sempre disse à interroganda que ela e seus filhos eram inocentes e nunca lhe disse quem foi o assassino. A interroganda informou que atualmente está acautelada em unidade prisional em Niterói, onde foi ameaçada por uma agente penal que é esposa de Jefferson Araújo, um dos assassinos da Juíza Patrícia Accioly; que Jefferson até hoje tem uma empresa de segurança e **Flávio** ofereceu a Jefferson a contratação de tal empresa por parte de **Flordelis** em troca da intimidação da interroganda. A acusada **Andrea** afirmou que a esposa de Jefferson foi ameaçada para que ela não contasse tudo o que sabia; que pessoas da SEAP fizeram acordo com os advogados de **Flordelis** (Dr. **Flávio** Soares e Dr. Maurício Mayr) para que tivessem total liberdade dentro do presídio; que **Adriano** dizia à depoente que *“esquecesse”* de Maurício, porque ele era filho de uma *“pessoa muito poderosa”*; que a esposa do preso Jefferson foi até a unidade prisional da interroganda, abriu sua cela e disse que *“cuidaria”* da interroganda, o que a deixou com medo; que a ameaça tinha o objetivo de que a interroganda não relatasse **Rocha** e Jefferson, que tinham contato com **Flávio**; que **Flávio** prometera a Jefferson o contrato para a segurança da deputada; que a depoente não sabe se **Flordelis** tinha ligações com **Rocha** e Jefferson, mas **Flávio** tinha. Segundo a interroganda, a antiga subdiretora da unidade prisional, de nome Cristiane, obrigou-a a assinar termo no sentido de não querer ir à delegacia ou a seguro. A acusada **Andrea** afirmou que não se sente

ameaçada na unidade prisional onde atualmente está acautelada; que soube que a operação realizada em Brasília, no apartamento funcional da deputada vazou, sendo **Flordelis** alertada acerca de tal operação pelo advogado Fabiano Miguez; que **Flordelis** disse à interroganda que “o advogado” lhe contou sobre a operação. A interroganda disse que não sabe se o “advogado” era Fabiano Miguez ou **Flávio**; que procurou promotoras de justiça do GAECO com relação a atentado que seu marido sofreu na SEAP e também porque sentiu medo de ser assassinada, por conta das cartas que estavam em seu poder; que entregou as cartas na DH e saiu de casa, por medo; que invadiram a cela de **Marcos** após reportagem do SBT e o levaram para Bangu I; que procurou a DH espontaneamente após busca e apreensão em sua casa. A interroganda informou que foi presa no local onde estava morando, sendo que os agentes foram levados até lá por sua própria mãe. Afirmou que o réu **Marcos** não recebeu qualquer carta de suas mãos; que acredita que **Adriano** não sabia que a carta que a interroganda lhe entregou seria usada no inquérito; que teve contato com a acusada **Flordelis** de meados de agosto a outubro de 2019 por questões relativas à custódia, e depois o contato seguiu porque a interroganda insistia que ela fizesse alguma coisa sobre as falsas acusações de extorsão que pairavam sobre seu marido; que Jonas passou o número de telefone da interroganda para o advogado **Flávio**; que a Dra. Tássia entregou à interroganda uma carta na sexta-feira e outras sete na segunda-feira, sendo uma para Regiane e outra para Rafaela, namorada de **Lucas**. A acusada **Andrea** declarou que *“em cada carta Lucas colocava uma versão diferenciada, tinham várias versões para você escolher ali”*. Afirmou que Dra. Tássia lhe entregou as cartas, nas duas oportunidades, no estacionamento de Bangu; que os advogados de **Flordelis** tinham proximidade com a direção do presídio o suficiente para entrarem sem serem registrados; que tem ciência de que deveria haver monitoramento de vídeo na porta externa do presídio, mas não sabe se funciona; que, em tese, há monitoramento em todo o presídio; que *“coisas estranhas acontecem na SEAP e devem ser investigadas”*; que as cartas escritas por **Lucas** foram *“versões que deram para ele copiar”*; que **Flordelis** disse desde o princípio que *“precisava saber a verdade”*; que **Flordelis** disse que a carta saiu por uma esposa de preso, sendo que tanto a interroganda quanto a Dra. Tássia são esposas de presos, mas quem conversava por telefone com **Flordelis** era a interroganda, o que tornava óbvio que ela seria alvo de acusações; que **Lucas** escreveu várias cartas no mesmo momento, mas somente aquela divulgada no Fantástico foi entregue a **Flordelis**; que Dra. Tássia tinha total liberdade no presídio, porque Valdemar, esposa dela, era protegido por Rocha; que Tássia era advogada e, na época, era permitido que advogados entrassem com custódia, sendo possível que ela tenha entrado com a carta para **Lucas** copiar, mas a interroganda não pode fazer tal afirmação; que a interroganda relatava para a deputada por mensagens o que ela lia nas cartas, mas ela acredita que tal conteúdo era mentiroso.

A acusada **Marzy Teixeira da Silva**, filha afetiva de **Flordelis**, só respondeu às perguntas do Juízo e da defesa, por orientação de seu patrono. Declarou que os fatos narrados em relação as tentativas de homicídio, ao homicídio propriamente dito e as demais imputações são verdadeiros. Afirmou ser filha de criação/afetiva da, também acusada, **Flordelis**. Declarou que foi residir na companhia da ré **Flordelis** e da vítima Anderson em 2008, na época com 24 ou 25 anos, não se recorda. Atualmente, 12 anos de residência na casa. Diz que quando chegou à casa da acusada **Flordelis** foi bem recebida pelos filhos biológicos dela, mas que por alguns adotivos não, mas que com o passar do tempo, os relacionamentos melhoraram e passou a se dar bem com todos da casa. Disse que na época em que foi morar com **Flordelis** estava sem local para residir, que não morava com os pais adotivos porque os pais são divorciados e que morou com a mãe biológica até os 20 anos e depois ficou morando na casa de um, casa de outro até ir morar com a família **Flordelis**. Diz que não rompeu completamente com a família biológica, que continua mantendo contato. Que não havia grupos dentro da casa. Que tinham alguns filhos mais próximos, mas que o tratamento era igualitário para filhos biológicos e adotivos, que não tinha separação de comida e nem nada do tipo. Os filhos mais próximos da **Flordelis** eram a **Simone**, ela mesma (**Marzy**), Kelly, a neta Lorraine, a neta **Rayane**, os filhos biológicos e outros adotivos, até mesmo quem não mora mais na casa, e também o **Adriano**. Que na casa havia normas, que as pessoas (até mesmo os maiores de idade) tinham que pedir permissão para sair de casa, não saíam sem permissão porque era regra da casa, não podiam sair sem autorização. Essa autorização era pedida aos pais (**Flordelis** e Anderson) e passava para o irmão mais velho (**Carlos**) caso eles (os pais) viajassem, que era ele que ficava responsável por todos os filhos na casa, até os maiores. A parte financeira era de responsabilidade do Pastor Anderson e depois o Mizael, a **Flordelis** não gerenciava o dinheiro, ficava tudo à cargo do Anderson. No início, não havia uma insatisfação por parte da **Flordelis** nem dos outros filhos em relação a essa centralização da administração financeira nas mãos do Anderson, depois, por parte da **Flordelis** a acusada não viu, mas por parte dos irmãos (**Simone**, Mizael) sim. A **Simone** recebia um dinheiro semanal para fazer as compras, ela era a responsável pelas compras da casa. O dinheiro era dado a ela pelo Mizael. O Mizael exercia a parte financeira junto com o Anderson. A acusada tem um ótimo relacionamento com a **Simone**, a considera sua melhor amiga, são muito próximas. Tinha uma boa relação com o **Lucas**, quando ele ainda era menor de idade. Não tem mais por conta do comportamento dele, um comportamento agressivo. Com o tempo, a acusada passou a ajudar a **Simone** na administração da casa, por ela (**Simone**) ser a mais velha, ajudando a cuidar das crianças e ele (**Lucas**) fazia parte do círculo de crianças, por ser menor de idade. Ele não aceitava regras que viessem de cima e elas fossem cobrar dele. E essa insatisfação não era só com ela, era com outros irmãos (Mizael, **André**, **Carlos**) também. A insatisfação era com quem ficava mais de frente. O

relacionamento da acusada com a vítima Anderson foi bom, até porque foi ele que a convidou para morar na casa, mas que, de um período para cá, passou a ser diferente. Passou a ser com perseguições, humilhações... ele (Anderson) começou a mudar de comportamento. Houve um furto em agosto de 2013. A ré foi acusada de pegar um dinheiro. A ré pegou dinheiro (aproximadamente 4 mil) nas coisas do **André**, não era do Pastor. No começo, quando Anderson descobriu, disse que a mandaria ir embora, mas ela veio a confessar e de lá para cá foi onde começou a perseguição, humilhação. Anderson não sabia separar casa, igreja e evento público. Tudo para ele era a mesma coisa. Se errou dentro de casa, tem que pagar em todos os lugares. Essa mudança no comportamento do Anderson causou um sentimento de ódio e revolta muito grande nela. E esse sentimento a levou a querer planejar a morte dele. Ela chegou a tentar contratar o **Lucas** para matar o Anderson. O **Lucas**, em uma noite anterior tinha assaltado um Pastor e tinha posto o carro na rua de casa. O Anderson ficou sabendo e queria ir atrás do **Lucas** porque queria que o **Lucas** tirasse o carro dali e devolvesse para o Pastor. Todos ficaram ali, não deixando Anderson tomar uma atitude e ela (**Marzy**) conseguiu o número do **Lucas** com a ex-patroa dele (Rejane) e mandou mensagem para o **Lucas** falando sobre o carro. O **Lucas** já não morava mais na casa. Ela ofereceu ao **Lucas** 5 mil reais e mais os relógios. Conseguiria essa quantia na mochila do Anderson. Planejou que quando **Lucas** fosse fazer o serviço, que ele pegasse a mochila no carro. Quando falou com ele, ofereceu os 5 mil e disse que o dinheiro estaria no carro, na mochila do Anderson e os relógios na mala do carro. A princípio, **Lucas** não tinha aceitado. A primeira pergunta do **Lucas** foi se **Flordelis** sabia e ela disse que não, que era uma coisa que ela queria e que ninguém sabia. **Flordelis** não sabia, não tinha nenhum envolvimento nessa contratação para morte do Anderson. Foi uma conversa somente dela, via WhatsApp, com o **Lucas**. Mensagens via WhatsApp e algumas ligações via WhatsApp, através do celular dela própria e usou o celular de **Flordelis** que estava na mão de seu sobrinho de 5 anos. Mandou mensagem do celular de **Flordelis** para o dela, para que ela tirasse print e mandasse para **Lucas**, porque **Lucas** tinha perguntado se **Flordelis** sabia do que ela queria. **Lucas** disse que somente faria se **Flordelis** estivesse ciente. Então, ela pegou o celular de **Flordelis** que estava na mão do sobrinho de 5 anos e mandou mensagem do celular dela própria para o celular de **Flordelis** perguntando e do celular de **Flordelis** respondendo para o dela. Apagou do celular de **Flordelis** e tirou print do celular dela e mandou para **Lucas**. Em momento nenhum **Flordelis** sabia da conversa dela com **Lucas**, ela usou o celular de **Flordelis**. Depois, **Flordelis** ficou sabendo dessa mensagem e ficou doida. A ré quase apanhou, mas confessou para **Flordelis** o que ela queria fazer e assim **Flordelis** ficou sabendo da mensagem. A ré chamou **Flordelis** e disse que precisava falar com ela de algo que era muito importante e na conversa disse o que queria fazer, que era a contratação do **Lucas** e revelou para **Flordelis** que tinha usado o telefone dela. A ré contou para Anderson que estava planejando a morte dele. A princípio,

Anderson disse que a mandaria embora, que ficaria mais ligado, mais esperto e que iria grampear os telefones, iria ficar mais cautelado, observando mais. Depois que Anderson disse que grampearia os telefones a ré comprou um chip para falar com **Flordelis**. A ré tinha dois aparelhos, um em função do trabalho e outro pessoal. Colocou o chip comprado no outro aparelho e ligou para conversar com **Flordelis**, para contar sobre a mensagem, sobre o que ela queria e que depois disso foi conversar com Anderson. Ligou para **Flordelis** antes de conversar com Anderson. **Flordelis** tinha dois telefones, o pessoal e o da igreja. **Flordelis** não tinha um chip para falar somente com a ré. **Flordelis** falava com a ré sempre do telefone pessoal. A ré não se recorda por quanto tempo usou o novo chip comprado; que não se recorda de ter falado na delegacia que utilizou por duas semanas. A ré confirma a declaração que deu na Delegacia, de que não se tratava de outros assuntos, somente sobre o que havia sido tramado com **Lucas**, que **Flordelis** tinha conhecimento desse fato e que os motivos que a levou a ter tanto ódio de Anderson a ponto de tramar a morte deste foi que ficou sabendo por **Flordelis** que Anderson tinha tentado abusar sexualmente de Anabel. Em relação a Anderson e Anabel, **Flordelis** disse que Anderson tinha tentado abusar de Anabel. Confirma que declarou na Delegacia que **Flordelis** contou que Anderson tentara agarrar Anabel no carro, anteriormente, quando voltavam da igreja. A ré não chegou a pedir dinheiro a **Flordelis** para pagar essa contratação do **Lucas** ou de outra pessoa para matar Anderson, mas no dia que conversou com ela chegou a comentar que precisaria dos 5 mil. **Flordelis** nunca se ofereceu para dar esse dinheiro a ré. No começo, **Flordelis** colocava remédio na comida de Anderson e depois a ré passou a colocar Rivotril e remédio da *H. Pylori*. Nunca foi ministrado veneno. Muitas vezes o próprio Anderson via e muitas vezes era escondido dele. O remédio era colocado escondido nos dias em que ele estava muito agitado e muito nervoso, dia que ele não queria tomar. A ré não sabe se **Simone** também chegou a colocar substâncias na comida dele; que **Simone** tinha um bom relacionamento com o Anderson e que não sabe se teve algum problema para Anderson ter deixado de pagar o plano de saúde dela. Não estava recordando o depoimento que deu na Delegacia: *“que, no entanto, sabe que **Simone** também não mantinha bom relacionamento com Anderson, inclusive, ele deixou de pagar o plano de saúde do qual **Simone** era beneficiária”*, mas depois que a magistrada leu recordou. **Flordelis** e **Simone** costumavam ter segredos, costumavam ir para o banheiro para falarem sozinhas, trancadas, mas não sabe sobre quais assuntos elas tratavam. **Flordelis** mandou que eles apagassem as mensagens dos telefones, que se tivesse qualquer mensagem que era para apagar, mensagens relacionadas ao Anderson e a tudo. Não tinha mensagem que compromettesse **Flordelis**, mas que poderiam comprometer a ré, pelo que ela queria fazer. Que não sabe por que **Flordelis** pediu para que todos apagassem, inclusive a **Simone**. Que acha que esse pedido foi feito antes do sepultamento de Anderson. Mas quando a magistrada leu o depoimento da Delegacia, a ré confirmou que foi um dia após a busca

domiciliar realizada em sua casa. Nessa busca domiciliar a ré não entregou o celular, porque quando chegou do trabalho, precisou do telefone da ré, pois já tinham apreendido o celular de todos da casa, para ligar para o Daniel. O policial devolveu o celular para a advogada Luciene e esta devolveu o celular a ré. Ficou na mão da ré e ninguém pediu novamente. Só foi pedido quando a ré compareceu a DH. Não houve uma determinação da **Flordelis** para que escondessem telefones. No dia da busca domiciliar a ré chegou por volta das 19h00, não estava entendendo nada, tinha muita gente, os policiais chegaram pedindo o celular da ré grosseiramente. A ré não sabia o porquê. Doutora Luciene pediu para que o policial se acalmasse e explicou a ré o que estava acontecendo. O celular não foi entregue porque, a princípio, o policial pediu para que ligassem para o Daniel, pois Daniel não estava em casa e precisavam entrar no quarto dele. O policial viu o celular na mão da ré e não pediu novamente. O celular só foi entregue posteriormente na Delegacia. Não sabe se o celular da **Flordelis** foi entregue, não viu. Não chegou a ver o celular da vítima na casa, pois não estava em casa. Não ficou sabendo que o celular da vítima tocou no dia da busca, que apenas ficou sabendo o que as pessoas falavam. Que viu pela mídia, não ficava em casa. Ouviu na mídia que o celular da vítima e o de **Flordelis** não apareceram. Que não sabe se o celular da vítima tocou durante a busca. Não estava em casa no dia que Anderson morreu. **Flordelis** ligou para ré para avisar que Anderson tinha morrido, perguntou pelo Mizael, pois a ré estava na casa do Mizael e disse que tinham matado Anderson. A ré perguntou “O que?”, a cunhada da ré, Marcelle, pegou o celular da mão de **Flordelis** e falou para ré “*É verdade, Marzy. Mataram seu pai na garagem*”. Na época a ré “ia e vinha” da casa do Mizael e da Luana. Passava mais dias na casa do Mizael e da Luana do que em casa. Não chegou a confidenciar para Luana que colocava veneno na comida. Não confidenciava coisas a Luana. Sempre teve um bom relacionamento com Luana. Que só Luana pode responder se teria por que inventar coisas contra a ré. Que não sabe se Luana teria algum motivo para querer inventar algo para prejudicá-la. Desconhece qualquer motivo. Em relação ao dia que Anderson morreu, ficou sabendo na casa, pelas crianças (adolescentes), que Anderson morreu na garagem, que elas acordaram assustadas com os gritos no corredor. Não sabe se **Simone** também queria que Anderson morresse, não se recorda se **Simone** já teria dito algo a respeito. Não ouviu na casa comentários de quem estaria presente na cena do crime, nem de quem teria atirado em Anderson, nem se só o **Flávio** ou mais alguém teria atirado. Desconhecia que **Flávio** tinha arma de fogo, nunca soube. Não sabia que **Flávio** tinha feito curso de tiro, nem o porquê de ter feito. Soube que o **André** ligou para o socorro, mas quem falou foi o Ramon, mas não sabe quanto tempo depois pois não estava presente. A ré nunca ministrou veneno nem nunca falou nada disso para Luana. Que **Simone** sempre pesquisou sobre venenos, pesquisava sobre vários (chumbinho, cianeto). Não se recorda os outros. Que **Simone** sempre pesquisou sobre cianeto nos alimentos, porque na televisão tem um programa.

Que não sabe por que **Simone** iria querer comprar cianeto. Que não soube de alguém ter passado mal na casa depois de beber um suco, tomar algum iogurte que estivesse na geladeira destinado ao Anderson. Soube de um suco que Cristiana tomou na igreja e passou mal. Que não sabe de **Flordelis** ter brigado com Cristiana, reclamado que ela não tinha que ter falado que passou mal. Que Cristiana sempre passa mal. Que chegou a conversar com **Simone** depois da morte de Anderson, mas só para saber o que aconteceu no dia. Que **Simone** não chegou a falar para ela que viu o telefone de Anderson em cima da cama da **Flordelis**. Depois do enterro de Anderson foi embora no carro com Mizael, para a casa do Mizael. Que não ficou sabendo pelo Mizael, pela Luana nem por qualquer outra pessoa que o **Flávio** se desfez do celular dele antes de ser preso no enterro, que colocou na bolsa da **Flordelis** ou de outra pessoa. Que enquanto estava no carro e casa do Mizael isso não foi comentado. Que não teve nenhuma participação no homicídio consumado, nem nas tentativas de envenenamento da vítima. E nem sabia, apesar de ter tentado contratar o **Lucas** para matar Anderson. O **Lucas** aceitou a proposta para matar Anderson. Essa execução não se concretizou por parte do **Lucas** porque no dia, em janeiro, a ré não quis mais, porque **Lucas** queria fazer dentro de casa. Desistiu porque queria que fosse fora de casa. Os remédios que por vezes a ré dava não eram diluídos. Botava Rivotril no copo de suco, no feijão. Tinham cachorros na residência, que costumavam latir quando tinham pessoas estranhas. A Lili latia mais. O Nielzinho (cachorro), morreu um mês depois da morte do Anderson. Falaram que o cachorro morreu por causa do sofrimento, porque o cachorro sentia muita falta de Anderson, e veio a falecer.

A ré **Simone dos Santos Rodrigues** afirmou ser filha biológica da também acusada **Flordelis**. Declarou que os fatos imputados em relação as tentativas de homicídio, homicídio e associação criminosa para prática desses delitos são, em parte, verdadeiros. Afirmou que nunca ministrou veneno nem remédios na comida de Anderson, e que desconhece que alguém fizesse tal ato. Que não se relacionou com o Anderson e que nunca foi namorada dele, nunca teve nenhum relacionamento com ele antes de ele namorar sua mãe. Não tinha um bom relacionamento com ele, pois Anderson sempre teve segundas, terceiras, quartas, quintas intenções com ela e tudo se agravou depois que ela ficou doente e ele teve que pagar/custear o tratamento dela. Anderson dava em cima dela e **Flordelis** nunca teve ciência disso, pois ela não tinha coragem de contar com medo do que **Flordelis** pudesse pensar e, de repente, nem acreditar porque **Flordelis** é cega de amor até hoje por ele e ele era uma pessoa muito convincente. Anderson era aquela pessoa que conseguia convencer todos, tinha uma lábia fenomenal, era um orador incrível, por isso ela não tinha coragem de contar para **Flordelis**. Foi empurrando com a barriga ao ponto de ficar doente, psiquiatricamente falando. Não ficava a par do financeiro da igreja, nunca quis saber, porque não tinha por que ficar sabendo. Com relação à parte artística e salário de Deputada de **Flordelis**

também não, só não achava justo que ele administrava o montante e **Flordelis** ficava com menos. Não achava justo Anderson ficar com um percentual maior; que **Flordelis** era uma marionete nas mãos dele, ele controlava **Flordelis** de todas as formas. Até mesmo em reuniões políticas Anderson tomava a frente, não deixava **Flordelis** falar, a tirava de cena. Não achava justo pois a Deputada era **Flordelis**, então ela que tinha que fazer as coisas como Deputada e não ele. Anderson ajudou muito **Flordelis** a ser Deputada, mas acredita que mesmo sem a ajuda dele ela teria conseguido se tornar Deputada. Ele cuidava de toda parte artística de **Flordelis**, não só o financeiro. Acredita que além dela, não tinha outros filhos insatisfeitos com essa divisão do dinheiro. A ré chegou a planejar a morte de Anderson, mas não chegou a tentar contratar alguém para matá-lo. Deu 5 mil para **Marzy** e falou para ela que não aguentava mais e pediu que **Marzy** a ajudasse. **Flordelis** não estava ciente. Falou para **Marzy**: *“me ajuda, tô passando más momentos com ele e queria muito sua ajuda”*. Esses 5 mil reais seriam pra **Marzy** ajudá-la a fazer alguma coisa. Não tinha um plano, ela só estava desesperada, porque todos os dias Anderson ia a seu quarto. Todos os dias depois que ela ficou doente ele subia no quarto dela pela manhã e pela noite. Passou a dormir com o filho. Achou por bem matá-lo porque não aguentava mais. Foi um momento de desespero. Não acreditava que a **Marzy** conseguiria chegar de fato, fazer de fato. Chegou a entregar a quantia para **Marzy**. Não sabe se **Marzy** tentou contratar o **Lucas** ou outras pessoas, só sabe que **Marzy** daria essa quantia para o **Lucas**. Não sabe se **Lucas** aceitou ou negou, só entregou o dinheiro para **Marzy** e depois não ficou ciente de nada. Não sabe se procuraram por outras pessoas. Não chegou a pesquisar por matadores na internet. Pesquisou por veneno na internet, não só isso, mas também outras coisas. Não foi para matar o Pastor Anderson, nesse dia estava assistindo à investigação no Discovery, e se pegar o celular dela vai ver que não tem várias outras coisas, não só essa pesquisa, mas também um monte de coisas que assistia na investigação Discovery. Pesquisou cianeto porque a amiga tinha falado: *“amiga, pulou um cachorro no meu quintal e ele está com um câncer enorme na bunda, grande, bem grande no rabo. E eu vou matar ele de paulada”*. Então ela respondeu que não, que tinha assistido no dia anterior no Discovery. As duas ficaram pesquisando sobre isso. Achou mais fácil dar isso ao cachorro. A amiga questionou se não seria mais fácil matar de paulada e ela respondeu que não, que seria mais fácil dar um veneno. Então ela pesquisou por alimentos que continham cianeto, não alimento com cianeto, e então ela viu que continha em algumas frutas e falou para a amiga. A amiga falou que seria mais fácil comprar o veneno e ela falou que não, que veneno não se vende assim e então não fizeram nada, até porque o cachorro morreu da mesma forma. Desistiram de comprar o veneno. Nunca tentou envenenar o Pastor Anderson. Não estava presente na cena do crime pois não estava em casa. Não deu nenhum disparo, nunca nem pegou em arma. Nega que tenha sido a autora do disparo efetuado na genitália da vítima. Não estava no local. Não sabe quem atirou. Chegou a visitar **Flávio**,

mas nunca perguntou sobre o ocorrido. Ficou sabendo pela televisão que **Flávio** confessou na Delegacia. Não ficou sabendo que ele confessou perante o Mizael, o Luan, Daniel. Depois do enterro do Pastor Anderson, viu o telefone dele em casa. No dia, o celular estava com ela. Negou que tenha falado que viu o telefone da vítima tocando em cima da cama de **Flordelis**. Lido um trecho do depoimento dado por ela na Delegacia, falou que achou que estava falando do **Flávio**, que do Anderson viu sim. Que o celular do **Flávio**, **Flordelis** e Anderson ficou com ela; que o celular do **Flávio** foi passado para ela no dia do enterro, um pouco antes do **Flávio** ser preso. Ela pegou os três telefones e jogou na praia de Piratininga por desespero, medo. Não sabe se teria alguma coisa comprometedoras nesses três celulares, não olhou, foi só por medo, sem saber o que fazer, estava desesperada. O celular da **Flordelis** era um iphone. Não sabe qual era a linha da **Flordelis**, acha que era o 8121, não lembra. Os dois celulares da **Flordelis** eram iphones. Não foi **Flordelis** que mandou que ela fizesse isso, **Flordelis** nem sabia que ela tinha pego, nem sabia disso, que vai saber agora. Em nenhum momento comentou com **Flordelis** sobre a intenção de matar Anderson, nem depois da morte dele. Não aguentava mais os abusos dele. Ficou doente emocionalmente, tomando remédios do psiquiatra, controlados, com síndrome do pânico. Afirmou que não disse na Delegacia que tinha jogado os celulares no mar, que não tinha mais visto o celular da vítima. No dia que depôs na Delegacia estava totalmente dopada. Que não sabe se deu depoimentos diferentes porque estava dopada. Que no dia da Delegacia não queria falar porque achou que daria tudo certo, que as coisas não seriam descobertas sobre a morte do Pastor Anderson, sobre o dinheiro que ela deu para **Marzy**. Não sabe por que jogou o celular de **Flordelis** fora, pegou o celular de todo mundo e jogou, num ato de desespero. Rogério é uma pessoa que ela teve um relacionamento, era seu namorado. Negou que tenha falado para Rogério que estava colocando veneno da comida do Anderson. Em nenhum momento **Flávio** pediu que ela tirasse algo que estava em cima do armário no quarto dele. Sabe que a arma do crime foi encontrada em cima do guarda-roupa porque viu na televisão. O **Flávio** nunca pediu que ela tirasse algo de cima do guarda-roupa, se tivesse pedido ela teria tirado no dia do sepultamento pois ela foi em casa duas vezes, a arma teria sumido. Ela não sabia da existência dessa arma, nem que **Flávio** tinha feito curso de tiro. Costumava ser responsável pelas compras da casa, Anderson e Mizael fornecia dinheiro a ela para isso. Douglas é um menino que mora em sua casa, quase um irmão dela. Não lembra se Douglas estava no quarto quando ela deixou o celular do Anderson carregando. Lorraine é filha dela. Lorraine não estava em casa no dia do crime, estava na casa do namorado. Ela (**Simone**) estava com uma pessoa na Barra da Tijuca, também não estava em casa e não tinha ciência de que a vítima seria executada. Anderson era totalmente acelerado, pensava 24 horas, nem para dormir parava de pensar. Celular na mão o tempo todo. Era totalmente agitado e tinha várias crises de ansiedade, uma atrás da outra. Ela sabe o que é crise de ansiedade pois

também passa mal de ansiedade. São os mesmos sintomas e, por várias vezes, ela falou para ele marcar psiquiatra para ele, porque ele estava pedindo as medicações dela: *“me empresta seu Rivotril?”*. Ela negava e falava para ele marcar psiquiatra para ele. Ele realmente tinha problemas de saúde que afetava o sono, a parte gastrointestinal dele. Vomitava, ficava ansioso, batia a perna o dia inteiro nervoso, mexendo no telefone o tempo todo. Era ligado no 240. Ela (**Simone**) participava diretamente da organização da casa. Ficava na organização das listagens da organização da limpeza, da cozinha. Fazia as compras e acordava as pessoas para cada um tomar seu posto *“um na lavanderia, cuidando da roupa, outro na sala, outro no corredor”*. Com certeza, de certa forma, isso gerava descontentamento dos irmãos porque muitos não queriam se enquadrar dentro da listagem. Não queriam fazer as coisas dentro de casa, então, querendo ou não, arrumava briga, confusão sim, porque não queriam fazer nada. Ela, com problema de saúde metia a mão e fazia, e quem estava bem de saúde não podia fazer. **Flordelis** nunca tratou os filhos (que não são biológicos) diferente. Ela (**Simone**) tem certeza que muitos irmãos dela - por **Flordelis** ser Deputada, cantora - achava que ela é rica. Queriam ter vida de rico; carro bom, celular bom. Queriam sugar **Flordelis** o tempo inteiro. Então ela acredita nisso, que eles agiam dessa forma querendo tirar dinheiro, coisas de **Flordelis** e **Flordelis** não dava porque não é rica. Ela atribui isso ao descontentamento dos irmãos. Na noite do assassinato, ela foi primeiro ao teatro. **Marzy**, Douglas e Lorraine também estavam. Do teatro, **Marzy**, Lorraine e Douglas foram embora para casa e ela foi para churrascaria na Barra com Rafael. Da Barra, eles foram para um apart-hotel. Não se lembra se chegou a relatar, em algum momento na Delegacia, a presença do Rafael com ela na noite do crime. Anderson sempre demonstrou, mas as investidas sexuais nela começaram a dar entender, de verdade, a partir de 2012, quando ela ficou doente e ele começou a pagar o tratamento dela porque era tudo dividido. As coisas grandes ele pagava e as menores **Flordelis** custeava. Então, ele começou a dar sinal. Pagava o tratamento e falava para ela: *“Ô Bê, olha pra mim com carinho. Me dá oportunidade. Deixa eu chegar mais. Sua mãe não vai ficar sabendo”*. E ela respondia para ele: *“não viaja, não viaja”*. Apagava as mensagens para ninguém ver, nem para os filhos dela verem. Achava aquilo um absurdo. E ele, na frente de **Flordelis** mandando mensagem para ela, ia no quarto dela. Teve uma vez, que ela ficou internada 10 dias em São Paulo. Chegou de São Paulo, deitou-se para dormir e acordou com ele se masturbando no pé dela. No quarto dela, na casa de **Flordelis**. Anderson custeava todas as despesas do tratamento dela. Dava dinheiro para ela. Anderson começou a atrapalhar os relacionamentos dela, quando ela queria namorar alguém. Falou que se ela não andasse na cartilha dele, ele iria começar a tirar o dinheiro do tratamento dela. Ele falava: *“Bê, é fácil! É só você andar na minha cartilha, você dançar conforme a minha música que você vai ter tudo. Telefone, você vai ter tudo. O seu tratamento vai ser pago. Não precisa ser do jeito que você está fazendo. Tem que ser do meu jeito.”* E ela

respondia: *“Você tá viajando, cara. Tá viajando!”*. **Flordelis** não pagava o tratamento dela porque as coisas eram divididas. **Flordelis** ficava com as coisas da casa, como, por exemplo, roupas. Se Anderson se negasse a pagar o tratamento ela poderia pedir a **Flordelis**, mas era ele que ficava com a maior parte do dinheiro. Ele que administrava a maior parte do dinheiro. Ela acredita que se pedisse dinheiro a **Flordelis**, **Flordelis** iria querer ficar sabendo por que o Pastor não estava custeando mais. Ela pensou em contar a verdade para **Flordelis**. Chegou a sentar algumas vezes para tentar conversar, mas não conseguiu, com medo de **Flordelis** não acreditar nela e acreditar nele. Ele era muito convincente. Muito inteligente. **Flordelis** era cega de amor por ele, cega mesmo. Ele era tudo na vida de **Flordelis**. Rogério sofreu com perseguições por parte do Anderson, de implicar com o relacionamento deles. Rogério demonstrou descontentamento, pensou em fazer alguma coisa. Comentou com ela: *“vou matar ele, pra tirar ele do nosso caminho”*. E ela respondeu: *“você não tem coragem de fazer isso, cara”* e Rogério respondeu que tinha. Quando ela viu que Rogério de fato tinha coragem, se afastou do Rogério, o bloqueou em todas as redes sociais, e perdeu o contato com ele. Se afastou dele porque não teve coragem. Posteriormente, criou coragem de procurar **Marzy** e pedir ajuda porque não estava mais aguentando Anderson a perseguindo. Ficou doente emocionalmente. Ficou com síndrome do pânico. Ansiedade. Tomando remédio controlado. Até drogas já usou, porque as investidas dele pioraram muito com o tempo. Tinha nojo dele. Os 5 mil reais que deu a **Marzy**, adquiriu do dinheiro que Anderson dava. Às vezes, **Flordelis** dava 100. *“Filha, vou viajar essa semana. Fica com 100 reais, se precisar na casa você usa”*. Anderson falava *“Bê, olha, toma esse dinheiro aqui. Guarda com você, se precisar você usa”*. Várias vezes ele deu dinheiro para ela. Era dinheiro que ela guardava. O problema que ela teve de saúde, o câncer, começou em fevereiro de 2012. Anderson custeava tudo. Teve 35 tumores de câncer. Melanoma. Quando descobriram, ele começou a custear tudo. Transporte, ida para São Paulo. Ela se doou como pesquisa para o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, e, como doação de pesquisa, depois teve alguns problemas, devido a medicação. Teve neurite cerebral, infecção no sistema nervoso central e, hoje, tem gliose, onde esquece algumas coisas (é uma massa dentro do cérebro que, é como se fosse a cabeça de uma pessoa de 70 anos), tem hipotireoidismo e usa medicações controladas de pânico e ansiedade. Precisa fazer alimentação diferenciada, não pode usar carboidrato e nem açúcar. Hoje, tem tumor na vagina e precisa passar por cirurgia. Inclusive, já foram dois ginecologistas olhar e quiseram drenar, mas, como já foi drenada uma vez... Se negou a drenar no presídio porque nem gaze lá tinha, é um lugar insalubre para abrir um tumor. O tumor está super grande. Se negou a seguir a orientação médica porque é muita dor. O médico perguntou se ela já tinha feito duas vezes e ela respondeu que sim. O médico respondeu que, *“então, devido a essas duas vezes só cirurgia”* e ela concordou. Ela já ia fazer cirurgia aqui fora, já estava tudo certo. No presídio não tinha gaze e nem lençol para forrar a maca. A

médica forrou blusinhas na metade da maca, para ela se deitar, só meio corpo. É um lugar totalmente insalubre. Nem **Rayane** e nem nenhum filho dela tinha conhecimento sobre as investidas do Pastor Anderson. **Rayane** não teve qualquer participação na morte dele. **Flordelis**, em hipótese alguma, tinha relações sexuais com integrantes da igreja com o conhecimento de Anderson. Acredita que isso nunca aconteceu. Ia nas agendas com **Flordelis**. Já trabalhou no escritório, atendendo telefone. Nunca chegou a participar de nenhuma rachadinha e nem tinha ciência de que isso acontecia no gabinete dela, de que as pessoas que trabalhavam tinham que dar um percentual. **Flordelis** nunca tomou conhecimento de tudo que ela (**Simone**) declinou, diante da magistrada e dos promotores de justiça. É novidade. Era muito comum **Flordelis** deixar o aparelho celular nas mãos dos filhos. Ela, **Marzy** e todo mundo já usou o celular de **Flordelis**, até as crianças, para jogar *free fire*, brincar de qualquer tipo de jogo. **Flordelis** nunca foi apegada a bem material. Já usou o celular de **Flordelis** para passar mensagem para algum irmão se passando por **Flordelis**, fingindo ser **Flordelis**, como se digitasse por ela. Já fez isso algumas vezes. Não lembra quais mensagens, nem para quem passou fazendo isso, tem muito tempo. Só respondia. Já respondeu a Vânia: “Mãe, posso ir aí?”, “pode”. Também já enviou algumas mensagens, só não lembra quais. Já fez igual a **Marzy** fez. Já discutiu com **Andrea** Maia. Somente uma vez, porque chegou em casa e **Andrea** estava brigando, gritando com **Flordelis**, pois **Andrea** queria que **Flordelis** chamasse a mídia para defender o marido dela. **Simone** não achou pertinente e discutiram por causa disso. Não lembra qual seria a defesa do marido dela, o que **Andrea** alegava, o motivo. Quando **Flordelis** viajava, **Simone** ficava responsável pelas compras da casa e o **Carlos** pela casa. **Carlos** era o mais velho da casa, então todo mundo que queria sair pedia para ele. “**Pastor Carlos, vou sair**”, “**Pastor Carlos, quebrou**”, “**Pastor Carlos, acabou a água**”, “**Pastor Carlos, conserta a bomba**”, “**Pastor Carlos, tem alguém discutindo**”. Tudo era “**Pastor Carlos**” porque ele era o mais velho da casa. **Carlos** que gerenciava a casa, muitas das vezes, na falta de **Flordelis**. Muitas das vezes, **Carlos** tinha autonomia, mas tinha coisas que ele passava para **Flordelis**. **Pastor Carlos**, Lorraine e **André** levavam as crianças da casa para escola, médico. Em relação as matrículas da escola, **Pastor Carlos**, **André** também já fez. **Simone** não teve ciência de uma carta, que teria entrado no presídio e que o **Lucas** copiou o conteúdo forjado. Não sabe se foi **Flordelis** que escreveu. Não quis acrescentar nada que acrescentasse na defesa dela. Apenas, quis pedir pelo problema de saúde, que a magistrada visse com carinho porque ela precisa se tratar, precisa se cuidar. Que precisa fazer o *pet scan*, que tem que fazer de 3 em 3 meses; que o melanoma não tem cura.

Cientificada de seu direito constitucional ao silêncio, a acusada **Rayane dos Santos Oliveira** optou por não responder às perguntas.

O acusado **Adriano dos Santos Rodrigues** declarou ser filho biológico da ré **Flordelis** e afirmou que os fatos imputados na denúncia não são verdadeiros. Disse que não tinha ciência do plano para matar Anderson, nem do envenenamento e que até ficou surpreso quando viu tantas pessoas falando sobre. Também não tinha ciência de que **Flávio** possuía arma de fogo, já tinha ouvido falar, mas não lembra por quem. Não sabe o porquê de **Flávio** possuir arma de fogo, acha que foi por causa do curso de tiro. Sabia que **Flávio** fez curso de tiro. Não morava na mesma casa que a vítima, mas morava no mesmo terreno. Não sabe quem teria praticado o crime, quem atirou. Não teve ciência se **Flávio** teria confessado os fatos para algum irmão. Só ficou sabendo que **Flávio** confessou por meio da televisão ou pelo advogado, não lembra exatamente. Não soube de nenhum plano anterior para matar Anderson. Um dia, Anderson pediu pra **Adriano** estar com ele no quarto e, quando chegou no quarto, Anderson pediu para que **Adriano** descesse para o closet. Tinha algumas pessoas no closet e Anderson fez uma “reuniãozinha” e falou que teria recebido uma mensagem de que, supostamente, queriam matá-lo, mas que já estava tudo resolvido, que ninguém precisava se preocupar e que era só para ficarem de olho. **Adriano** não viu a mensagem, só ouviu Anderson falando isso. Não sabe se houve alguma mensagem enviada do celular da **Flordelis**. Não houve nenhuma determinação de **Flordelis** para que eles apagassem as mensagens e não entregassem os celulares para a polícia. Foi feita busca e apreensão na residência. Os policiais estavam buscando celulares. Teve três buscas, e em todas os policiais levaram o celular de **Adriano** e de sua esposa. Não tinha um terceiro celular. O celular de **Adriano** estava na caixa de pizza. **Adriano** já tinha perdido dois celulares, e não queria perder o terceiro, então, por isso, **Adriano** colocou o celular dentro da caixa de pizza. Ele não foi orientado a esconder o celular. Nesta busca também foi apreendido o desktop de **Adriano**. Não chegou a trabalhar no gabinete de **Flordelis**. Trabalhou na Igreja e com seu irmão Mizael, mas também fazia algumas coisas para **Flordelis**. Não tem como responder se no gabinete de **Flordelis** tinha rachadinha, pois nunca trabalhou no gabinete dela, mas, no gabinete do Mizael, não que tenha sido uma rachadinha, mas Mizael perguntou se **Adriano** podia dar parte do que ganhava para ajudar em outras coisas, outras pessoas que faziam parte da política e **Adriano** concordou. No gabinete de **Flordelis** trabalhavam **Rayane**, **Carlos** e o **André**. Nunca soube deles participarem dessa rachadinha. Quando foi buscar a carta que foi entregue ao **Lucas**, nem sabia o que era. **Flordelis** que o mandou buscar e disse que tinha um bilhete dos irmãos. Pegou a carta com a **Andrea** e ela falou que um homem tinha mandado entregar. Então ele pegou, colocou no banco do carona, era noite, e levou para casa. Quando estava estacionando o carro em casa, ligou para **Flordelis** para perguntar se poderia ir entregar para ela, e foi o que fez. Estacionou o carro e entregou para **Flordelis**. Quando estacionou o carro abriu a carta para ver, não leu exatamente tudo porque a caligrafia era muito ruim. Não lembra exatamente o que leu, deu para entender mais ou menos.

Entendeu mais ou menos que dois ou três garotos entraram e fizeram. Acredita que era sobre a dinâmica da morte de Anderson. Não fez questionamento com **Flordelis** acerca da carta. Ficou pensativo, mas pouco depois a carta apareceu na televisão. Não ficou sabendo se o conteúdo era falso, nem se mandaram que o **Lucas** copiasse. A responsabilidade da comida de Anderson não era de alguém em específico, às vezes, comia a comida da Neinha, às vezes, outras pessoas da casa faziam a comida dele. Não sabe se colocavam remédio ou outras substâncias na comida de Anderson. Sabe que Anderson tomava remédio, mas não sabe como. Não sabe se foram feitas pesquisas sobre veneno, ficou até surpreso em saber que tanta gente sabia disso e ele não sabia. Nunca ouviu falar de pesquisa e nem nada disso. Fazia-se a compra da casa. Anderson separava algumas coisas da compra e colocava na geladeira dele porque é uma casa de muita gente, se ficasse na geladeira acabava tudo de uma vez. Então tinha essa parte separada para ele. Mas no quarto dos meninos, da **Simone** e do Daniel também tinha geladeira. Todo mundo tinha sua geladeira e separava suas coisas. No quarto das meninas maiores não tinha geladeira, mas tinha várias coisas que elas separavam. Há muitos anos **Adriano** não mora mais na mesma casa (oito anos e meio), mas quando morava, cansou de ir ao quarto das meninas perguntar se não tinham um miojo e que depois ele devolveria, era um costume da casa. Não soube de alguém ter tomado um suco, ou um iogurte, da geladeira de Anderson e ter passado mal. Não chegou a fazer nenhum comentário, na prisão, de acertar as contas com a testemunha Rejane quando saísse. Estava em casa no dia do homicídio. *“É um terreno muito grande, dá numa rua à outra. Tanto que, tem um portão que é numa rua e um portão de garagem que é lá na outra rua, que é outra garagem. É um terreno muito grande. Tem a casa principal. Do lado de fora tinha tipo uma quitinete, que era onde o Daniel ficava. Tem, lá atrás, nos fundos, lá atrás mesmo, depois da piscina, a casa do **Pastor Carlos**. Aí lá em cima, lá atrás também, só que na parte de cima do terreno, lá atrás, na parte alta, tinha a minha casa e o quarto dos meninos, que era o **André**, o **Alexandre** e o **Paulo Roberto**, se eu não me engano. Anteriormente era o **Mizael**, o **André**, o **Alexandre** e o **Daniel**. Depois o **Daniel** foi pra baixo e o **Mizael** foi embora, aí ficou **André**, **Alexandre** e **Paulo Roberto**”*. Não sabe especificar a distância de sua casa para a casa principal, mas é uma distância mais ou menos de uma parede à outra do plenário. Não a entrada, mas a parte mais próxima. A entrada é mais distante. É um portão que tem uma garagem que dá em uma rua, e, lá na outra rua, também tem um outro portão que tem uma outra garagem. Na Rua Cruzeiro, a garagem tinha um acesso pelo closet. As duas entradas dão na casa principal, mas tem uma boa distância. A garagem que Anderson usava era da Rua Cruzeiro, que era onde estava o carro quando ele foi morto. A garagem onde o crime aconteceu dava acesso ao closet e, um pouco mais distante, a entrada da cozinha. Esse closet era do Anderson e **Flordelis**. O mais próximo era o closet ou a porta da cozinha. A porta da sala sempre ficava trancada, dificilmente ficava aberta. *“Entrando na cozinha,*

*passou a cozinha tinha o quarto da minha avó, Dona Carmozina*". Quando **Flávio** estava na casa, Dona Carmozina dividia o quarto com ele. Não sabe se no dia dos fatos **Flávio** estava dormindo no quarto. Não lembra se Dona Carmozina estava lá no dia dos fatos, mas acredita que não. A sala ficava pela entrada da outra garagem. O closet era no primeiro andar da casa e ia até o terceiro. A cozinha ficava no segundo andar junto com o quarto do **Flávio**, quarto de Anderson e **Flordelis**, quarto das meninas maiores (Érica Dias e Ângela), quarto da Tayane e uma escada que ia para o terceiro andar. No terceiro andar tinha um quarto que ele não lembra quem ficava (que o chão é de madeira), quarto que ficava Michele e **Marzy**, quarto da **Simone**, Ramon, Lorraine, Rafaela e Moisés, quarto que ficava as meninas pequenas, quarto da Anabel e Isabel. No dia do homicídio o declarante estava em sua casa e ouviu os tiros, acordou e a esposa o perguntou o que era aquilo e ele respondeu que era tiro. Ele já morou em favela (Jacarezinho, Parada de **Lucas** e Irajá). A esposa falou que não era, ele respondeu que era sim e que foi muito perto. Então ele levantou e foi ver se os filhos tinham acordado, mas estavam dormindo. Ele olhou pela janela da sala e não viu nada, não tinha nada. Teve o impulso de querer descer. A casa dele é bem no alto e da janela da sala dá para ver a parte de trás da casa principal. A esposa dele não o deixou descer, então, ele foi para janela do banheiro para ter outra visão, ficou um tempo parado, olhando, até que viu o **Flávio** subindo correndo para parte alta do terreno gritando o **André**. **André** morava em uma quitinete que também ficava na parte alta, perto da casa dele. **Flávio** gritava "**André, socorre aqui. Socorre aqui. Socorre aqui**". Não se recorda se **Flávio** estava de camisa. **Flávio** não chegou a entrar na quitinete de **André**, ficou apenas na porta gritando e desceu. Quando **Flávio** desceu, **Adriano** falou para a esposa que iria descer. Já tinha se passado um tempo quando desceu. Passou pela piscina, entrou no corredor que entra na varanda da cozinha, que é onde teria acesso a casa principal. Na varanda tinha duas meninas que ele não lembra quem eram. Passou pela cozinha e foi em direção ao quarto de **Flordelis**. Não tem certeza, mas acredita que era Anabel quem estava chorando muito, na janela do quarto de **Flordelis** que dá na garagem. Ouviu a voz de **Flordelis** e foi para o corredor. Não lembra se viu **Flordelis** já no final da escada, ou se a encontrou no meio da escada descendo. Não lembra onde Daniel estava. Não tem noção do tempo que demorou, depois dos tiros, para sair de sua casa e ir até a casa principal. Só sabe que foi um tempo considerável. Acordou com um tiro e escutou mais 3 ou 4, alguma coisa assim. Antes de descer não ligou, nem mandou mensagem para ninguém. Não viu **Simone** na casa e não sabe se ela estava lá. Quando viu Anabel chorando, bateu um desespero e ele saiu da casa. Passou pela cozinha, varanda da cozinha e foi para parte de trás da casa. Ajoelhou no chão e fez uma oração, sem saber o que de fato estava acontecendo. Não sabia que tinham acertado Anderson ou que outra pessoa estava alvejada, apenas imaginou que algo tinha acontecido pois viu o desespero de todos. Todos estavam desesperados. As pessoas falavam "*Niel,*

*Niel, socorre*”, e Anabel gritou na janela *“Ai meu pai, ai meu pai”*. Ele não teve coragem de ir ver, não desceu até o carro, apenas ajoelhou para orar pedindo a Deus que guardasse. Fez o que podia ser feito naquele momento. Depois subiu para casa dele, até então, só sabia que algo tinha acontecido com Anderson e tinha escutado tiro. Ficou sabendo que levaram Anderson para o hospital. O chamaram dizendo que **Flordelis** queria ir para o hospital, perguntaram se ele podia levar e ele respondeu que podia. Desceu e foi levar **Flordelis** para o hospital. Não conversaram no trajeto. Foi ele, **Flordelis** e tinham outras meninas no banco de trás, acha que eram Anabel e Isabel. Ninguém falou nada, foi mais um trajeto de desespero e agonia. Chegando no hospital entrou direto para saber o que tinha acontecido. Perguntou *“gente, e aí, o que aconteceu?”*, responderam *“tá lá dentro, tem que esperar, o médico vai vim trazer resposta”*. Quando **Flordelis** chegou foram avisar que Anderson tinha falecido. No hospital, teve contato com o Daniel e acha que **Flávio** estava junto com Daniel. Não ficou sabendo quantas perfurações tinham, apenas que Anderson tinha falecido. Não viu quando Anderson foi levado para o hospital. Pelo que ficou sabendo, quando Anderson foi levado já estava morto. Não viu ninguém mexendo na cena do crime. Anderson costumava usar uma mochila preta, levando normalmente coisas pessoais, dizem que levava o dinheiro que recolhia da Igreja. Não viu a mochila de Anderson no dia do crime, mas viu dois dias depois e pegou com o Daniel. Pouco depois do crime foi morar com a sogra e não sabe se alguma psicóloga fez simulações de entrevista com a polícia. Saiu de sua casa para morar com a sogra por ter muitas lembranças, trauma. No dia da apreensão da arma do **Flávio** ainda morava na casa. Não sabe o que aconteceu com o celular de Anderson, **Flordelis** e **Flávio**. Não sabe se teve alguma reunião na casa depois do crime. É o filho biológico mais novo. Quando Anderson chegou na casa o declarante ainda era muito criança, deveria ter 5/6 anos. Não sabe se Anderson chegou a namorar **Simone**. Pegou a carta com a **Andrea** e a caligrafia era muito ruim. Leu partes, mas não conseguiu ler tudo pois já tinha avisado para **Flordelis** que tinha chegado na casa. Declarou que **Lucas** estudou. Não sabe dizer o grau de instrução de **Lucas**, apenas que sabe ler e escrever. Na casa tinham dois cachorros. Um mês e pouco depois da morte de Anderson um dos cachorros teve crise renal e faleceu. Houve um desentendimento entre Anderson e **Marzy**, sobre dinheiro, que depois teria sido resolvido, mas não sabe como ficou. Como não morava dentro da casa principal, sabe das coisas apenas por partes. O Mizael administrava o dinheiro, tanto da Igreja quanto da casa, mas tinha que prestar contas para Anderson. O **André** auxiliava o Mizael nessa questão. Não chegou a presenciar alguém manifestar insatisfação com Anderson. Não ouviu alguém falar que não precisava mais de Anderson, depois da eleição em que **Flordelis** foi eleita deputada. Não chegou a conversar com **Flordelis**, nem com ninguém, sobre o teor da carta, nem depois que apareceu no Fantástico. Não sabe se **Andrea** passou a frequentar a casa depois do crime. A casa da sogra do declarante é em Cambinhas, na Florestan Fernandes. Não se recorda

quantos dias depois do crime se mudou para casa da sogra. Rejane chegou na casa de **Flordelis** falando que o aluguel da quitinete que **Lucas** morava precisava ser pago. O declarante perguntou a Rejane quem tinha alugado a quitinete para **Lucas**. Rejane respondeu que ela tinha alugado. O declarante então disse que quem tinha arrumado o problema que tinha que resolver. Rejane então respondeu: “*bonitinho você, hein, garoto*”, virou as costas e saiu. Afirmou que nunca houve ameaça e que **Carlos** estava presente. Quando foi preso passou na DH, Benfica e foi para Bangu VIII (Joaquim Ferreira), e ficou 12 dias de quarentena, no Joaquim Ferreira. Depois, foi transferido para Bangu VII (Nelson Hungria), onde ficou 14 dias de quarentena. Quando entrou para o convívio foi para Bangu I, onde ficou 15 dias de quarentena. Quando chegou no sistema prisional não teve contato com ninguém da família, não tinha carteirinha nem para ele. Teve contato apenas com o advogado. No período que ficou no Nelson Hungria não teve nenhum contato com celular. **Flordelis** e Anderson pareciam ser um casal feliz, muito apaixonados um pelo outro. Não presenciou nenhuma briga de **Flordelis** com Anderson por causa de dinheiro. **Flordelis** nunca se preocupou com bens materiais, tanto que essa questão sempre ficava nas mãos de Anderson, pois Anderson que se preocupava com isso. O declarante esteve na casa da **Andrea** para pegar a carta. Acha que **Andrea** era líder de presídio, que ajudava as pessoas. Não sabe quem é Fabiano. **Andrea** falou que um homem mandou entregar a carta, mas não lembra o nome desse homem. Esse homem não era o réu **Marcos Siqueira**. Em nenhum momento houve menção ao nome **Marcos Siqueira**.

O réu **Carlos Ubiraci Francisco Silva** respondeu que é filho de criação de **Flordelis**. Não chegou a ser adotado no papel. Mora na casa há 30 anos. Anderson não morava lá quando ele chegou. Passou a morar na casa de **Flordelis** dos 18 para 19 anos, tinha acabado de sair do quartel. Tinha idade próxima a Anderson, mas é mais velho. Afirmou que Anderson chegou a namorar **Simone**, antes de se relacionar com **Flordelis**. Na época que **Simone** namorava Anderson, **Flordelis** namorava Nelson, que é irmão do **André**. Quando **Flordelis** começou a se relacionar com Anderson, ele já tinha terminado com **Simone**, e Nelson já tinha terminado com **Flordelis**. Mizael com o Pastor Anderson eram responsáveis pela administração financeira da casa. Quem coordenou toda a evolução política e artística da **Flordelis** foi o Pastor Anderson. Pastor Anderson administrava tudo, era tudo a cargo dele. Tudo que **Flordelis** queria, Anderson dava. Com o passar do tempo, passou a existir uma insatisfação em razão dessa centralização da administração. Insatisfação da própria **Flordelis** e também de alguns da casa. Como Anderson era administrador, às vezes, as pessoas ficavam chateadas com a forma que ele administrava. Havia três grupos na casa. Um grupo do trabalho, que fazia a coisa acontecer. Outro que eram mais queridos. E outro que realmente eram dos menos favorecidos. Não era separação de comida. **Flordelis** não comia frango, então comia ovo ou carne. Às vezes, quem já tinha almoçado a comida

que Neinha fazia, tinha que fazer a mistura separada e acabava comendo também. Atualmente, Mizael não fala com **Flordelis**, porque acha que ela está envolvida no assassinato, cortou relações com ela. Hoje, o **André** cuida da parte financeira que cabia ao Anderson. Declarou que tinha um bom relacionamento com **Lucas**, era seu responsável no colégio. Tomava conta da casa, na ausência da **Flordelis**. A vizinha, mãe da **Flordelis** e a Neinha, cozinheira, também ajudava. Ele ficava mais na responsabilidade de levar para o colégio, de ir às reuniões, levar ao médico para vacinar, para fazer consulta e, às vezes, quando tinha algo para fazer em relação ao conserto de bomba, chuveiro, porta que caiu, essas coisas. Teve conhecimento de um furto ocorrido na residência. Como o **André** e Mizael sempre eram responsáveis pelo financeiro, ele (**Carlos**) que era da igreja de Piratininga, levava o dinheiro e entregava na mão do Mizael ou do **André** e essa importância era guardada no quarto deles, até o dia deles levarem para o banco. **Marzy** mexeu em um desses envelopes. O relacionamento da **Marzy** com o Anderson sempre foi ruim. Era bom, depois que a **Marzy** começou a ter esse costume, de mexer nas coisas, Anderson ficou muito chateado e qualquer coisinha brigava com ela, não gostava dela muito perto. Não soube de nenhum plano para matar o Anderson. Não soube de nenhuma mensagem enviada do celular de **Flordelis** e nem se tentaram contratar o **Lucas**. Houve uma briga entre **Flávio** e **André**. Não viu, mas ficou sabendo. Não sabe se **André** brigou com **Simone** e **Flávio** ficou com ciúmes ou tomou as dores. Nessa ocasião, houve uma agressão por parte do **Flávio**. **Flávio** deu uma tesourada nas costas do **André**. Não sabe dizer se essa agressão foi registrada na Delegacia. A igreja dele e da esposa é em Piratininga. Uma vez por mês eles iam para Sede, tomar Santa Ceia geral. Sempre faziam almoço para a família, para os membros e obreiros mais chegados. Foi feito o almoço, a esposa dele tomou um suco. Foram para casa e a esposa falou que não estava se sentindo bem. Ele perguntou o que ela estava sentindo e ela respondeu que não sabia, que estava meio tonta. Ele a chamou ela para ir para casa. Chegando em casa, ela deitou e ele perguntou se ela estava bem e que não ia para o culto. Ele perguntou se ela queria que ele ficasse com ela e ela respondeu que não precisava, que estava bem. Ele foi para o culto de Piratininga e o telefone da secretaria da igreja tocou e falou que a esposa dele estava passando mal. Ele pediu para irem a casa dele, socorrê-la. Ela tomou o suco meio dia, só passou mal à noite. Segundo a esposa, ela foi falar com **Flordelis** e **Flordelis** falou que se ela tivesse a procurado, que ela teria resolvido. Não sabe dizer se **Flordelis** reclamou de ela ter contato para outras pessoas. Atualmente, a família dele não mora na casa da **Flordelis**. Preso, ele ficou sabendo através da esposa o que aconteceu. A família não mora mais na casa da **Flordelis** porque houve uma confusão na casa, com a filha dele e Lorraine. Depois, **Flordelis** foi falar com a esposa dele, amaldiçoou, xingou a filha dele e pediu para que se retirassem da casa. Onde **Lucas** morava, na quitinete, já tinha vencido. A Rejane tinha se comprometido a ajudar o **Lucas** a pagar a quitinete, como era o valor do salário que ele recebia. Não

sabe se o **Lucas** não pagou o aluguel, mas o moço foi na casa da **Flordelis** cobrar, junto com a Rejane. O Pastor Anderson e **Flordelis** não estavam em casa. **Adriano** falou para Rejane: *“ué, você não cuida dele? Então você poderia pagar essas parcelas”*. Mas que não foi discussão. **Adriano** falou que Rejane poderia pagar. **Carlos** conversou com o moço e pediu para que ele voltasse no dia seguinte. Que ele conversaria com Anderson e **Flordelis** para resolver. Não houve discussão, foi só uma conversa. Nunca viu colocarem remédio na comida ou bebida de Anderson. Havia um comentário na casa que botavam alguma coisa na comida dele, mas ele não sabe o que era. Não sabe se era comprimido, de pingar ou quem colocava. Ficou sabendo que Anderson foi algumas vezes para o hospital, sim. Segundo **Flordelis**, Anderson era muito ansioso e inquieto. Entre comer e passar mal tinha um intervalo. **Flordelis** falou que se a esposa dele tivesse conversado com ela que tinha passado mal, ela teria resolvido, mas não admitiu que colocava alguma coisa. Em relação ao dia dos fatos ele estava em casa. A casa dele é a última do terreno. Ele não ouviu os disparos. Estava em casa com a esposa e a filha, dormindo. A esposa tem o costume de dormir com a televisão ligada. A Rafaela bateu na casa dele, chamando-os. Rafaela é filha da **Simone** com o **André**. Bateu e disse que o Anderson estava caído na garagem. Ele perguntou o que tinha acontecido e Rafaela respondeu que não sabia, que estava caído lá. Quando ele chegou, Daniel e **Flávio** estavam socorrendo. Ele voltou para casa, porque estava preocupado com a esposa porque ela toma remédio controlado. Como já estavam socorrendo, ele voltou para ver como estavam a esposa e as crianças. Depois chegou a Daiana com o Vinícius, e foi onde foram para o hospital (**Carlos**, **André**, Daiane e Vinícius). Daiana, Vinícius e **André** estavam chegando da rua. Não viu a **Simone** em casa, ouviu dizer que ela não estava em casa. Não deu para ver se **Flávio** e Daniel estavam com sangue, estava escuro e foi rápido. Olhou e voltou. Já estavam botando no carro. Só viu **Flordelis** no hospital e ela falou que foi um assalto. No hospital ela já estava dizendo para todo mundo que foi um assalto. Estava chorando. Não ficou sabendo se quando levaram para o hospital ele ainda estava vivo ou já estava morto. Não viu Anderson saindo para o hospital, já tinha voltado para casa. Afirmou que a tesourada que **Flávio** deu no **André** não foi profunda. Os parentes não eram empregados no gabinete de **Flordelis** e Mizael. Era ele e **André**. Entre os três grupos da casa, tinha um que trabalhava, que era ele, **André**, Luan, Mizael, Kelly. Outro grupo tinha questão de passear, viajar, recebia alguns presentes. Beneficiados eram Ana, Isabel, Daniel, **Simone**, as filhas de **Simone**. O grupo menos favorecido recebia correções, ficavam sem jogar videogame, sem ir à igreja, e, às vezes, era corrigido com chinelo. Mesmo sendo adulto, **Carlos** chegou a receber correção física. Já tomou panelada, soquetada. Quando chegou tinha problemas com drogas, então, às vezes, não ficava muito em casa, queria muito ir para rua. **Flordelis** brigava muito com ele. Isso, no Jacarezinho. Tinha problemas com drogas quando chegou na casa, tinha 18, 19, 20 anos. **Flordelis** brigava, batia, xingava. Todos respeitavam

**Carlos**. Tudo que **Flordelis** mandava, eles obedeciam. Tudo vinha dela. Não faziam nada sem a ordem dela. A ordem vinha dela. Para sair de casa tinha que comunicar a **Flordelis**. Todo mundo tinha de pedir autorização. Acha que é para o caso de acontecer alguma coisa, ela saber onde estava cada um. Ficou sabendo que **Flávio** foi para Brasília poucos meses antes do crime porque tinha brigado com a esposa e o Anderson e a **Flordelis** pediram para ele ir, para descansar um pouco. Não sabe se tinha mandado de prisão contra **Flávio**. Não lembra quanto tempo **Flávio** ficou em Brasília. Não sabia que **Flávio** tinha arma, nem que fazia curso de tiro. Não soube o que aconteceu com o celular de **Flávio**, **Flordelis** e de Anderson. Teve uma reunião muito rápida na casa, depois do crime. A reunião que tinha na igreja era para todo mundo se unir, para não deixar a obra acabar porque todo mundo ficou muito triste, muita gente saiu da igreja. Então, estavam sempre se reunindo, pedindo para o povo ser forte, que o momento não era fácil, era muito difícil. Ficou chateado que quando estava em Bangu, o antigo advogado, pago pela **Flordelis**, pediu para que eles assinassem o papel e eles assinaram. Falou que era para eles ficarem tranquilos que iria resolver. Perguntou tinham alguma coisa para falar para família. Eles falaram que era para ficarem calmos, que ia dar tudo certo. **Carlos** foi transferido pra Evaristo de Moraes, em São Cristóvão. O advogado demorou muito a ir à Evaristo, e **Carlos** sempre se preocupou com sua família. Sabe que a esposa não está bem, e, também estava preocupado com as duas filhas. Quando o advogado chegou, **Carlos** perguntou como estava sua família e o advogado falou que estava tudo bem, mas não sabia como explicar. Só falou que tinha acontecido uma briga, entre sua filha e Lorraine, em casa, e que a filha tinha saído de casa, mas que era para ele falar com a Raquel, para não fazer nada de errado, não fazer nenhuma besteira. Ele falou que tudo bem, mas que precisava de notícias da família, saber como a família estava. O advogado falou que a esposa iria na visita, e que era para ele conversar com ela para ela conversar com Raquel, para segurar Raquel. Que o advogado depois voltaria, para saber como tinha sido a conversa. A esposa foi a visita, falou do acontecido e o advogado não foi. **Carlos** ficou chateado porque o advogado deu a palavra, falou que iria e não foi. A filha de **Carlos**, junto com o pessoal da igreja contratou outro advogado. O novo advogado chegou e falou tudo, contou para **Carlos** que sua esposa bateu de carro e machucou a vista; que realmente, **Flordelis** tinha colocado sua família para fora de casa; que cada um estava na casa de um membro; que a igreja de Piratininga estava apoiando. O novo advogado deu toda a informação que ele queria saber sobre sua família. Chegando na audiência, o antigo advogado foi falar com ele e ele falou: *“Poxa, fiquei esperando o senhor. Hoje que o senhor aparece?”*. O antigo advogado falou que tinha pegado a COVID-19. **Carlos** respondeu que, infelizmente, não poderia mais caminhar com ele, pois na hora que mais precisou ele não apareceu e que já estava com outro advogado. Está junto com todos na casa há 30 anos. Não sabe do envolvimento de nenhum dos réus com o crime em desfavor do Anderson do Carmo. Nunca ministrou

veneno para Anderson, nem chegou ao conhecimento dele. Nega que tenha ido comprar carro com Mizael, que foram ao teatro; que Mizael já morava em São Gonçalo, tinha casado e ele residia em Niterói. Mizael o convidou para ir ao teatro e **Carlos** respondeu *“fica tranquilo que eu vou de carro com minha esposa”*. Mizael insistiu, disse que iria ir buscá-lo, para que gastassem uma gasolina só, um pedágio só. **Carlos** falou pra Mizael não se preocupar, que queria ir de carro porque depois ficaria mais fácil para cada um ir para sua casa. Mizael continuou insistindo e **Carlos** concordou. Na verdade, Mizael já sabia do veneno, pois todos da casa já sabiam. Mizael que contou para **Carlos** sobre o veneno. Não estava no gabinete, no dia, e não sabia que **Marzy** fez um suco no qual **Flordelis** ministrou veneno e deu para Anderson. Havia brigas normais, de casal, entre **Flordelis** e Anderson. Às vezes, Anderson ia brigar com alguma criança e **Flordelis** não gostava. Não soube de briga entre **Flávio** e Anderson; que ficou sabendo de discussão, não briga; que discussão é uma coisa e briga é outra; que não sabe o motivo da discussão. **Carlos** vem recebendo visitas na unidade. Terça feira passada recebeu visita da esposa. Raquel não o visitou porque está trabalhando. **Carlos** trabalhou no gabinete da acusada **Flordelis**. Seu salário era R\$ 11.000,00. Ganhava quatro mil e pouco quando trabalhava no gabinete do Mizael, que era quando a Igreja pagava o plano de saúde dele. Depois que foi para o gabinete de **Flordelis** não precisava mais que a Igreja pagasse pois ele poderia pagar. Não tinha rachadinha no gabinete, e que ele saiba nunca teve. O nome da Igreja que ele administra é Ministério **Flordelis** em Piratininga. Não se recorda do depoimento da Roberta. **Carlos** foi usuário de drogas, no passado. Teve uma recaída e Anderson o ajudou. A Igreja sempre teve o costume de fazer retiro, anual, no carnaval. No ano em questão, **Carlos** resolveu não ir. Anderson insistiu e **Carlos** disse que não queria, que queria ficar com a mãe e com os irmãos biológicos. O pessoal foi e **Carlos** teve a recaída, ficou cinco dias e voltou para as drogas. Quando voltaram do retiro Anderson percebeu que **Carlos** não ia mais aos cultos, então, Anderson foi até a casa de **Carlos** e soube que **Carlos** tinha voltado para as drogas e o ajudou, o aconselhou a não fazer mais isso e disse que **Carlos** era muito importante para eles, que essa vida não levaria **Carlos** a nada, pediu que **Carlos** voltasse para a Igreja. De tanto Anderson insistir, acabou ganhando **Carlos** pelas palavras e pela paciência. Então, **Carlos** voltou para a Igreja. **Carlos** era muito grato a Anderson, se não fosse Anderson, hoje, **Carlos** não estaria casado e nem vivo. Érica tinha batido em uma criança pequena, **Carlos** contou para **Flordelis** o que tinha acontecido e **Flordelis** mandou **Carlos** dar uma chinelada em Érica conforme Érica deu na criança. Tudo só acontecia por ordem da **Flordelis**. Tudo que Anderson fazia, consultava **Flordelis**. A última palavra era dela. O comentário no carro com o Mizael, sobre o envenenamento, foi feito após a esposa de **Carlos** passar mal. Na verdade, já tinham comentado na casa em tom de brincadeira. Tudo na casa, como são muitos adolescentes, eles brincam muito. Tem uma menina, chamada Michelle, que imita todo mundo. Imita **Carlos** pregando, imita

**Flordelis** cantando, imitava Anderson pregando. Michele sempre teve esse dom e eles sempre morriam de rir. Tudo que acontecia na casa as crianças e adolescentes levavam em tom de brincadeira. Então, havia sim essa brincadeira na casa na questão do envenenamento. Anderson não chegou a conversar com **Carlos** em relação ao plano de execução e não chegou a mostrar o iPad. Teve uma reunião, que durou de 3 a 5 minutos, que Anderson chegou a falar sobre o assunto, mas disse que já tinha resolvido, “*não, já resolvi já*”, foi muito rápido. Comentou com a turma que estava lá. Não só **Carlos**, mas os maiores precisavam de autorização até para ir à rua. A Igreja ofereceu uma viagem a **Carlos** para Região dos Lagos e **Carlos** pediu autorização, se não, não teria como ir. **Carlos** chegou a fazer faculdade de psicologia, mas como está preso teve que parar. Ele custeava a faculdade com o próprio salário. No gabinete de **Flordelis**, **Carlos** recebia 11 (onze) mil de salário. Não é que ele devolvia parte do salário, a casa tinha custos para fazer compras, pagar luz, pagar água, parcelamento da casa, pois a casa é financiada, então, eles davam esse valor para custear as dívidas da casa. **Carlos** ficava com 5 (cinco) mil, às vezes 6 (seis). Os demais membros da casa, que trabalhavam no gabinete, também faziam isso. Quem morava na casa ajudava. Era passado para eles como uma espécie de ajuda para manter a casa. Eles davam na mão do Mizael ou do Anderson. **Carlos** nunca teve a questão de não concordar. Nunca soube de alguém que não concordasse. Nunca teve problemas com relação a isso porque tinha consciência, pois, tinha casa no quintal e a luz e a água eram as mesmas. Não tinha um relógio só para ele. Dava mais de 50 % do salário, achava justo. A casa de **Carlos**, em Itaipuaçu, está com 5 parcelas atrasadas, pois ele está preso e não está trabalhando. O valor da residência foi R\$ 90.000,00, deu um carro de R\$ 30.000,00 e paga R\$ 1.000,00 por mês. Era sonho dele, da esposa e das filhas sair da residência da **Flordelis** e morar na casa deles e se tornar totalmente independente. Diante de todas essas coisas, **Carlos** se diz inocente.

Cientificado de seu direito constitucional ao silêncio, o acusado **André Luís de Oliveira**, apelidado de “Bigode”, optou por não responder às perguntas.

Cientificado de seu direito constitucional ao silêncio, o acusado **Marcos Siqueira Costa** declarou que os fatos narrados na denúncia não são verdadeiros. Disse que em sua atividade laborativa dentro da unidade prisional, do Bangu IX, quando era da faxina, em razão do tempo que está preso tem uma função de certa confiança, tem certa liberdade de trânsito dentro da unidade. Tanto ele quanto os demais da faxina. Geralmente sai de sua cela, localizada na G14, não sabe se o advogado providenciou para Excelência um croqui feito por ele das celas, distanciamento e local da galeria que ele ficava, para galeria onde ficava **Lucas** e **Flávio**. Na ocasião estavam no Bandeira Stampa, mas ele não estava na Galeria A. Na época, **Lucas** e **Flávio** não estavam presos na mesma cela. A galeria que **Lucas** e **Flávio** ficava era em

frente a inspetoria, que é de frente para onde ficam os guardas, a Galeria A. A galeria do declarante é chamada de Avenida Brasil, porque é uma reta que vai até o final do Bandeira Stampa, e quando chega lá é a Galeria G14. A cela do declarante era a G14. Então tinha que percorrer todo o trajeto da G14, passava em frente a galeria A, passava em frente à guarita onde fica os guardas e procedia para sala de artes, que era na área técnica. O declarante tinha uma sala de artes que dava cursos e faz artesanato na área técnica, onde faz desenhos em 3D, placas de time, caveirão e essas coisas, fez trabalhando na área técnica. Área que utiliza porque trabalha com lixa. Negou ter transportado a carta; que em momento nenhum teve a carta em suas mãos; que não tinha como. Só ficou sabendo depois da matéria, porque foi para Bangu I por um relato de um depósito de 3.000 (três mil); que não ficou sabendo de mais nada, apenas, posteriormente, que existiu um depósito e perguntou se estava sendo conduzido para Bangu I por causa de um depósito. É casado com a ré **Andrea**. Tem dois enteados, Jailton Reis Dantas (que tem 20 anos e ele cuida desde pequeno) e Mel Dantas. Declarou que tem uma filha de 4 anos com **Andrea**. Afirmou que Jailton tem conta em banco; que essa confusão que aconteceu, na época, foi porque o pai biológico de Jailton deixa o cartão para que seja feito depósito de pensão para Jailton e Mel e o cartão fica com ela, pois Jailton viaja muito, é artista, então deixa para fazer o depósito no cartão do pai biológico, e foi onde foi feito o tal depósito. Mas, quando levaram o declarante para Bangu I, não o deixaram explicar que a conta não era do visitante, do enteado, e sim do Pai do visitante. Perguntou *“Vocês estão me punindo, me levando para Bangu I por causa disso? Vocês não vão apurar, pelo menos, o que está acontecendo? Já vão me levar para Bangu I, assim?”*. Depois, ficou sabendo que essa determinação não foi da Juíza e nem da Dra. Bárbara Lombo, que foi da própria penitenciária, a própria penitenciária se encarregou e ele achou um absurdo. Tem um determinado problema com o Ed Max, chefe da segurança, e com o Magesse, já teve discussão e não se dava bem com eles. Geralmente se dava melhor com o subdiretor, que era o Silva. Não se dá bem, também, com o Rocha, que nem os próprios inspetores sabem a função dele, é uma pessoa muito arrogante, muito truculenta, e Rocha o odeia. Rocha é muito amigo dos algozes do declarante, que atentaram contra a vida e deram, aproximadamente, 14 facadas no declarante, época que estava no Batalhão Especial Prisional. Então, como Rocha é muito amigo deles, o declarante vê que foi praticamente oprimido a aceitar os dois na mesma unidade que ele. É difícil, porque quando a mãe do declarante vai visitá-lo, dá de cara com os dois que atentaram contra a vida de seu filho. Negou ter entregue a carta à esposa. Falou para **Andrea**: *“Tudo que você me entregava de custódia, para entregar aos meninos, eu passava pela...”*. Primeiro passa pela revista, na custódia. Passa pela revista, quando ia entregar a eles. É de outra galeria em verdinho, não poderia ter acesso à galeria deles porque a Galeria A é chamada de Galeria do Rocha. Passava, mas não adentrava a galeria deles. Conheceu os dois réus, **Lucas** e **Flávio**, no banho de sol, apresentado pelo subtenente

Jonas, que também estava na Galeria A e que ia muito com **Flávio** para Igreja. Afirmou que nenhuma quantia foi oferecida a ele, e nem a sua esposa; que a esposa faz esse trabalho comunitário há bastante tempo com outros internos, ajuda até o trâmite da carteirinha do visitante ficar pronta, tinha o auxílio com as Guerreiras de Bangu. Declarou que o Bandeira Stampa é destinado aos milicianos. Informou que a Galeria A não tinha um determinado padrão, tinha subtenente PM com o filho, tinha 5 faxinas com uma cela só deles, também costuma ter integrantes do tráfico de facção criminosa, 157 CP, 35 e 33 da Lei de Drogas, integrantes do Comando Vermelho. Praticamente mistura miliciano com traficante, sendo que a maioria das galerias são de milicianos. A Galeria A é uma galeria da coordenação, chamada Rocha e só o Rocha mexe nela. *“Por exemplo, Rennan da Penha, garoto músico do Comando Vermelho, ficou na Galeria A, porque ele não podia entrar na cadeia porque ele não faz parte da velhicia. Ele só entraria na cadeia se fosse de Comando Vermelho, aí ele fica na Galeria A como se estivesse de Stand By, aguardando o que a coordenação vai fazer com ele. Como depois, o Rocha pegou, botou ele de verdinho e levou pro Comando Vermelho e botou ele lá, de verdinho também”*. Quem comanda a Galeria A é o Rocha, quem bota e quem tira é ele, nenhum diretor ou subdiretor tem essa autonomia para mexer na Galeria A sem a determinação do Rocha. A galeria do declarante é a G14, do **Lucas** e **Flávio** é a A. Não sabe dizer em que celas estavam, nem se eram separadas ou juntas, mas que permaneciam livres no corredor normalmente, como os outros presos. Disse que **Lucas** e **Flávio** sempre tiveram contato um com o outro, até porque quando o declarante dava bolsa de comida e outras coisas para eles, sempre chamava os dois juntos e dava a eles. Dava bolsa, dava comida, dava o lanche, dava as coisas que a mãe deles mandava **Andrea** comprar e oferecer a eles. Em determinados momentos se via que **Lucas** e **Flávio** estavam bem, mas aconteceu um episódio na área técnica; porque como o declarante trabalhava na área técnica, tinha acesso ao banho de sol deles; viu **Lucas** saindo, um pouco triste, encaminhando-se à lixeira, perto da cantina e perguntou a **Lucas** o que estava acontecendo e **Lucas** respondeu: *“Cada um que segure a tua pica”*. Então ele falou para **Lucas**: *“Vê aí cara, resolve vocês e tá tudo certo. Quero saber da história de vocês, não. O que você quer? Você quer comida, tá precisando de alguma coisa?”*. E **Lucas** respondeu que não. Então o declarante disse que estava tranquilo e falou para **Lucas** se entender com **Flávio**, que eles tinham que se entender. Entendeu que **Lucas** estava achando que estava colocando na conta dele, porque tem um pouco de experiência, mas quando **Lucas** falou *“Cada um que segure a tua pica”*, ele falou *“bom, aí eu não posso fazer nada. Cada um resolve o problema de vocês, isso aí é vida de vocês, cara. Eu não posso me meter no problema de vocês, não”*. Não tinha intimidade com eles, só entregava as coisas. Geralmente, **Flordelis** depositava dinheiro para **Andrea**, para que ela comprasse camisa, tênis, cueca, chinelo, uma bolsa transparente, toalha, produtos de limpeza, comida e biscoito. É a custódia. E quando chegava, o chefe da custódia chamava o declarante, até

porque já tinha passado pela revista, e entregava para ele. Então, ele chegava para o chefe do plantão, que geralmente tem um chefe de plantão na guarita em frente à Galeria A, e dizia que ia entregar aos meninos. O chefe da guarita perguntava se não tinha nada de errado, e ele respondia que não tinha nada de errado, que tinha acabado de vir da custódia, mas que o chefe poderia olhar e conferir com ele. Então ele entregava aos meninos na Galeria A. Se ele tivesse condição poderia até fazer (a entrega da carta), porque não tinha necessidade de mentir, de esconder nada, pois tudo que mostrava e entregava à **Lucas** passava pela revista. Falava para o chefe: *“Já acabou de passar pelo scanner, tá vindo pra custódia, foi tudo revistado e agora eu tô entregando aos meninos”*; que são coisas de necessidade que o Estado não tá suprindo. Não entregava cartas aos detentos, a única coisa que ele e a esposa fazia é que quando queria mandar uma carta para os filhos, enteados, para casa. Mas para outras pessoas não, até porque não sabe o que está escrito. Sempre se policiou com relação a isso, porque no presídio de milícia existe uma guerra fora do normal, com isso, se preservava de transmitir até bilhete *“daqui pra ali”* porque pode ter algo ameaçando, que vai matar. Acha muito complicado esse tipo de bilhete dentro da cadeia, *“que é o tal do toque, o chamado toque, que é um outro palavreado que eles utilizam na cadeia”*. Bilhetes de toque é para dar ordens para fora da cadeia, então, ele não gosta de se envolver com isso porque há 15/16 anos respondeu um processo de grupo de extermínio e está pagando um preço muito alto por isso, já sofreu atentado, então, não quer se envolver com mais nada contra miliciano. **Andrea** até pode ter entregado uma carta ao **Adriano**, porque o sistema é falho com relação a isso, qualquer pessoa pode sair com qualquer carta do sistema. **Andrea** falou para ele que pegou a carta com a Dra. Tássia, na parte de fora que elas se encontravam, porque os pátios são separados. O pátio que ele recebe visita da esposa é diferente, é o pátio do P.O, que as pessoas falam que é o pátio dos policiais. O pátio da Galeria A é de pessoas com vários tipos de artigos. Dra. Tássia é esposa de um detento chamado Valdemar, que andava muito com **Lucas**. **Andrea** conversou com o declarante e falou que teria outras cartas, que seriam para namorada do **Lucas**, algumas cartas que teriam sido entregues na Delegacia. Acredita que quando **Andrea** tomou ciência dos problemas, ela falou *“pô, eu vou procurar a delegacia”*, porque ele a orientou *“se tem alguma coisa errada em algumas cartas, você procura a Delegacia e entrega à DP”*. Depois que saiu a carta que deu problema, falou para **Andrea** pegar as outras e encaminhar direto à Delegacia, porque não sabia se tinha mais *“problema”* ali para mandar matar alguém, mandar tacar bomba em alguém, ou para fazer mais alguma coisa errada. Ficou com medo e falou para ela: *“encaminha essas outras cartas direto pra DP, porque se tiver mais alguma coisa de problema aí tu sai disso que eu só tenho você pra me visitar, cara”*. Só tem e esposa para visitá-lo. Está sem remédio, sem comida. Hoje estão fazendo por ele o que ele fez pelos garotos. Está pedindo para família depositar dinheiro na conta dos outros para levarem comida para ele. Que se a esposa for apensada no

processo perde a esposa, perde a visita, perde de ver a filha de 4 anos, por uma coisa que se fez para ajudar. O contato que tinha com **Flávio** e **Lucas** era breve, só de repassar as coisas para eles. Não tinha contato de parar, ficar batendo papo e trocando ideia até porque não tinha tempo. Saia direto para sala de artes, e da sala de artes direto para cela. Também trabalhava na coordenação, trabalhando fora da unidade. Então, só chegava perto eles e *“a mãe de vocês mandou entregar isso aqui pra vocês. Essa bolsa de comida, essa bolsa de biscoito, essa bolsa de roupa”*, e só isso. Bíblia na bolsa não tinha como, era mais produto de limpeza, comida, roupa, chinelo, camisa. Produtos que o próprio Estado é deficiente nas Unidades. É permitido esse tipo de custódia, entrar por um e distribuir lá dentro, um ajudando o outro. Inclusive, a calça que está usando na audiência é emprestada de um companheiro, porque ele está sem calça. Com respeito a Excelência, não iria à audiência de bermuda. Está sem calça porque a esposa não pôde colocar para ele, só quem faz tudo para ele é a esposa. Não chegou ao conhecimento dele que **Adriano** foi em sua casa buscar a carta com **Andrea**. Depois que ele foi para Bangu I, **Andrea** foi a cadeia e o explicou e falou que **Adriano** tinha ido buscar a carta na casa dele. Só chegou ao conhecimento dele depois do fato todo ocorrido, tanto que ele falou que se tivesse mais alguma coisa, que era para ela proceder direto para Delegacia para não trazer maiores problemas para ela. Que ela não tinha nada que se envolver em *“levar e trazer”* carta de ninguém. Falou *“óh, não pega carta da mão de advogado, não pega carta da mão de ninguém. Vai direto para Delegacia com o que você tem”*. Tanto que **Andrea** se apresentou por diversas vezes na DP. Confirmou que a carta saiu das mãos da advogada chamada Tássia. Sobre o porquê de Tássia não ter entregado direto ao **Adriano** e ter usado **Andrea**, a informação que teve é de que **Flordelis** não queria ter contato com outras pessoas se não **Andrea**. Valdemar era chefe do grupo do povo de Israel, foi um grande líder de crime de extorsão. Então, por causa disso, **Flordelis** sempre falou que nunca quis contato com outras pessoas a não ser **Andrea**, não queria falar com mais ninguém porque teria medo de pessoas de cadeia fazendo contato com ela. O Valdemar é elemento de alta periculosidade, porque, se colocar na internet vai ver que ele fugiu do SOI e um elemento fugir de uma viatura do SOI não é brincadeira, não. Tem que ter disposição para isso. Tássia e **Andrea** não eram amigas. Se conheciam porque saíam juntas das visitas, no mesmo horário, mas os pátios são diferentes. Explicou: *“tipo, quatro horas da tarde. Acabou a visita do pátio, acabou a visita da área técnica. Ou seja, elas vão se encontrar na portaria para entregar a carteirinha e ir embora. Muitas das vezes, aqui saía um pouco antes. Como a nossa também, às vezes, saía um pouco antes para não tumultuar muito ali na frente. Mas todas se encontram lá fora porque é de praxe”*. Conheceu **Lucas** e **Flávio** na unidade, trabalhando na área técnica. O subtenente Jonas, que é acusado de matar ganso em Queimados, subtenente que, inclusive, já trabalhou com ele e quando foi preso, **Andrea** fez a mesma coisa por ele. A família de Jonas ia na casa do declarante, **Andrea** levava as

coisas para o declarante entregar para Jonas, porque além de ser subtenente, também era amigo do declarante. O subtenente estava conversando com **Lucas** e **Flávio** no banco, chamou o Declarante e o apresentou aos meninos. Falou *“Siqueira, tem como tu me ajudar igual os garotos aqui?”*, e ele respondeu: *“Tem sim, pô, não tem problema não. A gente tá aqui pra ajudar cara, tem que ser um ajudando o outro, pô”*. Igual ao rapaz que o emprestou a calça, se não emprestasse ele teria que ir para a audiência de bermuda. Para ele, quem teria interesse na carta, dentro da unidade, depende muito de quem estava preso com **Lucas**, *“porque se ele oferecesse um serviço, prestasse um serviço igual eu tinha um colega lá, que era o Jeferson Araújo, da chacina Patrícia Acioli. Já era hábito dele fornecer os serviços dele, porque ele tem empresa de segurança. Então, ele tem uma empresa de segurança. Todo mundo que tem uma bagagem que ia para galeria A, ele fornecia os serviços. Era normal, de praxe. ‘pô menor, tá precisando de alguma segurança, quer que eu bote alguém lá da firma?’*, então, se ele fizesse isso, poderia ter interesse ou não ter interesse, tanto que ele casou com uma guarda dentro da Unidade de Bangu IX, a que trabalha na portaria. Então, algumas regalias que foi dada a ele, foi porque ele tinha uma guarda da revista do Bangu IX, que se tornou esposa dele, trabalhando ali, pô. E agora, atualmente, eu tive o desprazer de saber que a mulher dele foi ameaçar a minha esposa dentro da Unidade. Que eu achei aquilo um absurdo. Ela ir lá e mandar minha mulher ficar quieta, tacar algumas coisas na cara da minha mulher. Como é que é isso? Por qual interesse ela foi fazer isso, lá na Unidade da minha esposa? Eu pensei que, pelo menos, ela pudesse considerar o marido dela e me considerar um pouco, por já ter ficado preso com o marido dela, dela chegar lá e perguntar se a minha esposa precisa de alguma ajuda. Não é chegar lá e tacar as coisas na cara da minha mulher e mandar ela ficar quieta. Porque, ela está sendo mandada por alguém para calar a boca da minha mulher, é isso?”. Não recebeu visita de nenhum advogado fazendo proposta no sentido da carta. É evangélico, mas não tem hábito de andar com a bíblia. Tem a bíblia apenas em seus aposentos, para ler e fazer o que tem que fazer, suas orações. Teve 1/2 meses de convívio com **Lucas** e **Flávio**, na Unidade. **Lucas** e **Flávio** se relacionavam com várias pessoas na Unidade, as celas da Galeria A ficavam abertas e eles transitavam normalmente. Inclusive, existia uma cela só de faxina dentro da Galeria A, não era só ele de faxina na Unidade. Existia uma cela só de faxina e que, possivelmente, faziam tudo que ele fazia e já tinham mais acessos as Unidades do que ele. **Flávio** e **Lucas** ficavam soltos na Galeria A, do confere matinal até o término. Muitas vezes passou e eles estavam transitando, banho de sol, só que um com determinados tipos de amizades e outro com outros tipos de amizade. **Lucas** e **Flávio** não tinha como ter acesso à galeria do declarante porque é muito distante, é no final da cadeia, perto da dispensa. A Galeria G e H, que era do P. O., é no final da galeria do Bandeira Stampa. Em nenhum momento se reuniu com **Lucas** na biblioteca. A única vez que falou com **Lucas** foi quando viu que ele e **Flávio** estavam

bicudos um com o outro. Foi quando chegou perto do **Lucas** e falou: *“pô, Lucas, o que quê tá havendo, rapa? O que tá havendo aí que vocês estão meio embolados um com o outro?”*, e foi quando foi mencionado as palavras já citadas. Vai fazer 16 anos encarcerado em março. Sempre foi artista plástico, sempre trabalhou com arte, foi desenhista. Tem alguns cursos como técnico de segurança do trabalho. Caso não tome nenhuma punição neste processo, para não perder os três anos de remissão, porque o comportamento, até hoje, foi excepcional e se perder essa remissão de 16 anos, perde 3 anos da vida preso. Teve todos os benefícios suspensos. Afirmou que através da imprensa, a unidade prisional o levou diretamente para Bangu I, sem nenhum tipo de esclarecimento, nenhum tipo de conversa. Quando saiu de Bangu IX se sentiu um pouco constrangido, porque quando saiu de lá, estava na fila e o chefe da segurança Edmax falou que um mês seria apenas o começo. Se sentiu sem defesa na oitiva, achou que deveria ter sido encaminhado à Delegacia para fazer um registro ou algo do tipo, porque sua defesa foi cerceada, o advogado foi impedido de falar. Declarou que o APAD, que é um procedimento administrativo, tem que ter um psicólogo, um psiquiatra, guarda, escrivão. No papel, tomou 30% 80 de punição. Ficou 35 dias em Bangu I, depois foi levado para o Joaquim Ferreira (unidade que se encontra atualmente) e ficou 30 dias em isolamento dizendo que os 30 de RDD não servia para nada. 65 dias no total. Até hoje não sabe o que foi feito com seus pertences. Acredita que está nesta situação por vingança do Rocha, Magesse (diretor), Edmax (chefe da segurança), e o próprio Jeferson Araújo, porque o Jeferson sabe que o declarante teve uma discussão com ele, porque Jeferson tinha um informante do Rocha dentro da cela dele, na Galeria A. Rocha tem poder de tirar um preso de dentro de uma cela e levar para outro lugar, assim como tirou por diversas vezes o **Lucas**, o Valdemar e o declarante e o puniu por dez dias, verbalmente, porque o **Lucas** escreveu um bilhete com o nome do declarante. O Declarante nunca viu isso na vida dele. *“O bilhete foi achado lá com meu nome. Então como é que aquele bilhete achado com meu nome e eu vou ser punido? Se alguém achar uma carta aqui, então, com meu nome, vai punir a mim?”*. Rocha tinha esse poder. Não tem como comprovar que Rocha tirou **Lucas** e Valdemar de dentro da cela no mesmo momento, tirou o Valdemar e outra hora tirou o **Lucas**, e em outra hora tira quem ele quiser. A galeria é do Rocha, e é o Rocha que manda. Afirmou que Valdemar é casado com Tássia. Tássia entregou carta a esposa do declarante, do lado de fora da Unidade Prisional. Acredita que tudo isso é uma vingança dessas pessoas contra ele. Até porque outros fatos aconteceram, igual punição coletiva, que é algo que ele acha um absurdo, mas que Rocha praticava com os ex-funcionários públicos na cadeia toda. Rocha acha um telefone na cela e culpa 10. Dá CTC em dez por causa de um telefone, e na própria Lei de execuções penais diz que não há punição coletiva. Disse que acredita na justiça e que tem uma criança de 4 (quatro) anos que passou Natal e Ano Novo sem o pai e sem a mãe. Uma criança que está sofrendo sem o pai e mãe.

Assim, encerrada a primeira fase instrutória, havendo mais de uma versão para o fato e instaurando-se a dúvida no espírito do magistrado pronunciante, não cabe a ele optar por uma das versões, pois implicaria em **usurpação de competência constitucionalmente prevista**, qual seja, a do Tribunal Popular, registrando que a instituição do júri, é importante expressão da consciência das pessoas que compõem a sociedade desta Comarca.

O procedimento previsto para os crimes dolosos contra a vida, de competência do Tribunal do Júri, é bifásico ou escalonado, podendo nesta primeira fase ocorrer a absolvição sumária, desclassificação, pronúncia ou impronúncia.

No caso em tela, ficou bem delineada a situação e afastada a solução da **absolvição sumária**, posto que impossível a esta Magistrada acolher neste momento qualquer das hipóteses legalmente previstas, ante as provas edificadas nos autos, que não conduzem, por ora, a este entendimento.

Por outro lado, se os elementos de convicção constantes dos autos não demonstrassem suficientemente ser o réu suspeito da prática do crime, a decretação da **impronúncia** se imporá. Não é o caso.

A **desclassificação** poderia ocorrer se o juiz se convencesse da existência de crime(s) diverso(s), em discordância com a denúncia, à época apresentada pelo Ministério Público naqueles termos. No caso concreto, não se produziu prova de elemento diverso do *animus necandi*.

A decisão de **pronúncia**, como é sabido, traduz mero **Juízo de admissibilidade** da acusação, sem sobre ela projetar um definitivo juízo de mérito. **Cabe ao Juiz, ao proferi-la, exatamente por tal razão, abster-se de qualquer manifestação quanto ao mérito da acusação, limitando-se a apreciar os indícios suficientes da autoria e da participação, e materialidade**, consubstanciando-se em juízo fundado em **probabilidade** e não em certeza, como exigido para a prolação de juízo condenatório. Nesse sentido, mostra-se a jurisprudência do E. TJRJ, valendo transcrever:

**"RECURSO EM SENTIDO ESTRITO. JÚRI. HOMICÍDIO QUALIFICADO. 'JUDICIUM ACCUSATIONIS'. PEDIDO DE IMPRONÚNCIA. DESCABIMENTO.** 1) Na espécie, o recorrente foi pronunciado pela acusação de ser o mandante da execução de um traficante rival, devido a uma disputa entre facções criminosas voltadas para o tráfico ilícito de entorpecentes. 2) Rejeita-se a alegação de inépcia da denúncia, pois a descrição contida na peça inicial contém elementos suficientes para garantir o direito à plenitude de defesa. 3) A materialidade restou evidenciada através do laudo da necropsia realizado nas vítimas. Tampouco existe dúvida quanto à presença de indícios de autoria, tendo em vista que a prova oral aponta para o acusado como o suspeito de ser mandante dos crimes e chefe da associação criminosa que subjuga a comunidade do Morro do Palácio,

inimiga da facção que domina parte da Praça da Cantareira, facção essa que uma das vítimas supostamente fazia parte. 4) Nessas condições, é de ser mantida **a decisão de pronúncia, que se baseia em juízo de probabilidade, fundado em suspeita. É uma decisão de conteúdo declaratório, em que o juiz proclama admissível a acusação para que seja decidida no plenário do Júri. A certeza só advirá na segunda fase do procedimento, com a submissão do caso ao juiz natural da causa.** Assim, havendo controvérsia em relação à prova, seu conteúdo deve ser valorado pelo Tribunal do Júri, para que dê a palavra definitiva. Recurso desprovido". (RECURSO EM SENTIDO ESTRITO - nº 0060399-28.2016.8.19.0002, Des(a). SUIMEI MEIRA CAVALIERI - Julgamento: 24/10/2017 - TERCEIRA CÂMARA CRIMINAL)

"Recurso em sentido estrito. Tribunal do Júri. Pronúncia. Recurso da defesa requerendo a impronúncia do réu. O acervo probatório produzido atesta a materialidade do delito e a existência de indícios suficientes de autoria, sendo isso o bastante para autorizar a pronúncia do réu, na forma que dispõe o artigo 413 do CPP. Certo é que a pronúncia, decisão que põe termo à primeira fase do procedimento do Júri, constitui juízo de admissibilidade da acusação. Sendo assim, o julgador não necessita de provas incontroversas para proferir sentença, **bastando que haja prova da materialidade e indícios suficientes da autoria do delito, pois a certeza acerca do crime e de sua autoria será dirimida pelo Tribunal do Júri, que é o órgão competente para julgar o crime ora em análise.** Desprovidimento do recurso". (RECURSO EM SENTIDO ESTRITO - nº 0042195-96.2017.8.19.0002, Des(a). MONICA TOLLEDO DE OLIVEIRA - Julgamento: 30/05/2019 - PRIMEIRA CÂMARA CRIMINAL).

"RECURSO EM SENTIDO ESTRITO. PRONÚNCIA PELO CRIME DE HOMICÍDIO QUALIFICADO TENTADO, NOS MOLDES DO ARTIGO 121, § 2º, II E IV, N/F ART. 14, II, DO CÓDIGO PENAL, E 244-B, ECA. PLEITO DEFENSIVO BUSCANDO A DESPRONÚNCIA. O Júri é composto de duas fases, sendo que, na primeira (judicium accusationis), vigora o princípio pro societate, **exigindo-se, para a decisão de pronúncia, a prova da materialidade e, apenas, a existência de indícios de autoria, ou seja, a probabilidade de o acusado ser o autor do crime.** É na segunda fase, julgamento em Plenário (judicium causae), que caberá ao Tribunal Popular decidir se a prova carreada é suficiente ou não para um juízo condenatório. Prova da materialidade e existência de indícios suficientes de autoria, inclusive no que concerne às qualificadoras. RECURSO DESPROVIDO. Unânime." (RECURSO EM SENTIDO ESTRITO – nº 0002958-84.2019.8.19.0002, Des(a). ANTÔNIO CARLOS NASCIMENTO AMADO - Julgamento: 07/07/2020 - TERCEIRA CÂMARA CRIMINAL). Grifo nosso.

“RECURSO EM SENTIDO ESTRITO. PLEITO DEFENSIVO BUSCA A ABSOLVIÇÃO SUMÁRIA, ALEGANDO ESTAR COMPROVADO QUE O RÉU NÃO É O AUTOR DO FATO, NOS MOLDES DO ARTIGO 415, II, DO CPP. **A DECISÃO DE PRONÚNCIA ENCERRA MERO JUÍZO DE ADMISSIBILIDADE DA ACUSAÇÃO**, NÃO SE EXIGINDO CERTEZA, MAS TÃO SOMENTE O EXAME DE PROVA DA MATERIALIDADE E DE INDÍCIOS DA AUTORIA, UMA VEZ QUE, NESTA FASE, PREVALECE O PRINCÍPIO “IN DUBIO PRO SOCIETATE”. **A INEXISTÊNCIA DE AUTORIA, PARA SER ACEITA, DEVE SER CABALMENTE DEMONSTRADA. EM UMA ANÁLISE MERAMENTE PROCESSUAL**, VERIFICA-SE QUE A MATERIALIDADE ENCONTRA-SE POSITIVADA E A AUTORIA É PROVÁVEL. DESTA FORMA, A TESE DEFENSIVA SUSTENTADA NO PRESENTE RECURSO DEVERÁ SER LEVADA À APRECIÇÃO DO CONSELHO DE SENTENÇA, SENDO SUBMETIDA A EXAME DO PLENÁRIO DO JÚRI, ÓRGÃO DE COMPETÊNCIA CONSAGRADA PELA CONSTITUIÇÃO FEDERAL, À FALTA DE EVIDÊNCIAS CLARAS E INCONTESTES DA ALEGADA INEXISTÊNCIA DE AUTORIA. RECURSO A QUE SE NEGA PROVIMENTO.” (RECURSO EM SENTIDO ESTRITO – nº 0006135-42.2008.8.19.0002, Des(a). FLÁVIO MARCELO DE AZEVEDO HORTA FERNANDES - Julgamento: 09/09/2020 - SEGUNDA CÂMARA CRIMINAL). Grifo nosso.

Assim, configurado está o lastro probatório mínimo para submeter os acusados **FLORDELIS DOS SANTOS DE SOUZA, MARZY TEIXEIRA DA SILVA, SIMONE DOS SANTOS RODRIGUES, ANDRÉ LUIZ DE OLIVEIRA** (vulgo “Bigode”), **RAYANE DOS SANTOS OLIVEIRA, CARLOS UBIRACI FRANCISCO DA SILVA** (vulgo “Neném”), **FLÁVIO DOS SANTOS RODRIGUES, ADRIANO DOS SANTOS RODRIGUES** (vulgo “Pequeno”), **ANDREA SANTOS MAIA e MARCOS SIQUEIRA COSTA** ao Tribunal do Júri, onde a antijuridicidade ou o elemento subjetivo poderão ser questionados e afastados pelo Juízo Natural, se for o caso. Mas, nesta fase processual, a dúvida dissolve-se **pro societate**. A prova exigível para a submissão ao julgamento pelos pares é inferior à prova necessária para a condenação e a defesa terá oportunidade de sustentar suas teses perante os Jurados.

Quanto às **qualificadoras** imputadas em relação aos delitos dolosos contra a vida, consumado (incisos I, III, e IV) e tentados (incisos I e III) ou seja, **motivo torpe, emprego de meio cruel e de recurso que impossibilitou a defesa da vítima**, estas não devem ser afastadas, posto que a prova carreada, especialmente a oral, mostra-se suficiente para indiciá-las. O afastamento de qualquer qualificadora imputada, como nos ensina copiosa jurisprudência, somente poderia ocorrer caso seu descabimento restasse claro e evidenciado nos autos. Nesse sentido, vale transcrever:

“A C Ó R D Ã O *Recurso em Sentido Estrito. Réu primário, solto. Pronunciado, em agosto/2019, pela prática, em tese, de tentativa de homicídio qualificado por motivo fútil e recurso dificultando a defesa da vítima (art. 121, §2º, incisos II e IV, n/f do 69 do Código Penal). Inconformismo defensivo objetivando: 1)- A impronúncia por alegada ausência de indícios mínimos de autoria (Impossível). Na deliberação alvejada, o magistrado realiza um mero juízo de admissibilidade da acusação, com o fim único de submeter o réu a julgamento pelo Conselho de Sentença, limitando-se ao exame da existência de prova da materialidade e de indícios suficientes da autoria. No caso vertente, caracterizaram-se essas duas notas pelo consignado no auto de prisão em flagrante, registro de ocorrência, auto de apreensão de arma de fogo e munição - e ainda na prova oral. Nesta fase, não exigida certeza quanto à acusação, resolvendo a favor da sociedade eventuais incertezas, pois, inviável adentrar no exame de qualquer aspecto volitivo ou de prova, sob pena de usurpação da competência do Tribunal do Júri. 2)- A absolvição sumária por suposta excludente de ilicitude (Inviável) O afastamento do animus necandi acontece somente em caso de produção de prova contundente da sua inexistência, situação não vislumbrada no caso em exame. No julgamento popular, a defesa poderá apresentar as suas teses e esclarecer as supostas dúvidas sobre o acontecido. Não configurada, de plano, a de legítima defesa. 2)- O afastamento das qualificadoras (Inoperável). Ao contrário do alegado, o motivo fútil (desentendimento pelo jogo de futebol de crianças em frente ao portão do réu) e o recurso dificultando a defesa da vítima (atingida de surpresa e a curta distância) culminaram amparados no acervo probatório produzido e não se mostram manifestamente improcedentes, logo, compete aos jurados decidir pelas suas incidências. 3)- A isenção das custas processuais (Inviável) Tal merecerá apreciação junto à Vara de Execuções Penais (Súmula 74 do TJRJ). Nenhuma violação a qualquer norma constitucional ou infraconstitucional. RECURSO DESPROVIDO.” (Des(a). JOSÉ ROBERTO LAGRANHA TÁVORA - Julgamento: 19/11/2020 - SÉTIMA CÂMARA CRIMINAL)*

O momento processual, portanto, conduz a dúvida em favor da sociedade, **só se podendo afastar qualificadoras quando manifestamente descabidas**; o que não ocorre no caso em tela.

Quanto aos delitos conexos **de uso de documento ideologicamente falso** (artigos 304 c/c 299 do CP - duas vezes) e **de associação criminosa armada** (artigo 288, parágrafo único, do CP), também restou demonstrada a **materialidade**, assim como **suficientemente indiciada** a **autoria** em relação aos réus **FLORDELIS DOS SANTOS DE SOUZA, FLÁVIO DOS SANTOS RODRIGUES, ADRIANO DOS SANTOS RODRIGUES, ANDREA SANTOS MAIA e MARCOS SIQUEIRA COSTA**, quanto ao primeiro crime, e **em relação a estes** e aos corréus **MARZY TEIXEIRA DA SILVA, SIMONE DOS SANTOS RODRIGUES, ANDRÉ LUIZ DE OLIVEIRA, CARLOS UBIRACI FRANCISCO DA SILVA e RAYANE DOS SANTOS OLIVEIRA**, no tocante ao último delito; considerando não somente a prova oral carreada desde a fase inquisitorial e ratificada em Juízo, com especial relevo para o depoimento da testemunha Regiane e o interrogatório do

réu **Lucas** no tocante ao primeiro delito, mas, ainda, a carta atribuída ao este denunciado e juntada aos autos às fls. 548/549, as conversas de WhatsApp de fls. 604/606 e 597/606 e 623/624, e o comprovante de transferência bancária de fls. 624.

Portanto, os crimes de **uso de documento ideologicamente falso e associação criminosa armada**, deverão ser julgados em conjunto com os crimes dolosos contra a vida acima mencionados, sendo descabida, inclusive, qualquer desclassificação.

Entretanto, quanto ao réu **LUCAS CEZAR DOS SANTOS DE SOUZA**, já pronunciado no processo originário pela prática do delito de homicídio triplamente qualificado consumado imputado a corréus no presente, assiste razão ao MP, assiste razão à Defesa e ao MP, **não havendo indícios suficientes de autoria para que seja pronunciado no presente pela prática do crime de associação criminosa.**

Saliente-se, por fim, quanto ao réu **CARLOS UBIRACI FRANCISCO DA SILVA, vulgo “Neném”**, em que pese a manifestação ministerial, que a autoria dos delitos a este imputados restou sim suficientemente **INDICIADA**, como demonstrado pela prova carreada; de forma que **eventual impro-núncia do denunciado quanto aos delitos dolosos contra a vida e conexo a ele imputados, evidenciaria verdadeira usurpação da competência constitucionalmente fixada.** Deixo de tecer maiores considerações, posto que, como já salientado anteriormente, não cabe ao Magistrado no procedimento do Júri ingressar no mérito da causa de forma pormenorizada. Cabe ressaltar, entretanto, a corroborar a existência de indícios suficientes, como já salientado, que **a prova carreada nos autos em relação ao réu Carlos Ubiraci se mostra equivalente àquela correspondente a corréus denunciados pela suposta prática dos mesmos delitos no presente feito, em especial no que tange à prova testemunhal carreada.**

Ante o exposto, **JULGO PARCIALMENTE** admissível a pretensão deduzida na Denúncia para **PRONUNCIAR** os réus:

**FLORDELIS DOS SANTOS DE SOUZA**, pela prática dos delitos previstos nos artigos 121 § 2º, incisos I e III c/c 14, II, com as circunstâncias agravantes dos artigos 61, II, ‘e’ e ‘f’ e 62, I; artigos 121, § 2º, incisos I, III e IV, n/f do 29, com as circunstâncias agravantes dos artigos 61, II, ‘e’, e ‘f’, e 62, I; artigos 304 c/c 299 (2 vezes), com as circunstâncias agravantes dos artigos 61, II, ‘e’, e 62, I; e artigo 288, parágrafo único, com a circunstância agravante do artigo 62, I, todos do CP;

**MARZY TEIXEIRA DA SILVA, SIMONE DOS SANTOS RODRIGUES, ANDRÉ LUIZ DE OLIVEIRA - vulgo “Bigode”, e CARLOS UBIRACI FRANCISCO DA SILVA - vulgo “Neném”**, pela prática dos delitos previstos nos artigos 121 §

2º, incisos I e III, c/c art. 14, II, com a circunstância agravante do artigo 61, II, 'f'; artigo 121, § 2º, incisos I, III e IV, n/f do 29, com a circunstância agravante do artigo 61, II, 'f'; e artigo 288, parágrafo único, todos do CP;

RAYANE DOS SANTOS OLIVEIRA, pela prática dos delitos previstos nos artigos 121, § 2º, incisos I, III e IV, n/f do 29, com a circunstância agravante do artigo 61, II, 'f'; e artigo 288, parágrafo único, todos do CP;

FLÁVIO DOS SANTOS RODRIGUES, ADRIANO DOS SANTOS RODRIGUES, ANDREA SANTOS MAIA e MARCOS SIQUEIRA COSTA, pela prática dos delitos previstos nos artigo 304 c/c 299 do CP (2 vezes), e artigo 288, parágrafo único, todos do CP.

Outrossim, **IMPRONUNCIO** o réu LUCAS CEZAR DOS SANTOS DE SOUZA, quanto ao delito previsto no artigo 288, parágrafo único, do Código Penal, ou seja, associação criminosa, diante da ausência de indícios suficientes de autoria para tanto.

Quanto ao *status libertatis* dos acusados, não houve modificação da situação de fato que justificasse sua alteração, conforme decisões sucessivas proferidas no presente, às quais me reporto, ratificando os fundamentos já expendidos. Ademais, o fim da instrução probatória de primeira fase e demais notícias trazidas aos autos no curso daquela evidenciam ainda mais a necessidade de acautelamento dos réus, em prol não somente da ordem pública, mas para garantia da instrução criminal a se renovar em futuro Plenário de Julgamento, e, ainda, em prol da eventual aplicação da lei penal; não se mostrando suficiente a pretendida conversão em **prisão domiciliar**, ou mesmo a **transferência para presídio diverso**, como já reiteradamente decidido por esta Magistrada, em especial diante da vedação de contato dos réus entre si e com testemunhas decorrente de intercorrências indevidas no curso do processo. Isto posto, torno a indeferir os pleitos defensivos nesse sentido, posto que mantidos os fundamentos que ensejaram as decisões anteriores. Frise-se, ainda, que **ausente qualquer ilegalidade** que justifique o pretendido **relaxamento** da prisão do réu Adriano, que invoca para tanto excesso de prazo, impondo-se, igualmente o indeferimento do pedido, não havendo que se cogitar de excesso de prazo nesse momento, após encerrada a primeira fase instrutória, bem como considerando o elevado número de réus (onze), além da excepcional situação de pandemia que vivenciamos e, ainda, ser procedimento do Tribunal do Júri bifásico, com alargamento natural do tempo razoável de prisão dos réus.

Preclusa esta decisão, cumpra-se o artigo 420 do CPP, encaminhando-se os autos ao Juiz Presidente do Tribunal do Júri, para julgamento conjunto com os processos nº 0065747-22.2019.8.19.0002 e 0025139-79.2019.8.19.0002, se possível.

Quanto ao pedido formulado pela defesa do réu **ADRIANO** de **desentranhamento** das todas as provas materiais, documentais e testemunhais em face do referido réu, trazidas aos autos pela testemunha de acusação Regiane Rabello, verifica-se que na verdade refere-se a documentos regularmente juntados a pedido do presentante do Ministério Público (fls. 7759/7761), e a certidão lavrada por servidora pública no regular exercício de suas atividades (fl. 7687), inexistindo qualquer irregularidade que justifique sua exclusão. Ademais, o depoimento prestado pela referida testemunha perante este Juízo Criminal o fora sob o crivo do contraditório, como **informante**, sem que haja qualquer indício de mácula que possa viciá-lo. Da mesma forma, os documentos e mídias trazidos pela testemunha Regiane durante as audiências realizadas nos dias 27/11/2020 e 18/12/2020, foram juntados aos autos regularmente após requerimento ministerial e do assistente de acusação, respectivamente, tratando-se de provas recepcionados pelo Juízo, consoante assentadas de fls. 18.574/18.578 e 19.763/19.767, sem que a Nobre Defesa tenha logrado trazer aos autos qualquer motivação que justifique o pretendido desentranhamento. Isto posto, **indefiro** o pedido.

Ainda, com relação ao pleito defensivo no sentido de ser extraída cópia (documental e mídia) dos autos com remessa à autoridade competente diante da suposta conduta criminosa da **informante** Regiane Ramos Cupti Rabello, que configuraria os delitos de **denúncia caluniosa e fraude processual** (artigos 339 e 347, parágrafo único, ambos do CP), igualmente **indefiro** por não vislumbrar a prática de qualquer delito por aquela.

Intimem-se as partes.

Niterói, 04 de maio de 2021.

**NEARIS DOS S. CARVALHO ARCE**

Juíza de Direito Titular